

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS  
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO RURAL**

**RAQUEL LUNARDI**

**MUDANÇAS NAS RELAÇÕES DE TRABALHO E GÊNERO NO TURISMO RURAL**

**Porto Alegre  
2012**

**RAQUEL LUNARDI**

**MUDANÇAS NAS RELAÇÕES DE TRABALHO E GÊNERO NO TURISMO  
RURAL**

Tese submetida ao Programa de Pós-Graduação em  
Desenvolvimento Rural da Faculdade de Ciências  
Econômicas da Universidade Federal do Rio Grande  
do Sul como requisito parcial para obtenção do grau  
de doutora em Desenvolvimento Rural

Orientador: Prof. Dr. Marcelino de Souza  
Co-orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Fátima Perurena

**Série PGDR – Tese 50**

**Porto Alegre  
2012**

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

Responsável: Biblioteca Gládis Wiebelling do Amaral, Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS

R961m Lunardi, Raquel

Mudanças nas relações de trabalho e gênero no turismo rural / Raquel Lunardi. – Porto Alegre, 2012.  
220 f. : il.

Orientador: Marcelino de Souza.

Co-orientadora: Fátima Perurena

(Série PGDR – Tese, n. 50).

Tese (Doutorado em Desenvolvimento Rural) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Ciências Econômicas, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural, Porto Alegre, 2012.

1. Turismo rural. 2. Relações de trabalho 3. Desenvolvimento rural. 4. Relações de gênero. I. Souza, Marcelino. II. Perurena, Fátima. III. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Ciências Econômicas. Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural. IV. Título. V. Série.

CDU 338.48

**RAQUEL LUNARDI**

**MUDANÇAS NAS RELAÇÕES DE TRABALHO E GÊNERO NO TURISMO RURAL**

Tese submetida ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para obtenção do grau de doutora em Desenvolvimento Rural

Aprovada em Porto Alegre, 18 de maio 2012.

Banca Examinadora:

---

Prof<sup>o</sup> Dr. Marcelino de Souza – Orientador  
Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural/UFRGS

---

Prof<sup>o</sup> Dr. Sergio Schneider  
Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural PGDR/UFRGS

---

Prof<sup>a</sup> Dra. Marta Julia Marques Lopes  
Escola de Enfermagem/UFRGS

---

Prof<sup>a</sup> Dra. Anita Brumer  
Programa de Pós-Graduação em Sociologia PPGS/UFRGS

---

Prof<sup>o</sup> Dr. Jeferson Stadutto  
Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional e Agronegócio/UNIOESTE

A minha princesinha Manuela

## AGRADECIMENTO

Agradeço ao Programa de Pós-Graduação e aos professores que o compõem por todos os ensinamentos e oportunidades que me foram concedidas e pelo aprofundamento nos debates teóricos sobre o tema desta tese.

À CAPES pelas concessão das bolsas de estudo, sem as quais não poderia ter realizado este trabalho.

Ao meu orientador, Prof. Marcelino de Souza, pelos dias dedicados a este trabalho e pelos ensinamentos adquiridos durante o estudo.

À minha co-orientadora, prof<sup>a</sup>. Fátima Perurena, pelos momentos de orientações, que me foram muito úteis.

Ao Prof. Sergio Schneider pela confiança e oportunidades dadas a mim desde o primeiro dia que ingressei no PGDR, pela oportunidade de participar do Projeto IPODE, este que financiou parte de minha pesquisa de campo e pelas indicações de leituras.

À professora Marta Julia, pelos momentos de discussão sobre o tema e pelas indicações de leitura que foram fundamentais para o desenvolvimento deste trabalho.

Ao Prof. Jeferson Stadutto pela participação no projeto Desenvolvimento Rural e Gênero: Análise do Perfil Sócio-econômico e Qualidade do Emprego das Mulheres das Famílias Rurais nos Estados do Paraná e Rio Grande do Sul, financiada pelo CNPQ, o qual me forneceu recursos financeiros para a coleta de dados e parte do roteiro de entrevistas.

Às minhas colegas e amigas da turma 2008: Ana Maria, Carlise, Daniela e Fabiana, pelo carinho, amizade e conforto nos momentos de “desesperos”.

Em especial ao colega Marco Antônio Aragão, por todos os momentos de alegria em sua companhia, comendo uma “bergamota ao sol”.

Aos colegas de grupo de pesquisa “Mercados não agrícolas” pelos momentos de convivência e aprendizado.

Ao querido mestre, Prof. Joaquim Anécio Almeida, pelas palavras sempre sábias e pelos ensinamentos do que é ser um pesquisador.

Aos membros da banca pela disponibilidade de comparecerem a este debate.

Ao meu pai, Elmo, e minha mãe, Lourdes, agricultores familiares que me ensinaram os modos de vida de um agricultor.

Às minhas irmãs, Rosangela e Rosani, pelo carinho, conforto e amizade em todas as horas.

Em especial, ao meu companheiro Marcio, e a minha princesinha Manuela pela compreensão e carinho.

Aos meus colegas de IFFarroupilha pela compreensão, auxílio e carinho, especialmente à Direção do Campus que sempre foi flexível para que eu pudesse finalizar este trabalho e aos amigos Adriano, Janete e Carla pelo carinho.

Aos amigos e colegas que não foram citados aqui e que de alguma forma ou outra se fizeram presentes em algum momento desta tese, meus agradecimentos.

Finalmente, deixo meus sinceros agradecimentos às famílias pesquisadas, por terem aberto as suas casas e compartilhado comigo suas vidas, deles vem a verdadeira inspiração desta tese.

**Muito Obrigada a todos**

## RESUMO

O meio rural brasileiro está passando por ressignificações nas últimas décadas, o que tem provocado uma emergência de dinâmicas sócio-espaciais heterogêneas e multifuncionais. Em resposta a este ambiente de mudanças surgem novas formas de uso do espaço rural relacionadas ao consumo de novos produtos e serviços, o que tem permitido que o rural, que era somente produtor de matéria prima, passe a ser um prestador de serviços através de opções de lazer, diversificando suas formas produtivas. Esta diversificação tem alterado o ritmo de vida local e familiar, a estrutura da organização do trabalho familiar, bem como os valores sociais e culturais dos agentes envolvidos. Diante disso, propôs-se a seguinte problemática de investigação: o trabalho no turismo rural tem permitido a ocorrência de mudanças significativas na divisão sexual do trabalho, e isso resulta na desconstrução das formas de dominação/poder no meio rural? Para dar conta desta problemática, buscou-se, como objetivo geral, compreender a organização do trabalho em empreendimentos de turismo rural e seus reflexos sobre as relações de gênero em famílias rurais gaúchas. Objetivou-se, ainda, descrever a trajetória do processo de implantação do turismo rural nas propriedades, identificando a participação de mulheres e homens; identificar a nova divisão sexual do trabalho decorrente do envolvimento em atividades não-agrícolas; verificar os fatores internos (situação econômica e social da família, demografia, tipos de produção, sistema de valores, etc.) e externos (contexto econômico, político e social, instituições, demanda, etc.) que afetam as relações de gênero a partir do trabalho no turismo rural; e descrever as mudanças nas posições sociais ocorridas nas famílias e nos indivíduos (homens e mulheres) com o trabalho no turismo rural. O fio condutor desta tese constituiu-se nas relações de gênero, este que foi relacionado com a divisão sexual do trabalho e com as formas de poder e empoderamento das famílias. De forma geral, a partir das análises teóricas analíticas, pode-se sinalizar para uma reprodução da forma tradicional da divisão sexual do trabalho nas famílias rurais pesquisadas, sobretudo no que diz respeito ao trabalho feminino no momento em que velhas práticas são reafirmadas pelo turismo. Com essa nova atividade houve uma reorganização das tarefas domésticas e produtivas e isso afetou, especialmente, o trabalho feminino. Além disso, o turismo inseriu a mulher no mercado de trabalho e possibilitou novos espaços de socialização. No entanto, essas mudanças ainda estão sob a base do sistema sexo/gênero, *onde o que é de homem é de homem e o que é de mulher é de mulher.*

**Palavras-chave:** Turismo rural. Relações de gênero. Trabalho. Poder. Desenvolvimento rural.

## ABSTRACT

Brazilian rural areas have been going through a process of reframing for the last decades, and this has provoked the emergence of multifunctional and heterogeneous socio-spatial dynamics. In response to this environment of changes, new ways for using the rural space related to the consumption of new products and services appear, and this has allowed the rural people, who used to be only the producers of raw materials, to become suppliers of services by offering leisure options, and in this way, diversifying their productive means. This diversification have been altering the local and familiar routine, the organization of the familiar work, as well as the social and cultural values of the agents involved in it. In view of that, the following research problem is proposed: has the work in rural tourism allowed significant changes in the gender division of labor? And does this result in the deconstruction of the ways of domination/power in the rural environment? In order to answer that problem, it was sought as a general objective to understand the organization of the work in rural tourism enterprises and its reflections on gender relationships in rural families in the State of Rio Grande do Sul, Brazil. It is also objective of this work: to describe the trajectory of the process of implementation of rural tourism in the properties, identifying the participation of women and men; identify the new gender division of labor originated from the involvement in non-agricultural activities; verify the internal factors (economical and social situation of the family, demography, kinds of production, system of values, etc.) and the external factors (economical political and social context, institutions, needs, etc.) that affect the gender relationships in the work in rural tourism; and describe the changes in social positions occurred in the families and individuals (men and women) with the work in the rural tourism. The thread of this work is constituted in the gender relationships, the one that was related to the gender division of labor and to the ways of power and empowerment of the families. In a general way, from the theoretical and analytical analysis, it is possible to point out the reproduction of the traditional way of gender division labor in the rural families researched, in particular in aspects regarding the women's work when old practices are reaffirmed by the tourism. Together with this new activity there was a reorganization of the household chores and the productive activities, and this affected specially the woman's work. Besides this, the tourism inserted the woman in the labor market and provided new spaces of socialization. However, these changes are still based on the gender system, where *what is a man's task belongs to men, and what is a woman's task belong to women.*

**Key words:** Rural tourism. Gender relationships. Work. Power. Rural development.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Fatores externos e internos que estruturam o trabalho da mulher na atividade turística.....	37
Figura 2 - Mapa de localização da região em estudo.....	56
Figura 3 - Mapa de localização do município de São José dos Ausentes .....	58
Figura 4 - Pousada Xaxim.....	208
Figura 5 - Pousada das Bromélias .....	209
Figura 6 - Pousada das Rosas .....	210
Figura 7 - Pousada Girassol.....	211
Figura 8 - Pousada Cravos .....	212
Figura 9 - Pousada das Gérberas .....	213
Figura 10 - Pousada das Margaridas .....	217

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Categorias empíricas, indicadores e variáveis de análise.....	64
Quadro 2 - Atividades realizadas por homens e mulheres no turismo rural .....	98

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Faixa etária dos entrevistados .....	78
Tabela 2 - Escolaridade em relação ao sexo.....	79
Tabela 3 - O que mudou com o turismo rural para homens e mulheres .....	85
Tabela 4 - Tipos de investimento da receita agrícola segundo os tipos de famílias pesquisadas .....	121
Tabela 5 - Composição da receita familiar das famílias agrícolas.....	125
Tabela 6 - Tipo de investimento dos recurso proveniente do Turismo rural e decisão dos usos por parte do casal .....	128
Tabela 7 - Participação dos demais membros da família nas atividades domésticas antes do turismo segundo a visão feminina .....	141
Tabela 8 - Participação dos demais membros da família nas atividades domésticas depois do turismo segundo a visão feminina .....	141
Tabela 9 - Nível de participação feminina em atividades relacionadas com o turismo rural.	145
Tabela 10 - Nível de participação dos membros da família na tomada de decisão sobre turismo rural na visão feminina.....	146
Tabela 11 - Nível de participação masculina em atividades relacionadas com o turismo rural .....	147
Tabela 12 - Nível de participação dos membros da família na tomada de decisão sobre turismo rural na visão masculina.....	148
Tabela 13 - Relação das famílias turísticas com as Instituições antes da implantação do turismo rural .....	149
Tabela 14 - Relação das famílias agrícolas com as instituições .....	152
Tabela 15 - Relação das famílias turísticas com as instituições depois da implantação do turismo rural .....	150
Tabela 16 - Relação das famílias agrícolas com as instituições.....	153

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

APL	– Arranjo Produtivo Local
APRUA	– Associação de Pousadas Rurais e Urbanas de Ausentes
IBGE	– Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
LEADER	– Programa de Ligação entre ações de desenvolvimento da economia rural
MDA	– Ministério do Desenvolvimento Agrário
ONU	– Organização das Nações Unidas
PNPM	– Plano Nacional de Políticas para as Mulheres
PRONAF	– Programa de Fortalecimento da Agricultura Familiar
SETUR	– Secretaria de Turismo do Rio Grande do Sul
SPM	– Secretaria de Políticas para as Mulheres
TUDISTAR	– Grupo de Investigación en Turismo y Nuevas dinamicas Socioterritoriales en Áreas Rurales

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>15</b>
<b>2 RELAÇÕES DE GÊNERO E DESENVOLVIMENTO RURAL.....</b>	<b>23</b>
2.1 A DIVERSIFICAÇÃO DO ESPAÇO RURAL NA PERSPECTIVA DE GÊNERO.....	29
2.2 GÊNERO E TURISMO RURAL .....	35
2.3 DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO E RELAÇÕES DE GÊNERO.....	42
<b>3 METODOLOGIA DA PESQUISA.....</b>	<b>56</b>
3.1 O <i>LOCUS</i> DO ESTUDO: O MUNICÍPIO DE SÃO JOSÉ DOS AUSENTES .....	58
3.2 A UNIDADE DE ANÁLISE .....	60
3.3 INSTRUMENTOS DE COLETA E ANÁLISE DA PESQUISA .....	61
3.4 SISTEMATIZAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS .....	63
<b>4 TURISMO RURAL EM SÃO JOSÉ DOS AUSENTES .....</b>	<b>65</b>
4.1 MOTIVAÇÕES DE GÊNERO NAS TRAJETÓRIAS DO TURISMO RURAL EM SÃO JOSÉ DOS AUSENTES .....	65
4.2 CARACTERIZAÇÃO DAS PROPRIEDADES PLURIATIVAS PESQUISADAS.....	72
4.3 PERFIL SOCIOECONÔMICO DOS ENTREVISTADOS .....	76
4.4 MUDANÇAS E PERMANÊNCIAS NA FAMÍLIA .....	82
4.5 O TRABALHO DE HOMENS E MULHERES NO TURISMO RURAL EM SÃO JOSÉ DOS AUSENTES .....	88
<b>4.5.1 A divisão sexual do trabalho no turismo rural: “<i>coisa de mulher e coisa de homem</i>” .....</b>	<b>89</b>
<b>4.5.2 O trabalho contratado.....</b>	<b>98</b>
<b>4.5.3 O trabalho agrícola: “<i>coisa de homem</i>” .....</b>	<b>102</b>
<b>4.5.4 Trabalho doméstico: <i>coisa de mulher?</i>.....</b>	<b>108</b>
<b>4.5.5 Os “significados” do trabalho no turismo rural.....</b>	<b>113</b>
4.6 PARTICIPAÇÃO E DECISÃO NO TURISMO RURAL: <i>TUDO COMBINADO</i> .....	119
<b>4.6.1 Participação e decisão nas relações econômicas.....</b>	<b>120</b>
4.6.1.1 <i>A Receita agrícola</i> .....	120
4.6.1.2 <i>A Receita não agrícola</i> .....	124

4.6.1.3 Liberdade financeira .....	131
4.6.1.4 Propriedade da terra e da empresa.....	133
<b>4.6.2 Participação e decisão nas relações de trabalho.....</b>	<b>137</b>
4.6.2.1 Participação e decisão nas atividades agrícolas.....	137
4.6.2.2 Participação e decisão nas atividades domésticas .....	140
4.6.2.3 Participação e decisão no Turismo Rural .....	143
<b>4.6.3 Participação e decisão nas relações institucionais e políticas.....</b>	<b>149</b>
4.6.3.1 Nas relações com instituições .....	149
<b>4.6.4 Participação e decisão nas relações sociais e familiares .....</b>	<b>155</b>
<b>5 CONCLUSÃO .....</b>	<b>159</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>173</b>
<b>APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTA SOBRE A CARACTERIZAÇÃO DA PROPRIEDADES PLURIATIVAS .....</b>	<b>181</b>
<b>APÊNDICE B - ENTREVISTA SOBRE A CARACTERIZAÇÃO DA PROPRIEDADES AGRÍCOLAS .....</b>	<b>189</b>
<b>APÊNDICE C - ENTREVISTA COM HOMENS E MULHERES PLURIATIVOS ...</b>	<b>194</b>
<b>APÊNDICE D - ENTREVISTA COM HOMENS E MULHER DAS FAMÍLIAS AGRÍCOLAS .....</b>	<b>202</b>
<b>APÊNDICE E - POUSADA XAXIM.....</b>	<b>208</b>
Fonte: Elaboração própria (2011) .....	208
<b>APÊNDICE F – POUSADA DAS BROMÉLIAS.....</b>	<b>209</b>
Fonte: Elaboração própria (2011) .....	209
<b>APÊNDICE G – POUSADA DAS ROSAS.....</b>	<b>210</b>
<b>APÊNDICE H – POUSADA GIRASSOL .....</b>	<b>211</b>

<b>APÊNDICE I – POUSADA CRAVOS.....</b>	<b>212</b>
<b>APÊNDICE J – POUSADA DAS GÉRBERAS .....</b>	<b>213</b>
<b>APÊNDICE K – POUSADA DAS MARGARIDAS .....</b>	<b>214</b>
<b>ANEXO A - DISTRIBUIÇÃO DAS PESSOAS POR ESCOLARIDADE, SEGUNDO O SEXO E LOCALIZAÇÃO DO DOMICÍLIO - BRASIL 2009 (EM %).....</b>	<b>215</b>
<b>ANEXO B - TAXA DE ANALFABETISMO POR SEXO, COR/RAÇA, FAIXA ETÁRIA E LOCALIZAÇÃO DE DOMICÍLIO, BRASIL 2009 (EM %) .....</b>	<b>216</b>
<b>ANEXO C - RELAÇÃO ESCOLARIDADE E RENDIMENTO DE HOMENS X MULHERES NO ANO DE 2009 .....</b>	<b>217</b>
<b>ANEXO D - TAXA DE SINDICALIZAÇÃO DAS/OS EMPREGADOS/AS POR SEXO, BRASIL 2006-2009 (EM %).....</b>	<b>219</b>
<b>ANEXO E - EVOLUÇÃO DA PARTICIPAÇÃO DAS MULHERES NO NÚMERO DE CONTRATOS E NO MONTANTE DE CRÉDITO DO PRONAF, BRASIL 2002-2007 (EM %).....</b>	<b>220</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O meio rural brasileiro passa, principalmente após a década de setenta, por mudanças significativas em seu espaço, não só econômicas, mas também sociais. Essas modificações vêm ocorrendo em virtude da modernização agrícola, que surge com a implantação de novas técnicas e de métodos de plantio e colheita, com inovações genéticas e com melhoramento na mecanização (GRAZIANO DA SILVA, 1999). Em resposta a este ambiente de mudanças que vive a agricultura brasileira, novas trajetórias estão emergindo em um campo que não é mais somente agrícola, mas também cenário para o desenvolvimento de novas atividades e de multifuncionalidades, alterando valores sociais, culturais e também o processo de organização e alocação do trabalho no interior do grupo doméstico. Esta nova redefinição do rural emerge principalmente, segundo Carneiro (1998), de dois fenômenos: o primeiro diz respeito à inserção de atividades não agrícolas, possibilitando que o agricultor se torne um agricultor pluriativo, trazendo mudanças nas formas de organização da produção e na divisão do trabalho; o segundo refere-se à necessidade que as pessoas, principalmente as cidadinas, têm de buscarem atividades relacionadas ao lazer no campo. Assim, surgem novas formas de uso do espaço rural relacionadas ao consumo de novos produtos e serviços, o que tem permitido que o produtor rural, que era somente fornecedor de matéria-prima, passe a ser um prestador de serviços através de opções de lazer diversificando suas formas produtivas. Esta última constatação tem incentivado muitos agricultores a desenvolverem o turismo, alterando o ritmo de vida local e familiar, a estrutura na divisão das atividades, tanto no que diz respeito as atividades relacionadas com o turismo quanto nas referentes a agricultura e ao ambiente doméstico, bem como os valores sociais e culturais dos agentes envolvidos.

Simultaneamente, assiste-se a uma inflexão e renovação nos debates que cercam o meio rural. A agricultura familiar passa a ter papel destacado nas políticas de desenvolvimento rural e com ela novas temáticas passam a fazer parte do portfólio acadêmico, justificado pela diversidade social, econômica e cultural. Nesse ambiente a temática gênero vem sendo discutida por pesquisadores de diversas áreas, especialmente a partir da década de 1980, em que as principais linhas de pesquisas têm sido as relações de trabalho, a violência sexual e doméstica e o empoderamento. Na América Latina, em especial no Brasil, a problemática de gênero e desenvolvimento rural tem apresentado uma miríade de questões, sendo o foco em torno de novas estratégias de empoderamento da mulher e de políticas mais equitativas. Mesmo que o gênero abarque masculino e feminino, estes trabalhos têm se intensificado mais nas questões que dizem respeito às mulheres e a sua posição na sociedade.

De uma forma lançamos o olhar sobre a reestruturação do meio rural a partir da perspectiva de gênero, manifestada pelo turismo rural. Estudar as relações de gênero em um ambiente heterogêneo e que está em fase de reestruturação na sua forma produtiva e organizativa, com a inserção de atividades não agrícolas, possui diferentes interpretações e é um esforço necessário para compreender como se dá o processo de desenvolvimento rural. Nesse sentido, a temática de investigação que emerge dessa realidade propõe fornecer respostas à seguinte indagação: o trabalho no turismo rural tem propiciado a ocorrência de mudanças significativas na divisão sexual do trabalho e isso resulta na desconstrução das formas de dominação/exploração no meio rural? A pertinência desta problemática para o desenvolvimento rural se constrói a partir do momento em que uma nova atividade produtiva, o turismo rural, está sendo realizada no espaço doméstico, ou seja, na casa, que é quase sempre de domínio da mulher. A proximidade entre as tarefas realizadas no ambiente doméstico com a atividade produtiva turismo rural permite que homens e mulheres desenvolvam e reestruturem suas funções dentro da unidade familiar. Porém, não se sabe se estas mudanças permitem transformações na divisão sexual do trabalho e se isto resulta na desconstrução das formas de dominação/exploração no meio rural. Responder a esta inquietação é o nosso desafio no decorrer deste estudo.

Para compreender essa teia de relações, foi preciso refletir sobre as relações internas a família, como a organização das tarefas diárias, o sistema produtivo e a participação de cada membro nas decisões que envolvem o grupo familiar. Estas relações estão vinculadas às estruturas patriarcais, conformando o que Saffioti (2009) denomina de sistema de gênero patriarcado. Contudo, é preciso destacar que, mesmo que estas relações sejam ainda ancoradas pelo sistema patriarcal, esse sistema não explica os fenômenos na sua totalidade. Há uma emergência de novas estruturas de trabalho, novas relações sociais e novos mercados aninhados (PLOEG, 2011) e estes estão configurando uma nova moldura das relações de gênero e do desenvolvimento rural, ainda por ser explorada.

Uma vez lançada a problemática, surge uma série de inquietações que foram transcritas na forma de conjecturas. São elas: a hipótese geral é de que o trabalho no turismo rural pode permitir mudanças nas relações de gênero no meio rural. Hipoteticamente, o trabalho no turismo rural em determinadas regiões do Rio Grande do Sul permitiu novas formas de organização das tarefas produtivas e domésticas, onde agentes como as mulheres inserem-se nas atividades produtivas a partir da adoção de atividades não-agrícolas. Essa inserção tem contribuído não só para o incremento de receita familiar, mas, sobretudo, para mudanças nas relações entre os membros das famílias. A segunda hipótese é um

desdobramento da hipótese geral, pois é possível afirmar que o turismo rural tem permitido às famílias buscarem novas opções de receitas e reprodução social para seus membros, bem como a reorganização do trabalho familiar. Fatores internos à família, como a situação econômica e social, demografia, divisão sexual do trabalho e tipos de produção, têm conduzido as famílias a buscarem novas estratégias de reprodução socioeconômica, como o investimento no turismo. Aliados a estes estão os fatores externos à família, como as instituições, o contexto econômico e a demanda por novas atividades. E a terceira hipótese é de que o envolvimento com uma atividade não agrícola resulta em mudanças de comportamento, permitindo, muitas vezes, repensar as relações de gênero no meio rural. Os dados apresentados nesta tese refletem essa afirmação. Com a inserção do turismo rural, homens e mulheres passaram por mudanças em seu comportamento, resultado do contato com o público externo e das mudanças na organização, sobretudo das atividades domésticas, que tiveram maior adesão dos homens.

Para responder a estas hipóteses traçamos os seguintes objetivos: o objetivo central da tese é compreender a organização do trabalho em empreendimentos de turismo rural e seus reflexos sobre as relações de gênero em famílias rurais gaúchas. Para dar conta do objetivo geral, foram traçados os seguintes objetivos específicos: primeiro, descrever a trajetória do processo de implementação do turismo rural nas propriedades, identificando a participação de mulheres e homens. Como homens e mulheres estiveram presentes no debate e na implantação do turismo, é o primeiro passo para se averiguar a participação de cada membro nas decisões familiares e como isso se comporta quando é relacionado com uma atividade não agrícola. Para avaliar essas questões foi preciso investigar a composição destas famílias, a receita, a organização social, a inserção no turismo, a propriedade como unidade produtiva e os mecanismos de transmissão de propriedade. O segundo objetivo foi identificar a nova divisão sexual do trabalho decorrente do envolvimento em atividades não-agrícolas. Este objetivo permitiu descrever as práticas laborais masculinas e femininas realizadas nos ambientes produtivo e reprodutivo. O terceiro objetivo procurou verificar os fatores internos (situação econômica e social da família, demografia, tipos de produção, sistema de valores, etc.) e externos (contexto econômico, político e social, instituições, demanda, etc.) que atuam nas relações de gênero a partir do trabalho no turismo rural. Neste objetivo foram focadas as relações econômicas internas e externas a famílias, as relações com as instituições locais e com a política, as relações sociais e familiares, identificando a participação de homens e mulheres nestas relações. Por último, descreveram-se as mudanças nas posições sociais ocorridas nas famílias e nos indivíduos (homens e mulheres) com o trabalho no turismo rural,

onde identificamos as posições de homens e mulheres no grupo familiar.

Desde o início da elaboração da tese, tivemos a preocupação com qual referencial teórico-metodológico<sup>1</sup> seria usado para contemplar o emanado de questões que constitui o debate sobre gênero, turismo e desenvolvimento rural, quanto a seu alcance na interpretação e explicação da realidade investigada. Diante da inexistência de uma referencial teórico único que pudesse compreendê-las, decidiu-se seguir por um caminho ainda não explorado pelos estudos de gênero, turismo e desenvolvimento, que é o debate a partir do entendimento do sistema de gênero patriarcado, proposto por Heleieth Saffioti. Seguimos esse caminho por acreditarmos que este seria o mais adequado e capaz de explicar nossas inquietações a partir da realidade observada *in loco*. Buscou-se, assim, reinterpretar à luz dessa teoria algumas questões centrais, como a divisão sexual do trabalho e o poder. Contudo, a insuficiência de estudos empíricos, sobretudo brasileiros, que pudessem servir de fundamento para o trabalho e que abordassem a análise a partir do referencial teórico-metodológico escolhido por nós demonstrou a falta de conhecimentos nesta área das Ciências Sociais e do desenvolvimento rural. Muito pouco se conhece sobre as relações que se estabelecem no interior destas famílias, que até pouco tempo eram agrícolas e hoje são pluriativas.

Optamos, nesta tese, pelo entendimento de que o gênero não é tão-somente uma categoria analítica (SCOTT, 1995), mas também uma categoria histórica (SAFFIOTI, 2009), que expressa não apenas desigualdades e hierarquias entre homens e mulheres, mas que também é assentada no substrato material que é o corpo/sexo, sobre o qual a sociedade atua: “[...] embora tenham existido inúmeras mediações, o gênero, socialmente construído, se assenta no sexo, situado no campo biológico, na esfera ontológica orgânica.” (SAFFIOTI, 2009, p. 08) entre os corpos sexuados. Nesse sentido, procuramos compreender o gênero, nesta tese, como um processo social construído historicamente, passível de mudanças e representado pelo patriarcado desde (variando segundo o autor que se tome por referência) poucos milênios a.C.

Assim, seguiremos nossa análise no entendimento do gênero como uma construção sócio-histórica, onde fundamentos biológicos e sociais são elementos constitutivos desse processo e onde o universo feminino e masculino são experiências históricas marcadas por valores, sistemas de pensamento, crenças e simbolizações que traduzem as diferenças sexuais. Buscando-se a análise por este viés, é imprescindível relacionar gênero a outro conceito

---

<sup>1</sup> Uma metodologia é uma teoria sobre os procedimentos que seguem ou deveriam seguir a investigação e a maneira de analisá-la, sua aplicação de forma particular (HARDING, 1987).

histórico: o patriarcado<sup>2</sup>. O patriarcado, segundo Lerner (1993, p. 23), “[...] tem obscurecido a história das mulheres [...]”, deixando-as sempre sob o domínio masculino, no que Lerner (1990) denomina de “família patriarcal”, que pode mudar conforme a época e o lugar, porém, sempre mantendo o homem com o domínio sobre a mulher.

Enquanto estudiosas feministas tendem a negar o patriarcado nos seus estudos, estudiosos homens (CASTELLS, 2000<sup>3</sup>) admitem sua existência vigorosa e não findada do patriarcado nos sistemas de gênero. Saffioti (2009) concorda com estes estudiosos homens, e argumenta que o patriarcado é a base do sistema de gênero, o sistema de gênero em que vivemos é o patriarcado, na medida em que neste as relações são hierarquizadas entre seres socialmente desiguais, enquanto o gênero compreende também relações igualitárias e isso demonstraremos no decorrer do estudo<sup>4</sup>. Nesse sentido, o patriarcado qualifica o gênero – ordem patriarcal de gênero – e torna algumas práticas sociais e de gênero como naturalizadas, como a dominação/exploração das mulheres pelos homens. Contudo, o conceito de gênero carrega a essência patriarcal, que dá cobertura a uma estrutura de poder que coloca as mulheres numa situação – econômica, social e política – abaixo do homem. É a esta estrutura de poder que o patriarcado diz respeito, por isso, gênero e patriarcado não podem ser entendidos separadamente (SAFFIOTI, 2009). O patriarcado, além de apresentar hierarquias entre as categorias de sexo, traz também a contradição de interesses, interesses estes ancorados pelas diferenças e contradições entre homens e mulheres. Para isso não basta as mulheres obterem espaço nos diferentes ambientes, é preciso uma transformação no sistema de gênero a partir de mudanças no comportamento de homens e mulheres, visto que a igualdade entre homens e mulheres é relativa, variando no tempo e no espaço. Devemos compreender, sobretudo, que a posição de mulheres pode mudar com o tempo, na sua forma e conteúdo. São essas mudanças que procuraremos evidenciar nesta tese, se é que elas existem com a inserção do turismo no meio rural.

---

<sup>2</sup> Segundo Lerner (1990), deriva historicamente das legislações gregas e romanas, em que o homem chefe de família tem poder legal e econômico absoluto sobre os outros membros do grupo. A primeira forma de patriarcado foi no Estado Arcaico. As funções e condutas que se consideravam apropriadas a cada sexo se expressavam por meio dos valores, costumes, leis e papéis sociais. Com base nestes preceitos é que mulheres e homens construíram sua história.

<sup>3</sup> Castells coloca a relação de subsistência entre o patriarcalismo e a família, o que ele denomina de sistema familiar patriarcal. Para o autor, se o patriarcalismo não estivesse assentado na família, ele já teria se desestruturado. A solução então é eliminar o sistema familiar patriarcal. Esse sistema mostra fragilidades, porém, ele dá sinais que ainda está vivo.

<sup>4</sup> Gênero é um conceito por demais palatável, porque é excessivamente geral, a-histórico, apolítico e pretensamente neutro. Isso reflete na sua compreensão. O patriarcado ou ordem patriarcal de gênero “[...] só se aplica a uma fase histórica, não tendo a pretensão da generalidade nem da neutralidade, e deixando, propositadamente explícito, o vetor da dominação-exploração.” (SAFFIOTI, 2009, p. 37).

Outro ponto destacado nesta tese é a relação entre gênero e desenvolvimento rural. Esta relação deu-se a partir do entendimento de que o meio rural vem passando por uma reestruturação social, econômica e produtiva e que este está baseado na diversificação produtiva que tem como base o desenvolvimento de atividades não agrícolas (GRAZIANO DA SILVA, 1999) e que tem resultado na reorganização do trabalho do grupo familiar. Para isso, buscou-se nos trabalhos de Ploeg (2011), Marsden (2003) e Ellis (1998, 2000, 2002) o entendimento dessa reestruturação. Estes autores consideram que o meio rural é heterogêneo, constituído por multiplicidades de atores e instituições que agem em multiníveis, constituindo assim novos mercados aninhados. Estas ações somente são realizadas se este desenvolvimento for endógeno e privilegiar esses atores como agentes do processo, permitindo que alcancem suas liberdades. Goverde, Haan e Baylina (2004) trouxeram o debate de gênero e ruralidade na Europa, onde a discussão está mais avançada.

A temática de gênero e turismo rural buscou explicações, comparações e similitudes em referenciais teóricos do Brasil e da Europa. A temática é recente na academia, sendo os primeiros trabalhos desenvolvidos na década de 1990. Apoiamo-nos em estudos realizados pelo Grupo de Investigación en Turismo y Nuevas Dinámicas Socioterritoriales en Áreas Rurales (TUDISTAR<sup>5</sup>), da Universidade Autónoma de Barcelona, Espanha. O grupo, composto por investigadores de universidades da Espanha e de Portugal, tem ampla experiência em pesquisa sobre os temas de turismo, diversificação rural, patrimônio cultural e estudos de gênero.

Um dos resultados dos trabalhos do grupo TUDISTAR é a publicação em formato de livro *El nuevo papel de las mujeres en el desarrollo rural*, organizado por Maria Dolores Garcia Ramón e Mireia Baylina Ferré, publicado pela Olkos-Tau em 2000, ao qual faremos referências constantes. O livro traz uma coletânea de estudos sobre o trabalho das mulheres agricultoras na Espanha e em Portugal. É dividido em cinco partes: *marco conceptual y empírico; mujeres en la producción agroindustrial; la mujer en el turismo rural; trabajadoras a domicilio; e el teletrabajo, una nueva oportunidad*. Os estudos realizados pelo grupo sobre a temática, abordando sobretudo os reflexos do turismo rural para as mulheres, tendo como foco a análise do trabalho, trazem o importante papel da mulher no desenvolvimento de novas atividades no meio rural e analisa o trabalho triplo da mulher: doméstico, agrário e turístico. De forma geral, os estudos evidenciam a importância da mulher para o desenvolvimento do turismo e este nas mudanças das relações de gênero no meio rural, e detecta que o turismo

---

<sup>5</sup> Mais informações no sítio: <http://tudistar.uab.cat/web/>.

rural pode ser um dos caminhos para modificar as relações de gênero nas unidades familiares rurais.

Além deste trabalho, foram utilizados, ainda, os trabalhos de Verena Sevá Nogueira, especialmente sua dissertação de mestrado intitulada: *A Venda Nova das Imigrantes: relações de gênero e práticas sociais do agroturismo*, defendida em 2004. No trabalho, Nogueira (2004) faz um apanhado sobre as mudanças e permanências da situação de subordinação da mulher em face a uma nova prática social, o agroturismo. A pesquisa foi realizada com um grupo de mulheres do município de Venda Nova do Imigrante, Espírito Santo. Nogueira (2004) observou que as mulheres continuam subordinadas às atividades produtivas masculinas, e o agroturismo reafirma essa posição, visto que as atividades necessárias para a sua realização são as mesmas que as de manutenção da família. Contudo, temos de destacar também os trabalhos realizados por nós, especialmente a dissertação de mestrado intitulada: “Turismo rural: a contribuição da mulher”. O estudo não privilegiou a análise baseada no gênero, porém, foi fundamental para as discussões desta tese, já que foi a primeira incursão no campo de estudo e trouxe base descritiva para nossas análises. Neste momento, já identificamos o importante papel da mulher no desenvolvimento do turismo, e em que esta atividade tem refletido positivamente na economia familiar e na sociabilidade da mulher em questão.

Para o entendimento das relações de gênero e trabalho, foram-nos úteis os estudos das autoras Hirata e Kergoat (2007), Morell e Bock (2008) e Rivera (2000). O primeiro nos forneceu suporte em torno da compreensão da separação e hierarquização do trabalho, âncoras da tese. O segundo traz um conjunto de estudos que evidencia o trabalho da mulher, em que foi possível identificar distanciamentos e aproximações. Estes estudos estão fundamentados pelos regimes de gênero e destacam que a divisão do trabalho ainda está centrada no sistema patriarcal. A terceira referência mencionada trouxe o entendimento dos fatores internos e externos que estruturam o trabalho da mulher no turismo rural, onde evidenciamos aproximações com os dados empíricos apresentados na tese. Para Morell e Brandth (2007), as relações de gênero no meio rural são formadas nas tensões entre a evolução de forças dos contratos sociais e as forças de trabalho, sendo estes os principais elementos na organização social e econômica das famílias, sobretudo de mulheres. Esta associação tem sido um dos pontos centrais na investigação sobre as relações de gênero.

As discussões sobre trabalho e poder focaram sua análise sobre a compreensão de conceitos como participação, decisão e empoderamento e tiveram no referencial da coletânea organizada por Goverde, Haan e Baylina (2004) seu principal suporte. Estes autores tiveram

sua participação no entendimento sobre as relações de poder no meio rural. Já sobre empoderamento, destacamos os estudos de León (1997), Deere e León (2002) e Cordeiro (2010). Estas autoras contribuíram nas definições sobre os níveis de empoderamento de mulheres rurais. Seus estudos abarcam realidades distintas, porém, os resultados convergem no sentido de que as mulheres só se empoderam se houver meios e fins (capacidades) para que esse empoderamento ocorra. Deere e León focalizam seus estudos na propriedade da terra, enquanto Cordeiro analisa os níveis de empoderamento das mulheres no sertão central de Pernambuco. A autora destaca que para essas mulheres o empoderamento está relacionado à autoestima, aos vínculos interpessoais e à liberdade de ir e vir. A partir do referencial apresentado, buscaram-se explicações sobre as relações de gênero no meio rural gaúcho a partir do turismo rural. Contudo, os debates não se esgotam aqui.

Os resultados desta tese apresentam-se estruturados da seguinte forma: além desta introdução, foram elaborados três capítulos e as conclusões constituem os elementos textuais desta tese. O segundo capítulo tem como objetivo delinear as bases conceituais desta tese. Nele são trazidas as compreensões sobre o conceito de gênero, turismo e desenvolvimento rural e a relação entre si. O terceiro capítulo traz a metodologia utilizada na pesquisa, apresentando o local de estudo, os instrumentos de pesquisa e a forma como foi organizada a sistematização dos dados. O capítulo quatro faz uma breve discussão sobre o turismo rural em São José dos Ausentes, bem como as motivações de gênero e sua trajetória, além de trazer as mudanças e permanências com o turismo rural. Além disso, traz um apanhado sobre a caracterização das propriedades e dos entrevistados. Além disso, descreve e analisa os resultados da pesquisa, e está dividido em duas grandes seções: “Trabalho e gênero”, que analisa as relações de gênero e trabalho por meio da caracterização do trabalho de homens e mulheres na atividade agrícola, não agrícola e doméstica; e “Trabalho e poder”, que traz as discussões sobre os níveis de participação e decisão de homens e mulheres em diferentes esferas. Por fim, trazemos as considerações finais que apontam as principais conclusões do trabalho e indicam elementos para futuras pesquisas.

## 2 RELAÇÕES DE GÊNERO E DESENVOLVIMENTO RURAL

O debate sobre desenvolvimento rural é vasto na literatura. No entanto, não há um conceito claro desse termo. O que se sabe é que o desenvolvimento rural é um conceito em construção e que abarca diferentes dimensões: sociais, econômicas, culturais e políticas. Um dos trabalhos mais recentes que tenta explicar a trajetória deste conceito é o de Ellis e Biggs (2001). Para esses autores, o desenvolvimento rural se apresenta em diferentes momentos: o primeiro deles é a década de 1950, momento em que esteve fortemente associado às políticas de modernização, com base em modelos dualistas que rotulavam os agricultores de “modernos”, em contraposição aos “atrasados”. O segundo momento faz referência aos anos 60, quando o debate ganha fôlego sobre a modernização da agricultura e a transferência de tecnologia via Revolução Verde. Já nos anos 70, intensificaram-se as políticas agrícolas, com forte adoção de tecnologias por parte dos agricultores, via proposição de um desenvolvimento rural integrado com intensa participação das entidades de extensão rural. Nos anos 80, a chamada é para um desenvolvimento rural via políticas públicas de alívio à pobreza, intensificando-se nos anos 90, via microcrédito, redes de segurança social, como extensão dos recursos previdenciários, etc. Na virada do século, o debate segue novos rumos, marcando um momento histórico nessa problemática graças à introdução de novas temáticas, como as questões ambientais, de gênero, da pluriatividade, do empreendedorismo e da inovação, do papel das instituições, das redes agroalimentares, entre outros focos. Isso permitiu tratar essas mudanças no escopo de um novo modelo de desenvolvimento rural, construído localmente, enraizado na história, na cultura e nos ecossistemas locais, privilegiando os atores locais como agentes do processo de mudança, e não agentes externos, tal como afirmam Ploeg et al. (2000). Segundo Ploeg et al. (2000), esse novo modelo preconiza o desenvolvimento de ações não somente agrícolas, mas também a produção de bens públicos (paisagem), a sinergia com os ecossistemas locais, a valorização das economias de escopo e a pluriatividade das famílias rurais, implicando, entre outras coisas, no desenvolvimento de novos produtos e serviços, associados a novos mercados e a novas estratégias tecnológicas para diminuição dos custos. Isso culmina e resulta em um espaço rural heterogêneo, onde multiníveis<sup>6</sup> e atores estão envolvidos, gerando um processo multifacetado do meio rural. Para Ploeg (2011) o desenvolvimento rural consiste em respostas às falhas de mercados e uma das formas de

---

<sup>6</sup> O multi-nível é dividido em micro, meso e macro. O nível micro abrange atores individuais (no caso da agricultura, são os agricultores e os grupos ambientalistas). O meso compreende redes, comunidades e organizações (isto é, sistemas de produção agrícola). O nível macro corresponde a aglomerados de instituições e organizações (exemplo: nações).

reagir a estas falhas é a construção de novos mercados e de governança, no que o autor preconiza de “mercados aninhados”. Estes mercados não são fechados como os nichos de mercado, são integrado ao amplo mercado, possuem diferentes inter-relações, distintas dinâmicas e um impacto diferenciado e são governados de modo diverso. Ou seja, “[...] consiste de um conjunto específico de transações, envolvendo produtos e serviços específicos, entre fornecedores e compradores específicos, que obedecem normas específicas e produzem benefícios específicos.” (PLOEG, 2011, p. 124).

Marsden (2003) considera que o meio rural é heterogêneo, e é essa heterogeneidade que constitui dinâmicas de desenvolvimento rural, que são expressas por três diferentes, mas coexistentes, modelos de desenvolvimento: o primeiro é aquele que vincula a produção agroalimentar à dinâmica industrial, obrigando os agricultores a se orientar por padrões de competitividade baseados no incremento de tecnologias. Este modelo é definido por Marsden (2003) como modelo agroindustrial; o segundo modelo é encontrado em regiões onde a produção agrícola primária cedeu lugar a outras atividades não agrícolas, como o turismo rural. Neste modelo, o espaço rural estaria sendo mercantilizado através da valorização da paisagem e de bens intangíveis. Este modelo Marsden denomina como pós-produtivista; e o terceiro modelo assenta-se fortemente na diversificação das estratégias de vida e emerge principalmente no nível local e regional. Este possibilita novos arranjos institucionais e agregação de valor à cadeia agroalimentar. Este último o autor considera como o modelo de desenvolvimento rural ideal.

Kageyama (2008) tem o mesmo pensamento que os autores já citados. Para ela, o novo entendimento sobre desenvolvimento rural tem características marcantes: “A diversidade - de atores envolvidos, de atividades empreendidas e de padrões de motivações emergentes e a multifuncionalidade - que implica uma reconfiguração no uso da terra, do trabalho, do conhecimento e da natureza.” (KAGEYAMA, 2008, p.70), sendo uma das suas principais trajetórias a diversificação das atividades (pluriatividade), devendo esta diversificação combinar o aspecto econômico, social e ambiental. Nesse sentido, pensar o desenvolvimento rural não compreende apenas pensar em crescimento econômico, mas também, uma nova concepção de desenvolvimento social, cultural, político, institucional e ambiental. Estes aspectos em consonância são os principais fundamentos do desenvolvimento rural, pelo menos daquele que se quer e se pensa ser o ideal para as comunidades rurais. Tais variáveis têm como prerrogativa o desenvolvimento das capacidades dos indivíduos de reagirem a determinadas situações para executarem ações ou alcançarem estados que considerem desejáveis. Para isso, é necessário que o indivíduo possua recursos (meios) produtivos para

chegar ao fim (capacidades), tendo como premissa a expansão das liberdades reais que as pessoas desfrutam. “A expansão da liberdade é considerada o fim primordial e o principal meio do desenvolvimento.” (SEN, 2000, p. 52).

O que Sen (2000) pretende demonstrar aqui é que os indivíduos são capazes de serem agentes ativos do processo de mudança, e as mulheres, obrigatoriamente, estão neste grupo. Para ele, as mudanças na sua situação devem ocorrer a partir de suas próprias ações. Fazer ou não uma determinada coisa pode influenciar no resultado final. Nossas posições diferem conforme a posição que assumimos, ou de passivos ou de ativos, e isso faz com que tenhamos resultados distintos, retificando muitas desigualdades existentes, sobretudo nas relações entre homens e mulheres. O autor destaca que um dos principais elementos dessa mudança é o acesso ao emprego fora de casa, quando se trata de mulheres. Além da independência econômica, ele tem efeitos educativos, expondo a mulher ao mundo externo à casa. Arelada a isso está a propriedade de bens, que permite que elas possuam condição de agentes. Estas variáveis, segundo Sen (2000) tornam as mulheres mais poderosas nas decisões familiares. Além destas variáveis, o autor destaca também fatores como a condição empregatícia, as atitudes da família e da sociedade e as circunstâncias econômicas e sociais que incentivam esta mudança de atitude. Para Sen (2000), o aumento do poder de mulheres é importantíssimo para a redução das desigualdades entre os sexos, sendo que a condição de agente das mesmas é um dos principais mediadores da mudança econômica e social e essa condição é central no processo de desenvolvimento.

O poder feminino - independência econômica e emancipação social - pode ter grandes projeções sobre as forças e os princípios organizadores que governam as divisões dentro da família e na sociedade e pode, em particular, influenciar o que é implicitamente aceito como ‘intitamentos’ das mulheres (SEN, 2000, p. 223).

Contudo, segundo Sen (2000) a condição de mulheres como agentes é negligenciada nos estudos sobre o desenvolvimento. Reconhecer a posição social, econômica e política feminina é indispensável para o *desenvolvimento como liberdade*. Martinez e Muñoz (2003) também destacam que o desenvolvimento rural deve ter como um de seus componentes a participação das mulheres, o que inclui seu acesso ao mercado de trabalho, desde que esse não seja realizado em condições precárias, levando em consideração a perspectiva espaço/tempo, a forma em que integram e se inter-relacionam as atividades ao longo do dia. As autoras chamam a atenção para uma política que contemple as mulheres rurais, trabalhadoras rurais, que necessitam do espaço e de tempo, próximos um do outro e que dê conta tanto do debate de igualdade entre homens e mulheres como do desenvolvimento rural. Nessa abordagem,

compreendida pelos autores citados como um novo modelo de desenvolvimento rural endógeno, que resulta em participação seletiva e de empoderamento de homens e mulheres, prevê-se o investimento em políticas públicas mais equitativas e igualitárias, diminuindo as diferenças entre gêneros. Nesse modelo, portanto, as discussões sobre as relações de gênero se tornam fundamentais, sobretudo a participação de mulheres, e é por isso que trataremos com maior destaque a posição feminina neste processo.

A mulher sempre foi posta à margem do processo de desenvolvimento em termos relativos e absolutos (BOSERUP, 1970). Essa marginalização levou as mulheres a situações desiguais em relação aos homens, no momento em que elas não são consideradas nos esforços do desenvolvimento e que não desfrutam dos possíveis ganhos deste. Boserup (1970, p. 35) aponta como principal problema nesta área não levar em consideração o papel reprodutivo da mulher: “[...] a atenção dedicada à mulher pelos profissionais ligados ao desenvolvimento era limitada a questões de bem-estar social relativo às famílias, onde se aceitava que a mulher desempenhasse papéis socialmente úteis de mãe e de dona de casa”.

Não reconhecer a mulher como reprodutora e produtora resultou em equívocos de projetos de políticas, assim como em falhas de desenvolvimento numa incapacidade de transformar as práticas tradicionais para gerar um aumento nos resultados e na receita (DEERE; LEÓN, 2002). Se o problema era a marginalização da mulher no desenvolvimento, então a solução seria integrá-las nas ações de desenvolvimento. Mas como fazer isso? Em que tipo de desenvolvimento a mulher deveria ser inserida?

Para os agentes de desenvolvimento da Organização das Nações Unidas (ONU) a mulher era um recurso valioso, era na verdade metade, ou mais, dos recursos humanos da nação, que não deveriam ser mais desperdiçados, ou seja, mão de obra valiosa para o crescimento econômico de um país. Para as mulheres, no entanto, além de mudanças econômicas, era necessário expandir suas oportunidades de educação e emprego, além de mudar as estruturas legais e discriminatórias, para alcançar condições igualitárias aos homens (DEERE; LEÓN, 2002). Porém, era preciso deixar os fundamentos de “mulher em desenvolvimento” e avançar para “mulher e desenvolvimento”. O primeiro tinha como ponto central a mulher e focava o crescimento econômico e o aumento da receita. No segundo, para Deere e León (2002, p. 156):

O problema da subordinação da mulher estaria relacionado com mudanças no processo de desenvolvimento, que abordasse diretamente as iniquidades no sistema econômico global e se concentrasse em mudar relações de exploração entre classes, assim como a opressão da mulher

Contudo, ainda eram insuficientes esses fundamentos. Durante a Terceira Conferência sobre a Mulher em Nairóbi, em 1985, emergiu um novo conceito ao debate: o de “gênero e desenvolvimento”. Nem “Mulher em desenvolvimento”, nem “mulher e desenvolvimento”, mas sim “gênero e desenvolvimento”, que abarcaria tanto mulheres como homens nos seus esforços para o desenvolvimento. Esta perspectiva permitiu uma visão mais abrangente das relações sociais entre homens e mulheres do que as duas abordagens anteriores, enfatizando as relações entre os sexos no local de trabalho, no lar, na comunidade e no Estado. Permitiu, ainda, uma teorização a mais das relações entre a produção e a reprodução, possibilitando uma análise mais completa de como a “[...] mulher é posicionada como um grupo subordinado na divisão de recursos e responsabilidades, atributos e capacidades, e poder e privilégio.” (KABEER, 1994<sup>7</sup>, apud DEERE; LEÓN, 2002, p. 157). A quarta Conferência Mundial sobre as Mulheres ocorreu em Beijing, em setembro de 1995. Neste momento, foi renovado o compromisso com a comunidade internacional com os objetivos de igualdade entre gêneros, o desenvolvimento e a paz para todas as mulheres e avaliado o progresso feito com relação às estratégias com vistas ao futuro e definir novas medidas sobre as doze (12)<sup>8</sup> áreas críticas de interesse. A quarta conferência foi a que mais deu destaque para os debates sobre mulheres indígenas e rurais.

Contudo, a evolução dos debates sobre gênero e desenvolvimento toma corpo a partir do século XXI. Recentemente, no ano de 2010, a ONU criou uma nova organização em prol de mulheres e meninas, a ONU Mulheres – Entidade das Nações Unidas para a Igualdade de Gênero e o Empoderamento das Mulheres. A ONU Mulheres trabalha com as premissas fundamentais de que mulheres e meninas ao redor do mundo têm o direito a uma vida livre de discriminação, violência e pobreza, e de que a igualdade de gênero é um requisito central para se alcançar o desenvolvimento. A ONU Mulheres defende a participação equitativa das mulheres em todos os aspectos da vida e enfoca cinco áreas prioritárias: aumentar a liderança e a participação das mulheres; eliminar a violência contra as mulheres e meninas; engajar as mulheres em todos os aspectos dos processos de paz e segurança; aprimorar o empoderamento econômico das mulheres; e colocar a igualdade de gênero no centro do planejamento e dos

---

<sup>7</sup> KABEER, N. *Reversed realities: gender hierarchies in development thought*. Londres: Verso, 1994.

<sup>8</sup> Foram elencadas doze esferas de especial preocupação dos governos e da comunidade internacional, considerados os principais obstáculos para o avanço das mulheres. São eles: mulher e pobreza; educação e capacitação da mulher; mulher e saúde; violência contra a mulher; mulher e conflitos armados; mulher e economia; participação da mulher no poder e nas decisões; mecanismos institucionais para o avanço das mulheres; direitos humanos das mulheres; mulher e os meios de comunicação; mulher e meio ambiente; e jovens mulheres.

orçamentos de desenvolvimento nacional.

Já no contexto brasileiro, em 2003, foi dado um passo importante em prol das mulheres brasileiras com a criação da Secretaria de Políticas para as Mulheres (SPM). A Secretaria foi criada para desenvolver ações conjuntas com todos os Ministérios e Secretarias Especiais, tendo como desafio a incorporação das especificidades das mulheres nas políticas públicas e o estabelecimento das condições necessárias para a sua plena cidadania. É de responsabilidade da SPM elaborar o Plano Nacional de Políticas para as Mulheres (PNPM). Desde sua criação foram elaborados dois Planos, um em 2004 e o outro em 2008. O plano de 2004 teve como princípios orientadores a autonomia, igualdade no mundo do trabalho e cidadania; a educação inclusiva e não sexista; a saúde das mulheres, direitos sexuais e direitos reprodutivos; e o enfrentamento à violência contra as mulheres. Já o PNPM de 2008 teve uma abrangência maior, sendo orientado pelos seguintes princípios: igualdade e respeito a diversidade; equidade; autonomia das mulheres; laicidade do Estado; universalidade das políticas; justiça social; transparência dos atos públicos; participação e controle social, incluindo dentro de seus preceitos conceitos importantes para a igualdade de gênero como participação, diversidade e justiça social. A partir desses princípios, o PNPM prevê o desenvolvimento de ações dentro dos eixos prioritários, discutidos pelas mulheres nas I e II Conferências Nacionais. São eles: *autonomia econômica e igualdade no mundo do trabalho*, com inclusão social; educação inclusiva, não-sexista, não-racista, não-homofóbica e não-lesbofóbica; saúde das mulheres, direitos sexuais e direitos reprodutivos; enfrentamento de todas as formas de violência contra as mulheres; *participação das mulheres nos espaços de poder e decisão*; *desenvolvimento sustentável no meio rural*, cidade e floresta, com garantia de justiça social ambiental, soberania e segurança alimentar; direito à terra, moradia digna e infraestrutura social no meio rural e urbano, considerando as comunidades tradicionais; cultura, comunicação e mídia igualitárias democráticas e não discriminatórias; enfrentamento das desigualdades geracionais que atingem as mulheres, com especial atenção às jovens e idosas; gestão e monitoramento do Plano Nacional de Políticas para as Mulheres (PNPM, 2008). Com o intuito de atender mulheres agricultoras, o Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA) criou uma linha de crédito dentro do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (PRONAF) específico para as mulheres, o PRONAF Mulher, sendo este um dos principais programas de acesso ao crédito e assistência técnica para este público.

Tem-se o entendimento de que o processo de desenvolvimento poderá beneficiar mulheres quando este estiver fundamentado na produção de seres humanos e na distribuição da riqueza. Isso resulta no aumento da participação das mulheres no processo de decisão e,

como consequência, na manutenção do processo de desenvolvimento. O que as mulheres precisam é de uma abordagem integrada de desenvolvimento (WILKINSON; PRATIWI, 1995), em que não apenas os fatores sócio-econômicos são elementos influenciadores. As mudanças ocorridas no meio rural, com o declínio das atividades agrárias e o surgimento de atividades não agrícolas, levantaram novas questões na agenda acadêmica sobre o papel das mulheres no desenvolvimento rural, tais como: mercados de trabalho não-agrícola, o papel das mulheres no espaço público, formação profissional e qualidade de vida das mulheres e das famílias. Isso implica na relevância da análise do gênero no desenvolvimento rural, abordando as construções sociais e culturais desta relação dentro de uma perspectiva de sistema patriarcal de gênero. Essa participação, como veremos no item seguinte, tem sido mais frequente em ambientes diversificados, como destacaremos no item subsequente.

## 2.1 A DIVERSIFICAÇÃO DO ESPAÇO RURAL NA PERSPECTIVA DE GÊNERO

A diversificação dos espaços rurais é uma das marcas deixadas pelo processo de globalização e modernização da economia, em curso, que tem como uma de suas consequências a crescente proliferação de produtos e serviços, tanto no espaço urbano quanto no espaço rural. A representação desta nova ordem econômica possibilita tanto o acesso quanto a exclusão de diversas atividades, o que acarreta uma reestruturação das atividades econômicas dos indivíduos e das famílias envolvidas a partir de produtos e serviços aditivos à receita. Neste sentido, caberia elaborar uma perspectiva de análise capaz de entender como os agricultores estão trabalhando e produzindo, de tal forma que conseguem não apenas resistir e persistir, mas apresentar alternativas e serem proativos, a tal ponto de que o conjunto destas iniciativas e reações estaria conformando um novo modelo, designado desenvolvimento rural (PLOEG et al., 2000; MARS DEN et al., 2001; PLOEG; RETING, 2004). Diante disso, uma das alternativas encontradas pelos agricultores para “driblar” os problemas cotidianos oriundos da nova ordem econômica tem sido a conciliação entre as atividades agrícolas e não-agrícolas. Para Schneider et al. (2006, p. 139),

A interação entre atividades agrícolas e não agrícolas tende a ser mais intensa quanto mais complexa e diversificada forem as relações entre os agricultores e o ambiente social e econômico em que estiverem situados. Isto faz com que a pluriatividade seja um fenômeno heterogêneo e diversificado que está ligado, de um lado, às estratégias sociais e produtivas que vierem a ser adotadas pela família e por seus membros e, de outro, dependerá das características do contexto em que estiverem inseridas.

O resultado deste processo de interação de atividades tem como consequência a diversificação dos “modos de vida rurais”<sup>9</sup> e de novas estratégias de sobrevivência ou de vivência familiar apontadas por Ellis (2000). O conceito de diversificação dos modos de vida é compreendido como “[...] o processo pelo qual o grupo doméstico rural constrói uma crescente diversificação do *portfólio* de atividades e ativos para sobreviver e melhorar seu padrão de vida.” (ELLIS, 2000, p. 15). Estes ativos estão relacionados aos ambientes “[...] naturais, físicos, humanos e de capital social, às atividades e o acesso a elas (mediante as relações institucionais e sociais) que juntos determinam a forma de obter a vida pelos indivíduos e grupos domésticos, que está relacionado às capacidades e com os ativos disponíveis.” (ELLIS, 2000, p. 10).

Nesta perspectiva, a diversificação pode ser entendida a partir da heterogeneidade do tecido social no meio rural, que tem como resultado um grande número de formas de meios de vida (*livelihoods*), isto é, remete a diferentes formas de inovação nas práticas produtivas, nas interfaces entre mercados e consumidores, nas normas e nas instituições. Seguindo as contribuições deste autor, a diversificação implica na constituição de um repertório de estratégias definidas pelo próprio grupo doméstico, levando em consideração os contextos produtivos. Diante disso, os agricultores podem adotar estratégias de adaptação ou de reação ao contexto social e econômico em que estas se inserem e que por vezes derivam da qualificação natural destas famílias, sobretudo, das mulheres. Segundo Ellis (2000), estas novas estratégias devem implicar em impactos na melhoria das condições de vida, garantindo a reprodução social e econômica destas populações. Em ambos os casos, estas estratégias de vivência são construídas ao longo do tempo e têm como objetivo final diversificar as formas de interação social e econômica dos indivíduos, resultando em novas oportunidades adotadas pelas famílias através da diversificação dos modos de vida.

As causas e consequências da diversificação dos modos de vida são norteadas pela localização, nível de receita, educação, relações institucionais e sociais, o que permite que ela se manifeste de diferentes maneiras sob diversas circunstâncias (ELLIS, 2000). Para Mauleón (2004), a família toma a decisão sobre seu futuro como uma unidade familiar considerando tanto os fatores externos quanto internos, e esta decisão será condição de mudanças produtivas a serem introduzidas na exploração agrícola/unidade de produção. Alguns dos principais fatores determinantes da diversificação são: “[...] sazonalidade, mercado de trabalho diferenciado, estratégia de risco, imperfeição do mercado de crédito, estratégias de

---

<sup>9</sup> Modos de vida, segundo Ellis (1998), não estão meramente relacionados a receitas, mas às formas de forma de obter a vida, as capacidades e aos ativos disponíveis.

investimentos.” (ELLIS, 1998, p.11). Estes determinantes da diversificação são mediados através das instituições sociais comunitárias e o parentesco, direitos e obrigação de propriedades e relações de gênero no grupo doméstico. Por estes motivos as estratégias de diversificação necessitam de políticas orientadas a reduzir os constrangimentos e a ampliar suas possibilidades desejáveis.

Ellis (2000) considera ainda que a definição de estratégias dos modos de vida está relacionada às necessidades e às escolhas dos indivíduos, sendo que na primeira as ações são involuntárias e são adotadas como uma reação a outros condicionantes, isto é, uma reação ao capital natural, capital material, entre outros; já na segunda, as ações são voluntárias ou *proativas*, estabelecidas com o intuito de aumentar a diversidade dos ativos e capitais existentes, como a diversificação das fontes de receita, aumento do capital físico e material, etc. Portanto, a diversificação é um processo social e econômico heterogêneo, obedecendo a uma miríade de pressão e possibilidades na economia rural, resultando na melhoria do “modo de vida” e da capacidade de incremento da receita dos grupos domésticos rurais (ELLIS, 1998).

Isto permite estabelecer um ponto de contato com a perspectiva apresentada por Marsden (2003) e Marsden e Murdoch (2006). Segundo estes autores, o desenvolvimento do capitalismo gera dinâmicas territoriais desiguais no espaço rural e cria uma expressiva diversificação social e produtiva. Esta heterogeneidade do espaço rural deve ser considerada para que se possa, através de um instrumental teórico-metodológico consistente, ter uma compreensão da natureza multifacetada das trajetórias e dinâmicas do desenvolvimento rural. Por isso, Marsden (2003) afirma que para entender as transformações dos espaços rurais, sua heterogeneidade e perspectivas de desenvolvimento, há que se levar em conta as múltiplas dimensões das suas mudanças, numa clara aproximação com a proposição de Ploeg et al. (2000), que preconiza a natureza multifacetada e multidimensional deste processo. Diante disso, o espaço rural passa a ter novas atribuições: além da produção agrícola em massa, ele passa a ser um “espaço de consumo” de valores simbólicos e materiais, destacando-se as atividades do setor de serviços (turismo, gastronomia, ecoturismo) e do setor industrial, ou seja, uma diversidade multissetorial<sup>10</sup>.

Neste espaço multissetorial apresenta-se uma nova visão de mundo rural, “[...] não de renascimento do antigo rural, mas do nascimento de uma nova ruralidade.” (VEIGA, 2006, p.

---

<sup>10</sup> “Os estabelecimentos agrícolas de economia familiar multissetorial engendram altas densidades populacionais e dão flexibilidade ao mercado de trabalho, suavizando os impactos em períodos de desemprego. E estimulam comportamentos simultaneamente cooperativos e competitivos, muito imitados por outros agentes econômicos locais.” (VEIGA et al., 2001, p. 9).

334), que propõe um novo pensar sobre as atividades produtivas, especialmente aquelas agrícolas, e uma nova percepção do rural como local de preservação, de construção social e de patrimônio comum, para a sociedade como um todo. Para José Eli da Veiga (2006, p. 333), a discussão da nova ruralidade perpassa três vetores fundamentais:

Aproveitamento econômico das amenidades naturais por meio de um leque de atividades que costumam ser tratadas no âmbito do turismo; desdobramento paisagístico dos esforços de conservação da biodiversidade; crescente necessidade de buscar a utilização de fontes renováveis de energia disponíveis nos espaços rurais.

Neste novo ambiente, segundo Veiga (2006), predominam atividades do setor terciário, especialmente serviços que atraem receitas geradas pela produtividade de outros lugares, dentre os quais se destacam os arranjos locais de saúde, cultura, educação, esportes e inúmeros outros tipos de recreação ou turismo.

Esta ruralidade diferenciada a que se referem Marsden (2003) e Veiga (2006) pode ser situada nos marcos do debate sobre a reestruturação da agricultura e revalorização do espaço rural. A reestruturação envolve reajustes fundamentais em uma variedade de esferas da vida, como nos recursos agrícolas, no contexto institucional, na reorganização interna e externa da propriedade, onde os processos de mudança são causalmente ligados (HOGGART; PANIAGUA, 2001). Fundamentalmente, a reestruturação compreende, além de uma mudança nos aspectos econômicos, políticos, sociais, ambientais, o conjunto destas relações. Além disso, ela está relacionada aqui com a reestruturação das práticas produtivas e como isso está relacionado ao gênero. Nesse sentido, Woodward (2004), em estudo que teve como foco o Reino Unido, considera quatro temas-chave nos estudos de gênero e reestruturação socioeconômica e produtiva rural: estudos da vida econômica, de prestação de serviços, política de desenvolvimento rural e estudos da construção cultural da ruralidade.

Na vida econômica Woodward (2004) tem apontado fatores como a diversificação produtiva rural, o êxodo rural, especialmente o feminino, restrições no mercado de trabalho rural remunerado, que está relacionado à sexualização da agricultura, e mudanças nas configurações da vida profissional e familiar. No que diz respeito aos estudos sobre a prestação de serviços, a autora destaca, sobretudo, o declínio na oferta e acesso a serviços no meio rural, sendo estes na área da saúde, educação, lazer, comércio, transportes e apoios jurídicos, e as mulheres têm sido as mais atingidas por esses declínios; referente às políticas de desenvolvimento rural, a autora destaca que há um aumento na oferta de financiamentos para o meio rural; porém, a participação das mulheres nas decisões políticas ainda é baixa,

sendo que estas estão mais envolvidas com atividades de voluntariado, o que por sua vez pode ser tanto uma oportunidade como uma exploração do seu papel tradicional; sobre a construção da identidade, a autora revela a falta de estudos que relacionam gênero e ruralidade.

Estes fatores devem ser levados em consideração quando estamos nos referindo a espaços diversificados como o meio rural. O rural de hoje é um local pluralizado, lugar de diferentes atores, sejam eles indústrias, organizações governamentais e não-governamentais, prestadores de serviços, etc. É neste ambiente que surgem diversificadas atividades produtivas que têm tido na exploração de atividades não-agrícolas (atividade autônoma ou trabalho assalariado) sua base e que têm inserido as mulheres no cenário econômico, aumentando a autonomia das mulheres *in situ* e assegurando o futuro da família rural (WOODWARD, 2004). Para Noronha (1986) elas constituem, dentro dessa nova perspectiva, um importante agente dinamizador do mundo rural, sendo as principais incentivadoras de iniciativas inovadoras, pois são elas que têm trazido consigo o saber/fazer que dinamiza as economias locais, impulsionando o desenvolvimento de novas atividades como as agroindústrias e o turismo rural dentro de uma nova exploração do trabalho. No entanto, sua posição diante dos homens continua a mesma, tanto no que diz respeito ao aspecto econômico quanto ao social. Assim, o desenvolvimento rural está associado a estas diferentes formas que as famílias rurais estão encontrando para diversificar suas receitas e reagirem ao ambiente hostil (KAGEYAMA, 2008). Nesse processo, as mulheres têm desempenhado um importante papel, sobretudo com a incorporação do seu trabalho remunerado, o que significou um aumento da receita familiar e conseqüentemente, mudanças nas relações de trabalho no meio rural. Por isso discutir gênero é central e crucial para o entendimento do desenvolvimento rural (GOVERDE; HAAN; BAYLINA, 2004).

No Brasil, estudos contemporâneos têm demonstrado a importância do debate da categoria gênero no meio rural. Os debates acadêmicos sobre gênero e desenvolvimento rural, tanto no Brasil como em países europeus, estão relacionados ao novo modelo de desenvolvimento proposto, ou seja, à multiplicidade do meio rural e ao conceito de “nova ruralidade”. Esse novo debate está presente em estudos como os de Karam (2004), Siliprandi (2009), que trabalham a participação de mulheres na perspectiva da agroecologia, e Paulilo (2004) e Brumer (2004), que tratam de mulheres na agricultura no Sul do Brasil. Estas autoras argumentam que a diversificação da produção perpassa a “vontade” da mulher e seu papel na inserção de novos conceitos sobre temas como meio ambiente (ecofeministas), sobre a cultura em que são transmissoras, criadoras e transformadoras de tradições camponesas, e sobre sua participação no ambiente político e institucional, reconfigurando os movimentos sociais. A

diversificação agrícola tem importante papel no aumento da autonomia das mulheres *in situ* (WOODWARD, 2004). Contudo, estes trabalhos preconizam o envolvimento de mulheres, excluindo os homens do debate.

Já os debates europeus sobre gênero e ruralidade se apresentam de forma mais coesa, porém ainda há muitos elementos a serem explorados nesta relação. Bock e Haan (2004, p. 107), por exemplo, trazem a trajetória dessa discussão entre gênero e ruralidade a partir de estudos realizados na Holanda. Segundo Bock e Haan (2004) este debate apresenta-se em três fases: a *primeira fase* coincide com o período da modernização (1950-1980). Esta fase é caracterizada pela negação do trabalho produtivo da mulher, pelo conceito de emancipação e pela identificação das qualidades femininas com as do lar, da família e da sociedade civil, tendo a mulher papel crucial, como mãe e como esposa. Ou seja, a representação do papel tradicional da mulher nas famílias. A mulher é um ator invisível e sua existência não é reconhecida a partir do trabalho e dos papéis produtivos, mas como mãe e esposa.

A *segunda fase*, em meados de 1990, marca o período de redescoberta da mulher rural e redefine os ideais de emancipação no contexto agrário. Este período coincide com a emergência de um movimento de crítica social e o início de uma crise geral do modelo de modernização. A busca por empregos não-agrícolas pelas mulheres aumenta, porém, a tomada de decisão ainda é deliberada pelo homem, mesmo que agora a atitude da mulher seja a de discutir as decisões. As mulheres refletem sobre planos de investimentos e desenvolvimento em longo prazo, mas são os homens, em geral, que tomam a decisão, ou seja, a mulher tem importância dentro da propriedade, mas sua posição e status não mudam, o que demonstra, mais uma vez, o papel de apoio da mulher, sem total responsabilidade pelo processo de trabalho ou de gestão agrícola. “As mulheres dos agricultores não foram consideradas como agricultoras profissionais ou (co) empresárias, mas como colaboradoras, cujo trabalho agrícola era dado como certo, como fato, já que é casada com agricultor e vive numa família rural.” (BOCK; HAAN, 2004, p. 113).

A *terceira fase*, que começou em meados de 1990 e continua até hoje, é muito mais difícil de caracterizar. A atenção neste período se desloca em direção à participação mais ampla da mulher rural no processo social-político de desenvolvimento rural e de seu papel na inovação rural. Enquanto nos outros períodos a mulher é vista como agente passivo, neste elas são agentes ativos, como sujeitos do processo. Isso fica evidente a partir de pesquisas realizadas sobre o papel da mulher no empreendedorismo rural. Contudo, esse papel ainda não se transferiu para esfera política.

Para Bock e Haan (2004), existe um vazio nos estudos até hoje realizados sobre

gênero, no momento em que não se tem conhecimento sobre a relação entre sexo e ruralidade. Há necessidade de se aprofundar debates teóricos e empíricos sobre questões relevantes para o meio rural como a natureza, o turismo, o planejamento e políticas públicas.

Contudo, a abordagem do desenvolvimento rural pode ter mudado, mas as relações de gênero ainda persistem, atribuindo papéis sociais as mulheres, que será discutido no capítulo dos resultados e na seção a seguir, que apresenta constatações a partir de estudos acadêmicos já desenvolvidos sobre gênero e ruralidade.

## 2.2 GÊNERO E TURISMO RURAL

As mudanças ocorridas no meio rural, resultantes sobretudo do processo de modernização, têm permitido que esse espaço, que até então era somente agrícola, passasse a desenvolver atividades não agrícolas, especialmente as relacionadas com o beneficiamento de produtos (agroindústria e artesanato) e com as atividades de lazer, como o turismo rural. Para Brandth (2010) uma nova organização do meio rural está em curso, resultante da inserção de atividades não agrícolas, o que tem ocasionado novas configurações de trabalho, econômicas, sociais e de gênero no meio rural. Muitas comunidades estão enfrentando crise econômica e grande emigração: “[...] os rendimentos agrícolas caíram, o emprego agrícola diminuiu, a população rural ou está envelhecida ou são crianças, e os serviços locais, tais como lojas, escolas, bibliotecas têm diminuído” (BRANDTH, 2010b, p.10). Nesse ambiente, o turismo tem surgido como fonte alternativa de receita e tem sido pensado como fator central dentro das áreas em fase de reestruturação socioeconômica, buscando a diversificação do campo. Para Brandth (2010) a combinação do turismo rural e do desenvolvimento podem, portanto, apontar para uma tendência contrária para áreas rurais, onde novos conhecimentos, recursos econômicos e as pessoas são contribuintes, fortalecendo a ideia de desenvolvimento rural endógeno.

Experiências analisadas pelos componentes do grupo de estudos “Mercados não-agrícolas rurais” (BLOS, 2005; ELESBÃO, 2005; FRONZA DA SILVA, 2005; FUCKS, 2005; LUNARDI, 2007) têm demonstrado a mudança de que fala Brandth (2010) e vêm afirmar que a atividade turística possibilita a valorização da produção primária original, gera empregos, valoriza o trabalho humano no campo, agrega valor à cultura e à identidade humana rural, revitaliza a economia local, e o patrimônio arquitetônico e cultural, gera alternativas de desenvolvimento psicossocial de mulheres, jovens e idosos, resgata as raízes rurais, insere mulheres e jovens no mercado de trabalho, socializa as mulheres rurais, etc.

Estudos realizados por Ventura et al. (2002) também demonstraram a importância do turismo rural no aumento de receita das famílias, no aumento das oportunidades de emprego e nas funções sociais das comunidades rurais. Para Barbieri e Mshenga (2008, p. 167),

O agroturismo apresenta uma alternativa de uso de recursos agrícolas que pode trazer diversos benefícios econômicos aos agricultores e pecuaristas, incluindo aumento da receita agrícola, geração de fluxo de caixa ao longo do ano, criação de oportunidades de emprego para membros da família, especialmente para as esposas dos agricultores, além de permitir que os agricultores desfrutem de vários valores intrínsecos, inclusive buscando desafios pessoais e *hobbies*, fomentando a interação com os clientes e melhorando a qualidade de vida da família.

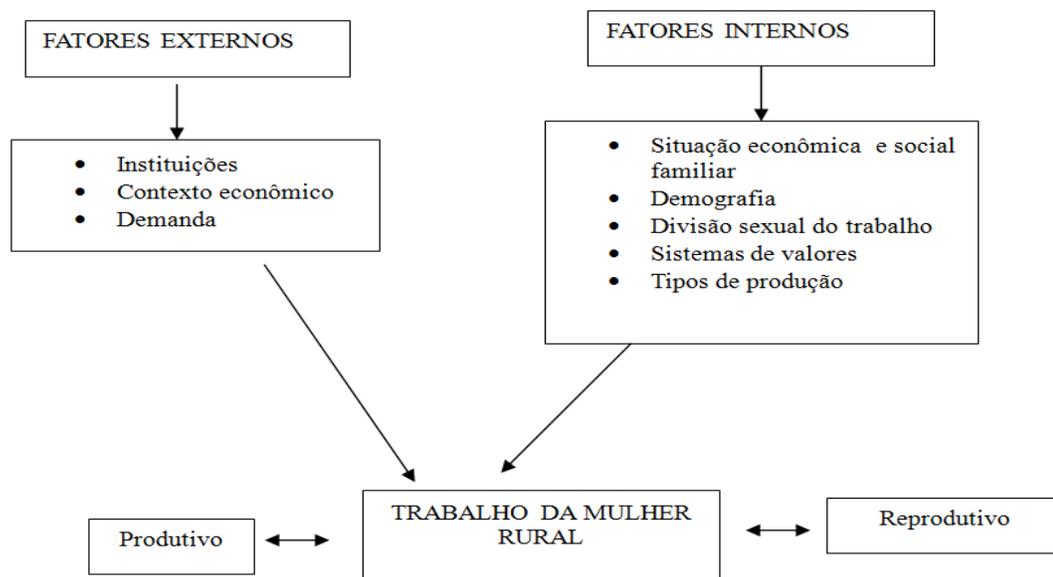
Nesse sentido, o turismo rural estaria associado ao conjunto de atividades desenvolvidas no espaço rural que estão associadas ao estilo de vida dos moradores do campo, que privilegia o contato do turista com as atividades e os modos de vida rurais, a interação dos turistas com o ambiente natural e com as atividades agrícolas da propriedade. Está fundamentado entre a atividade agropecuária e a turística e proporciona ao turista conhecer, vivenciar e usufruir as práticas sociais, econômicas e culturais próprias do meio rural de cada região de forma sustentável (TULIK, 2003). O turismo é visto como um veículo de desenvolvimento econômico, de mudança social e de incorporação de práticas sociais, tanto nas nações desenvolvidas como em desenvolvimento. Tem se estabelecido de forma diversa no espaço rural, onde em algumas regiões, especialmente as turísticas, tem se demonstrado uma fonte importante de receita e de reorganização social. Em outras áreas, tem se constituído como uma atividade sazonal, de pequena expressão econômica, mas de forte apelo social. Assim, um de seus efeitos tem sido ocupar populações, como mulheres e jovens, que estão fora do sistema de produção de bens. Esta inserção tem resultado na organização socioeconômica da família.

Esse envolvimento da família na atividade turística, segundo Rivera (2000), estaria relacionado a fatores externos e internos à propriedade, conforme apresentado na Figura 1. Como fatores internos estão presentes as relações econômicas e sociais da unidade familiar. As relações econômicas ocorrem no momento em que há procura por uma nova atividade de receita, já que a agricultura/pecuária não está conseguindo manter a reprodução familiar em muitas propriedades. As relações sociais ocorrem no momento em que as famílias estão organizadas a partir de uma estrutura de relações de gênero sustentadas por uma visão tradicional do trabalho, ou seja, de divisão sexual do trabalho, em que mulheres e homens têm papéis distintos e definidos por uma organização social tradicional, que tem como base o patriarcado. Além disso, fatores internos como demografia, tipo de exploração (tamanho e

atividade agrícola) e sistemas de valores são determinantes no momento de optar por uma nova atividade produtiva. Já os fatores externos estão relacionados, especialmente, às instituições<sup>11</sup> e ao contexto econômico vigente, que representam, no turismo rural, uma importante contribuição para o seu desenvolvimento. O contexto econômico determina a procura ou não por uma atividade produtiva fora da agricultura. O turismo rural quase sempre emerge, mas não exclusivamente, devido a uma situação de enfraquecimento do setor agrícola, como um incremento e, muitas vezes, como a principal receita da família.

Para Barbieri e Mshenga (2008), o ambiente externo é composto pelas instituições e organizações que influenciam as atividades agrícolas. Por outro lado, o ambiente agrícola interno é a estrutura individual do negócio da propriedade rural com relação à terra, capital e relações de trabalho na exploração agrícola. Eles explicam que o ambiente interno é único, no entanto, este ambiente é influenciado por fatores diversos e em constante mudança que compõem o seu ambiente externo. São estes fatores que influenciam na organização produtiva e de trabalho das propriedades rurais, reconfigurando estruturas sociais e de trabalho tradicionais. Esses fatores, tanto internos quanto externos, provocam mudanças e alterações nas relações de trabalho na propriedade, afetando diretamente o trabalho das mulheres.

**Figura 1 - Fatores externos e internos que estruturam o trabalho da mulher na atividade turística**



Fonte: adaptado de Rivera (2000).

Além disso, “[...] as práticas de turismo refletem as questões de representação da

<sup>11</sup> Na atividade turística, instituições como Prefeituras Municipais, SEBRAE e Governo do Estado são consideradas as principais atuantes e influenciadoras no processo de desenvolvimento do turismo rural.

identidade e da nacionalidade, através da comercialização e consumo entre anfitriões e convidados.” (SWAIN, 1995, p. 248). Contudo, segundo Brandth e Haugen (2010) além de implicar em mudanças nas habilidades e competências dos agricultores, o turismo rural pode, também, influenciar nas condições de gênero, poder e identidades destas comunidades. Diversos estudos têm trazido à tona a importância do turismo na reorganização do trabalho em comunidades rurais (GARCIA RAMÓN; FERRÉ, 2000; SPARRER, 2003; LUNARDI, 2007; NOGUEIRA, 2004). Estes estudos têm demonstrado que a mulher é peça-chave no desenvolvimento do turismo e que o resultado de seu trabalho tem se instituído em um importante fator de valorização (econômica, social e política) das mulheres rurais envolvidas nestas atividades. Perez e Valiente (2000) consideram o envolvimento das mulheres no turismo, na sua gestão e no envolvimento social com os turistas como uma das contribuições das mulheres para o desenvolvimento rural da Espanha. O Programa de Ligação entre Ações de Desenvolvimento da Economia Rural (LEADER)<sup>12</sup> implementado na Europa tem demonstrado que o envolvimento das mulheres no turismo rural e na valorização dos produtos locais tem uma grande importância no processo de desenvolvimento, tendo nas propriedades que o desenvolvem uma maior diversificação de atividades produtivas, maior profissionalização das mulheres empreendedoras e um maior conhecimento sobre o entorno (MARTINEZ; MUÑOZ, 2003). Para Gasson e Winter (1992), o turismo rural é uma opção viável para as esposas de agricultores na Grã-Bretanha. Bouquet (1985<sup>13</sup>, apud GASSON; WINTER, 1992, p. 389), mostrou como turistas de verão mudaram o equilíbrio de poder entre maridos e esposas em propriedades produtoras de leite do leste de Devon:

A receita do turismo pode ser investida na unidade leiteira, possibilitando à mulher uma maior participação nos negócios da família. Alternativamente, a receita do turismo pode ser usada para fazer melhorias dentro da casa, aquelas melhorias que são definidas como prioritárias pelas mulheres [...] assim a pluriatividade pode ser vista tanto como um resultado como a causa da mudança de papéis das mulheres.

Para Swain (1995) três questões são centrais para a compreensão do gênero no

---

<sup>12</sup> O LEADER é um instrumento da Comunidade Europeia que permite experimentar outras abordagens de intervenção no espaço rural, respeitando a dimensão ambiental, econômica, social e cultural dos territórios rurais. O LEADER+ sublinha a importância das populações locais tomarem consciência do valor dos seus territórios, da riqueza das suas identidades e da qualidade das suas paisagens e nesta perspectiva apontam para a necessidade de criar condições para a aquisição de competências e intervenção ativa dos atores locais nos seus territórios. O programa LEADER+ promove abordagens integradas, concebidas e postas em prática por parcerias ativas que operem a escala local. Tem como objetivo a valorização do património natural e cultural; reforço do ambiente económico, no sentido de contribuir para a criação de postos de trabalho; melhoria da capacidade organizacional das respectivas comunidades.

<sup>13</sup> BOUQUET, M. *Family, servants and visitors: the farm household in Nineteenth and Twentieth century Devon*. Norwich: Geo Books, 1985.

turismo: primeiro, os processos de turismo são construídos a partir de sociedades ordenadas por relações de gênero; em segundo lugar, as relações de gênero ao longo do tempo informam e são informadas pela interligação entre as dimensões econômica, política, social, cultural e ambiental de todas as sociedades envolvidas no processo de desenvolvimento do turismo; em terceiro, refere-se ao poder, controle e igualdade e como estes são articulados através de etnia, classe e relações de gênero nas práticas de turismo. O turismo envolve processos que são construídos a partir de variadas e complexas realidades sociais e relações que muitas vezes são hierárquicas e desiguais. São estas que irão incorporar as relações de gênero (SWAIN, 1995). Disso parte o entendimento de como as relações de gênero são construídas no turismo, visto que esta é considerada como uma das arenas da política cultural; como elas mudam ao longo do tempo e como elas informam as questões de desigualdade e controle, tendo em vista que homens e mulheres são envolvidos de forma diferente na construção e no consumo do turismo. Um das constatações encontradas por Swain (1995) é a mudança nas percepções e de comportamento, tanto entre hóspede como anfitrião. O desenvolvimento do turismo tem sido associado com a mudança do sistema familiar e é visto como um veículo, se não o *modus operandi* da modernidade no recente desenvolvimento das sociedades. Esse mesmo autor concluiu que o desenvolvimento do turismo tem trazido impactos nas divisões de gênero no trabalho, no lazer, nas expressões da sexualidade e no gênero. Estas mudanças são sinalizadas pelos realinhamentos da família e do trabalho, das percepções ambientais, dos padrões de consumo, da identidade própria, da capacitação e da sexualidade (SWAIN, 1995).

Brandt e Haugen (2002) demonstram que o turismo rural, como trabalho não agrícola, tem maior ocupação da mulher que na agricultura e isso aumenta o seu poder dentro da família, o que tem resultado na luta das mulheres por um estatuto profissional não agrícola. Isso é relatado a partir da França, onde as mulheres foram consideradas como força motriz importante para o turismo rural, e onde têm desempenhado papel importante no seu desenvolvimento e, conseqüentemente, têm assumido uma posição central em unidades desse tipo. Esse fato trouxe marido e mulher a um estado mais igualitário dentro da propriedade, onde a partir de novas práticas, produtos e atividades, têm surgido novos discursos de gênero no meio rural.

Contudo, os indivíduos que se envolvem com o turismo são aqueles que estão “ociosos” na propriedade, ou seja, idosos, crianças e mulheres, e os serviços que são oferecidos no turismo são aqueles desempenhados por mulheres dentro do grupo familiar. Esse é um dos fatores do seu maior envolvimento com a atividade. Os homens continuam sendo os responsáveis pelas atividades realizadas fora da casa, mesmo que estas tenham

mudado suas características, e as mulheres permanecem realizando as atividades internas à casa. Mesmo que a mulher seja, em grande parte das propriedades rurais, a principal mão de obra, a decisão sobre investir ou não no turismo é uma decisão familiar, e parte da necessidade da manutenção da atividade agrícola e não da sua exclusão. Isso mostra, segundo Brandth e Haugen (2010a, p. 385), que mesmo que a inserção do turismo tenha provocado uma mudança na percepção das relações de gênero, a estrutura tradicional de divisão sexual do trabalho permanece nas propriedades rurais:

O motivo para a manutenção e o desenvolvimento da propriedade agrícola através da atividade turística pode ser visto como uma continuação da ideologia agrária. Como visto, os motivos para mudar para o turismo não foram mudanças nas relações de gênero, e sim aumentar a receita, utilizando e desenvolvendo os recursos da exploração e gestão de base familiar, buscando um estilo de vida independente, permanecendo com a agricultura

A preocupação dos autores é analisar se e como relações de gênero e práticas de agricultura familiar se tornam menos desiguais e menos hierárquicas, quando os negócios da família são baseados no turismo rural. Essa busca por uma nova atividade, segundo Shortall (2002), parte geralmente das mulheres, mesmo que a decisão seja do grupo familiar. São elas que desempenharão essa nova atividade. Além dos motivos já citados acima, elas o fazem como uma estratégia de sobrevivência da propriedade e para manterem o trabalho do homem na agricultura. O envolvimento em atividades não agrícolas proporciona às mulheres maior independência financeira e as coloca em uma posição onde elas esperam e recebem maior poder de decisão familiar. Porém, mesmo com os rendimentos auferidos pela atividade não agrícola, não há uma negociação dos papéis de gênero e das responsabilidades domésticas, permanecendo as mulheres em situação de invisibilidade produtiva. No entanto, para Shortall (2002), o trabalho não agrícola permite às mulheres desafiar a dominação masculina e afirmar sua independência na exploração agrícola, mesmo que esta ainda seja parcial. Nesse sentido, mulheres assumiram novas posições e se envolveram em novas práticas, porém, as relações de poder se mantiveram praticamente as mesmas. O trabalho das mulheres continua a manter baixo estatuto em conformidade com os discursos do sistema de gênero, comportamento adequado na agricultura familiar. Para Brandth e Haugen (2010b p. 426) elas podem:

[...] operar máquinas, serem proprietárias de terra, trabalharem fora da fazenda, serem empresárias ou gerentes/administradoras, e participarem de associações ou cooperativas agrícolas, que sempre serão definidas pelo discurso hegemônico da agricultura familiar, como mulheres de agricultores e não como agricultoras.

No entanto, também há razões para esperar uma continuação de práticas tradicionais de gênero no meio rural. Uma das razões é que o turismo rural também é baseado no casal heterossexual como uma unidade de produção, e a sua tradição/cultura, que faz parte do atrativo turístico da propriedade, é mantida e transmitida sobretudo pelas mulheres. Serviços como a produção de alimentos e a hospedagem são exemplos disso (BRANDTH; HAUGEN, 2010b). A outra é a proximidade das atividades necessárias para desenvolver o turismo, como as domésticas, de cuidados e manutenção da família. Entretanto, a diferença entre elas é que uma é paga monetariamente e a outra não, é uma obrigação naturalizada pelo sistema de gênero. No momento em que o trabalho doméstico assume o caráter de trabalho produtivo e gera receita para a família, o discurso sobre a participação dos membros da família assume outra entonação. Agora esse trabalho (que era doméstico) passa a ser necessário e vital para a atividade produtiva, logo, ele é valorizado econômica e socialmente, o que não acontece quando este trabalho é de diarista. A diarista, mesmo tendo recebido valor econômico para executá-lo, continua exercendo trabalho doméstico não valorizado, o que muda é que ele é realizado em outra casa que não a sua. No turismo rural não. Elas recebem remuneração pelo conjunto das atividades, onde as tarefas domésticas é parte deste conjunto. A inclusão de atividades como administração e o contato com o público externo transforma o caráter doméstico da atividade. É uma “faca de dois legumes”. No entanto, ela apresenta uma possibilidade de mudança no sistema de gênero das famílias envolvidas no momento em que há uma reorganização das atividades produtivas e domésticas dentro da família e que a mulher passa a ter acesso a recursos, sobretudo sociais e econômicos.

Nesse sentido, o turismo rural pode ser um vetor de desenvolvimento dos territórios rurais, em locais onde a paisagem natural e a cultura local se destacam e são, conseqüentemente, um dos elementos indutores da equidade de gênero e do empoderamento, não só das mulheres, mas também dos homens. A sua capacidade de dinamizar o meio rural, não só pela economia, mas também pelo aspecto social e cultural, traz mudanças nas relações de trabalho, traz novas formas e estilos de trabalho para os componentes familiares, especialmente para as mulheres, conforme veremos na seção seguinte. Contudo, consideramos que isso ainda não é suficiente para que o sistema de gênero não se reproduza mais. São salutares as mudanças “aparentes” pelas quais as mulheres passam com a inserção do turismo; no entanto, essas mudanças podem não ser capazes, ainda, de apresentarem transformações neste sistema, estruturado há tanto tempo. Considera-se que uma das formas para se alcançar essas transformações é através das mudanças ocorridas na divisão do trabalho, pois ele gera contribuições para as relações de gênero serem mais respeitadas e livres

como veremos na seção a seguir.

### 2.3 DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO E RELAÇÕES DE GÊNERO

A divisão sexual do trabalho ganha força teórica a partir da década de 1970 com o aumento de estudos científicos sobre o tema. Ela decorre das relações sociais entre os sexos, sendo esta modulada histórica e socialmente. Sua discussão nas Ciências Sociais deriva do debate sobre a valoração do trabalho doméstico<sup>14</sup>, este sendo entendido pelos movimentos feministas como trabalho produtivo (HIRATA; KERGOAT, 2007). Para estas autoras, a divisão sexual do trabalho tem como característica a “[...] designação prioritária dos homens à esfera produtiva e das mulheres à esfera reprodutiva<sup>15</sup> e, simultaneamente, à apropriação pelos homens das funções com maior valor social adicionado políticos, religiosos, militares, etc.” (HIRATA; KERGOAT, 2007, p. 598), tendo como princípios organizadores a separação e a hierarquização. Separação no sentido de que há trabalho de homens e há trabalho de mulheres, e hierárquico no sentido da valorização, em que o trabalho do homem vale mais que o trabalho da mulher.

O primeiro princípio da divisão sexual do trabalho faz referência à separação das atividades pelo sexo. Atividades tidas como sendo do sexo feminino, como por exemplo, as lidas da casa, da horta, de pequenos animais e dos filhos são delegadas às mulheres; atividades tidas como de caráter masculino, como lidas na roça, com o gado, com maquinário pesado são delegadas ao sexo masculino. O segundo princípio, o de hierarquização, está relacionado com o valor destas atividades, em que as atividades femininas têm um valor periférico em relação às masculinas, pois estas são organizadas a partir de um sistema de produção de bens, isto é, produtivo, e aquelas são organizadas a partir do sistema de produção de seres humanos, a reprodução. Essa subdivisão tem explicações nos argumentos de que estão associadas a aspectos de ordem natural e social. O de ordem natural estaria relacionado ao sexo, ou seja, o sexo definiria o que é trabalho de homem e o que é trabalho de mulher, a ordem física do corpo, e estaria relacionado “[...] às deficiências físicas e mentais dos membros da categoria sexo feminino que determinam a imperfeição das realizações empíricas das sociedades competitivas.” (SAFFIOTI, 1976, p. 35). O fator de ordem social estaria relacionado à construção histórica e social da sociedade, onde a situação da mulher é fruto

---

<sup>14</sup> Segundo dados da PNAD (IBGE, 2010) os serviços domésticos realizados pelas mulheres no Brasil cresceram do ano de 2001 para 2009, significando um aumento de quase 100 mil ocupações, sendo que os rendimentos provenientes, na maioria, não ultrapassam 2 salários mínimos.

<sup>15</sup> A reprodução foi usada neste trabalho como sinônimo de produção social de seres humanos, que está relacionada à manutenção da família, à esfera interna aos meios de produção.

não do físico e biológico, mas sim da cultura (SCOTT, 1995). Essa divisão, para Oldrup (1999), está relacionada à identidade social do trabalho, onde o ser mulher e o ser homem estão associados às tarefas desempenhadas na divisão sexual do trabalho na propriedade. Para esta autora, o “[...] discurso sobre a identidade das mulheres agrícolas continua a se concentrar sobre o papel das mulheres na divisão tradicional do trabalho na propriedade agrícola, e esse discurso ainda é dominante.” (OLDRUP, 1999, p. 344). Ou seja, esse discurso ainda está ancorado na divisão tradicional do trabalho, que tem sua base no patriarcado.

Mas, para Hirata e Kergoat (2007) novas configurações da divisão sexual do trabalho estão emergindo, dado esse que muda com o tempo e com o espaço. Estas configurações estão ligadas à reorganização do trabalho no campo assalariado e doméstico, este último com maior envolvimento de homens; aparição dos “nomadismos sexuais”, ou seja, a exploração do trabalho em tempo parcial, tanto para mulheres como para homens; aumento da participação da mulher no mercado de trabalho de nível superior simultaneamente ao aumento do número de mulheres em situação de pobreza.

Esta nova configuração do trabalho citada pelas autoras também é sentida no espaço rural, onde, a partir do processo de modernização da agricultura, toma novas formas e ressignificações e conseqüentemente novas fontes de receita são inseridas, especialmente as não-agrícolas. Esse fenômeno está associado ao mercado de trabalho local, à condição de reprodução, sobretudo econômica da família, decorrente de fatores como mudanças nos sistemas de cultivo, da introdução de novos produtos e tecnologias, modificações nas relações de produção, e ainda da identidade profissional de homens e mulheres; e por outro lado, há também um aumento na participação das mulheres na agricultura<sup>16</sup>. Contudo, esse aumento não é significativo para chegarmos às conclusões de Deere (2006), que apontam para a feminização da agricultura na América Latina, onde houve considerável crescimento na participação de mulheres como agentes econômicos relacionado a fatores como: migração dos maridos para outras áreas em busca de empregos agrícolas ou não-agrícolas; divórcio; viuvez; e solteirice. “Estudos apontam que nas últimas décadas houve uma diversificação nas atividades econômicas das mulheres rurais. Também argumentam que isso pode estar relacionado à visibilidade do trabalho da mulher, mesmo que não hajam investido em uma nova atividade.” (DEERE, 2006, p. 87). A principal hipótese da autora é de que o trabalho da

---

<sup>16</sup> Os dados do PNAD (IBGE, 2009) apresentam um crescente aumento na participação de mulheres na atividade agrícola entre os anos de 2002 e 2009. Porém, há que se destacar que as mulheres continuam em menor número na agricultura, e o trabalho não remunerado e de autoconsumo ainda prevalece em mais de 70% das mulheres envolvidas com a agricultura, e quando estas assumem a direção de um empreendimento agrícola este é de agricultura familiar.

mulher rural tem se tornado mais visível, e que as mulheres têm deixado de ser apenas trabalhadoras familiares não remuneradas na agricultura e ido buscar trabalho remunerado no setor. Porém, existe ainda muita dificuldade em avaliar o trabalho das mulheres rurais, visto que elas desenvolvem muitas atividades, ao mesmo tempo reprodutivas e produtivas, como é o caso do turismo rural<sup>17</sup>. O fato do trabalho doméstico não ser contabilizado leva as mulheres à condição de ajudantes, e não de trabalhadoras ativas economicamente (DEERE; LEÓN, 1984).

Apesar disso, a crescente participação das mulheres rurais no trabalho remunerado tem gerado importantes mudanças nas estratégias pessoais e familiares de organização do tempo e do espaço (MARTINEZ; MUÑOZ, 2003; GARCIA RAMÓN, 1990). A conciliação entre trabalho familiar e trabalho remunerado tem conotações específicas no meio rural, pois as questões estruturais (transporte, saúde, alimentação), as relações sociais e a organização social são distintas da cidade. O trabalho “produtivo” das mulheres deve ser conciliado com o trabalho doméstico, e essa conciliação está relacionada ao espaço físico onde este trabalho é realizado, existindo uma estreita relação entre rural e família e entre produtivo e reprodutivo/doméstico (BOCK; HAAN, 2004). Outro fator importante, destacado por Garcia Ramón (1990), é que o trabalho das mulheres não deve ameaçar o trabalho dos homens, devendo estar sempre relacionado com a ajuda, a complementariedade. Por isso, segundo Garcia Ramón (1990, p. 260), o trabalho feminino remunerado (que é de baixa remuneração e sazonal), na maioria das vezes é uma extensão do seu trabalho doméstico:

O trabalho produtivo da mulher na unidade familiar é difícil de contabilizar e classificar, pois é descontínuo, fracionado e irregular e, por muitas vezes, é um trabalho de “ajuda” ou apoio. O trabalho doméstico não se contabiliza (mesmo que muitas vezes esteja relacionado com o trabalho produtivo) e as tarefas produtivas são muitas vezes englobadas como nas estatísticas de muitos países como ajuda familiar, expressão que implica a não mercantilização da produção e uma relação de dependência .

Por esses e outros fatores as atividades que são possíveis de serem realizados em casa e que estão relacionados aos trabalhos domésticos são as mais investidas no meio rural pelas mulheres, como é o caso do turismo rural, das agroindústrias e do artesanato, que são atividades que podem ser aproveitadas para a manutenção da família e do trabalho doméstico por elas realizado, permitindo assim, a conciliação entre trabalho remunerado e vida familiar. Esta conciliação depende das circunstâncias pessoais de cada mulher, do tipo de trabalho

---

<sup>17</sup> Dados do PNAD (IBGE, 2009), referentes à base de dados de 2002 a 2009, demonstram que houve aumento de rendimento das mulheres em atividades dos setores doméstico, indústria de transformação, comércio e reparação e educação, saúde, cuidado doméstico e serviços sociais.

realizado e do contexto familiar onde se organizam as atividades laborais, sejam elas domésticas ou produtivas (MARTINEZ; MUÑOZ, 2003). Esta relação tem facilitado, também, a entrada da mulher no mercado de trabalho fora da propriedade, pois são nestes empregos que expressam seu “perfil profissional feminino”, sua maior forma de acesso. Já trabalhos que são considerados como do “perfil profissional masculino” são os que menos estão abertos para as mulheres. Essa relação demonstra que as formas de trabalho, seja ele rural ou urbano, estão atreladas à uma certa divisão sexual do trabalho. Para Sireni (2008, p. 33-34):

A exploração da mulher está ligada à identidade feminina dela, ao ‘contrato’ conjugal assumindo como identidade de mulher de agricultor. Ela não tem status independente, assim a sua identidade profissional é fraca e mal reconhecida. Também define as mulheres como as mães da propriedade agrícola, subordinadas às definições do papel social da sua função biológica. Assim, uma boa mulher rural no discurso da agricultura familiar pode ser definida como uma mulher doméstica, relacionada com o cuidado.

No meio rural, este distanciamento é ainda maior, por este ser um espaço construído pelo trabalho masculino, conforme salienta Gidarakou et al. (2008). Para este autor, o trabalho agrícola tem sido relacionado com a imagem do homem, do masculino, pertencente ao mundo do homem e não da mulher, fato que tem desencorajado as mulheres a entrarem no mercado de trabalho agrícola, reforçando a hierarquia de gênero no trabalho. Corroborando Gidarakou (2008), Menasche conclui, a partir de seus estudos na área rural, que a ordem das “coisas” está ligada às imagens contruídas dos papéis de homens e mulheres na sociedade. Seriam, assim, “[...] próprias do homem as atividades (e decisões) referentes ao espaço público, no caso tudo o que está relacionado ao exterior da propriedade, e seriam próprias da mulher as atividades referentes ao espaço privado, que envolvem toda a gama de responsabilidades relacionadas à reprodução da família.” (MENASCHE, 1996, p. 18-19).

Para Brandth (2002), a identidade de gênero rural é a masculinização. “Esse discurso centra-se em processos de mudança histórica, dos papéis femininos e masculinos na agricultura, em particular aos processos pelos quais a agricultura se coloca como uma área de trabalho masculino.” (BRANDTH, 2002, p.187). O ser mulher e ser homem estão, ainda, relacionados às identidades construídas de um e de outro, sobretudo pelo sistema do patriarcado e pela modernização da agricultura. Para Gidarakou et al. (2008, p. 147) “[...] sucessão patrilinear e modernização sustentam o eixo básico de diferenciação social de gênero. Ambos os processos servem para desencorajar as mulheres a entrarem na agricultura”. O discurso da masculinização da agricultura demonstra que a especialização e mecanização da agricultura nas últimas décadas contribuíram para reforçar a hierarquia de gênero no trabalho,

colaborando para a assunção das tarefas mais especializadas e mecanizadas pelos homens. Ao mesmo tempo, os requisitos para as novas tecnologias e as novas competências na agricultura têm refletido na desqualificação das mulheres e desclassificação de seu trabalho, dado que são os homens que adquirem novas competências e comprometem-se com a realização das novas tarefas (GIDARAKOU et al., 2008).

Por outro lado, esse processo tem forçado a liberação do trabalho feminino para o mercado de trabalho não agrícola ou para o envolvimento em outras atividades agrícolas, tornando as famílias pluriativas. Para Brumer (2004, p 118-119),

[...] as mulheres estão interessadas em começar novas atividades na propriedade agrícola, não só para gerar receita extra, mas também como uma estratégia para ter domínio do seu próprio trabalho na propriedade agrícola e uma identidade profissional independente. É também uma maneira de ganhar mais influência na gestão da propriedade agrícola como um todo. Além disso, as mulheres são geralmente mais convencidas de que seu marido, que a diversificação oferece um futuro promissor para sua propriedade agrícola. Elas rejeitam, mais frequentemente, a idéia de que a nova expansão, a intensificação e a industrialização da agricultura são opções viáveis para o futuro do setor agrícola como um todo.

A introdução de novos produtos e serviços, no caso deste estudo, o turismo rural, tem garantido o trabalho produtivo da mulher, mesmo que durante determinado período de tempo. Seu caráter doméstico tem-se apresentado como fator incentivador para o envolvimento de mulheres nesta atividade. Contudo, a organização desse trabalho tem se apresentado dentro da divisão sexual do trabalho clássica baseada na oposição natureza/cultura. No momento em que se ele se organiza dessa forma, com base no sexo, assume a separação e a hierarquização. Essa divisão tem como base as relações de poder e empoderamento de homens e de mulheres. Nesse sentido, buscou-se na seção seguinte tratar das relações entre trabalho e poder no meio rural, perpassando a noção de empoderamento.

## 2. 4 TRABALHO E PODER NO MEIO RURAL

Esta seção busca compreender as relações de trabalho e os resultados delas a partir do poder e do empoderamento de homens e mulheres. Tratamos o poder a partir das formas de participação e decisão de homens e mulheres na organização do trabalho, nas relações institucionais e familiares, na receita, entre outras. Destaca-se que compreender o poder e o empoderamento através da perspectiva de gênero requer uma análise sobre as diferentes atividades e papéis de homens e mulheres no meio rural e o que estes significam. O objetivo desta discussão é apresentar os conceitos envolvidos e sua relação com o problema de

pesquisa. Para isso, faz-se necessária, inicialmente, a compreensão dos conceitos de poder e empoderamento. Essa relação, no entanto, não deve ser tomada como positiva ou negativa, boa ou ruim, mas como uma relação que pode se transformar ou passar por mudanças em sua dotação e no seu exercício, ou seja, o poder não é estático, ele se transforma continuamente.

A literatura sobre poder é vasta, porém, quando se trata de análises que privilegiem a perspectiva de gênero que a trama fica entrelaçada. Os estudos de gênero e também do feminismo têm tido como base teórica para definir quais as questões úteis para sua análise o viés androcêntrico, que também foi tratado pelo movimento feminista. Goverde (2004) vê o poder como uma capacidade de controle de algo ou de alguém. Apresenta-se como substância finita, transferível, tomável: se alguém ganha poder, outros o perdem. Pode ser delegado (por exemplo, em representantes), ou tirado (por exemplo: das bases). Neste sentido, o poder se constrói e funciona a partir de outros poderes, dos efeitos destes, independentes do processo econômico. As relações de poder se encontram estreitamente ligadas às familiares, sexuais, produtivas; intimamente entrelaçadas e desempenhando um papel de condicionante e condicionado (OLIVEIRA, 2006). Assim, o poder pode ser considerado sob o ponto de vista de três camadas interconectadas: “[...] poder como uma capacidade; poder como um fenômeno relacional; e como um poder estrutural, como um fenômeno sistêmico.” (GOVERDE; VAN TATENHOVE, 2000<sup>18</sup>, apud GOVERDE, 2004, p. 16).

*O poder como uma capacidade* consiste no poder sobre, da subordinação da vontade de uma pessoa sobre outra. Esse tipo de poder, segundo os autores, é o mais aparente e visível. Este tipo ou esta camada de poder está na produção causal dos efeitos. “Poder como uma capacidade de agentes sociais, agências e instituições refere-se à forma pela qual o ambiente social e físico (rural) é mantido e transformado e diz respeito aos recursos que presidem esta capacidade e as forças que moldam e influenciam este exercício.” (GOVERDE, 2004, p.16).

*Poder como um fenômeno relacional* refere-se ao fato de o poder ser sempre exercido nas interações por atores, com relativas capacidades, dentro de um contexto involuntário ou mesmo desconhecidas cadeias de interdependências. Este poder acentua as relações de autonomia e dependência entre agentes dentro de um contexto institucional. Não somente as formas elementares de poder são então relevantes, mas também as dimensões de intencionalidade (consciência), resistência (neutralização) e reações antecipadas. Em outras palavras, as relações de poder são mais completamente desenvolvidas e o poder é considerado

---

<sup>18</sup> GOVERDE, H. J.; VAN TATENHOVE. Power na policy networks. In: GOVERDE, H. et al. *Power in contemporary politics*. London: Sage, 2000. p. 96-111.

como um catalisador para a integração social (GOVERDE, 2004).

*Poder como uma estrutura/fenômeno sistêmico* refere-se às estruturas assimétricas de recursos como o resultado de estruturas específicas de significação, legitimação e dominação em certo período ou contexto. Em outras palavras, “[...] poder como uma base para integração de sistemas” (GOVERDE, 2004, p.16). Isso nos permite também incorporar o problema da inclusão e exclusão dentro da análise do poder. Poder é compartilhado por, e, por sua vez, as formas socialmente estruturadas e comportamentos culturalmente padronizados de grupos e de práticas de organizações.

Jô Rowlands (1997<sup>19</sup> apud DEERE; LEÓN, 2002, p. 53) diferencia quatro tipos de poder: *poder sobre, poder para, poder com e poder de dentro*. *Poder sobre* representa a estaca zero de um jogo: o aumento no poder de alguém que significa uma perda de poder para outra pessoa. Por outro lado, as outras três formas são todas positivas e aditivas: um aumento no poder de uma pessoa aumenta o poder total disponível ou o poder de todos. Contudo, “[...] as feministas existe somente o poder sobre”.

Essas dinâmicas de poder podem estar relacionadas a diferentes variáveis, recursos e estruturas, sendo o gênero uma das principais estruturas de divisão e exercício do poder em áreas rurais. Essa estrutura se manifesta a partir da inter-relação entre diferentes conceitos, que culminam na ampliação da participação efetiva, sobretudo, de mulheres no processo de decisão de suas ações, de sua participação no processo de desenvolvimento rural. Essa dinâmica de poder, segundo Goverde, Haan e Baylina (2004) reflete em mudanças no capital social e na participação política. Por outro lado, a dinâmica de poder reflete os processos que produzem e reproduzem o circuito de poder através das diferentes (velhas e novas) formas de capital social (redes familiares, paternalismo, novas parcerias rurais, novas instituições administrativas locais e funcionários) afetando assim a conduta do poder local nas áreas rurais de várias maneiras (GOVERDE; HAAN; BAYLINA, 2004).

Para Goverde (2004), as dinâmicas de poder podem ser inferidas de diferentes formas de capital social e de participação política, sobretudo nas áreas rurais, refletindo na produção e reprodução do circuito do poder. Este autor analisa as dinâmicas de poder a partir da dimensão política de desenvolvimento rural e do gênero em inovações, sendo estes produtos da dinâmica de poder local. “As dinâmicas de poder em nível local, estadual e transnacional constituem o quadro institucional em que práticas cotidianas de desenvolvimento rural e de

---

<sup>19</sup> ROWLANDS, J. Empoderamiento de las mujeres rurales em Honduras: um modelo para El desarrollo. In: LEÓN, M. (Org). *Poder y empoderamiento de las mujeres*. Bogotá: TM: Universidad Nacional, 1997. p. 213-245.

inovação rural têm lugar.” (GOVERDE, 2004, p. 15).

Hyyryläinen (2004, p. 44) considera que as “[...] questões referentes à inovação estão intimamente ligadas às formações existentes nas relações de poder”. A família toma a decisão sobre seu futuro como uma unidade familiar considerando tanto os fatores externos quanto internos, e esta decisão será condição de mudanças produtivas a serem introduzidas na unidade de produção. Por sua vez, essa capacidade de inovar pode ser produto das capacidades dos indivíduos de reagirem a uma determinada situação, sobretudo a partir do nível de capital social das famílias e indivíduos. Essa oportunidade de acumular capital social depende tanto dos atores individuais, quanto das habilidades das agências/instituições que estão embutidas nas estruturas sociais de classe, raça, etnia e gênero. Portanto, para o autor, as dinâmicas de poder podem ser consideradas de duas maneiras: primeiro, “[...] refletem as relações de poder causadas pelas mutações do capital social e participação política; segundo, dinâmicas de poder constituem o processo que produz e reproduz poder como uma capacidade, poder como um fenômeno relacional e poder como estrutura.” (HYYRYLÄINEN, 2004, p. 16).

No entanto, produzir mudanças, segundo Mauleón (2004), existe para servir a um projeto de reprodução do grupo familiar. Ações do grupo familiar ou individual consistem em adaptação de seus esforços às oportunidades e limitações que surgem no sentido de assegurar a sobrevivência da família durante o seu ciclo de vida. As decisões são tomadas considerando a família inteira, inclusive a mulher, a propriedade (características produtivas) e os fatores externos (preços e políticas agrícolas). Os resultados das pesquisas com as famílias estudadas por Mauleón nos países Bascos mostram que as famílias produtoras de leite dependem de uma série de condições, tais como: capacidade da propriedade para gerar um adequado nível de rendimento, possibilidade de encontrar trabalhos não-agrícolas, possibilidade da família decidir em conjunto sobre um plano estratégico, capacidade de rever de uma forma positiva o papel da mulher no dia a dia rural. Ou seja, as famílias tomam decisões avaliando seus próprios recursos (trabalho, economia, desejos, etc.) e o contexto externo em que estão inseridos (preços, políticas, possibilidades de trabalho externo à agricultura, etc.). Para a autora, o tipo de família indica as possíveis estratégias a serem desenvolvidas. No caso do estudo de Mauleón, o objeto eram famílias produtoras de leite. Porém, essa dinâmica pode ser percebida também a partir do turismo rural.

Nesta tese, estamos focando as manifestações de poder a partir da divisão sexual do trabalho no turismo rural. A força de trabalho, nas explorações agrícolas familiares, representa a força produtiva e, conseqüentemente, a capacidade econômica da unidade

familiar. A organização dessa força de trabalho é estruturada a partir da dimensão familiar, ou seja, do número de membros ativos, do sexo, da idade e da posição que ocupam dentro da família que, por vezes, determina o tipo de produção e as tarefas que cada componente familiar irá desempenhar. Essa estrutura que traz à tona relações de poder estruturadas a partir do patriarcado, em que os homens são responsáveis pela produção e a mulher pela reprodução, é explicada por Brumer (2004, p. 212) a partir de dois aspectos:

O primeiro é que a unidade familiar de produção caracteriza-se por reunir os esforços de todos os membros da família, com vistas ao benefício de todos, havendo uma necessária aproximação entre unidade de produção e unidade de consumo. O segundo é que vivemos em uma sociedade paternalista, e de certo modo machista, em que se atribui ao homem o papel de responsável pelo provimento da família.

Essa divisão ainda está relacionada à qualidade das tarefas executadas, ou seja, existem atividades supostamente identificadas como de caráter masculino, que exigem características físicas e psíquicas do homem, e existem tarefas que estão relacionadas às qualidades femininas (BRUMER, 2004). Estas capacidades estão ligadas a algumas atividades que são geralmente desempenhadas por mulheres, crianças e jovens: “[...] limpeza da terra e colheita, seleção e embalagem dos produtos; processamento dos produtos agrícolas; cuidado de animais, tais como alimentação, limpeza e ordenha; trabalhos da horta, principalmente se seus produtos forem destinados ao consumo da própria família.” (BRUMER, 2004, p. 211). Na esfera da realização destas tarefas, que é considerada a esfera doméstica, a mulher tem autonomia e poder; sua tomada de decisão está relacionada à organização e execução destas atividades, bem como ao uso dos recursos destinados ao consumo doméstico e à venda de produtos produzidos nesta esfera.

Considerar a autonomia e o poder nesse domínio requer a valorização do trabalho considerado doméstico e, conseqüentemente, sem valor econômico. Subestimar a importância do valor deste tipo de trabalho é negar a posição socioeconômica da mulher na família rural que, por muito tempo, e ainda, em muitas regiões brasileiras, é considerada como secundária e sem valor econômico. Entretanto, sem esse tipo de trabalho que garante o consumo doméstico não haveria a reprodução familiar, e o trabalho produtivo do homem seria inútil, pois é a mulher que transforma o trabalho produtivo do homem em reprodução familiar. Compreender esses processos faz parte das discussões que se pretende abordar nas próximas seções desta tese. Como essas relações de poder são manifestadas entre homens e mulheres a partir de uma atividade produtiva que prevê a realização de atividades consideradas reprodutivas, logo, de domínio da mulher? Como ocorre essa articulação entre homens e mulheres, que ora são

dominantes, ora dominados por estruturas internas e externas às suas relações, como o turismo? Compreender o poder e como ele se exerce a partir de micro-relações geradas ou motivadas pelo turismo e como isso se expressa nas relações de gênero é o grande ponto da discussão.

Para responder a estas perguntas é necessário delimitar o que se entende por empoderamento, visto que este está articulado à noção de poder, sobretudo para as mulheres rurais, e tem sido uma das formas encontradas por estudiosas para explicar a relação entre gênero e desenvolvimento rural com equidade. Trabalhos como os de León (1997), Deere e León (2002) e Cordeiro (2010), têm apresentado parte desse debate. Contudo, o uso do termo empoderamento é recente na literatura, alcança visibilidade a partir da década de 1990, quando especialmente através do movimento feminista toma evidência. Há distintos usos do termo por diferentes atores sociais, porém, utilizaremos neste trabalho a abordagem dada a partir do gênero e da luta contra a subordinação de mulheres.

O conceito de empoderamento foi incorporado pelo movimento feminista entre as décadas de 1960 e 1970, quando este movimento vinculou tal conceito às discussões sobre mulher e desenvolvimento, focando no gênero e na pobreza. Neste debate, estão imbricadas mudanças nas relações de poder, em que empoderamento foi considerado pelos movimentos sociais como uma de suas principais estratégias (DEERE; LEÓN, 2002; CORDEIRO, 2010). O termo empoderamento é entendido como o processo que demanda alterações nas relações de poder, que envolve o controle sobre os recursos econômicos, materiais, políticos, especialmente das mulheres, nos ambientes público e privado. Esse processo deve culminar no que Sen (2000) define como *capabilities*. “As feministas entendem que as relações de gênero são relações de poder e que o empoderamento das mulheres é condição para a equidade de gênero.” (CORDEIRO, 2010, p. 150).

Para León (1997) empoderamento é substantivo da palavra poder. Em espanhol, quer dizer “dar poder” e “conceder a alguém o exercício do poder”. Empoderamento implica que o sujeito se converte em um agente ativo e que varia de acordo com cada situação concreta, capaz de definir sua própria vida e ter controle sobre suas coisas (LEÓN, 1997; SEN, 2000). São sinônimos de empoderamento: integração, participação, autonomia, identidade, desenvolvimento e planejamento. Quando se fala em empoderamento no contexto feminista, está se relacionando com as transformações nas relações de poder entre homens e mulheres e que refletirão em novos imaginários sociais, implicando uma alteração radical dos processos e estruturas que reproduzem a posição subordinada das mulheres como gênero. O empoderamento implica relações de poder, que são exercidas nas relações sociais, econômicas

e políticas, entre os indivíduos, classes, grupos ou gêneros da sociedade (NASSER, 2001). Assim, León (1997) considera o empoderamento como uma maneira alternativa de perceber o desenvolvimento, desenvolvimento de baixo para cima como um aporte das bases.

Fornecendo outros elementos para a análise, Romano (2002<sup>20</sup> apud OLIVEIRA, 2006, p. 22) em sua tese, ressalta que o empoderamento pode ser entendido como abordagem ou processo:

Como abordagem o empoderamento coloca as pessoas e o poder no centro dos processos de desenvolvimento, implicando no desenvolvimento de capacidades (*capabilities*) das pessoas e de suas organizações. Isto significando poder superar as principais fontes de privação das liberdades, construir novas opções, poder e saber escolher, poder implementar e poder se beneficiar de suas escolhas. Como processo, pode ser o conjunto de relações pelas quais as pessoas, as organizações, as comunidades tomam controle de seus próprios assuntos, de sua própria vida e tomam consciência da sua habilidade e competência para produzir, criar e gerir. São processos conflituosos, no sentido de que dizem respeito a situações de dominação explícitas ou implícitas.

Tanto como processo como abordagem, o empoderamento pode ser, segundo Ojeda, Muñoz e Michel (2002, p. 78), modificado em três dimensões:

A *dimensão pessoal*, que compreende as mudanças no ser, no indivíduo, nas capacidades do ser, ou seja, mudanças de autopercepção; as *relações 'próximas'* (*cercanas*), que compreende negociações das relações cotidianas, que desenvolvem habilidades para negociar e influenciar nas relações e decisões no interior do grupo doméstico, gerando impactos em suas vidas; e a *dimensão coletiva*, onde se trabalha em conjunto com outros para causar um impacto maior e mais significativo. Nesse sentido, o empoderamento deve ser mais que uma simples abertura ao processo de tomada de decisão, deve incluir também processos que permitam às mulheres e ao grupo ter a capacidade de perceber a si mesmos como aptos para ocupar espaços de tomada de decisão e usar estes espaços de maneira efetiva”, ou seja, provocar uma mudança no nível micro e macro.

Estas dimensões, para serem modificadas, deverão levar em conta alguns elementos, sobretudo quando este empoderamento é da mulher: deve-se considerar que é um elemento induzido, devido ao fato dos comportamentos de gênero encontrarem-se inculcados nos homens e nas mulheres desde o seu nascimento; exige que agentes externos participem e intervenham nesse processo; implica educação que permita que as mulheres encontrem seu tempo e espaço, de maneira crítica e coletiva; a se tornarem uma força política, em um movimento organizado, que planejem e desenvolvam ações para transformar as estruturas e a situação da mulher (NASSER, 2001). Ou seja, maior empoderamento implica em maior igualdade entre homens e mulheres. Esta igualdade é conseguida levando em consideração o

---

<sup>20</sup> ROMANO, Jorge Osvaldo. *O empoderamento: enfrentemos primeiro a questão do poder para combater juntos a pobreza*: Rio de Janeiro: Action Aid Brasil, 2002.

aumento do bem-estar do indivíduo, que tem como principais componentes o acesso e controle de recursos, conscientização e participação. Deve considerar ainda componentes cognitivos, psicológicos, políticos e econômicos. Isso resulta em mudanças no nível macro (redefinição de valores, maior liberdade, renegociação das relações domésticas) e no nível micro (agenda política, cidadania transformada) (NASSER, 2001). Nesse sentido, Cordeiro (2010, p. 156) identificou em sua tese seis aspectos que dizem respeito ao processo de empoderamento: “[...] ter confiança, respeito e autoestima; ter voz, ou seja, capacidade para expressar as próprias ideias; ter liberdade de ir e vir além da casa e dos sítios; ter ação coletiva e o fazer político; lutar por direitos; e ter acesso a programa e recursos.”

Para se alcançar os aspectos discutidos pelos autores supracitados, as estratégias de empoderamento não devem ser ações isoladas da ação coletiva e do contexto histórico, focando não somente no indivíduo, mas em processos coletivos. Nesse sentido, “[...] os parâmetros de empoderamento são a construção de uma auto-imagem e autoconfiança positivas, o desenvolvimento de habilidades para pensar criticamente, a construção da coesão de um grupo e a promoção da tomada de decisão e da ação” (CORDEIRO, 2010, p. 151). Ele requer mudanças nas relações sociais, mais democráticas e de poder compartilhado (na família, na comunidade, nas instituições, no governo) e nas diversas manifestações da vida cotidiana (sexualidade, trabalho, receita, informação, etc.). O empoderamento é tanto uma mudança individual como uma ação coletiva, que deve ser entendida como autoconfiança e auto-estima, deve integrar-se no sentido de processo com a comunidade, com cooperação e com solidariedade. O empoderamento é diferente para cada indivíduo ou grupo, como sua vida, o contexto histórico e, nomeadamente em função da subordinação pessoal, familiar, comunitário, nacional, regional e global (LEÓN, 1997). Enfim, o empoderamento feminino é entendido como um processo que pode levar à superação das desigualdades de gênero. Contudo, há que se ter claro que o patriarcado é um sistema ancorado na exploração/dominação e que ele não se transforma apenas com o alcance de uma das dimensões do empoderamento. O empoderamento econômico, por exemplo, é uma das vias dentro de um sistema social alicerçado com base em estruturas micro e macro.

Assim, sobretudo o empoderamento de mulheres desafia relações familiares patriarcais, pois pode levar ao desempoderamento do homem e à perda da posição privilegiada de que ele desfruta sob o patriarcado. Isso porque o empoderamento ocorre quando há uma mudança na tradicional dominação da mulher pelo homem, seja com relação ao controle de suas opções de vida, seus bens, suas opiniões ou sua sexualidade. Entretanto, sob outro ponto de vista, o empoderamento da mulher libera e empodera o homem, por

exemplo, quando a mulher começa a dividir responsabilidades anteriormente exclusivas do homem para o sustento da família. E quando o homem é liberado de estereótipos de gênero, novas experiências emocionais lhe são possibilitadas. “Portanto, o empoderamento da mulher implica mudanças não apenas em suas próprias experiências, mas também nas de seus companheiros e familiares.” (DEERE; LEÓN, 2002, p. 11-12 ). Para Morell e Bock (2008) o ponto central da discussão sobre o empoderamento de mulheres parte da falta de controle das mesmas na exploração familiar e na gestão das explorações agrícolas perpassa as perspectivas de agência, visibilidade e identidade. Além disso, as desigualdades estruturais que ligam trabalho não remunerado da mulher para a família e o emprego com salários baixos, baixa qualificação, limitam os recursos econômicos, culturais e sociais que as mulheres poderiam mobilizar na tentativa de participar na formação de políticas e/ou a organizarem-se (MORELL; BOCK, 2008). Nesse sentido, buscou-se nesta tese evidenciar como se dão estas relações a partir de uma atividade que é extensão da atividade doméstica.

Para esse entendimento de empoderamento a partir do turismo rural, buscaram-se os trabalhos de Hashimoto e Telfer (2011, p. 73):

O emprego feminino no setor do turismo pode influenciar os papéis de gênero. [...] o turismo tem a possibilidade de capacitar mulheres em novas funções fora de sua posição tradicional, porém, algumas comunidades são mais abertas a essas mudanças do que outras.

Para os autores, o empoderamento pelo turismo rural perpassa algumas considerações, algumas descobertas. Através do turismo rural, as mulheres têm acesso a novas fontes de receita e conseqüentemente a um novo senso de independência. O autor destaca o exemplo da conta bancária. Uma família tipicamente tradicional usa apenas uma conta bancária que está no nome do marido e apenas sob seu domínio. Com o turismo rural, as mulheres abriram suas contas bancárias, tendo sobre elas o domínio e controle de movimentá-la a hora que necessitarem, fato não evidenciado em nossa pesquisa. O acesso à conta bancária encoraja as agricultoras a ter: uma compreensão dos balanços e uma moral mais elevada; auto-reconhecimento como empreendedoras, fornecendo uma sensação de segurança e independência financeira maior (HASHIMOTO; TELFER, 2011). Morell e Bock (2008, p. 76-77) destacam que o “[...] empoderamento das mulheres está intimamente vinculado à sua habilidade de participar como parceiras iguais na propriedade e adquirir os direitos familiares de usar os recursos [...]”, recursos estes considerados pelos autores como econômicos. Os recursos disponíveis para a produção e expansão da propriedade não estão disponíveis para as mulheres, devido ao fato de que são os homens, que na grande maioria dominam o mercado

de trabalho no meio rural, seja ele dentro ou fora da propriedade, constituindo-se como um dos principais obstáculos para a cidadania feminina ou desconfiguração dos regimes de gênero no meio rural.

Outro aspecto destacado pelos autores foi a gestão do tempo, a conciliação do tempo de trabalho no turismo, na agricultura e para os afazeres domésticos, sobretudo na época de alta temporada no turismo e de safra na agricultura. Essa falta de domínio do tempo vai ao encontro de outro achado dos autores, que são os conflitos dos papéis tradicionais de gênero no meio rural. As mulheres envolvidas com o turismo rural, além de trabalharem no turismo, precisam ajudar na agricultura e ainda continuarem com suas tarefas domésticas. Segundo Hashimoto e Telfer (2011, p. 80),

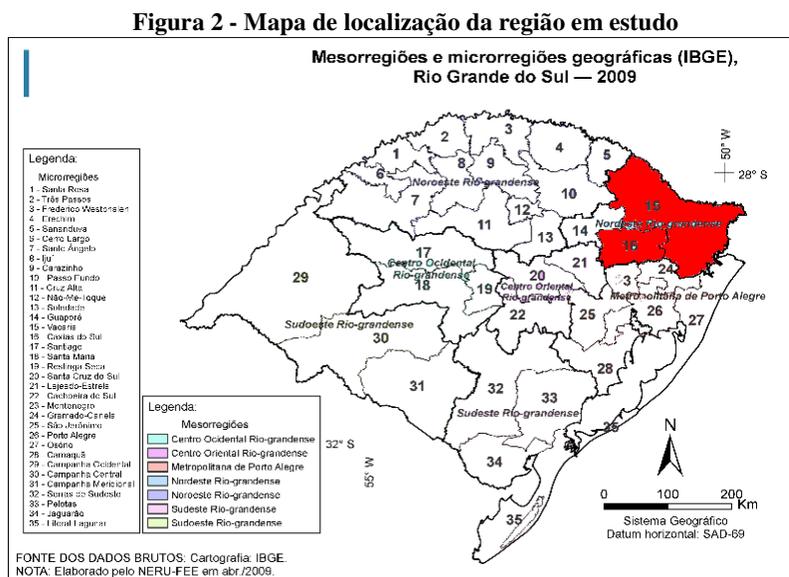
Embora o turismo rural tenha dado um novo sentido de independência, receita adicional e um novo espaço para socialização, ela também está trabalhando arduamente no processo, de passagem entre o turismo e a agricultura. Sem o consentimento e a compreensão da família, especialmente do marido, elas não se envolvem com o turismo. Se o marido perceber que o turismo irá afetar as responsabilidades domésticas da mulher e o trabalho na agricultura, ele não consente a sua participação

Apesar disso, vale destacar que o envolvimento das mulheres com o turismo rural proporcionou a elas maior socialização e trabalho em rede com outras mulheres, o que, segundo Hashimoto e Telfer (2011), é um dos elementos para o empoderamento feminino. Contudo, novas fontes de receita têm sido desenvolvidas e novos caminhos de socialização entre as mulheres foram criados, ainda assim é esperado das mulheres que elas realizem suas responsabilidades habituais de “ajuda” à atividade agrícola e de suas responsabilidades domésticas (HASHIMOTO; TELFER, 2011), permanecendo estas dentro do sistema tradicional de gênero patriarcal. Mas então, o que muda com o turismo? Ou nada muda? Mudanças nas relações econômicas e sociais também foram observadas por Rivera (2000). Contudo, esta autora também não identificou mudanças na posição de dominação dos homens e no poder de decisão das mulheres, alcançadas, segundo ela, pelo acesso a ativos como educação, participação pública, mercado de trabalho, etc. Para se alcançar o empoderamento é necessário o acesso e controle de recursos e estratégias de empoderamento que são resultantes de componentes cognitivos, psicológicos, políticos e econômicos e que resultarão em mudanças no nível micro (intrafamiliar e individual) e no nível macro (extra familiar e coletivo), como veremos no capítulo de resultados.

### 3 METODOLOGIA DA PESQUISA

Esta tese tem como local de estudo a região turística<sup>21</sup> do Estado do Rio Grande do Sul denominada de microrregião dos Campos de Cima da Serra. A região aqui apresentada foi escolhida pela sua importância no segmento turístico do meio rural gaúcho, sendo considerada um dos principais destinos de turismo rural. Além disso, a região faz parte do rol de iniciativas científicas do Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Rural, onde o grupo de pesquisa Mercados não-agrícolas tem atuado em diferentes frentes<sup>22</sup>. Cabe ainda destacar que a região de interesse está vinculada a ações de instituições não-governamentais e, sobretudo, a ações conjuntas na forma de rotas e roteiros.

A região dos Campos de Cima da Serra está localizada ao nordeste do Estado do Rio Grande do Sul (Figura 2) a uma altitude entre 400 e 1400 metros. A região é composta, segundo a Secretaria do Turismo do Rio Grande do Sul (SETUR), pelos municípios de: Bom Jesus, Esmeralda, Jaquirana, Monte Alegre dos Campos, Muitos Capões, São José dos Ausentes e Vacaria, tendo, conforme o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (2010) uma população total de 89.568 habitantes, sendo que a maior parte destes (61.342) estão no município de Vacaria, o maior da região. A economia da região está baseada no setor agropecuário, onde o cultivo da maçã e a criação de gado são as principais fontes de receita.



Fonte: Fundação de Economia e Estatística (FEE)

<sup>21</sup> O Estado do Rio Grande do Sul (RS), através da Secretaria do Turismo do Rio Grande do Sul dividiu o Estado em micro-regiões turísticas, sendo uma delas a Micro-região dos Campos de Cima da Serra.

<sup>22</sup> Dissertação de Mestrado intitulada “Turismo Rural: a contribuição da mulher”; Projeto de pesquisa “Sementes e brotos da transição: inovação, poder e desenvolvimento em áreas rurais do Brasil”.

Estes cultivos dividem a paisagem com as áreas de proteção ambiental. A região começou a ser explorada cientificamente a partir de estudos do Padre Rambo. Padre Rambo contribuiu, com suas pesquisas, para a demarcação dos Parque Nacional dos Aparados da Serra em 1959. Mais tarde, em 1992, foi criado o parque Nacional da Serra Geral, com 17.300 hectares, sendo que apenas uma linha imaginária separa os dois parques, que constituem uma mesma área protegida por lei (SANDER, 2007). Para Sander (2007, p. 19),

Na verdade, esses parques integram um extenso conjunto de ecossistemas, que se estende desde São Francisco de Paula até São José dos Ausentes, no RS, e adentra os municípios catarinenses de Jacinto Machado e Praia Grande. É a terra dos *cânions*. O Itaimbezinho<sup>23</sup> é o mais conhecido, mas há também o Malacra, o Fortaleza, o Faxinalzinho, cada um com um nome próprio, uma trilha própria, um desenho da natureza que originou um nome cunhado por quem passava por aqueles caminhos ásperos quando tudo era terra de ninguém.

A criação dos parques veio mudar a realidade de exploração das terras da região. Já nessa época, Padre Rambo evidenciava a possibilidade da substituição das fábricas de celulose por atividades relacionadas ao turismo. Os parques mudaram este cenário, o desenho das cidades e promoveram a integração entre os municípios através do turismo, pela chamada Rota dos Campos de Cima da Serra<sup>24</sup>. Atualmente a região é vista pelos “dois verdes, a partir de dois focos e sobre dois tons”. A população local, depois de décadas cortando os pinheiros naturais, dizimou praticamente todas as espécies existentes. Hoje, é possível ver as araucárias misturadas com a plantação industrial do pinus, que mantém as fábricas de celulose da região (SANDER, 2007). Não cabe aqui discutirmos os impactos positivos ou negativos desta mudança, apenas destacá-la pelo fato de que esteve presente em todos os relatos das nossas

<sup>23</sup> Itaimbezinho quer dizer em tupi-guarani pedra cortante. Essa pedra era usada pelos índios para fazerem lanças e flechas. Malacra é a alusão ao rosto de um cavalo manchado de branco (SANDER, 2007).

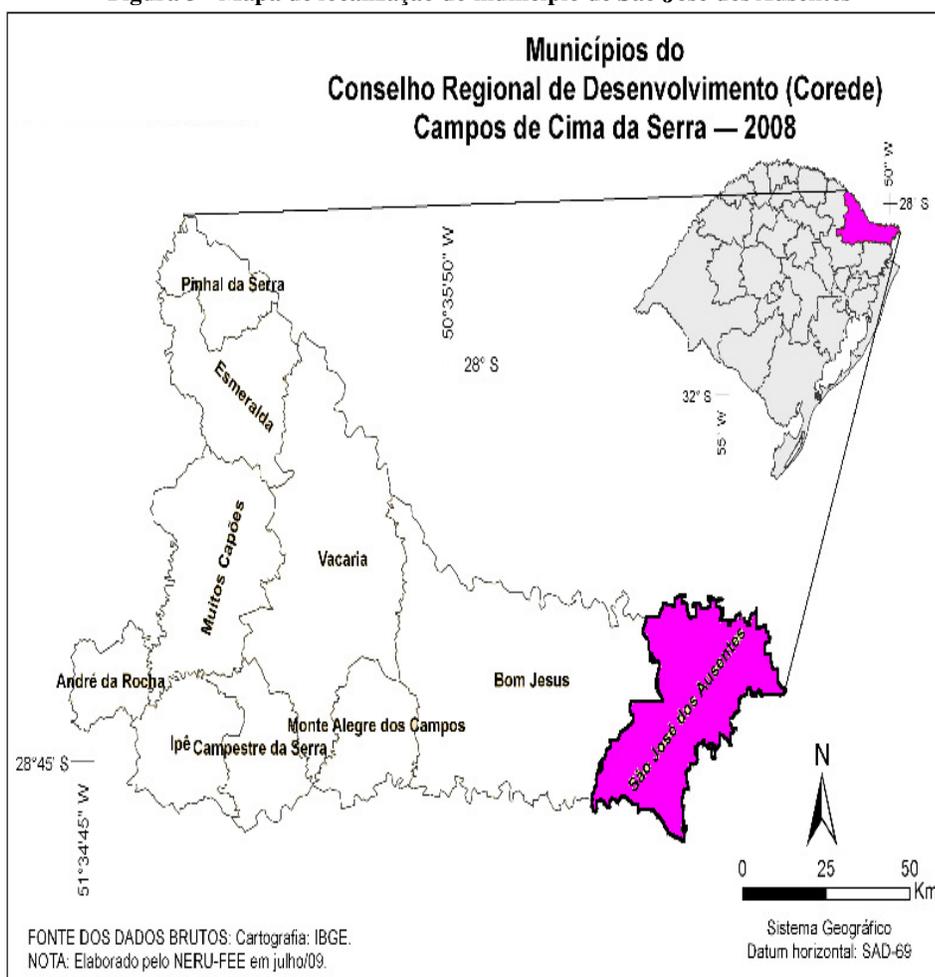
<sup>24</sup> Fazem parte da Rota nove (9) municípios: Bom Jesus, Cambará do Sul, Esmeralda, Jaquirana, São Francisco de Paula, São José dos Ausentes, Monte Alegre dos Campos, Muitos Capões, Vacaria. A criação da Rota foi impulsionada pelas belas paisagens naturais da região, pois nesta região estão localizados canyons do Parque Aparados da Serra e dos canyons do Parque Itaimbezinho. A Rota se constitui juridicamente como uma associação civil na forma de um consórcio, sem fins lucrativos. A ideia da criação do consórcio de Desenvolvimento Sustentável da Região dos Campos de Cima da Serra ou da Rota dos Campos de Cima da Serra nasceu de conversas entre os prefeitos municipais e representantes da Secretaria de Turismo gaúcha. Em 2001 foi criada então a Rota, com o objetivo de desenvolver as potencialidades turísticas dos municípios consorciados. O consórcio tem como finalidade: representar o conjunto de municípios e das entidades que o integram, em assuntos de interesse comum perante quaisquer outros órgãos, especialmente perante as demais esferas de governo; planejar, adotar e executar projetos e medidas destinadas a promover e acelerar o desenvolvimento de programas turísticos, culturais e ambientais da região compreendida pelos territórios dos municípios consorciados; implementar ações para o desenvolvimento sustentável através do manejo adequado dos recursos naturais renováveis, da recuperação de áreas degradadas e enriquecimento das florestas nativas, integradas ao fortalecimento da agricultura ecológica e diversificada, e a usos múltiplos do patrimônio cultural, destacando-se, entre estas, a implantação de programas de turismo ecológico, rural, cultural, formais e informais de educação; desenvolver serviços de interesse dos municípios consorciados.

pesquisas. O recorte do nosso estudo é o município de São José dos Ausentes e não foi a nossa intenção aprofundar as análises para todos os municípios da região.

### 3.1 O LOCUS DO ESTUDO: O MUNICÍPIO DE SÃO JOSÉ DOS AUSENTES

São José dos Ausentes está localizado no Noroeste do Rio Grande do Sul (Figura 2), separado do Estado de Santa Catarina pelas muralhas dos Aparados da Serra. Foi emancipado de Bom Jesus em março de 1992. Sua colonização se deu, sobretudo, pelos portugueses, porém, há uma diversidade de etnias no município, como descendentes de alemães, italianos e árabes. Segundo dados do IBGE (2010), a população em 2010 era de 3.290 pessoas, sendo que destas 2.062 residem no meio urbano e 1.228 no meio rural .

**Figura 3 - Mapa de localização do município de São José dos Ausentes**



**Fonte: FEE**

A porcentagem de homens e mulheres que residem no meio rural não difere muito. São 680 homens para 548 mulheres. O Produto Interno Bruto (PIB) do município tem na agropecuária sua principal arrecadação, seguido da prestação de serviços<sup>25</sup>. Na agropecuária, destacam-se o cultivo de macieira, que representa para o Estado a segunda maior produção, o cultivo da batata inglesa, a quinta maior produção do Estado, e a silvicultura, cultivo mais recente na região (IBGE, 2009). Na área de serviços destaca-se o turismo rural. O município apresenta-se como um dos principais destinos de turismo rural do Estado, perdendo em expressão para o município vizinho, Cambará do Sul, e a Regiões da Serra Gaúcha. É aqui que se encontra o ponto mais alto do Estado, o Monte Negro, com 1.403 metros de altitude. Por isso, é usual a ocorrência de baixas temperaturas no inverno, com geadas e neve.

O município foi escolhido devido, especialmente a três fatores:

- a) primeiro: por ser uma das regiões turísticas do Estado do Rio Grande do Sul com maior representatividade no cenário do turismo rural. Segundo levantamento realizado no banco de dados da Secretaria de Turismo do Estado do Rio Grande do Sul, o município de São José dos Ausentes foi o que apresentou maior universo de famílias que se enquadraram nas características da pesquisa, sendo que das dez propriedades classificadas como de turismo rural, sete se enquadraram no nosso estudo. Além das pousadas, foram visitadas seis famílias agrícolas, sendo que estas tiveram como critério de escolha a proximidade/acesso com as famílias pluriativas, o que facilitou a logística da pesquisa e a relação de confiança com estas, visto que foram os vizinhos que as indicaram. Optamos por buscar informações junto a estas famílias com o objetivo de realizarmos contraponto entre informações que consideramos importantes para a nossa análise, como as tarefas realizadas por cada membro e a participação e decisão dentro do grupo familiar. A partir desse contraponto pode-se observar algumas similitudes, mas sobretudo as diferenças sobre como uma e outra família se organizam e respondem diante de diferentes situações, como o turismo rural;
- b) os critérios de seleção das famílias pluriativas foram: a organização familiar, definida pelo casamento e a posse de meio de hospedagem, conforme descrito

---

<sup>25</sup> A participação da agricultura no PIB é de 61,48%, enquanto a dos serviços é de 32,91% e da indústria de 5,61%.

no item 3.2.2. Para as famílias agrícolas, além da organização familiar, composta pelo casal heterossexual, buscou-se selecionar famílias que tivessem vínculos de amizade ou parentesco com as famílias pluriativas e proximidade espacial, pois isso facilitaria nossa inserção nestas famílias;

- c) terceiro, pelo apoio recebido de instituições públicas locais e das famílias, o que possibilitou a continuidade de pesquisas anteriores. A interação entre pesquisador e interlocutor já havia sido realizada através de outras pesquisas realizadas nesse campo de estudo, o que proporcionou contato em maior profundidade e com maior confiança entre ambos. Para Minayo (2010), elementos como a interação com o grupo, convivência e contatos-chave são fundamentais para a incursão exitosa no campo de estudo.

### 3.2 A UNIDADE DE ANÁLISE

A unidade de análise desta pesquisa foram famílias rurais<sup>26</sup>, sendo estas agrícolas e pluriativas. Optou-se pela família como unidade de análise, pois se entende que é a partir dela que se organizam as atividades produtivas, sociais, morais e de trabalho dos diferentes membros integrantes, e a partir dela que se estabelecem as estratégias individuais e coletivas que visam a garantir a reprodução social do grupo (SCHNEIDER, 2001). As famílias rurais pesquisadas pertencem à classificação de famílias agrícolas e famílias pluriativas. As famílias agrícolas são aquelas que possuem como forma de produção exclusivamente a agricultura, ou seja, o contato direto nos processos de cultivo da terra e manejo de animais. Nesse caso, essas famílias são, principalmente as pecuaristas. As famílias pluriativas são aquelas que combinam a agricultura com outros tipos de atividades. Para este estudo, foram consideradas famílias pluriativas aquelas que têm o turismo como atividade não agrícola principal ou secundária.

A constituição do universo de pesquisa deu-se levando em consideração os seguintes elementos:

- a) *famílias agrícolas*: os principais critérios para seleção destas famílias foi possuir produção agrícola e conter homens e mulheres (cônjuges) na família. O critério da produção agrícola, que, neste caso, são as pecuaristas e as

---

<sup>26</sup> Para Schneider (2001, p. 170) a “[...] família rural é entendida como um grupo social que compartilha um mesmo espaço (não necessariamente uma mesma habitação) e possui em comum a propriedade de um pedaço de terra. Esse coletivo está ligado por laços de parentesco e consanguinidade (filiação) entre si, podendo a ele pertencer, eventualmente, outros membros não consanguíneos (adoção)”.

produtoras de queijo, deu-se pela necessidade de relacionar famílias “puras”<sup>27</sup> com famílias “pluriativas”. Estas famílias foram escolhidas pela sua localização, por estarem próximas às propriedades de turismo rural e por terem sido indicadas pelas famílias pluriativas;

- b) *famílias pluriativas*: o principal critério adotado para as famílias pluriativas foi ter na propriedade atividades relacionadas à prestação de serviços de hospedagem, o que nos daria maiores subsídios de análise nas questões de gênero, pois esta traz o turista para dentro da casa. Assim como para as famílias agrícolas, foi necessário ter-se a participação de homens e mulheres (cônjuges) na família. Este critério se justifica a partir do momento que esta pesquisa caracteriza-se como um estudo de gênero, ou seja, que compreende o entendimento das relações existentes entre homens e mulheres, e não apenas de um dos gêneros.

Cabe salientar que não estamos propondo uma comparação entre as famílias pluriativas e agrícolas, mas sim, momentos de contrapontos, o que julgamos que enriquecerá nossa análise. Estes contrapontos estão relacionados à organização do trabalho e à participação e decisão dentro do grupo familiar, como descreveremos no capítulo de resultados.

### 3.3 INSTRUMENTOS DE COLETA E ANÁLISE DA PESQUISA

Optamos pela abordagem qualitativa por ser o tipo de pesquisa mais indicado para entender os fenômenos de natureza social e por conceber que este tipo de pesquisa possibilita o “contato direto com o fenômeno pesquisado. Seu objeto se constrói a partir de um conjunto de textos que tecem como uma teia de ressonâncias em torno do objeto” (DESLAURIRES e KÉRISIT, 2008, p. 135), obtendo assim um conhecimento íntimo do problema da pesquisa.

Este método permite “[...] descrever com complexidade um determinado problema e classifica os processos dinâmicos vividos por grupos sociais, além de contribuir na mudança de determinados grupos e entender, com maior profundidade, as particularidades dos comportamentos dos indivíduos.” (RICHARDSON, 1999, p. 90). A proposta de análise qualitativa ancora uma escolha não probabilística da amostra de um universo e “[...] preocupa-se menos com generalizações e mais com o aprofundamento, a abrangência e a

---

<sup>27</sup> Quando se fala em “famílias puras”, refere-se a famílias que possuem somente a produção agrícola, no caso, a produção da maçã, na propriedade.

diversidade no processo de compreensão. Portanto, seu critério não é numérico, sendo que uma amostra qualitativa ideal é a que reflete a totalidade das múltiplas dimensões do objeto de estudo.” (MINAYO, 2010, p. 196-197).

Os instrumentos de coleta de dados foram a observação não participante e a entrevista semi-dirigida. A observação prevê um exame minucioso, atento ao objeto estudado, constituindo-se em um meio de perceber as práticas e interações dos sujeitos, bem como interrogá-los durante a ação. “A observação é sistematicamente planejada, registrada e ligada a proposições mais gerais [...] é submetida a verificações e controles de validade e precisão.” (RICHARDSON, 1999, p. 259). Por isso, utilizamos como técnica a observação não participante assistemática<sup>28</sup>, procurando registrar o máximo de ocorrências que interessam às questões do estudo, conforme tópicos previamente definidos, tendo em vista os temas que constituem o objeto de investigação. Os registros foram feitos no caderno de campo/notas de campo, visto que esse tipo de instrumento permite o detalhamento descritivo das informações no momento em que elas ocorrem, sejam estes detalhamentos de sujeitos, práticas ou objetos, resultando em materiais descritivos e reflexivos. Sua utilização contempla a primeira fase da pesquisa, o primeiro contato com os atores envolvidos, que é a visita de observação. As informações contidas nele foram usadas como dados complementares, sobretudo no item que descreve as propriedades.

Além disso, em um segundo momento da coleta de dados se optou pela interrogação dos atores através da conversação guiada<sup>29</sup>, que permite o contato direto entre os agentes da pesquisa, possibilitando assim a coleta de informações com alto nível de aprofundamento. A entrevista foi dirigida a partir de perguntas pré-formuladas, mas com certo grau de liberdade do entrevistador e do entrevistado. Foram realizadas no total trinta e nove entrevistas, sendo que estas foram divididas e organizadas da seguinte forma:

Nas famílias pluriativas foram realizadas vinte e uma entrevistas em sete propriedades, sendo que uma foi direcionada ao homem, outra à mulher e outra à caracterização da propriedade, sendo esta última possível de ser respondida por qualquer membro da família.

Nas famílias agrícolas, os procedimentos foram os mesmos, porém realizados em seis propriedades, totalizando dezoito entrevistas.

---

<sup>28</sup> A observação assistemática indica um método mais livre de investigação, sem fichas, embora tenha que cumprir as recomendações do plano de pesquisa, estipulada pelos objetivos.

<sup>29</sup> Modelo de Roteiro de entrevista, ver apêndices A,B,C,D. O roteiro foi composto por perguntas fechadas, abertas e escala linkert. Usamos a escala de cinco pontos, pois, segundo Richardson, 1999, esta proporção permite a coleta de dados com maior informação. As escalas utilizadas apresentam categorias diferenciadas, que variam conforme o objetivo proposto pela pergunta.

As entrevistas com as famílias pluriativas foram gravadas na sua íntegra. A gravação com estas famílias foi possível devido à inserção anterior do pesquisador nestas famílias, o que possibilitou vínculos de confiança entre entrevistado e entrevistador. Este momento da pesquisa não foi possível com as famílias agrícolas, visto que a aproximação com estas se deu no momento da pesquisa, o que ocasionou estranheza entre entrevistado e entrevistador. Por isso, optou-se pela não gravação das entrevistas nas famílias agrícolas.

### 3.4 SISTEMATIZAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

A etapa de análise dos dados consiste em demonstrar os resultados da pesquisa, como eles respondem ao problema de pesquisa.

A fase da organização dos dados foi feita, primeiramente, pela transcrição das entrevistas. Este procedimento é muito proveitoso, pois permite a organização das idéias pelo entrevistador, no qual os fatos e os dados dos entrevistados são lembrados. Logo, as entrevistas foram transcritas na sua íntegra, o que permitiu que os dados originais da fala dos entrevistados fossem preservados. Após isto foi realizada a leitura inicial do material e a organização dos dados (MINAYO, 2010). A segunda fase foi a classificação dos dados por meio da categorização<sup>30</sup>, o qual levou-se em consideração as categorias, indicadores e variáveis apresentadas no quadro 1. Nesta etapa foi utilizado o *software* Nudist Vivo 2.0<sup>31</sup>, onde foi possível extrair dados mais precisos e realizar diversos cruzamentos entre os dados obtidos das famílias pluriativas e agrícolas. Esta fase foi orientada pela técnica da análise de conteúdo, que, segundo Minayo (2010), estrutura-se a partir da ordenação dos dados, da classificação de suas temáticas (categorização) e da sua análise. O que pretendemos com esta técnica é descobrir os “núcleos de sentido” através da categorização das mensagens (BARDIN, 2009).

---

<sup>30</sup> A categorização facilita a análise das informações. Para Bardin (2009), os critérios de categorização podem ser semânticos, sintáticos, léxicos e expressivos, podendo ser realizados de duas maneiras: pré-estabelecidos ou não, resultando dos elementos encontrados na pesquisa.

<sup>31</sup> Este programa é um dos mais recentes na análise de dados qualitativos e permitiu operacionalizar e agrupar uma diversidade de dados levantados (GUIZZO et al., 2003).

**Quadro 1 – Apresentação das categorias empíricas, indicadores e variáveis de análise**

<b>Categoria empírica</b>	<b>Indicadores</b>	<b>Variáveis</b>
Econômicas	Receita	- Agrícola; - Não agrícola.
	Despesa	- Agrícola; - Não agrícola.
	Independência econômica	- acesso e uso de recursos
Relações de trabalho	Trabalho familiar	- Agrícola; - No turismo rural; - Doméstico.
	Trabalho contratado	- Agrícola; - No turismo rural;
Participação e decisão	Nas relações econômicas:	- Propriedade da terra e da empresa; - Decisão receita agrícola; - Decisão despesa agrícola; - Decisão receita turismo; - Decisão despesa turismo; - Liberdade econômica.
	Nas relações de trabalho	- Participação e decisão nas atividades agrícolas; - Participação e decisão nas atividades domésticas; - Participação e decisão no Turismo Rural.
	Nas relações institucionais e políticas	- Relações com instituições; - Nas relações sociais e familiares.

Fonte: elaboração do autor (2011).

Esta tese sustentou-se na perspectiva de gênero. Para darmos conta desta análise, foi proposta a abordagem qualitativa, em que se privilegiaram os instrumentos da entrevista semi-estruturada e observação não participante. A natureza qualitativa da pesquisa permitiu a compreensão de realidades sociais caracterizadas por diferentes atores e situações. A unidade de análise foi a família, esta dividida em pluriativa (que desenvolve o turismo rural) e agrícola. A análise dos dois tipos de famílias justifica-se a partir da compreensão de diferentes atores sociais, a partir de momentos e participação distintos em que foi possível realizar contrapontos, que permitiram analisar questões de gênero, como se pode observar na estrutura de análise da tese, representada no quadro 2, que demonstra o percurso entre as hipóteses e a metodologia utilizada.

## 4 TURISMO RURAL EM SÃO JOSÉ DOS AUSENTES

A atividade turística no meio rural da Região dos Campos de Cima da Serra teve suas primeiras iniciativas na década de 1990. Vendo a situação financeira se agravar a cada ano, resultado da crise na pecuária, que era a principal fonte de receita da região naquele momento, os agricultores decidiram reagir a esta situação de empobrecimento do meio rural, buscando novas estratégias de reprodução econômica e social fora da atividade agrícola. É neste momento que as famílias decidem investir em atividades não agrícolas como o turismo rural.

### 4.1 MOTIVAÇÕES DE GÊNERO NAS TRAJETÓRIAS DO TURISMO RURAL EM SÃO JOSÉ DOS AUSENTES

O turismo rural, que, num primeiro momento, era uma atividade produtiva complementar de receita para as famílias, logo, em muitas propriedades, tornou-se a principal fonte geradora de receita e também de mudanças sociais e culturais. As primeiras iniciativas de turismo rural foram realizadas entre os anos de 1992 e 1996, sendo que no ano de 2000 predominou a abertura de novos empreendimentos turísticos. Tendo em vista esta nova atividade de desenvolvimento para o meio rural local, agricultores, instituições, organizações e associações municipais e estaduais lançaram mão de um repertório de estratégias no intuito de promover a atividade turística. Essas iniciativas culminaram na estruturação da rota turística “Campos de Cima da Serra”. Concomitante a esta, outras ações foram realizadas pelos poderes públicos municipais que se constituíram em ações vitais para a visualização estadual e nacional da região, como a divulgação em rede nacional através dos programas da Rede Globo de televisão, como a novela “O Profeta”. As gravações foram realizadas na região, onde algumas das propriedades pesquisadas foram palco para as gravações e hospedagem dos atores. Após estes acontecimentos, foi elaborada, pelo Secretário Municipal de Turismo da época, uma cavalgada que passava por algumas das propriedades, sendo que estas começaram a oferecer alguns tipos de serviços para os cavalarianos, como almoço e pouso nos galpões. Foi neste momento que surgiu a possibilidade da exploração qualificada do turismo nesta região. A cavalgada ainda existe, percorrendo o mesmo trajeto, porém mais bem estruturada.

Além das prefeituras municipais e do Governo do Estado, que forneceram especialmente o aporte financeiro às iniciativas, outras instituições participaram ativamente na organização, consolidação e conformação do turismo rural na Região dos Campos de Cima da

Serra, como o Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas no Rio Grande do Sul (SEBRAE-RS) e a Associação Rio-grandense de Empreendimentos de Assistência Técnica e Extensão Rural (EMATER/ASCAR-RS).

A atuação do SEBRAE deu-se na elaboração e consolidação do projeto de implantação do turismo na região, prestando assessoria técnica aos empreendedores, bem como proporcionando cursos específicos da área de turismo e divulgando a Rota para o restante do País. Já a atuação da Emater deu-se em nível local, sobretudo na adequação e organização das propriedades para a recepção de turistas. Nesse sentido, os técnicos da Emater buscaram atualizações através de cursos na área do turismo rural e de paisagismos para melhor colaborar com os novos empreendedores. Além disso, a Emater é importante agente no acesso ao crédito rural (PRONAF), do qual uma das linhas é o Pronaf agroindústria, que contempla ações de investimentos em turismo rural. Esta instituição tem também papel importante como fomentadora/promotora de eventos festivos e culturais no meio rural. A Emater, apesar de ter um quadro de técnicos insuficiente para atender toda a região, atua junto ao agricultor na assessoria técnica agrícola e não-agrícola necessária a estes empreendimentos. Outra instituição que colaborou, porém em menor grau, foi o Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (SENAR), proporcionando aos empreendedores a realização de cursos na área de alimentos. A Prefeitura Municipal de São José dos Ausentes foi fundamental para o desenvolvimento do turismo rural, dando apoio aos empreendedores através de orientações, cursos e marketing, atuando conjuntamente com o SEBRAE. A SETUR é citada pela maioria dos empreendedores como sendo fundamental, pois até hoje ela orienta o caminho para o desenvolvimento do turismo no município.

Não se pode deixar de mencionar os principais atores envolvidos neste processo: os agricultores. Nesta análise, podemos dividi-los em duas categorias: os empreendedores e os empregados. Os empreendedores foram os principais agentes neste processo de desenvolvimento rural baseado em atividades não-agrícolas. E os empregados e ou/terceirizados, um dos públicos que está sendo beneficiado, mesmo que o emprego seja temporário. Referente a este público, as mulheres tiveram um significativo envolvimento para o desenvolvimento do turismo neste local, participando das discussões sobre o turismo e, em alguns casos, sendo elas as principais incentivadoras na abertura das pousadas, como segue o relato de um dos empreendedores:

*[...] bom, essa ideia foi minha e da minha mãe né, que tivemos assim a ideia inicial de começar né, na verdade a gente começamos a atender grupos de cavaleiros né, através do secretário de turismo, ele montou os roteiros na região pra trazer essas pessoas pra cavalgar e nossa fazenda servia de apoio do encerramento da trilha pra servir um churrasco, um churrasco de galpão pra ele, ali que começou a nascer a ideia do turismo... Até os próprios cavaleiros começaram a ter cobrança né... dessa vez eu vim sozinho cavalgar mas eu quero vir com minha família, quero ficar sair um pouco da cidade, daí veio mais a pressão do secretário de turismo e o prefeito. Minha mãe ansim ela sempre teve um sonho, volte e meia ela conta essa história que ela pensava em um dia em ter um hotel, uma coisa ansim sei lá um restaurante, uma coisa grande, diz ela, ela sempre sonhou com isso, em dar trabalho pras pessoas da família, então eu acho que esse sonho foi realizado através do pensamento positivo dela... Eu acho que tudo isso a gente deve a ela, pra gente ter um negócio hoje claro que ela é o tronco principal e nós somos só as raízes que cada vez ansim a gente se alastra e vai firmando cada vez mais esse tronco, mas a gente deve muito a ela com certeza<sup>32</sup> [...] (João)*

*[...] é que já tinha as outras duas pousadas e daí a casa aqui, meu pai tinha falecido e a casa aqui tinha ficado meia abandonada, a gente vinha nos finais de semana dava uma limpada aí, depois que ele se aposentou daí eu convidei ele pra nós vim pôr pousada... A princípio ele ficou meio assim, mas agora é ele que não quer mais sair daqui, gosta daqui... Ah, ele achou que não ia dar certo né, mas depois que ele viu que deu certo daí ele se tranquilizou [...] (Carla)*

Para Brandth e Haugen (2010b), o maior envolvimento feminino em novos negócios como o turismo rural deve-se ao fato da luta de mulheres por um novo status profissional e econômico dentro da propriedade. Em outras propriedades, a decisão de investir foi do casal, onde depois de “combinar” chegou-se ao consenso de abrir as portas para receber o turista, tendo como base o apoio da Secretaria de Turismo do município. Brandth e Haugen (2010b) encontraram em suas pesquisas dados semelhantes. Para estes autores, a criação da nova empresa foi uma decisão da família. As mulheres foram as protagonistas, nesse local, para o desenvolvimento do negócio, em alguns casos, sem dúvida, as principais incentivadoras. Porém, é preciso salientar a importância do *acordo e apoio mútuo entre os casais, a combinação*, parceiros de negócios em que cada um contribui com suas competências e conhecimentos (BRANDTH; HAUGEN, 2010b).

*[...] assim, quem começou a incentivar foi o Secretário né, porque tinha só a pousada Montenegro e ele achava pouco. Então a gente esperou que as crianças crescer um pouquinho né e pensamos juntos e colocamos a pousada [...] (Fernanda).*

*[...] aqui quem iniciou o turismo em São José dos Ausentes mesmo foi o meu irmão Jucelino e o secretário de turismo. Eles começaram com cavalgada em São José dos Ausentes até Montenegro. Então eles chegavam aqui e queriam que eu fizesse... que servisse almoço pra eles né... Ali foi nascendo a idéia de... era pra nós abri uma pousada aqui porque daí eles tinham lugar pra vir pra pousa, pra toma banho, pra almoço... daí foi nascendo essa ideia daí eu e a mulher resolvemos aumentar a casa e fazer né... Porque daí a gente acha assim que só a pecuária tava sendo muito pouco (Pedro).*

---

<sup>32</sup> Foram mantidas as características da fala coloquial dos entrevistados.

Outro depoimento relata a relação familiar existente em torno do turismo. O negócio que era sonho de pai e mãe torna-se realidade pelo trabalho do filho. Desde a emancipação do município, já havia ideias em torno do desenvolvimento do turismo na região, vindo a se formatar ainda na mesma década. O início das atividades, para a maior parte das propriedades, foi através da visitação em pontos relacionados à natureza, dentro das propriedades.

*[...] começou pelo meu pai, meu pai ele começou em 1992 quando São José dos Ausentes se emancipou, primeira coisa, aqueles lugares bonitos, preservados, já tinha a ideia de um dia ali formar um turismo, um turismo rural, e São José foi crescendo através disso aí, dessas ideias, e meu pai como tinha um lugar bonito, já começou como um ponto de visitação... A ideia foi dele, e nós amadurecemos essa ideia, e nós tocamos aquele que era o sonho do meu pai e da minha mãe... Isso aqui era o sonho dela, então é por isso que a gente gosta [...]* (Charles)

Em uma das propriedades, o interesse em investir partiu do homem, tendo este que convencer a família da importância do desenvolvimento deste setor. Esta propriedade foi a primeira a abrir as portas, no início da década de 1990. A propriedade tem, diferentemente das outras pesquisadas, rica história cultural, relacionada aos primórdios de São José dos Ausentes, sendo esta a primeira fazenda do município.

*[...] a ideia começou pelo próprio pessoal que me visitava pela história, aí os caras diziam que eu tinha que colocar uma pousada, daí eu comecei a pensar e fiz umas visitas no município vizinho de Lages... Fui lá, olhei e achei que tinha uma capacidade e criei coragem junto com a emancipação, acreditando no turismo porque pecuária que tá aí já existia há séculos, então eu achava assim que tinha que desenvolver o turismo, aí eu dei o primeiro alavante, foi a primeira pousada dos Campos de Cima da Serra no RS, não tinha nenhum registro. Em agosto de 92, eu abri a pousada. Abri com dois quartos, não tinha banheiro, daí comecei a brincar, e aí comecei a chamar o povo, e nessa época eu faço uma parceria com uma agência de Porto Alegre e daí os caras traziam aqueles grupos ecologistas, que suportava dormir aqui mesmo, abriam o colchonete, dormiam em qualquer lugar, e nós só fazia aquela comida boa da campanha. Então tava ótimo, eles passavam de 2 a 3 dias aqui comigo, e foram me deixando dinheiro, e eu fui gostando e comecei a criar a minha pousada. Praticamente toda a estrutura que ela tem aqui ela foi arquitetada por opiniões públicas, não foi só a minha ideia, claro que eu peneirava e passava no filtro mas eu seguia em cima da ideia pública. Porque eu gosto, acho interessante e lugar tinha tudo isso pra vender e oferecer, os cânions, água, já pensou esses cânions e essas fonte de água, tu não vê em parte nenhum essas coisas que nós temos aqui, e depois esse nome exótico, Aparados da Serra e, além disso, morar numa cidade de Ausentes e ainda se não bastasse o proprietário tem o nome de velho, né (Alex).*

O relato do Sr. Alex retrata o início do turismo na região. Por vontade e conhecimento próprio, ele marcou a história do turismo no município. A propriedade do Sr. Alex é a única que está fora das redondezas dos cânions, ficando no lado oposto da cidade. Hoje, essa

propriedade passa por dificuldades de mão de obra e de demanda. Os turistas que procuram a região estão em busca da paisagem natural, que tem como um dos principais atrativos os cânions, e a propriedade está muito próxima da cidade, o que faz também com que ele não ofereça as refeições, apenas café da manhã na propriedade. O turista procura o conjunto de atrativos, o que a propriedade, hoje, não tem mais a oferecer.

Ao examinarmos os relatos dos entrevistados, fica evidente que, para todas as propriedades, dois fatores foram decisivos para o investimento no turismo: o apoio do poder público, no caso, a Prefeitura Municipal, e a receita insuficiente obtida nas propriedades. Para Rivera (2000), os efeitos econômicos são os principais motivadores da atividade turística. Contudo, o turismo leva implícitos outros fatores próprios de sua natureza, como os sociais e culturais, que outras atividades econômicas tradicionais, como a agricultura, não levam.

Os investimentos do poder público partem de ações conjuntas entre poder local e instituições de Ensino<sup>33</sup>. Esse envolvimento foi fundamental para a descoberta das potencialidades que o município oferecia, sobretudo os atrativos naturais, e também fez com que os proprietários valorizassem seu ambiente pela paisagem natural. O outro fator mencionado, a receita, é citado por todas as famílias entrevistadas :

*[...] decidimos investir por causa da receita [...](João)*

*[...] tu sabe que na época tu vai ver a pecuária, ela tem altos e baixos, então na época era uma época da pecuária, quem tava no ramo da pecuária tava com muita dificuldade, na época que nós iniciamos em 97. Hoje já não, hoje melhorou mais... Eu digo em questão de valores, o preço, tu vendia um terneiro por um preço, e hoje esse preço triplicou né [...](Alexandre)*

*[...] é, uma fonte de receita né. Quando trancaram a fronteira por causa da aftosa a gente ficou com a receita muito pequena, porque tu não conseguia vender teu queijo, não conseguia vender as vacas gordas, ficamos sem comércio, então a gente... Se tu não optasse pelo turismo tu teria que vender e ir embora, porque não tinha do que tu viver. (Fernanda)*

Muitas dificuldades foram enfrentadas no início, mesmo tendo o apoio do poder público local. As dificuldades variavam de propriedade para propriedade, e de homens para mulheres. Os homens consideram como principais dificuldades a questão da infraestrutura, sobretudo relacionadas ao fornecimento de energia elétrica, às estradas e ao telefone.

---

<sup>33</sup> A UFRGS, através do Núcleo de Fotografia da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação (FABICO), desenvolveu na década de 1990 o projeto “Povo e paisagem de São José dos Ausentes” e vem executando sistemática documentação fotográfica do Município, incluindo tanto os redutos naturais quanto as atividades da população de São José dos Ausentes, com o objetivo de sistematizar, através da coleta de imagens do ambiente natural e de seus elementos, visando assim, a contribuir com o desenvolvimento do turismo na região ([www.ufrgs.br/fotografia](http://www.ufrgs.br/fotografia)).

*[...] tu sabe é uma história assim: na época era muito complicado trabalhar com o turismo porque nós tinha seis porteiras e a nossa luz vinha da turbina sabe. Daí o Secretário de Turismo veio aqui e disse não, então vocês fazem o experimento por seis meses. Depois daí veio a luz em seguida e os portões foram transformados em “mata burro”<sup>34</sup>. Então a história é mais ou menos assim. E daí de seis meses tá até hoje [...]* (Alexandre)

*[...] uma das grandes dificuldades que a gente teve aqui era de não ter telefone na propriedade né [...]* (João)

Já as mulheres consideram como principal dificuldade o relacionamento com o turista, o contato com ele no atender e servir, características fundamentais da hospitalidade e que são de responsabilidade sobretudo das mulheres.

*[...] dificuldade assim de aprender... Porque tu aprendi muito a conhecer as pessoas... eu acho assim: tu saber lidar assim, com as pessoas... A dificuldade assim qui eu tive... hoje não tem mais! Mas de saber assim... de olhar no olho da pessoa... tentar adivinhar aquilo qui ela queria sabe? Hoje a genti já sabe... aquela pessoa tá satisfeita... Aquela pessoa ali... meia assim... Tu consegue... ver assim, aquela pessoa tá assim... Não dá outra! Daqui a pouco a pessoa... vai, vai, vai... Aí conversa, conversa... Aí se abre com a genti... Eu digo... porque uma genti estranha consegue te ajudar melhor du qui uma pessoa do teu lado... i a pessoa vai... vai... ela expõe... tá acontecendo isso, isso, isso...i a genti consegue dar...[...]* (Janete)

*[...] Ah, era de chegar perto dos turistas, a gente se sentia constrangida... É, um tipo de uma vergonha, uma coisa assim, tinha hora que chegava a me subir o sangue, de ficar vermelha, e agora não, agora eu já sinto tranquilidade [...]* (Carla)

*[...] a gente ficava envergonhada assim porque abri a casa da gente pra uma pessoa... No começo eu tinha medo de não sabe cozinhar... de não... A gente era acostumada a lidar só com os bicho, né, daí eu tinha medo de não dar conta[...]* (Luciana)

Apesar das dificuldades, que hoje são outras, diferentes das de quando iniciaram com o turismo, as pretensões são de manter o turismo rural e passar esta nova atividade produtiva para os filhos, permitindo que eles permaneçam no meio rural e preservem a propriedade. A tendência, e isso é justificado pela própria fala da comunidade e dos proprietários, é de que o turismo cresça ainda mais e formate-se dentro de um novo modelo de desenvolvimento, “acompanhando a modernidade”<sup>35</sup>. No entanto, isso gera uma expectativa nos empreendedores, já que o principal produto das pousadas são os modos de vida e a cultura local, e a modernidade poderia estar transformando essas realidades sociais. A chegada do asfalto, o desenvolvimento de novas rotas, a ampliação de linhas de ônibus cortando

<sup>34</sup> Mata-burro é uma ponte de traves espaçadas para vedar o trânsito de animais (FERREIRA, 2004).

<sup>35</sup> Acompanhar a modernidade foi uma expressão usada pelos entrevistados que se refere ao acesso e utilização de bens e serviços urbanos. Refere-se sobretudo às iniciativas tecnológicas, como a internet, a telefonia e utensílios domésticos como o forno elétrico, a máquina de lavar louça, entre outros.

praticamente todo o Estado, a construção de usinas hidrelétricas<sup>36</sup> e o interesse de grandes agências e operadoras de turismo pela região estariam atraindo novos investidores, como observamos em uma das propriedades em que um casal, de um município do Vale do Taquari, estava investindo na compra de terras próximo à cidade e com o projeto de empreendimento na área de hospedagem ou na área de alimentação. Esta preocupação surge no depoimento do entrevistado:

*[...] sabe que no meu pensamento a continuação tem que existir né. O tempo, ansim, a própria profissão, o negócio vai se tornando, vai te levando, ou seja, com a modernidade. Enfim, o acompanhamento, isso tudo me preocupa bastante com a evolução do negócio. Algumas coisas tu sabe que tu vai ter que acompanhar, há outras coisas que tu sabe que pra manter a característica, a identidade do negócio tu não vai ter que ter, tu não vai ter que seguir isso, então eu acho que ansim, tu tem que pensar muito pra ti decidir as coisas, ou vai ser bom ou não vai ser bom [...]* (João)

Os depoimentos demonstram também a preocupação dos proprietários com a preservação da natureza e a cultura local, com o ambiente natural “intocado” e a cultura expressa nas tarefas, na forma de preparar os alimentos, “*di fazer as coisas... o mais natural possível!*” (Janete). No entanto, foram unânimes nos depoimentos dos entrevistados as perspectivas de se viver no meio rural, as dificuldades e as limitações existentes, e a necessidade de enfrentar barreiras para não desistir.

*[...] o qui eu vejo é qui ta cada vez mais difícil do pessoal viver no interior.. Ah... Hoje... qui eu ti digo di fonti segura porque eu fui professora há um tempo atrás: já podia tar aposentada já...(risos) Mas se não fosse o TURISMO... hoje não taria mais aqui! Taria empregada, dando aula provavelmente ... I eu to aqui... porque eu gosto di morar aqui no sítio! I... mas eu vejo assim... qui ta tão... como é qui eu vou dizer... Apesar de gostar di viver aqui, di estar aqui... Di vê as coisas... Di ser prazeroso di estar aqui... O qui eu vejo assim... qui o povo do interior... do sítio... das fazendas... ta cada vez mais... O círculo ta se fechando... Aquela coisa assim... Tu hoje... em termos... Tudo qui tu vai fazer em propriedadi rural tu é barrado! Tu quer fazer um açudi... tu não podi sem ter uma autorização. Se tu faz as coisas tudo certinho... As coisas têm dificultadis... Tu tem qui conseguir liberação pra fazer as coisas... Mas o qui eu vejo assim... qui a impressão qui dá é qui querem ficar com tudo qui é da genti assim... É proibido! Tu não consegue... Até queima di campo... qui antigamenti tu fazia... qui eu sou a favor da queimada... i hoje eu posso ti dizer... eu ti digo porque a genti consegue caminhar com as próprias pernas... Mas a genti vê exemplos assim di pessoas qui tão teimando, teimando, teimando... i cada vez parece qui tão se distanciando mais du do foco qui é!!! Se a genti continuar com esse... eu adoro trabalho qui eu faço! Eu adoro... O Chico também e as crianças também! Se eles vão continuar, não sei! Mas eu quero continuar... Mas, olha! Si continuar assim... não sei por quanto tempo!* (Janete)

---

<sup>36</sup> O governo federal tem uma proposta de construção de hidrelétricas na região. Uma destas hidrelétricas seria feita no rio que corta duas das pousadas pesquisadas, implicando na reorganização da atividade, visto que deixariam de existir dois dos principais atrativos turísticos da região, o Cachoeirão dos Rodrigues e o Desvio dos Rios. O projeto ainda está em estudo.

O desabafo da entrevistada apresentado no depoimento evidencia a situação de dificuldades legais, estruturais, sociais e econômicas que o meio rural vem passando. Hoje, permanecer no meio rural sem ter uma segunda opção de receita, seja ela uma segunda atividade agrícola, uma atividade não agrícola ou algum benefício social, é praticamente impossível. Aliado a isso, estão as grandes empresas que são compradoras de madeira, batata e maçã. A produção destes produtos é consorciada com os proprietários locais. O cultivo, principalmente do *pinus* e da batata, além de serem prejudiciais para o meio ambiente natural, são considerados também um problema social no momento que geram empregos esporádicos, recebendo “forasteiros”, que são as pessoas que vêm de outras cidades do Estado e também de outros Estados, como Paraná, Santa Catarina e São Paulo, permanecendo durante a colheita e quando vão embora deixam, muitas vezes, uma nova família para traz, causando assim uma desigualdade social ainda maior no município. Contudo, a preocupação com a questão ambiental, para as famílias envolvidas com o turismo, tem sido a grande preocupação. Manter a paisagem natural intacta diante das novas formas de uso do meio rural são tidas como um dos principais desafios. Estas famílias vivem do turismo e ele se sustenta nas características ambientais como clima e paisagem natural. Sem isto o turismo se torna impraticável nesta região.

#### 4.2 CARACTERIZAÇÃO DAS PROPRIEDADES PLURIATIVAS PESQUISADAS

A primeira família a ser pesquisada foi a proprietária da Pousada Xaxim (Apêndice E). Esta pousada iniciou suas atividades no ano de 1999, com a infraestrutura da casa antiga. O casal, que morava na cidade, retornou para o meio rural e, por iniciativa da mulher, iniciaram-se as atividades no turismo rural. Os investimentos no começo não foram muitos, apenas com roupa de cama, colchões e louças. A área total da propriedade é de onze hectares, herdados pela dona Carla. A casa é de madeira, arquitetura típica da região, e tem capacidade para doze pessoas. A propriedade oferece também a alternativa do acampamento, onde há uma área reservada com infraestrutura necessária. A pousada é administrada pelo casal, porém, a maior participação é da mulher, que administra e gerencia a atividade. Nesta propriedade não há produção agropecuária. A receita do casal é proveniente do turismo e da aposentadoria do homem.

A segunda família pesquisada foi a proprietária da Pousada das Bromélias (Apêndice F), que iniciou suas atividades em 2002. Administrada também pelo casal, com participação efetiva da mulher no controle dos recursos e das tarefas a serem realizadas. A propriedade foi herdada pelo seu Charles e tem cerca de oitenta hectares. Dona Beatriz, esposa de seu Charles, possui outra área distante da pousada que foi herdada da família dela e é administrada pelo filho, porém, com participação efetiva dela. Na propriedade existem a criação de gado de corte e de leite e a produção de hortifrutigranjeiros. Boa parte dos produtos consumidos na propriedade são produzidos pelo seu Charles e o filho com a ajuda da dona Beatriz. Os produtos beneficiados, como doces, compotas, bolachas, queijo, massas, são na sua totalidade produzidos na propriedade. A pousada tem capacidade de receber vinte hóspedes aproximadamente. A casa, assim como as demais, também é de madeira e passou por pequenas adequações, como construção de banheiros e de uma cozinha auxiliar, onde dona Beatriz prepara os produtos beneficiados, como o queijo, doces, compotas e licores. O galpão foi reformado, o qual anteriormente era utilizado para guardar utensílios e como estrebaria para um galpão onde o turista pode preparar o churrasco ou *bater uma prosa*. Anexo ao galpão foi construída a estrebaria, onde dona Beatriz todas as manhãs faz a ordenha. O casal pensa em ampliar as opções de lazer, reaproveitando espaços e estruturas físicas já existentes na propriedade e não utilizadas, como os galpões.

A terceira família pesquisada é proprietária da Fazenda das Rosas (Apêndice G). Administrada também pelo casal, foi uma das primeiras pousadas a abrir as portas para o turismo em 1997. Contudo, quem é a responsável pelo trabalho no turismo rural é a mulher, dona Janete. Dona Janete é filha única e herdou a propriedade de 480 hectares dos pais. A família pertence à quarta geração. Dona Janete tem um apego muito forte pelo local, e esse foi um dos motivos que a incentivou a investir no turismo, pois não queria deixar a propriedade e o meio rural para viver na cidade. A propriedade tem como atividades produtivas o turismo rural e a pecuária. A casa existente na propriedade passou por algumas reformas para atender o turista, e recentemente sofreu uma ampliação no número de quartos, passando a atender cerca de trinta hóspedes. Nos primeiros anos, quem administrava a atividade turística eram as mulheres da casa, dona Janete e sua mãe (*in memoriam*) com o apoio do esposo, o senhor Alexandre. Com a morte da mãe, dona Janete passou a assumir as atividades turísticas e domésticas sozinha. Logo, o pai também faleceu, exigindo a dedicação exclusiva do senhor Alexandre para o trabalho na pecuária. Essas duas perdas foram sentidas na organização diária do trabalho, visto que todos têm participação nas tarefas, além de fazer com que a família repensasse seu modo de vida e o futuro do turismo. Hoje, o casal pretende continuar

com o turismo, porém, reorganizando a dinâmica de trabalho e a dedicação prestada à atividade.

A quarta família entrevistada é a proprietária da Pousada Girassol (Apêndice H). Esta pousada foi a primeira a iniciar com o turismo no ano de 1992. Seu afastamento das demais e dos atrativos naturais a torna diferenciada. Os cinquenta hectares da propriedade foram herdados pelo senhor Alex, que é quem administra as atividades de turismo rural e de pecuária. A propriedade tem a criação de ovelhas para corte e para produção de pelegos, feitos pelo próprio senhor Alex. A produção é vendida aos turistas e no comércio regional. A Fazenda possui infraestrutura adequada, porém, conforme relato do proprietário, a presença da esposa somente nos finais de semana não possibilita que ele forneça aos turistas a alimentação, principal produto turístico da região. Apenas o café está incluso na diária, sendo que para o almoço e a janta, o turista tem a opção de ir para a cidade, já que esta fica a apenas três quilômetros do local. O senhor Alex é um apaixonado pela cultura e história do município, e uma espécie de “visionário”, como ele próprio afirma. Para ele, o turismo é a alternativa econômica viável para o município, mas que ainda está em fase de gestação.

A quinta família entrevistada é proprietária da pousada dos Cravos (Apêndice I), que foi inaugurada em 2000. A propriedade, que foi herança do patriarca e está na terceira geração, tem aproximadamente 100 hectares. A produção gira em torno do turismo e da pecuária, sendo que o turismo tem uma porcentagem maior nos rendimentos da fazenda. A fazenda é administrada pelo senhor João com o auxílio da mãe, que foi quem teve a ideia de iniciar com atividade turística. A propriedade situa-se a três quilômetros do *Cânion* Monte Negro, o que a torna atrativa a atividade turística. A propriedade passou por vários reparos e investimentos em infraestrutura, e tem uma característica diferenciada das demais, na oferta e apresentação de produtos e serviços, o que do nosso ponto de vista pode tornar-se um produto turístico “criado”. Segundo o Sr. João, esses investimentos são necessários para a apresentação da propriedade e de seus colaboradores, que estão sempre vestidos tipicamente como gaúchos. Algumas propriedades, como esta, estão mais bem preparadas para atender ao turista moderno, que tem maiores exigências de padrões de qualidade de serviços, oferecendo outros serviços, tais como internet e banheira de hidromassagem. Fato interessante é que todas as propriedades visitadas, por mais que sejam parecidas, não são iguais, pois cada uma tem sua especificidade, dentro daquilo que seus administradores entendem como mais adequado às exigências dos turistas atualmente.

A sexta família pesquisada é a proprietária da pousada das Gérberas (Apêndice J). A pousada é a mais próxima do pico e do *cânion* Monte Negro e iniciou suas atividades em

2003. Também foi herdada pelo senhor Marcio, que é o responsável pela pecuária e pela produção agrícola, enquanto que a senhora Fernanda é a responsável pela administração e execução do turismo. A propriedade tem aproximadamente cinquenta hectares. Dona Fernanda, esposa do Sr. Márcio, assim como dona Beatriz, proprietária da Pousada das Bormélias, produz praticamente tudo na propriedade: pães, massas, bolachas, doces, licores. A produção agrícola é destinada ao consumo familiar, ao turismo e também para a manutenção da pecuária. Segundo o casal, poucas culturas agrícolas são resistentes ao frio, o que reflete na quantidade de produtos produzidos. Frutas, principalmente, são poucas; nem mesmo a macieira, típica da região, resiste ao frio. Esses produtos são comprados no mercado local. A pousada foi totalmente construída, pois a “casa velha” era muito pequena e já estava em condições precárias. Hoje, a “casa velha” é o galpão da propriedade que serve como local de armazenamento de utensílios e equipamentos agrícolas. Foram construídas recentemente quatro cabanas na propriedade, para que o turista tenha a opção de hospedar-se em um local mais reservado.

A última família pesquisada é a proprietária da Pousada das Margaridas (Apêndice K), que se localiza na divisa com o Estado de Santa Catarina, e tem oito quilômetros de *Cânions*. Porém, é a que se encontra mais distante da cidade e com acesso precário. A propriedade de 150 hectares foi herdada pelo Sr. Pedro. Além da exploração do turismo, a propriedade explora a pecuária e as duas atividades são desenvolvidas em conjunto. O Sr. Pedro foi quem teve a ideia de iniciar com o turismo em 2002, sendo a esposa, dona Luciana, contrária a abertura. Hoje, Sr. Pedro até fecharia a pousada, porque segundo ele dá muito trabalho para a esposa, e é muito difícil encontrar mão de obra qualificada para trabalhar no turismo rural. No entanto, Dona Luciana resiste em fechar a pousada, pois ela se dedica muito para manter a atividade. A distância em relação à cidade fez com que dona Luciana produzisse a maioria de alimentos consumidos na atividade turística. A casa passou por reformas, mas não foram investimentos significativos. Sr. Pedro tem ideia de investir mais no turismo, tornar essa atividade a principal da propriedade em termos econômicos. Hoje, o turismo, nesta propriedade é gerido pela mulher, que faz a administração, planejamento das atividades e execução.

As famílias agrícolas entrevistadas são na maioria consideradas como grandes produtores em extensão física, e têm na pecuária de corte sua principal base econômica, complementada, em algumas vezes, com a produção de batatas, hortifrutigranjeiros e o queijo, presente em todas as propriedades. As propriedades agrícolas foram herdadas pelos homens e são eles que administram a produção, com a ajuda dos filhos homens. São famílias que estão

no meio rural desde que nasceram e herdaram dos seus pais as terras para constituírem sua própria família e produzirem nelas. As mulheres são as responsáveis pela horta, pelo beneficiamento de produtos como o queijo, pela alimentação e pelos cuidados com a família em geral. A produção do queijo permite as mulheres a geração de receita, constituindo-se como um importante elemento econômico para estas famílias: *é o dinheirinho da semana*. As famílias são compostas, basicamente, pelo casal que já está aposentado ou próximo de aposentar-se, complementando a receita, principalmente para os gastos diários com remédios e alimentação. Em duas propriedades há a presença ainda do filho homem, que permaneceu porque não quis estudar e decidiu cultivar a terra herdada e que futuramente será sua. Fato importante a destacar é a quantidade de receita complementar oriunda de atividade não-agrícola. A maioria das propriedades possui uma terceira receita (a primeira é a pecuária, a segunda o queijo), que deriva de algum tipo de benefício social, como a aposentadoria e o bolsa-família. Os beneficiários de aposentadoria são em maior número homens, enquanto os benefícios sociais são das mulheres, sendo elas as responsáveis pelo gerenciamento desta receita. Assim como nas pousadas, as construções das casas e galpões são em madeira com jardins bem cuidados, muitas vezes contrastando com o verde da plantação de *pinus* ao fundo.

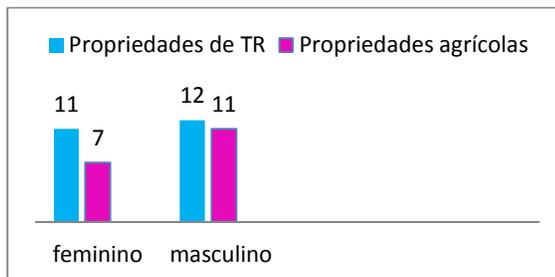
#### 4.3 PERFIL SOCIOECONÔMICO DOS ENTREVISTADOS

Este item tem como objetivo conhecer os entrevistados, empreendedores do turismo rural e agricultores. Buscamos trazer dados sobre nível de escolaridade, idade, sexo, estado civil e organização familiar. O objetivo é traçar o perfil destes indivíduos e discutirmos as características encontradas na perspectiva de gênero.

Em todas as famílias pesquisadas, tanto nas pluriativas quanto nas agrícolas, a organização familiar é baseada no casal heterossexual. O grupo familiar<sup>37</sup> das famílias pluriativas é composto por onze mulheres e doze homens, incluindo nesse cálculo os indivíduos menores de idade. Nas famílias agrícolas, o grupo familiar é composto por sete mulheres e onze homens, conforme apresentado no gráfico 1.

---

<sup>37</sup> O grupo familiar é composto pelos membros dependentes da receita familiar.

**Gráfico 1 - Sexo dos entrevistados**

**Fonte:** pesquisa de campo (2012).

Podemos evidenciar, mesmo que os dados não sejam conclusivos, que nas famílias agrícolas há uma participação menor de mulheres do que nas famílias pluriativas. Isso pode ser justificado, por um lado, pela mudança de atividade e, por outro lado, de permanência na agricultura, já que esta é uma atividade que exige força física, necessitando de maior presença masculina, enquanto o turismo rural é uma atividade de menor penosidade e está relacionado com as atividades domésticas, exigindo assim, maior envolvimento das mulheres. Essa diferenciação dá-se a partir dos mais jovens, pois alguns deles ainda dependem da receita familiar, mesmo que não estejam diariamente na propriedade (em função dos estudos), mas que são contabilizados como ajuda nos finais de semana. Brumer (2004) explica o processo migratório a partir de fatores como a divisão sexual do trabalho, da invisibilidade do trabalho feminino, pelas tradições culturais que privilegiam o trabalho agrícola como masculino, pelas oportunidades de trabalho não agrícolas (trabalho parcial e integral) e pela herança da terra. Estes fatores, tradicionalmente, excluem a mulher. Essa realidade também foi identificada por Nogueira (2004) em seu estudo afirma que as meninas não trabalham e não querem trabalhar na agricultura. A pesquisa demonstrou que as meninas estão mais propensas que os meninos a continuarem seus estudos depois do ensino médio, e que os cursos procurados por elas não têm relação com a atividade agrícola. Assim, na região estudada por Nogueira, os meninos estão mais propensos a continuarem na atividade agrícola, mesmo que hoje existam outras oportunidades de trabalho não-agrícola.

Para Spanevello, De Azevedo e Matte (2010), a busca por independência financeira; o fato de não gostar da agricultura e do meio rural e a preferência em não casar com agricultores; a falta de reconhecimento do seu trabalho; as poucas opções de lazer no meio rural; a receita familiar baixa; e a penosidade do trabalho agrícola são fatores que podem explicar a migração feminina do campo para a cidade. Atrelada a isso, está a falta de políticas públicas geradoras de emprego e receita que motivem a permanência dos jovens no meio

rural; pouca oportunidades de emprego para a mulher e reconhecimento desta pela família são alguns dos fatores que influenciam na permanência dos jovens no meio rural, sobretudo das mulheres (SPANVELLO; AZEVEDO; MATTE, 2010).

Referente à idade, os dados mostram que as mulheres das famílias agrícolas, na sua maioria, encontram-se abaixo dos quarenta anos. Nas famílias pluriativas, há uma participação maior de mulheres em faixa etária menor, resultado da participação das filhas. Contudo, as esposas estão no grupo que apresenta idade acima dos quarenta anos. Quanto aos homens, esse dado equipara-se, tanto para as famílias pluriativas, quanto para as agrícolas. Isso nos faz refletir se a opção de buscar novas atividades, não agrícolas, está relacionada à idade economicamente ativa de homens e mulheres. Cabe uma análise mais profunda sobre essa questão. Os dados ainda apontam para um maior número de jovens em idade de estudo (ensino médio ou superior) e solteiros nas pluriativas. Esse fato poderia nos trazer explicações sobre a abertura que as famílias tiveram para inserirem-se no turismo, já que estes jovens possuem outras experiências e um contato maior com a cidade e com a modernidade<sup>38</sup>. As famílias agrícolas são constituídas por casais mais jovens e que ainda não possuem filhos.

**Tabela 1 - Faixa etária e sexo dos entrevistados**

Faixa etária	FEMININO*		MASCULINO*	
	Pluriativas	Propriedades agrícolas	Pluriativas	Propriedades agrícolas
<b>0-20</b>	3	1	2	2
<b>21-39</b>	3	3	5	5
<b>40-59</b>	5	-	4	2
<b>60-70</b>	-	2	1	2
<b>Total</b>	<b>11</b>	<b>6</b>	<b>12</b>	<b>11</b>

Fonte: Elaboração própria

Notas: (-) dado inexistente. \* Estão inclusas as crianças

As famílias pluriativas pesquisadas são constituídas pelo casal e, em seis delas, pelo casal e pelos filhos. A média de número de filhos é de dois por família. Os filhos que ainda residem na propriedade permanentemente são menores de idade, porém, há ainda aqueles que dependem da receita familiar, mas que se encontram em outro município para estudar. Os que já não se encontram mais com a família são os casados e também os que estão trabalhando em outro município. Estes não dependem da receita familiar. Os filhos menores constituem parte da mão de obra familiar, utilizada tanto no turismo quanto na pecuária. Essa característica é percebida na maioria das famílias rurais que utilizam a mão de obra familiar para sua sobrevivência. Os filhos menores geralmente participam, fora do seu horário de estudo, tanto das atividades produtivas quanto das reprodutivas, ambas como “ajuda”. Nas famílias que

<sup>38</sup> Não se pretende aqui fazer juízo de valor de quem é mais ou menos moderno.

investiram no turismo rural, esse fato não é diferente. Os filhos que não estão mais residindo na propriedade possuem curso superior completo ou em andamento. Isso pode nos remeter ao entendimento de que, quanto maior o nível de escolaridade, menor a chance destes permanecerem nestas propriedades, corroborando, novamente, os achados de Nogueira (2004). A autora identificou que há um grande número de meninas que querem concluir os estudos e fazer curso superior que não esteja relacionado com o meio rural. Elas procuram cursos que as identifiquem com o meio urbano, como psicologia e contabilidade, por exemplo. Isso demonstra que os jovens e as jovens, principalmente, estão procurando novas alternativas além da agricultura e da pecuária e estão deixando o meio rural cada vez mais cedo, pois este não possui atrativos para mantê-los. Essa é uma preocupação presente nas famílias pluriativas e não identificada nas famílias agrícolas. Por isso, o investimento no turismo rural se justifica, exatamente, pela tentativa de possibilitar a permanência dos filhos nas propriedades, e isso foi demonstrado nos depoimentos de todas as famílias que possuem filhos jovens.

Atrelado à idade está o nível de escolaridade. Nas famílias pluriativas, a maioria das mulheres possuem nível de escolaridade mais elevado que o das mulheres das famílias agrícolas, sendo que uma delas tem ensino técnico em magistério e outra está cursando ensino superior em nutrição. Esta não era residente do município, inseriu-se na família depois de graduada, pelo casamento, e depois de ter iniciado o turismo na propriedade. Das entrevistadas nas famílias pluriativas, com idade na faixa dos vinte aos quarenta e nove anos, apenas uma mulher não possui o ensino fundamental completo. O restante dos entrevistados estudou até completar o ensino fundamental, conforme apresentado na tabela 2. Os homens das famílias agrícolas apresentam nível de escolaridade inferior ao das mulheres, sendo em número menor a continuidade dos estudos após completarem o ensino fundamental.

**Tabela 2 - Escolaridade em relação ao sexo**

FAIXA DE ESCOLARIDADE	PLURIATIVAS		AGRÍCOLAS	
	Feminino	Masculino	Feminino	Masculino
Ensino fundamental incompleto	2	1	3	7
Ensino fundamental completo	1	5	1	1
Ensino médio incompleto	1	1	1	2
Ensino médio completo	3	1	2	
Ensino técnico	-	-	-	1
Ensino superior incompleto	1	1	-	-
Ensino superior completo	1	1	-	-
<b>Total</b>	<b>9</b>	<b>10</b>	<b>7</b>	<b>11</b>

**Fonte:** Pesquisa de campo

**Nota:** (-) dado inexistente

Nas famílias agrícolas, as mulheres não prosseguiram os estudos para o ensino superior. A maioria das mulheres com nível de escolaridade inferior ao ensino médio completo apresenta-se na faixa etária dos 40 aos 59 anos, fato que nas famílias pluriativas não é observado. Nas famílias pluriativas, há variabilidade de idade e escolaridade, não sendo possível esta divisão. Os homens das famílias agrícolas, em sua maioria, não concluíram o ensino fundamental, como apresentado na tabela 2 apresentando, assim, a baixa escolaridade dos homens rurais. Apenas um homem, jovem, concluiu o ensino médio e cursou nível técnico, este relacionado à atividade agrícola.

Contudo, os dados revelam que não há uma diferenciação importante entre número de homens e de mulheres nas famílias pesquisadas. As diferenças mais significativas estão na relação entre sexo, faixa etária e escolaridade. A menor escolaridade encontra-se em famílias agrícolas no grupo dos homens com maior idade. A maior escolaridade está entre membros das famílias pluriativas, indiferente do sexo, porém, em indivíduos mais jovens. Esse dado pode apresentar duas interpretações, diferentes e contraditórias: primeiro, que indivíduos que têm maior nível de escolaridade são mais propensos a investirem em atividades não agrícolas, visto que as famílias exclusivamente agrícolas possuem menor nível de escolaridade que as pluriativas; segundo, que indivíduos com maior nível de escolaridade e menor idade estão propensos a deixarem o meio rural e investirem em atividades no meio urbano, resultado da inserção escolar. Contudo, é preciso investigar mais para que se possa afirmar uma ou outra constatação. Outro fator a ser destacado diz respeito ao nível de escolaridade das mulheres. As mulheres estão mais propensas a concluírem o ensino médio, da mesma forma que os homens estão mais propensos a concluírem os níveis iniciais ou o ensino fundamental, tanto nas famílias pluriativas quanto nas agrícolas. Isso pode também ser evidenciado pelos dados da PNAD (2009), anexo A, que evidenciam que as mulheres são mais propensas, como já vimos, a continuarem os estudos, até mesmo fora da propriedade rural, e isso reflete também nos dados do Anexo B, onde são apresentadas as taxas de analfabetismo, demonstrando que os homens possuem uma taxa maior de analfabetismo, e que tanto para homens como mulheres na faixa etária dos cinquenta anos ou mais, a taxa de analfabetismo é maior se comparada com os dados do meio urbano.

Outro fator que se destaca aqui é a receita familiar antes e depois do turismo. Antes do turismo, as famílias tinham receita entre um e quatro salários mínimos. Com o turismo, essa receita cresceu para quase duzentos por cento. Contudo, essa receita não é contabilizada individualmente, e sim, pela família. A mulher, na maioria das propriedades, não obtinha

receita do seu trabalho, apenas em duas famílias<sup>39</sup>, que era trabalho não-agrícola e realizado fora da propriedade rural.

Com relação à função de cada membro do grupo familiar e à receita obtida através dele, os dados da PNAD (2009) confirmam a proximidade das mulheres com as atividades domésticas e outras relacionadas com as habilidades femininas, como as relacionadas com a saúde, educação e assistência social. Porém, há que se destacar que elas são maioria, por exemplo, no alojamento e alimentação, quando o rendimento auferido por estas não ultrapassa dois salários mínimos. Quando os rendimentos são maiores, ocorre envolvimento maior dos homens na atividade, que tipicamente (ou enquanto ela não trazer rendimentos significativos) é feminina. Estes dados traduzem as diferenças de gênero a partir do rendimento. As outras atividades (educação, saúde e serviços sociais e serviços domésticos) permanecem sob a responsabilidade das mulheres, mesmo estas recebendo valores maiores para a sua realização. Os homens têm o domínio sobre atividades dos setores da agricultura, indústria, administração pública, etc. Contudo, cabe destacar aqui que as mulheres envolvem-se mais nestas atividades quando os rendimentos gerados por elas são inferiores a dois salários mínimos. Esse fenômeno pode ter relação com as oportunidades de emprego e o nível de escolaridade. Dados apresentados no anexo C, referentes aos dados da PNAD (2009), apresentam a relação entre escolaridade e rendimento, em que quanto maior o nível de escolaridade maior serão seus rendimentos, especialmente para os homens. Para as mulheres, a diferença desse dado não é significativa.

Os dados empíricos e secundários apresentados aqui permitem evidenciar a realidade rural em que vivem essas famílias. A educação é um dos principais recursos para o acesso a maiores níveis de empoderamento, no entanto, fica claro que seus níveis ainda são muito baixos. Os dados apresentaram também a proximidade da educação com novas possibilidades produtivas. Quanto maior o acesso à escolaridade, maiores são as chances do desenvolvimento de atividades não agrícolas e de êxodo rural, sobretudo das mulheres. Além disso, as disparidades entre gêneros no meio rural ainda persistem e suas bases estão, principalmente, na relação entre rendimento e profissionalização, confirmando assim que a receita e a educação são ativos de extrema necessidade para o empoderamento, tanto de homens como de mulheres rurais, corroborando as evidências das autoras Deere e León (2002) de que a educação é um recurso importante para o empoderamento feminino.

Contudo, um dos principais achados é que as famílias que estão investindo no

---

<sup>39</sup> Uma das mulheres das famílias pluriativas era professora no meio rural, e outra era atendente em farmácia na cidade. Esta última voltou para o meio rural quando do falecimento dos pais.

turismo rural são aquelas que, na sua maioria, não possuem filhos em idade escolar, que possuem maiores níveis de escolaridade e idade mais elevada, o que nos levaria a acreditar que o desenvolvimento de uma nova atividade produtiva, especialmente não-agrícola, poderia estar relacionada a fatores como faixa etária e escolaridade. Outro fator que deve ser levado em consideração é a organização do trabalho familiar, a disponibilidade de mão de obra interna nas famílias e as tarefas a serem realizadas. Os resultados apresentados até aqui não esgotam nossa análise, deixam um indicativo para novas pesquisas. É nesse sentido que trataremos, no item a seguir, as relações de trabalho sob a perspectiva de gênero, bem como as mudanças ocorridas na organização do trabalho familiar, onde novas atividades estão sendo inseridas dentro de uma divisão sexual do trabalho tradicional.

#### 4.4 MUDANÇAS E PERMANÊNCIAS NA FAMÍLIA

O entendimento sobre as transformações ocorridas na família com a introdução do turismo rural são relevantes para nosso estudo, visto que aqui trataremos de pontos específicos, para homens e mulheres. Dividiremos nossa análise por sexo. Cabe destacar que uma das mulheres está na propriedade há poucos meses e, por isso, ela não foi considerada na análise.

Para as mulheres, o que mudou depois do turismo foram, sobretudo, questões relacionadas ao contato com o público externo, este resultando em acesso à informação e na capacidade de estabelecer relações sociais.

*[...] Ah, melhorou né... porque... antes a genti não tinha muito assim...omé que se diz... assim, tu mal escutava rádio né, até porque antes a gente também , antes pouco, antes que veio a luz, daí era mais só rádio mesmo, nem tinha televisão, e agora tu conversa os assuntos di outros lugar até com turista tudo né... hoje tu vai [...]* (Luciana)

*[...]Sim, em todos os sentidos, a gente sempre busca tá informada em tudo... Sim, porque no início eu não falava, tu fica inibido, porque tu tá por fora, tu fica inibido, só escuta, hoje não... Hoje eu opino, eu não aceito a opinião do outro, ali... Sabe... Então hoje tá bem diferente... Hoje tu vive com todo tipo de pessoa, né[...]* (Beatriz)

*[...]Internet eu não sabia nem mexer, eu chegava perto do computador quando nós compramos, me dava uma tremura perto dele, e eu tinha vergonha de aprender, veio um rapaz pra cá e era cliente e ele tentou de me ensinar eu tremia, eu suava frio com medo de errar alguma coisa. Agora ta tranquilo[...]* (Fernanda)

*[...]Ah... melhorou! Como eu ti disse... hoje...no início a genti não tinha energia elétrica... Hoje a genti tem! Antes a genti não tinha acesso ao telefone... Hoje se tem! Não se tinha acesso a internet... Hoje a genti tem! Ah... Tudo era com mais dificultadi... I hoje se tem... tu liga uma televisão... tu já vê o que tá acontecendo no mundo! Tu acessa um computador... tu sabe o qui tá acontecendo em um minuto*

*atrás... Dependendo das coisas qui sai né? Antes não! Só o radio... i... sabia aquela coisa assim...lá longe! Parecia qui tudo ficava tão longe... Hoje isso aproximou as pessoas né? Qui é a globalização... e com isso a gente teve uma mudança di conversa, di informação qui chega, tem uma visão maior, né, das coisas.[...] (Janete)*

Este último depoimento demonstra a mudança radical pela qual essas propriedades passaram para se inserir no turismo. A região, antes do turismo rural, era desprovida de meios de comunicação e energia elétrica, fundamentais para o desenvolvimento desta atividade. Além de beneficiarem a atividade como um todo, provocaram uma mudança na vida doméstica destas mulheres e das que não trabalham diretamente no turismo, influenciando no trabalho realizado por elas em relação ao tempo e o espaço. Hoje, com os equipamentos e utensílios eletro-eletrônicos, como a máquina de lavar roupa e o forno elétrico, por exemplo, elas dispõem esforço físico e tempo bem menor para realizar tarefas simples como fazer um “bolinho de coalhada”.

Atrelado a isso está o maior acesso a novos conhecimentos:

*[...] eu acho qui eu já ti falei quase tudo assim... tudo aquilo dentro... qui eu vejo assim... qui mudou... foi conhecimento! Ahn... aquela coisa di tu poder... o Turismo trouxe coisas qui se a genti não tivesse, a genti nunca ia se dar... Mas hoje tu não consegue visualizar, eu por exemplo não consigo visualizar minha vida... Sem tá com esse da casa... tu tira férias... assim... tu já fica naquela apreensão... Parece que tá faltando alguma coisa... Por mais cansada que tu teje... tu ta assim... com aquele pique... qui tu tá com vontade di conversar... dá vontade di conhecer pessoas... tá com vontade di continuar o trabalho da genti... Então eu acho que isso, só o TURISMO... mas só quem vive o TURISMO... pra poder... pra ter essa falta! Se não tu não consegue perceber... qui ta faltando alguma coisa... Esse conhecimento que as pessoas trazem... essa facilidade di viver... qui nem eu digo assim: hoje tu vive com facilidade... hoje tu tá vivendo... na mesma estrutura... qui tu tinha nas mesmas, bem dizer... nas condições assim... qui tu si projetou pra viver... mas qui tu consegue... como é qui eu vou ti dizer assim?Ahn... ai, ter prazer naquilo qui tu faz! Sabe?...I isso eu acho qui tu faz... lugar nenhum no mundo... tu ia ter... todos trabalham no turismo! Então isso faz com qui aumenti esse vínculo[...]* (Janete)

Este conhecimento é adquirido pelo acesso a novos meios de comunicação como a internet e a TV a cabo, presente na maioria das pousadas. Além disso, o contato com o turista, que possui receita e qualificação profissional, tem permitido, como relata uma das entrevistadas, *conhecer o mundo sem sair de casa*. Tal conhecimento possibilitou, sobretudo para as mulheres, o reconhecimento social pela comunidade local, especialmente no que se refere ao seu trabalho. Isso é um dos pontos positivos que foi destacado nas entrevistas e reflete na sua autoestima enquanto mulher e trabalhadora do turismo rural, e também evidenciado nos trabalhos de Rivera (2000) e Nogueira (2004). As entrevistas evidenciam esse achado:

*[...] sim, melhorou porque... Olha, sei lá... Mas hoje eu sinto que melhorou, não sei se pelo fato da gente trabalhar com outras pessoas, as pessoas enxergam a gente com outros olhos.(Beatriz)*

*[...] antes a gente não tinha um vínculo, como é que eu vou te dizer assim, com o pessoal da comunidade, hoje a gente tem, na sociedade a gente é bem visto né, isso mudou... Hoje a gente tem mais, tem mais liberdade né... Isso, tu vai aprendendo a a falar também, a gente era meio xucro, hoje tu sabe falar... tu conversa mais [...]  
(Fernanda)*

*[...] eu acho qui em função do trabalho qui a genti desenvolve qui até houve. Mas... a genti sempre foi muito envolvido... Mais... eu acho qui di uma certa forma sim! Qui eles olham com outros olhos pra genti... não! Em vez de sim, ah, o produtor, o empreendedor... Sabe? aquela coisa assim... qui eles olham... porque eles veem a parti boa da... qui é o rendimento... o qui diretamenti a genti faz... O qui indiretamenti a genti tem... Qui a genti não podi esconder dos outros... o qui eles veem: “oh... o fulano ta assim!” “O “Sicrano” tem isso...” “O “Sicrano” comprou aquilo!” Então isso... comprou... ah, porque tão ganhando rios di dinheiro... então... eles não veem qui a genti paga um monti di coisa... alimentação qui a genti faz... O trabalho qui a genti desenvolve... Aqui qui é... são horas i horas di trabalho... Eles só veem a parti... É o qui nem o que eu digo! É o teatro... só a parti boa né?[...](Janete)*

Além disso, foram citadas por elas mudanças relacionadas com a questão do aumento da autoestima, destacado pela maioria das mulheres entrevistadas, e que está diretamente relacionado com a valorização do trabalho doméstico realizado por elas e que hoje é remunerado. Isto é, a autoestima tem relação direta com a dimensão econômica dos indivíduos e da família, porque o que tem valor gera recurso financeiro, e se gera recurso financeiro, é valorizado socialmente e internamente, na família e pelo indivíduo.

*[...] aumentou em todos os sentidos... Ah, porque hoje tu te sente mais valorizado por causa do trabalho [...]  
(Beatriz)*

*[...] Ah me valorizo... Ah, porque eu tô sendo mais útil, tô servindo ao público, quem precisa de mim [...]  
(Carla)*

*[...] Eu me sinto mais corajosa di fala em público... Antes a gente não era acostumada a falar[...]  
(Luciana)*

*[...] fez, que nem quando o cliente retorna eu fico muito, muito feliz, ou quando eu sei que eu tô conseguindo agradar eu gosto, eu me sinto com mais vontade de trabalhar... Se o cliente retorna é porque tá bom, porque senão ele não retorna [...]  
(Fernanda)*

Foram citados também como principais pontos de mudança o aumento das tarefas domésticas e a qualificação profissional adquirida com o turismo através de cursos de capacitação. Outros pontos destacados, porém, com menor expressividade, foram mudanças nas relações com as instituições locais, na tomada de decisão do uso dos recursos da receita

familiar e na capacidade de negociação (Tabela 3). Esse fenômeno pode ser resultado do baixo envolvimento que elas tinham com estes aspectos antes do turismo. Além desses pontos, pouco foi citado pelas mulheres sobre as relações conjugais, na alimentação e na saúde, fato diverso do que foi exposto pelos homens.

**Tabela 3 - O que mudou com o turismo rural para homens e mulheres**

<b>O que mudou</b>	<b>Homens*</b>	<b>Mulheres</b>
Acesso à informação	7	5
Comunicação com os membros da família	4	3
Relação com instituições locais	5	4
Relações conjugais – valorização por parte do companheiro	4	1
Tomada de decisões no uso dos recursos	6	4
Aumento da autoestima	6	5
Na alimentação	5	2
Na saúde	7	1
Formação e capacitação	6	5
Nas tarefas domésticas	6	5
Participação com diversos grupos e capacidade de estabelecer redes de apoio	6	5
Liberdade social	3	4
Independência econômica	6	5
Aquisição de bens móveis e imóveis	6	5

**Fonte:** pesquisa de campo.

**Nota:** \* responderam estas questões 7 homens e 5 mulheres, devido ao fato de que duas das mulheres ingressaram na família depois da implantação do turismo rural.

Quanto aos resultados dos informantes homens, podemos observar que eles têm visão mais positiva que as mulheres sobre as mudanças ocorridas com o turismo rural, fato que pode ser explicado por terem sido eles que tiveram que passar por mudanças maiores e, portanto, mais perceptíveis. Outro fato pode estar ligado ao tipo de atividade, que está diretamente relacionada com as tarefas domésticas, e pode caracterizar uma permanência. Para os homens, assim como para as mulheres, as principais mudanças ocorreram em relação ao acesso à informação e conseqüentemente ao maior nível de conhecimento.

*[...] através da pousada o mundo se abriu mais pra mim, a minha visão também mudou. Mudou, tu analisa bem a vida que eu aqui, meu mundo era aqui só eu, meus filho e a minha mulher e deu né. Não tinha mais... e as vez só via barulho de avião né passando por cima aqui né? Porque quando se não tinha meu pai que vinha aqui lidá com a gente era pouca gente alguém que vinha passeia, visita né daí hoje eu recebo gente tu vê eu recebo gente ali da... lá da... da Holanda... Mudou bastante, então tu tem a visão diferente do mundo hoje, né, já vê a coisa bem diferente né? Na pecuária, por exemplo, a gente tá comprando gado puro porque a gente tem outra visão é de como é o mundo lá fora que antes a gente não tinha... Hoje tu tem que ter qualidade e não quantidade, tu aprende muito sobre isso melhoramento do gado, melhoramento da lavoura pra pastagem do gado então hoje tu tem uma visão mais.... Desde os cavalo, minha tropilha que eu tinha eu troquei tudo, já tô melhorando os cavalo pra tu faze uma cavalgada mais um cavalo mais melhor pro turista pra oferecer pro turista isso aí, tudo influenciou né, me ajudo muito né... E cada turista que vem deixa um ensinamento pra ti né... Assim a informação... Mais acesso que hoje, tu tem telefone em casa, hoje tu, tu o turista mesmo que vem de*

*longe, ele te traz muita informação, né, te ensina muita coisa, né, te passa muita coisa que tu nem sabia que existia, né... Hoje tu aprende com ele também... E ele aprende com a gente também, né, então é aquela troca [...]* (Pedro)

Assim como as mulheres, os homens também destacaram o reconhecimento social que o turismo rural trouxe:

*[...] em si aqui em São Jose dos Ausentes, é, eu acho que assim que é um lugar assim que eles, eles valorizam pouco a sociedade em si, de São Jose dos Ausentes, como dono de uma propriedade é muito pouco valorizado... É porque tu divulga o município, porque o cliente vem e não gasta só contigo ele gasta na farmácia, ele gasta no posto de gasolina, ele gasta numa lancheria, ele vai numa loja de roupa compra uma bombacha, ele compra um par de bota, ele sempre tá, né, i eu acho que o comércio em si de São Jose dos Ausentes e tudo eles não têm esse reconhecimento com nós, né? Né porque nós semo maior divulgadores de São Jose dos Ausentes é nós, porque tem a batatinha tá, tá certo que tá produzindo bem mais, não é a batatinha de São Jose dos Ausentes que tá divulgando, é o turismo em si que nós todos, nós temo na internet, nós temo divulgando, nós temo mostrando nossas belezas naturais sem agredi a natureza, né, nós temo então, eles acham assim que é só o lado financeiro que nós queremos preservar por causa que tá tirando lucro pra nós. Não é só isso que o dono das pousadas tem essa visão, eles querem preservar o campo nativo, as matas de araucária, eles querem pra geração futura vim i pode conhecer e desfrutar dessa beleza. E eles não acham que nós é só o lado do... então a gente não recebe um cliente dize aqui que vem aqui que um cliente de São Jose dos Ausentes venha passar uma noite aqui na minha pousada e me dá o prazer de uma visita e vê que tenho de belo pra mostra pra ele. Então isso aí nós semo zero não temo essa valorização [...]* (Pedro)

*[...] é, mexeu que eu falei com a parte que eu trabalho, com história né, mexeu nessa parte cultural, e também na forma do lixo, mais consciência na destinação do lixo... Isso, ao meio ambiente ele mexe muito, faz tu valorizar mais, a respeitar mais [...]* (Alex)

*[...] melhorou muito... eu te dou exemplo assim de pessoas que a gente ficou amigo aqui através do turismo e que mais na frente a gente foi precisar dessas pessoas, até por gente doente na família, e a gente foi muito bem atendido por essas pessoas na hora da necessidade mesmo [...]* (Alexandre)

Além disso, foram destacados como principais mudanças o acesso e uso dos recursos financeiros, sendo considerado, tanto pelos homens como pelas mulheres, o acesso a bens móveis e imóveis a “grande mudança”, como demonstram os relatos a seguir:

*[...] mais porque, eu acho ansim, queira ou não queira, aumentou mais o fluxo de entrada no caixa, acho que isso tu acaba se envolvendo mais porque tu acaba tendo mais decisões sobre isso, ou seja, tu tem que saber comprar, mas tu tem que saber vender também o produto, eu acho que isto tu tem que aprender pensar mais, porque a questão do dinheiro te ajuda mas também te estressa pensar mais né... Se tu tem dinheiro demais não adianta tu fazer bobagem porque daqui a pouco tu não vai ter, mais e se tu tem pouco também tu tem que saber negociar para que aquele pouco possa poder render também, então isso mudou, essa visão [...]* (João)

*[...] mas olha! Melhorou... um pouco né? Não... Eu tinha um gol velho, agora eu tenho uma S-10 nova né? Pagava pra lavar...agora eu tenho um trator novo*

*também, né? [...] (Marcio)*

*[...] mudou, mudou muito, né, o turismo ajudou muito porque a gente comprou muita coisa que não tinha, né. Compramos muita coisa ah, ah que foi o turismo que deu. Melhoramos muita coisa através do turismo né. Máquina de lavar roupa que nós não tinha, televisão, o freezer nós compramos, mais micro-ondas, essas coisas assim, foi tudo né que nós melhoramos, né, e que nós não tinha e a gente melhorou, né... Fosse só da pecuária não dá, a gente não, não não poderia... A gente tem uma visão melhor no que gasta e o que fazer, né, porque até agora eu tô buscando sempre melhorar, né? [...] (Pedro)*

Seguidos destes depoimentos, foram citados também o aumento da autoestima, formação e capacitação, participação em grupos e maior capacidade de estabelecer redes de apoio, bem como as mudanças na alimentação e nas atividades domésticas.

*[...] dentro de casa, as atividades é hoje coisa que eu não tinha feito, eu fazia pra mulher com um pano de lustrar, eu lustrava a casa pra ela, hoje e passo a enceradeira, né, eu limpo as mesas, eu ajudo ela... Não fazia isso antes, a enxuga a louça, né, era difícil a gente enxugar pra ela porque daí era só a família né, hoje eu enxugo louça e ajudo a servi a mesa, eu asso churrasco pro turista, então vai mudando a coisa né... Aí ela tá precisando de alguma coisa, aí eu tô ajudando ali ela, né [...] (Pedro)*

*[...] de maior conhecimento, não diria tanto a qualidade, eu sempre faço lazer e viajo, e fico observando, pra sentir de que forma eu estou trabalhando, se eu tô muito distante da realidade, o meu interesse mais de viajar é me pôr como cliente, mas ao mesmo tempo como é que eu taria lá fora atendendo [...] (Alex)*

*[...] mudou na diversificação dos alimentos [...] (Alexandre)*

*[...] na alimentação melhorou né... Ela se profissionalizou... mudou pra melhor... a gente tem uma vida melhor, uma qualidade de vida bem melhor [...] (Charles)*

Os homens, em maior número que as mulheres, consideraram que houveram mudanças nas relações conjugais. Isso pode estar relacionado com o aumento do acesso à informação por parte das mulheres, pois eles consideraram que elas passaram a ser mais comunicativas depois do turismo. Em menor número destacaram que houve mudanças nas relações com os membros da família e na liberdade social.

O que podemos identificar a partir dos dados é que para eles há uma mudança maior do que nós pesquisadores podemos ver e avaliar. As mudanças estão relacionadas ao acesso a alguma coisa ou a algo, seja um recurso econômico ou social. As permanências estão relacionadas, sobretudo, às relações familiares, seja com o cônjuge ou com os filhos. Para nós, como pesquisadores, as permanências são de ordem estrutural, de estrutura social, onde as bases ainda permanecem no patriarcado, como diria Saffioti (2009) e Nogueira (2004). Nas seções seguintes, pontuaremos algumas mudanças, sobretudo as relacionadas à organização do trabalho e à participação nas decisões dentro do grupo familiar.

#### 4.5 O TRABALHO DE HOMENS E MULHERES NO TURISMO RURAL EM SÃO JOSÉ DOS AUSENTES

O turismo nas famílias pesquisadas emerge a partir das dificuldades econômicas encontradas por essas famílias, e seu principal resultado é a reorganização do trabalho familiar. Porém, essa reorganização ainda está baseada dentro de uma estrutura de divisão sexual do trabalho que segue a estrutura tradicional, que tem como base o patriarcado. Esta estrutura segue os princípios de separação e hierarquização discutidas por Hirata e Kergoat (2007). O primeiro aspecto está relacionado ao sistema sexo/gênero, às atividades que são de homens e que são de mulheres, e o segundo aspecto diz respeito ao valor destas atividades. Uma das inquietações desta tese é entender como se constroem essas relações e que mudanças estão ocorrendo neste ambiente após o turismo. Tal discussão se faz importante no momento em que “novas atividades” são inseridas e que “antigas” são excluídas e/ou modificadas. Como veremos, ocupações tradicionais, que passaram de geração para geração e que tinham importância econômica para a família, como a produção do queijo, são algumas vezes substituídas por outras, mais rentáveis e que desprendem menos esforço físico. Porém, há que se destacar que a atividade “principal” das propriedades, a pecuária, não foi substituída pelo turismo, pelo contrário, ela foi reforçada no momento em que recursos e conhecimentos<sup>40</sup> adquiridos no desenvolvimento da atividade turística são aplicados na pecuária. É unânime nas famílias pluriativas pesquisadas a importância que tem a atividade pecuária para o turismo e vice-versa, gerando assim uma complementação de receita e não uma dependência entre uma atividade e outra. Nenhuma das famílias sobrevive com recursos apenas de uma das atividades. E isso é salutar para os agricultores, pois eles mesmos procuraram no turismo rural uma complementação da receita e não uma atividade produtiva única e exclusiva. Assim, a pecuária não foi substituída, ela passou por reestruturação com a implementação do turismo rural, fato devido, principalmente a mão de obra familiar.

O turismo é uma atividade que exige dos proprietários dedicação diária, especialmente nos períodos de alta temporada. A região é considerada como turística o ano todo. No entanto, há períodos, como as férias e feriados prolongados, em que há maior fluxo de turistas. São nesses períodos em que há maiores oportunidades de trabalho temporário ou ocasionais. O trabalho no turismo rural provém basicamente do grupo doméstico, entendido como um sistema econômico e social baseado no convívio comum, na mesma residência. Além desse

---

<sup>40</sup> Estes conhecimentos se referem ao contato com pessoas de diferentes áreas, sejam elas hóspedes ou que trabalham em instituições envolvidas com o turismo, ou com a Prefeitura Municipal.

grupo, ainda podemos citar o grupo familiar, que compreende demais membros da família com algum tipo de parentesco (cunhada, prima, sobrinha), mas que não residem na pousada, e o grupo dos vizinhos, amigos, compadres, que são aqueles que moram nas proximidades da pousada, podendo ou não ter vínculo familiar. Abordaremos nesta seção a organização do trabalho e como as estruturas de divisão sexual do trabalho são constituídas no turismo, na agropecuária e no trabalho doméstico.

#### **4.5.1 A divisão sexual do trabalho no turismo rural: “coisa de mulher e coisa de homem”**

As bases teóricas apresentadas até aqui apontam para a permanência da tradicional divisão sexual do trabalho nas áreas rurais, mesmo que esta se apresente reestruturada a partir da inserção do trabalho em atividades não agrícolas. A divisão do trabalho apresenta-se disposta a partir do sistema sexo/gênero, onde a pecuária “é coisa do homem” e o turismo “é coisa de mulher”. “Coisa de homem e coisa de mulher” são conceitos relacionados e justificados por eles pela força física dispendida para sua realização e o local onde este é realizado. O campo é o espaço do homem, logo, ele é o responsável pela pecuária. A casa é o espaço da mulher, logo, ela é a responsável pelo turismo e por tudo aquilo que esteja relacionado a esta atividade. Isso fica evidente nos depoimentos:

*[...] na casa, assim... sempre eu qui comandei né? Na pecuária é ele né (Luciana)*

*[...] a genti se dividiu... em função das... das... por fato de eu sempre estar aqui dentro, atendimento com telefone... de eu ter mais disponibilidadi de sair... pra... pra fazer os cursos... pra ir nas reuniões. Então, automaticamente foi recaindo sobre mim o turismo... Agora, falando em... na pecuária, sim... o homem tem mais... conhecimento das coisas, né[...]* (Janete)

Atrelada ao campo, a terra dá o sustento da casa e a identidade profissional de agricultor (homem). Essa identidade foi construída historicamente e é através dela que tanto homens quanto mulheres identificam-se como membros de uma sociedade e como profissionais. Às mulheres, essa identidade é repassada por ser ‘mulher de agricultor’ e por fazer parte da cultura ‘camponesa’, como apresenta Carneiro (1998). Com o turismo rural, essa identidade passa por ressignificações, contudo, ela não é substituída por uma nova, mesmo que agora ela se reconheça como empresária do turismo rural. Como empresária, ela reforça sua identidade como agricultora, talvez pelo fato do turismo exigir isso, que acaba por se constituir parte do produto turístico. Se antes do turismo elas eram donas de casa e agricultoras, hoje elas são donas de casa, agricultoras/pecuaristas e empresárias do turismo

rural. Porém, cabe destacar que esta mudança de caracterização do perfil profissional pouco muda na sua posição/participação dentro da família. Ela continua sendo dona de casa e desempenhando trabalhos domésticos, e o homem continua sendo provedor da propriedade em todas as suas instâncias produtivas. Essas permanências podem estar relacionadas à propriedade da terra, propriedade legalizada de direito ou instituída socialmente. O homem continua sendo a referência, o responsável pela propriedade e, conseqüentemente, pela atividade que envolve o cultivo da terra. O que muda é o sentido do trabalho feminino, que agora passa a ser valorizado por elas e pelos homens.

Contudo, se, por um lado, o turismo rural permitiu maior visibilidade ao trabalho doméstico da mulher, por outro, ele reforçou a invisibilidade do trabalho feminino na pecuária. A isso está relacionado o fato da pecuária ser definida como atividade predominantemente masculina, estar relacionada com o uso da terra, ou seja, ao campo, e também ao aumento das horas trabalhadas pelas mulheres dentro da casa. Anteriormente à existência da atividade turística, as mulheres “ajudavam” os homens na pecuária. Atualmente, com o turismo, isso é praticamente impossível, pois elas não têm mais tempo disponível para isso. As tarefas relacionadas ao turismo ocupam aproximadamente quinze horas diárias de trabalho, inviabilizando a ida da mulher para o campo. A ela são destinados trabalhos mais próximos, como o trato dos animais (alimentação) e os cuidados da horta.

*[...] ah, não, por exemplo... Antes... pra banhar o gado... eu ia ajudar... pra buscar a comprar um gado... sempre a genti estava disponível, antes... tu tinha disponibilidadi di tempo! Porque era um trabalho qui era nosso, nosso trabalho né! Di... tu tinha disponibilidadi di tempo! I hoje... nem sempre eu tenho disponibilidade de tempo[...]* (Janete)

A ajuda que a mulher dedica ao homem na pecuária é retribuída por ele no turismo rural, estimulando assim a cooperação entre os membros da família. Na maioria das pousadas, o trabalho do homem é considerado, tanto por elas como por eles, como “ajuda”, sobretudo quando diz respeito às atividades realizadas dentro da casa. No entanto, há trabalhos que são específicos dos homens, como os passeios, cavalgadas e limpeza do pátio. As mulheres são as responsáveis pela maior parte das tarefas realizadas dentro da casa, como a alimentação e a limpeza, fundamentais na execução do turismo. Isso aponta para a proximidade existente entre as tarefas desempenhadas no turismo rural com as tarefas domésticas, identificada também em outros estudos, como os de Nogueira (2004), Garcia Ramón, Canoves e Valdovinos (1995), Rivera (2000) e Brandt e Haugen (2010), que demonstraram em seus trabalhos que as mulheres são as que realizam a maior parte do trabalho no turismo e o maior

número de trabalhos combinados, com maior jornada de trabalho diário.

Segundo Rivera (2000, p. 161), as mulheres realizam cinco tipos de trabalhos diferentes dentro da propriedade: “[...] o trabalho doméstico, o trabalho no turismo, o trabalho agrícola, o trabalho para o autoconsumo e outra atividade remunerada”. Perez e Valiente (2000) também destacam esta aproximação. Consideram o turismo rural como uma ampliação do trabalho doméstico das mulheres, pois este é realizado simultaneamente ao trabalho doméstico, tendo as mesmas características, podendo elas continuarem com sua atividade principal, que é a reprodução, ou seja, a realização do trabalho doméstico para a manutenção da família. Para Brandth e Haugen (2010a), essa continuação do trabalho doméstico para o turismo pode resultar na permanência das tradicionais práticas de gênero no rural. Atrelado a isso, as mulheres podem realizar esta atividade dentro do ambiente doméstico, podendo conciliar o atendimento aos turistas e aos familiares. Além disso, elas destacam a qualificação necessária para desenvolver tais atividades, a mesma que elas necessitam para realizar as tarefas domésticas, ou seja, o conhecimento popular adquirido com o passar do tempo e passado de geração a geração.

No turismo rural, as mulheres são as responsáveis pela alimentação e tudo o que a envolve, como por exemplo, os cuidados com a horta (plantio e colheita dos alimentos), trato dos pequenos animais (vacas e aves), relacionamento com os fornecedores de matéria-prima para elaboração de alimentos utilizados no turismo, e cuidados com árvores frutíferas, como as figueiras, matéria-prima para a figada, doce típico da região. O doce de figo, seja ele em calda ou como figada, é uma prática sociocultural entre as mulheres das pousadas mais próximas. Na época do figo, elas colhem o fruto e se reúnem em uma das pousadas para a elaboração dos seus derivados. Depois os produtos são divididos igualmente, consumidos ou comercializados no turismo rural.

Outro produto importante para o turismo e que é de domínio da mulher é o queijo serrano. Algumas propriedades ainda produzem o queijo, especialmente para o consumo na atividade turística, como prática cultural demonstrativa, e para a venda ao turista quando há excedente. A produção do queijo envolve toda a família. Os homens, na sua maioria, são os responsáveis por *buscar as vacas no pasto e prepará-las* para a ordenha, realizada pelas mulheres. Enquanto isso, a mulher vai arrumando os equipamentos e utensílios necessários para a ordenha. A ajuda do homem na ordenha é dada pelo número de animais. A mulher é quem ordenha as vacas, às vezes, com a ajuda do homem, se o número de animais for grande. Depois da ordenha, os homens retornam com as vacas no pasto e *organizam* a estrebaria. Enquanto isso, as mulheres destinam-se à casa do queijo (que em muitas propriedades já não

existe mais) para preparar o produto. A produção é demorada e envolve, inicialmente, pelo menos uma hora de trabalho. Produzir queijo exige da mulher cuidados durante o dia todo e por dias consecutivos, visto que é necessário *limpar e virar* o queijo diariamente. Em uma das propriedades, é o homem que produz o queijo, porém, este fez cursos de qualificação para produzir melhor (tecnicamente, o que não quer dizer que o queijo que ele produza seja melhor) e outros tipos de queijo: [...] *eu faço o queijo... Eu sei fazer sete tipos de queijo mas o que a gente pratica mais é o queijo serrano né [..]* (João).

Esse fato nos remete ao trabalho de Nogueira (2004), quando a autora destaca três modalidades de turismo rural realizadas predominantemente pelos homens: o primeiro é um pesque-pague e restaurante caseiro, administrado somente pelo homens, onde as mulheres que trabalham são contratadas; o segundo é um sítio que é considerado um dos principais produtos turísticos da região. Nele são desenvolvidas várias atividades, como produção de café, leite, reflorestamento, e há também ponto de venda de produtos coloniais, tudo administrado pelo homem. Nesse caso, as mulheres também são contratadas; a terceira é a propriedade do seu José, que, impossibilitado de trabalhar na agricultura por problemas de saúde, decidiu investir no turismo rural. Os exemplos trazidos ou são de empreendimentos de grande porte ou estão associados a uma atividade masculina, como a pescaria. Contudo, o que fica mais evidente a partir dos dados é a relação existente entre qualificação e atividade produtiva. No momento em que a atividade passa a ter caráter profissional, o homem busca a sua inserção e qualifica-se. Quando ela é uma produção doméstica e de autoconsumo, ela é da mulher, que realiza a mesma a partir dos conhecimentos adquiridos durante a sua vida.

Ainda referente ao beneficiamento de produtos, são as mulheres, donas de casa, que são as responsáveis pela produção de doces (chimias e compotas), pães, bolachas, massas e licores, este último sendo dividido com os homens, pois, como é considerada bebida quente, sua identidade está relacionada ao masculino, assim como o carrear e fabricar produtos derivados da carne, como o salame ou a linguiça. O beneficiamento destes produtos é realizado por elas mesmas, pois, conforme seus relatos, não confiam em outra pessoa para fazê-lo, fato identificado também nas pesquisas de Perez e Valiente (2000). Os achados de suas pesquisas identificaram a alimentação como sendo atividade que exige mais dedicação das mulheres, e é a única tarefa que não é delegada a outra pessoa. Já a limpeza da casa, dos quartos e da roupa são atividades que podem ser realizadas por outras pessoas, sob a supervisão delas. Quando a elaboração destes produtos é feita fora da pousada, geralmente este trabalho é realizado por algum membro da família:

*[...] Sim! Ai, eu não confio em ninguém pra fazer a minha parti... Acho indispensável meu trabalho... Porque o homem ele toca outras coisas, mas se for essa coisa di dentro di casa, alimentação, sabe o que que falta, o que que precisa, homem não faz isso!...](Beatriz)*

Essa participação das mulheres no beneficiamento de produtos também foi identificada nos estudos de Nogueira (2004). Segundo a autora, os principais produtos vendidos com o rótulo de agroturismo<sup>41</sup> estão relacionados com os afazeres domésticos das mulheres, como o beneficiamento de alimentos (doces, massas, bolachas, etc), licores e artesanato. Já o trabalho dos homens no agroturismo está relacionado à produção de vinhos, licores, e ao artesanato em madeira ou pedra.

Além da alimentação, as mulheres são as responsáveis pela limpeza da casa, que compreende atividades de camareira, limpeza geral (varrer, lavar e encerar a casa). A limpeza da cozinha não é contabilizada aqui, pois se relaciona com o preparo dos alimentos. Fato importante desta atividade é o aumento do trabalho, considerado por todas as mulheres como um dos fatores de maior investimento do tempo, pois há necessidade de manter diariamente a casa limpa. Quando há hóspede alojado, esse trabalho triplica, e isso justifica ser a atividade que mais emprega mulheres temporariamente nas pousadas e também a que mais recebe ajuda dos homens dentro da casa. Relacionada à limpeza da casa está o encerar e lustrar a casa. Todas as pousadas são construídas com a utilização de madeira, fato característico da região em função da existência de produção de madeira e também pelo clima. Encerar a casa é atividade da mulher, já o lustrar pode ser tanto delas quanto dos homens: *[...] hoje eu passo a enceradeira, né, eu limpo as mesas eu ajudo ela... antes não [...]* (Pedro). Atrelado à limpeza da casa está a limpeza do pátio, cortar a grama, varrer, cuidar das flores. Estas atividades são divididas entre homens e mulheres. Hoje, as mulheres são tidas como as ajudantes, ficando prioritariamente destinadas às atividades como varrer o pátio e cuidar das flores, o que, segundo Brandth e Haugen (2010), mantém a segregação do trabalho por gênero. Com o turismo essas atividades, passaram a ter maior participação dos homens e a serem consideradas por elas como atividades secundárias. As atividades prioritárias relacionadas às mulheres são a alimentação e a limpeza da casa, que são consideradas as “peças chave” para o desenvolvimento do turismo.

Além destas atividades, as mulheres realizam outras no turismo rural, como as relacionadas com a administração e a gerência da atividade. Mas o que compreende a administração do turismo rural? Compreende o planejamento das atividades a serem

---

<sup>41</sup> Citamos agroturismo aqui devido ao fato de que a autora utilizou esta nomenclatura.

realizadas, as compras no mercado, as reservas dos hóspedes e a contabilidade da atividade. Como o turismo é uma atividade realizada dentro da casa, nesta circunstância da pesquisa, são as mulheres as mais envolvidas na administração das tarefas e isso está diretamente relacionado com o espaço onde estas atividades são realizadas, logo, a administração do turismo também será. Cabe destacar aqui que a administração está estritamente relacionada com a execução e não com o pensar da atividade. O pensar envolve todos os membros da família. Quando as atividades turísticas são realizadas no espaço externo à casa, como cavalgadas e passeios, estes ficam sob a responsabilidade do homem, já que são eles que as executam, conforme relata dona Fernanda:

*[...] é que assim, o Marcio é mais da cavalgada, e de receber os turistas conversar, e essa parte de fazer comida e mandar na pousada é comigo, o que que eu vou fazer no dia dia é eu que decido, ele faz a cavalgada, aí é com ele, o resto é comigo, e a parte da execução também é com ele, assim conversar [...]* (Fernanda)

A fala retrata que não há um entendimento ainda do que compreende a atividade turística para essas famílias. Existe uma divisão de tarefas oriunda da divisão tradicional do trabalho. *A pousada é minha, a cavalgada é dele*, ou seja, as duas atividades não fazem parte de um mesmo produto, são tratadas por eles como separadas, como sempre foi dentro da estrutura de divisão sexual do trabalho. Isso nos faz pensar que a mulher não está mais inserida na administração da propriedade do que antes. Ela continua administrando o que é de seu domínio, a casa, e o homem continua administrando o que é de seu domínio, o campo. Essa constatação também foi evidenciada nos estudos de Rivera (2000), segundo a qual não se observou uma mudança no sistema atual de divisão sexual do trabalho, pois a mulher continua dentro do seu espaço físico habitual (a casa) e realiza as tarefas domésticas e reprodutivas, mesmo que a atividade turística tenha produzido efeitos significativos para as mulheres, como a valorização do seu trabalho, maior independência econômica devido à sua contribuição ser mais visível, aumento da qualidade de vida e da autoestima, obtida através do contato com outras realidades sociais e atividades, como as burocráticas e administrativas. Isto nos levaria a questionar sobre o papel do turismo nas relações de gênero: afinal, este está mudando, ou até mesmo, transformando a posição da mulher dentro da propriedade ou apenas reforçando esta posição, agora na esfera pública? Os resultados trazidos nesta tese demonstram que há uma mudança na divisão de algumas tarefas, sobretudo das domésticas, mas que essa mudança pode ainda não ser suficiente para uma transformação no sistema de sexo/gênero.

Relacionada à administração está a contabilidade. A maioria das mulheres relata serem elas as responsáveis pela contabilidade, ou seja, receber os valores dos turistas e ter o controle das contas. Porém, quando questionadas se são elas que gastam esse recurso, a maioria respondeu negativamente. Elas ficam com o dinheiro e têm o domínio dele enquanto está dentro da casa. No momento em que esse recurso vai para o ambiente externo, elas já não têm mais controle sobre o mesmo. Elas, por vezes, participam das negociações, porém, não decidem, mesmo que a negociação envolva questões relacionadas à casa, como por exemplo as reformas, a aquisição de equipamentos e utensílios domésticos, e também a compra de alimentos. A decisão, nesses casos, é sempre *combinada*. Essa combinação é feita no âmbito do casal quando não há filhos maiores, e quando há filhos, é uma combinação familiar.

A compra dos alimentos é um fator importante para se destacar, pois envolve a mobilidade espacial das mulheres rurais. Esta atividade é a que possui menor envolvimento da mulher, sobretudo quando diz respeito à efetivação da compra. São elas que fazem a “lista” das compras, o que precisa e a quantidade, porém não são elas que vão ao mercado buscar os produtos. Esse fenômeno está relacionado, especialmente, a dois fatores: a mobilidade das mulheres, aqui materializado no ter ou não Carteira Nacional de Habilitação (CNH), e ao tempo que esta atividade exige (pelo menos um turno), pois todas moram a pelo menos trinta quilômetros do centro da cidade e o acesso é por estrada de chão batido. As mulheres que possuem CNH planejam esse deslocamento para os dias em que não há hóspedes. As que não sabem conduzir veículos automotores, necessitam do auxílio dos filhos ou do marido, sendo este um fator limitante, pois dependem do tempo deles. Para Perez e Valiente (2000), esta atividade é a que as mulheres menos dedicam tempo, e isso tem várias razões: grande parte dos produtos se tem em casa; outros são vendidos em feiras ambulantes; e, quando é necessário ir à cidade, são outros membros da família que o fazem. Outra atividade realizada pelas mulheres é o atendimento do hóspede ao telefone para efetivar a reserva. Essa tarefa ficou destinada a elas porque são elas que permanecem a maior parte do dia dentro de casa ou em seus arredores. A isto está relacionado também o trato pessoal, ou seja, a necessidade de ser simpática e atenciosa. As mulheres são, geralmente, mais atenciosas, conversam mais e são mais acolhedoras que os homens (PEREZ; VALIENTE, 2000; BRANDHT; HAUGEN, 2010a, 2010b).

Assim, esse exemplo de administração da atividade turística poderia muito bem desfazer convenções tradicionais de divisão sexual do trabalho com base no gênero. O trabalho de gestão da pousada com certeza é um grande salto na direção de mais poder e influência para as mulheres na propriedade. “No entanto, vemos que ela é concebida, ou

recodificada, como qualquer trabalho doméstico ou trabalho de escritório e, assim, está sendo normatizada em termos de poder de gênero nas relações.” (BRANDTH; HAUGEN, 2010b, p. 440), conforme depoimento de um dos entrevistados.

*[...] isso daí a gente pensou ela, porque tá dentro de casa, tá mais perto do telefone, ela conversa bem e sabe se expressa bem no telefone. Eu até inclusive não gosto muito ela que faz tudo porque daí a gente pensou assim, se alguém faz reserva eu faço reserva e Luciana faz reserva às vezes até a gente pode até fazer confusão [...]*  
(Pedro)

Além da expressiva participação das mulheres no turismo rural, não poderíamos deixar de mencionar a participação masculina, visto que nosso estudo pretende compreender as relações de gênero no meio rural. Os homens são considerados pelas mulheres e por eles mesmos como “ajudantes” no turismo. A eles, com já dito, são destinadas tarefas realizadas no espaço externo à casa, como os passeios, as cavalgadas e a limpeza do pátio. Os passeios são atividades tidas como mais esporádicas do que a alimentação e a limpeza da casa, fato este que permite o envolvimento dos homens, já que eles não deixaram a atividade pecuária. Caso o homem não possa realizar estas tarefas, elas não são oferecidas aos turistas, o que raramente ocorre. A paisagem natural e o ambiente rústico são complementados por estas atividades e elas se fazem necessárias dentro do produto turístico, sendo dificilmente realizadas por terceiros, exceto em casos em que estes façam parte da família e do contexto da propriedade, pois exige conhecimento, envolvimento com a história e cultura do local, além do conhecimento ambiental da propriedade e do seu entorno. Os passeios geralmente levam aos *canyons* e exigem organização e planejamento, principalmente nos aspectos tempo e espaço. Os homens também são os responsáveis pelas atividades de limpeza da parte externa da casa, como corte e capina do pátio e seus arredores, bem como auxiliam as mulheres em atividades como fazer o fogo, buscar lenha para o fogão e para a lareira, e tratar os pequenos animais. Assim como as mulheres, os homens têm importante presença nas decisões relacionadas com o turismo rural, onde tudo *é combinado* entre o casal, mas quem geralmente decide é o homem.

Mulheres e homens são fundamentais para o desenvolvimento do turismo nestas propriedades, onde cada um tem uma função a ser desempenhada. No entanto, cabe aqui destacar que a participação da mulher na execução das atividades turísticas é maior que a dos homens, visto que as atividades domésticas são a base para o desenvolvimento da atividade turística. Isso nos remete à coletânea de estudos organizadas por Garcia Ramón e Ferré (2000), onde destacam que o turismo rural é uma extensão do trabalho doméstico ou um

trabalho doméstico ampliado, o que justificaria, também, o envolvimento “natural” da mulher com a atividade. Segundo Rivera (2000, p. 153),

Quando a unidade familiar identifica o trabalho no turismo como similar ao doméstico (elaboração de alimentos, atenção a terceiras pessoas, limpeza da casa, etc) se atribui imediatamente a mulher como a pessoa mais indicada para se encarregar do trabalho.

Porém, há que se considerar que o turismo rural permite maior inserção das mulheres no mundo do trabalho produtivo e, conseqüentemente, maior valorização do trabalho feminino, ocasionando aumento da autoestima, melhoria da qualidade de vida, maior autonomia financeira, ampliação do ambiente de socialização, etc. “O elevado grau de satisfação que as mulheres apresentam com a inserção neste trabalho tem muito a ver com a possibilidade de manter relação com diferentes pessoas, ver outros modo de vida, ter com quem falar, ter a mente mais aberta.” (PÉREZ; VALIENTE, 2000, p. 190). Por outro lado, é possível identificar também a ampliação do trabalho doméstico feminino, como já relatado, o que poderia provocar um reforço a esse tipo de trabalho, ainda desvalorizado econômica e socialmente. Porém, cabe destacar que o turismo rural trouxe mudanças no comportamento do homem quanto à execução de atividades domésticas. Antes eles não ajudavam as mulheres em nenhuma atividade, hoje eles participam, mesmo que seja como ajuda, de boa parte das atividades domésticas. Brandth e Haugen (2010b) também identificaram essa mudança nas suas pesquisas. Para estes autores, os homens estão mais flexíveis e ajudando mais as mulheres nas atividades domésticas. Contudo, a “[...] necessidade de ambos, marido e mulher, intervirem para acomodar os convidados indica que o padrão de gênero comum nos casais rurais está desestabilizado e isso abre possibilidades para transgredir convencionais fronteiras de gênero” (BRANDTH; HAUGEN, 2010b, 435). Nesse sentido, o trabalho no turismo rural estaria mudando o comportamento de alguns membros e reforçando o de outros. Contudo, cabe pensar até que ponto essas mudanças são significativas para uma transformação no sistema de sexo/gênero. Visto por outro lado, é possível dizer que o turismo rural é uma semente que foi plantada visando estas mudanças, mas que ainda é necessário tempo para ela germinar e crescer.

Nesse sentido, o que se apresentou neste item são as diferentes atividades realizadas por homens e mulheres, como demonstrado no quadro 3, e o envolvimento de cada membro da família na atividade turística. Cabe destacar que o trabalho da mulheres apresenta-se como indispensável para o turismo, visto que as atividades por elas desempenhadas para a família e para o turista são as mesmas. O turismo, nas famílias aqui pesquisadas, proporcionou aumento

de trabalho para os membros da família, o que resultou na necessidade de contratar mão de obra externa à família, seja para o trabalho realizado no turismo ou na pecuária, como demonstraremos no item a seguir, que tem como objetivo analisar o trabalho contratado por estas famílias, bem como as atividades desempenhadas por estes.

**Quadro 2 - Atividades realizadas por homens e mulheres no turismo rural**

<b>Homens</b>	<b>Mulheres</b>
Auxiliar na preparação de alimentos	Preparar os alimentos – higiene e controle sanitário
Encerar e lustrar a casa	Limpar a casa – higiene e controle sanitário
Fazer compras	Camareira
Administrar	Realizar reservas – atender ao telefone
Recepção do turista	Recepção do turismo – atendimento <i>in loco</i>
Gestão da atividade	Gestão da atividade
Transações financeiras em bancos	Transações financeiras em casa
Limpeza do jardim	Ordenha

Fonte: Elaboração do autor

#### **4.5.2 O trabalho contratado**

O turismo rural nas propriedades pesquisadas está estruturado com base em “ciclos” de trabalhos, que têm intensidade nos períodos de férias e feriados prolongados. Neste período a frequência de contratação de mão de obra é maior do que nos demais. As contratações são essencialmente de mulheres com vínculos de parentesco, como primas, cunhadas, sobrinhas, ou ainda, vizinhas. Essas mulheres são contratadas como diaristas, ou seja, pessoas que trabalham por dia. Aquelas que não são casadas e não têm filhos permanecem na propriedade por período mais longo, fato que permite que a mão de obra feminina jovem seja contratada. Isso ocorre porque as propriedades são distantes da cidade e também de outras propriedades, dificultando a mobilidade das pessoas contratadas. A cidade não oferece trabalho para todos seus habitantes, a não ser na época de colheita da maçã e da batata, período em que muitas mulheres se envolvem no trabalho de colheita com seus maridos ou pais, gerando uma receita extra para a família.

As mulheres no turismo são contratadas para realizar tarefas relacionadas com a limpeza da casa, como passar cera, limpar os banheiros e vidros, atividades que são consideradas mais demoradas e “pesadas”. Além disso, cabe a elas o desempenho de funções de camareira e de auxiliar de cozinha. Como auxiliares de cozinha, elas preparam as saladas, lavam e cortam legumes e lavam a louça. Estas atividades representam o caráter doméstico da contratação do serviço no turismo, sem qualificação, esporádico e informal, sendo que as mulheres apenas reapercebem o trabalho realizado por elas nas suas casas, que foi aprendido e passado de mãe para filha sem qualquer qualificação profissional. Porém, esse trabalho tem

que ser caprichado, porque quem vai usufruir dele não é a proprietária da pousada, mas sim, os turistas, os quais devem deixar a pousada satisfeitos com o serviço adquirido, e esta satisfação está relacionada, sobretudo, com a qualidade dos serviços apresentados, incluindo nele a limpeza e a organização da casa.

O trabalho contratado temporariamente é esporádico e considerado como auxiliar e hierarquizado. Um exemplo disso é a alimentação. A alimentação é um dos principais produtos das propriedades turísticas, representando a valorização social e cultural da pousada. Assim, esse alimento deve ser preparado pelas donas da casa e não pelas mulheres contratadas, evidenciando o caráter de hierarquia entre as mulheres trabalhadoras, relacionado, sobretudo, à valorização desta atividade.

A limpeza da casa também é tida como de extrema importância para a qualidade dos serviços prestados, sendo esta também dividida e hierarquizada. A limpeza dos quartos, por exemplo, mesmo que tenha significativa participação das mulheres contratadas, está sob a gerência das donas da casa e aquelas somente são solicitadas quando estas não conseguem desenvolver o trabalho sozinhas, fato também identificado por Perez e Valiente (2000), que identificaram que a limpeza da casa, dos quartos e da roupa são atividades delegadas a outras pessoas, sob a supervisão das proprietárias. Mais uma vez, a contratação assume o caráter de ajuda, ou seja, mesmo as mulheres que sempre foram consideradas como ajudantes na agricultura, continuam ocupando a mesma “categoria” quando são contratadas no turismo, permanecendo ainda a divisão tradicional de gênero. Porém, esse tipo de trabalho é dado a uma pessoa de confiança da mulher empreendedora, fato que justifica a contratação de mulheres com vínculo de parentesco e de proximidade, como as vizinhas, sendo estes vínculos fundamentais nesse tipo de trabalho, porque as mulheres estão preocupadas com o tipo de serviço final que irão oferecer aos turistas e esta relação de confiança só é possível com a proximidade. Outro fato importante a destacar é a falta de mão de obra no mercado para esse tipo de serviço. Ensinar uma pessoa conhecida ou da família se torna mais fácil e acessível para elas e isso é justificado pela aproximação na criação, quando se trata da família. Geralmente elas foram criadas no mesmo ambiente social, o que facilita muito, como relata dona Janete: [...] *é o mesmo jeito da gente, fica mais fácil [..]*. Assim, o trabalho no turismo rural é uma rerepresentação do trabalho realizado em suas casas, um trabalho doméstico contratado, que tem caráter auxiliar. Elas estão ali para auxiliar as donas das pousadas e não para substituí-las, como pode ser confirmado através do depoimento da dona Janete: [...] *tem... um contrato temporário... qui daí eu tenho duas primas qui mi ajudam... qui me auxilia né [..]*. Esse depoimento enfatiza seu posicionamento em relação ao trabalho contratado das

primas: é auxiliar.

Além do caráter doméstico do trabalho realizado pelas mulheres no turismo rural, esse trabalho não traz nenhum benefício previdenciário, férias, 13º salário, auxílio maternidade, etc., para as mulheres contratadas. O caráter de “diarista” não exige contrato formal de prestação de serviços, eximindo, assim, qualquer tipo de encargo e/ou benefício seja ele previdenciário ou de outro tipo para as mulheres. Muitas delas, especialmente as jovens, não possuem bloco de produtora rural, situação que as exclui, assim, também de seus direitos como agricultoras. Para as mulheres jovens, isso é mais agravante ainda. Quando questionadas se gostam de trabalhar no turismo rural, todas afirmaram que sim, que é um trabalho bom de realizar, além de não exigir qualificação e gerar recurso financeiro para elas e para a família. As mulheres estão aproveitando seus conhecimentos adquiridos pelo trabalho doméstico desde a sua infância em uma atividade profissional, que está inserindo-as no mercado de trabalho rural, porém, no mercado de trabalho informal e arraigado na divisão sexual tradicional, ou seja, o que está ocorrendo é um repaginação do trabalho das mulheres.

Contudo, em nenhum momento foi manifestada a vontade delas de continuar na mesma atividade e se qualificarem, tornando-se assim profissionais da área. Esse fenômeno, constatado também por Nogueira (2004) com as mulheres que trabalham no agroturismo, pode estar, segundo a autora, relacionado a falta de afirmação das práticas do agroturismo como ocupação profissional, que resulta do agroturismo ser uma atividade profissional ainda nova na região e a dificuldade de reconhecer as atividades do agroturismo como um tipo de trabalho, por este ser subsidiário e complementar em relação a outras atividades. O primeiro fenômeno é também identificado nos Campos de Cima da Serra. Já o segundo, as percepções diferem. Na região por nós estudada o turismo rural passou de atividade complementar e subsidiária para atividade principal economicamente, sendo que na maioria das famílias ele passa a dar sustentação econômica para a pecuária, o que não acontece na região estudada por Nogueira (2004). É possível também identificar o turismo rural como uma atividade relacionada à mulher rural, pela sua proximidade com as atividades domésticas, o que não exclui os homens do seu desenvolvimento.

Os homens também são mão de obra contratada pelo turismo, contudo, em menor número e para atividades que possam ser aproveitadas tanto para o turismo como para a pecuária, otimizando assim o trabalho. Apenas uma propriedade contrata um homem com periodicidade maior, com um número estipulado de dias por semana. Mesmo assim, esse não possui vínculo empregatício com a propriedade. As tarefas realizadas por estes “diaristas” são: limpeza do pátio, preparação da terra para lavoura, e de canteiros para a horta, no

recolhimento de esterco, de aparamento da grama e realização de algum tipo de reparo em equipamentos ou na estrutura física da propriedade. Estas atividades são também consideradas como auxiliares e são gerenciadas por algum membro da família, geralmente homem: [...] *é, ele ajuda, ele não trabalha diretamente fixo [...] (João)*. O depoimento do entrevistado evidencia, novamente, o caráter valorativo do trabalho. O trabalho é de ajuda, por isso ele não é fixo. No momento em que este trabalho seja considerado indispensável, talvez esse caráter também mude. O mesmo fato acontece em relação ao trabalho das mulheres contratadas.

Além do trabalho de diaristas, outro tipo de trabalho que é utilizado pelas pousadas, tanto para atender a demanda no turismo como na pecuária, é a contratação de trabalho terceirizado. O trabalho terceirizado dá-se de duas formas: uma é pelo beneficiamento de produtos utilizados no turismo, como pães, bolachas, queijo, embutidos e doces. Esse trabalho é realizado pelas mulheres, segundo depoimento de uma das entrevistadas:

*[...] até mesmo... porque a genti pensa assim... Por exemplo: bolachinhas tem uma sobrinha qui faz... Queijo tem os primos qui fazem... Ahn... tipo... Salami, tem pessoas qui fazem super bem, com maior... capricho! Então... aquela parti di embutido... porque a genti não cria porco aqui, dá muito cheiro[...]* (Janete)

O outro tipo é a contratação de horas-máquina<sup>42</sup>. Estas horas são destinadas principalmente para o preparo da terra na plantação de pastagens ou de alguma cultura agrícola. O fato de desprender o recurso “máquina” remete este trabalho aos afazeres masculinos, pois são eles os detentores desse equipamento e dos saberes relacionados a ele.

Diferentemente das famílias que desenvolvem o turismo rural, as famílias somente agrícolas, quando contratam, contratam homens para realizarem atividades pesadas. Porém, o número de famílias que contratam é menor que as de turismo rural. As que contratam são as que possuem atividade extensiva e que não dispõem de mão de obra familiar suficiente. As atividades por eles desempenhadas estão relacionadas ao preparo de lavouras para o pasto e aos cuidados com o gado. As mulheres não são contratadas por estas famílias, visto que o trabalho realizado por elas é doméstico, e este, é de exclusiva responsabilidade da dona da casa, não necessitando de ajuda externa, até porque ela somente irá ajudar na agricultura quando estes afazeres estiverem realizados plenamente.

Vale destacar que as famílias pluriativas possibilitam a inserção das mulheres no mercado de trabalho rural local, mesmo que informal, sendo este fato não identificado nas outras famílias. Isto está relacionado ao aumento do trabalho da mulher, sobretudo das tarefas

---

<sup>42</sup> Horas-máquina é o tipo de serviço contratado utilizando máquinas agrícolas.

domésticas. No entanto, esse dado traz para a discussão se esta inserção está se dando da forma adequada para estas mulheres, ou se não estaria reforçando ainda mais o trabalho doméstico e sem valor produtivo da mulher rural. É reconhecido que se estas mulheres não estivessem trabalhando no turismo, ou estariam “sem ocupação produtiva”, ou estariam ocupadas em atividades agrícolas sazonais, como por exemplo a colheita da maçã e da batata ou apenas com o trabalho doméstico. Assim, como outros trabalhos agrícolas, o trabalho no turismo rural continua sendo desqualificado e informal, sendo este caracterizado como trabalho de “diarista”. No entanto, há que se destacar que o turismo rural insere as mulheres no mercado de trabalho, sobretudo as contratadas, e pouco os homens. O trabalho de homens é menos valorizado nesta atividade que o das mulheres, e quando necessário, os próprios homens das propriedades o desenvolvem, salvo naquelas propriedades onde o homem está à frente da atividade turística ou quando a produção pecuária exige muito envolvimento. A contratação masculina dá-se para as funções agrícolas, já que estas sim são “coisa de homem”, como veremos no item a seguir.

#### **4.5.3 O trabalho agrícola: “coisa de homem”**

O trabalho agrícola nas famílias estudadas apresenta-se em dois momentos distintos, porém, complementares: um antes e outro depois do turismo. Tentaremos apresentar aqui esses dois momentos, iniciando por antes do turismo. É de comum acordo que homens e mulheres sempre tiveram papel importante na atividade pecuária nas propriedades, cada um na sua medida. Os homens são considerados, tanto por eles quanto pelas mulheres, como os responsáveis pela pecuária, enquanto as mulheres são consideradas como ajudantes. Esta representação do trabalho agrícola feminino como secundário é explicada dentro de uma situação de valorização e hierarquização do trabalho, variando de sociedade para sociedade.

Os homens são os responsáveis por tarefas como: preparação do solo, plantio de pastagens e de lavouras, colheita, comercialização e transações financeiras. Atividades como buscar o gado, banhar o gado, fazer a ordenha, são divididas com as mulheres. As mulheres são responsáveis por atividades relacionadas com a horta, com o trato de pequenos animais e com o beneficiamento de produtos, como por exemplo, o queijo. As tarefas realizadas pelos homens contam com a ajuda da mulher: [...] *assim, era plantar, era colher, tipo assim, quando a gente ia buscar o gado eu ajudava (Nara). [...] “no geral, né! Na fazenda... quando precisa na pecuária eu trabalho! Não qui fosse uma obrigatoriedade, mas... ajudava...” (Janete)*. Essa ajuda é intensificada nos momentos em que estão *mais apurados com a lida,*

épocas de safra e/ou período de venda dos animais.

As atividades na pecuária estão relacionadas com a identidade profissional de agricultor (BRANDTH, 2002) e têm diferentes significados. A mulher é destinada às atividades domésticas, necessárias para a reprodução da família. Elas são as responsáveis pela casa, pela educação dos filhos, pela alimentação e pela saúde da família. Para Brumer (2001), o trabalho das mulheres está assim evidenciado: “[...] principalmente à limpeza da terra e colheita, seleção e embalagem dos produtos; ao processamento dos produtos agrícolas; ao cuidado de animais, tais como alimentação, limpeza e ordenha; aos trabalhos da horta.” (BRUMER, 2001, p. 211). Subjacente à ideia de Brumer (2001), Braz Castilhos (2010, p. 05) considera que:

As mulheres devem cuidar da casa e das atividades de reprodução familiar, ou seja, cultivo de horta e ervas medicinais, pequenas criações, assim como a atividade leiteira. Os homens devem cuidar das atividades produtivas, ou seja, voltadas para o mercado, enquanto consideram que as mulheres apenas “ajudam”, o que reflete a desvalorização do trabalho feminino pela sociedade, já que as tarefas domésticas não geram receita monetária.

As obrigações diárias de mulheres são as relacionadas à identidade tradicional do trabalho feminino na agricultura: o trabalho doméstico e complementar. As citações descritas acima demonstram claramente essa relação de coexistência entre a identidade rural feminina construída historicamente com base no sistema de gênero-patriarcal. A elas sempre foram delegadas essas atividades dentro da divisão sexual do trabalho.

O caráter trabalho masculino e trabalho feminino está associado a diferentes significados, dentre eles, o “leve” e o “pesado”, citados por autoras como Paulilo (2004), Brumer (2001) e Menasche (1996). Esta categorização apresenta diferentes significações nas sociedades, tendo como base suas características culturais e sociais. Para Brumer (2001, p. 211) “[...] o caráter de ‘pesado’ ou ‘leve’ da atividade é relativa e culturalmente determinado, uma vez que, na esfera de suas atividades (doméstica), a mulher executa tanto trabalhos ‘leves’ como trabalhos ‘pesados’ (como carregar os filhos e buscar água)”. Menasche (1996) traz o exemplo da capina. Capinar pode ser atividade leve ou pesada, realizada pelo homem ou pela mulher. Isso será determinado a partir da valorização que é dada a esta atividade e da hierarquia que ela assume dentro da família por aqueles que executam o trabalho, sendo esta considerada como tarefa principal ou como ajuda. Esta última categoria foi usada com frequência pelos nossos entrevistados, tanto nas famílias pluriativas como nas agrícolas, justificando o pouco ou baixo envolvimento de um ou de outro membro da família em uma determinada tarefa. A mulher ajuda pouco na pecuária, pois este é um trabalho considerado,

por homens e mulheres, como mais “pesado”. O caráter pesado na pecuária está relacionado à penosidade que este representa, ou seja, o esforço físico dispendido para realizá-lo, o que justifica muitas vezes a exclusão de mulheres na sua execução. A elas estão relacionadas atividades mais “leves”, como tirar o leite, fazer o queijo e trabalhar na horta. Esse caráter de ajuda do trabalho da mulher tem uma explicação determinada para elas, porque sempre foi assim; com a mãe e a avó também se sucedeu, ou seja, a explicação está na tradição da divisão sexual do trabalho. Dessa forma, a conotação secundária do trabalho feminino deve ser apreendida como uma construção social baseada no sexo produzida e reproduzida dentro de uma determinada sociedade, e isso deve ser levado em consideração quando abordadas as questões de gênero no meio rural. Outra justificativa dada é que alguém deve ficar responsável pela casa, por fazer a comida, para que quando o homem retorne do campo, as *coisas* estejam no seu lugar. Na época da safra, a ajuda da mulher na pecuária também se justifica por preparar as refeições dos peões. Isso é considerado por elas como uma ajuda direta na pecuária, pois se elas não estivessem na propriedade, algum homem teria que se deslocar do serviço pesado para realizar essa tarefa. A ajuda da mulher dá-se na pecuária quando não possuem mão de obra familiar suficiente para a realização das atividades e em serviços considerados mais leves e com menor expressividade econômica e social. Quando exige a participação de mais pessoas, ou seja, do serviço contratado, ela permanece nas dependências e arredores da casa, realizando suas atividades domésticas rotineiras: *[...] só às vezes, quando não tem ninguém para ajudar, quando vai trabalhar o gado eu ajudo, mas não é todo dia, não (Luciana).*

A fala da entrevistada, além de remeter ao caráter subsidiário do seu trabalho na pecuária, remonta também a relação existente entre esse trabalho e a noção de tempo, espaço e serviço doméstico. A mulher passa a ser ajudante na pecuária somente depois que seu trabalho doméstico foi concluído, o que se torna um dos fatores limitantes para a sua efetiva participação na produção agrícola, pois isso está relacionado ao espaço e ao tempo que determinada atividade exige, ou seja, a mulher tem uma sobrecarga de trabalho dentro da propriedade. Por exemplo: a mulher pode dedicar-se à atividade agrícola preferencialmente no período da tarde, porque pela manhã ela está envolvida com a alimentação e com a produção do queijo. À tarde, essas tarefas já foram concluídas, ficando então “tempo vago” para dedicarem-se a outras tarefas da agricultura. Porém, existem atividades na pecuária que exigem a dedicação do dia todo, como banhar e vacinar o gado e percorrer o campo, que são consideradas por eles, homens e mulheres, como as principais atividades da pecuária, portanto, de maior valor. Destas atividades dificilmente as mulheres poderão participar.

Contudo, a exclusão das mulheres do trabalho agrícola transforma-o em trabalho complementar, subsidiário e por vezes substituído pelo trabalho de um diarista. Esse caráter de ajuda do trabalho feminino na produção agrícola, explica de certo modo a busca pelo investimento em novas atividades como o turismo rural por parte das mulheres. Neste novo trabalho, que representa uma extensão do trabalho doméstico, a mulher rural adquire um novo *status*, relacionado tanto com a vida econômica como a social e que por vezes ameniza a posição de coadjuvante delas perante o trabalho dos homens na pecuária e as remete a uma nova posição, a de responsável por uma atividade.

O segundo momento da nossa análise é aquele após a inclusão do turismo entre as famílias estudadas. Com a inserção da atividade de turismo rural, as atividades agrícolas, tanto aquelas realizadas pelos homens como as realizadas pelas mulheres, passam por uma reestruturação e resignificação. Todos os homens entrevistados, uns em maior e outros em menor grau (isso depende da mão de obra disponível na propriedade), envolvem-se com o turismo. Com o turismo, eles passam a ter que se dedicar a uma segunda atividade. Antes, mesmo com a produção do queijo, que era a segunda receita da propriedade, seu envolvimento não era tão intenso como no turismo. Devido a essa nova atividade, eles passam a dedicar menos tempo à pecuária, o que provocou o abandono e/ou a terceirização de certas atividades, como por exemplo, a preparação do solo e o abandono de algumas culturas como a batata e a maçã. Nas famílias exclusivamente com atividades agrícolas, esse fenômeno não é identificado. Mesmo obtendo baixa produtividade, não ocorre o abandono ou substituição de uma atividade por outra, como por exemplo o queijo. Outra mudança ocorrida é a maior busca pela contratação de serviços de roçada e limpeza do campo para a manutenção do entorno das propriedades. Esse serviço que era realizado pelos homens da casa e com menor frequência, hoje é realizado por um diarista, que é mais rápido e eficiente, segundo os próprios entrevistados, pois agora a manutenção é periódica.

Outra atividade que passou por reestruturação foi a ordenha. A ordenha, antes do turismo, tinha outro significado, sobretudo para as mulheres. Ela gerava outra fonte de receita que era a produção do queijo, de responsabilidade feminina. Com o turismo, ela passa a ser menos expressiva, dado que a fabricação do queijo diminuiu em muitas propriedades e em boa parte a produção foi abandonada. A isso está, também, relacionado o número de vacas leiteiras e o destino desse leite. Quanto maior o número de animais, maior o nível de ajuda de um ou de outro membro da família. A ordenha, agora, tem outro significado, além do consumo e da produção do queijo, ela está relacionada a prática cultural que é o café

“camargo”<sup>43</sup>, oferecido para o turista todas as manhãs sendo um dos atrativos do produto turístico rural: [...] *é, só que antes a gente fazia queijo, e agora é só uma vaca pro consumo da pousada [...]* (Alexandre). Nas propriedades que não exploram o turismo, a ordenha é uma das principais atividades, pois é ela que gera a segunda maior receita com a venda do queijo. A ordenha nestas propriedades é realizada, na totalidade, pelos homens com a eventual ajuda das mulheres. Isso justifica-se porque neste momento elas estão realizando outra atividade, como o preparo do café da manhã e dos utensílios, bem como a limpeza da casa de queijo.

As evidências apresentadas permitem-nos identificar a hierarquização e a valorização de uma determinada tarefa a partir de diferentes ambientes econômicos. No momento em que a produção do leite torna-se fundamental para a economia familiar, sendo o produto base para a obtenção da segunda receita da família, o queijo, ela passa a ser desempenhada pelo homem. Nestas famílias, contrariamente daquelas que desenvolvem o turismo, a ordenha é considerada como uma atividade mais pesada que a fabricação do queijo, que é de responsabilidade feminina, então considerada como leve. Porém, é salutar destacar que o processo da fabricação do queijo envolve maior participação dos homens das famílias que desenvolvem o turismo. Esse envolvimento dá-se não apenas na retirada do leite, mas na ajuda no processo de elaboração do queijo, fato não evidenciado nas famílias agrícolas. Além disso, os homens estão mais envolvidos em atividades como a preparação de licores e de doces do que os homens que realizam atividades exclusivamente agrícolas. Eles percebem que o seu envolvimento, mesmo que de ajuda, irá beneficiar no produto final, que é o turismo, base econômica da família.

As relações existentes entre trabalho agrícola, trabalho no turismo rural e trabalho doméstico são muitas, sendo um o desdobramento do outro, como já identificado por autores como Nogueira (2004). Como já visto, o trabalho no turismo rural é uma extensão do trabalho doméstico e realizado pelas mulheres. Porém, a esse trabalho também está atrelado o trabalho agrícola, realizado pelos homens. Se na pecuária as mulheres eram as ajudantes, com o turismo há uma inversão de papéis, onde elas passam a ser as “responsáveis” e os homens os “ajudantes”. A proximidade entre as tarefas domésticas e as necessárias para o atendimento ao turista, remete a mulher, quase que naturalmente, a ser a responsável por esta atividade. As tarefas que elas realizam para a família são as mesmas necessárias para os turistas, porém, ampliadas no tempo e no espaço. Já os homens, depois do turismo, tiveram de fazer rearranjos na sua atividade principal, que é a pecuária. Agora eles precisam dedicar-se a ambas, precisam

---

<sup>43</sup> O café Camargo é o café que se toma com leite tirado diretamente do úbere da vaca, sem passar por nenhum tipo de processamento.

ajudar as mulheres, principalmente nas atividades mais pesadas do turismo e que exigem a permanência por determinado tempo fora da propriedade.

Apesar, do trabalho do homem ter se modificado em alguns aspectos, o trabalho agrícola da mulher foi o que passou por maior rearranjo, onde novas atividades foram inseridas. As atividades que sofreram mudanças são as que estão relacionadas à identidade masculina, como o trabalho com a terra, que envolve o plantio e a colheita. Agora essa dedicação é muito pouca. O que era até então considerado como ajuda, agora é considerada como *quase nada*, pois a mulher precisa dedicar-se às tarefas relacionadas com o turismo. Antes ela tinha o compromisso de ajudá-lo sempre, os dois trabalhavam juntos na lavoura. Hoje, com o turismo a mulher vai quando pode, quando não tem turista, como pode se constatar nos depoimentos a seguir:

*[...] sim, mudou né, porque antigamente a gente trabalhava mais, no sol, na chuva... Agora quando não tem hóspede, daí eu vou ajudar ele... sempre ajudando ele, a gente se ajuda né... Antes era direto, agora não, agora a gente se ajuda”*  
(Fernanda).

*[..] ah, não, por exemplo, antes... pra banha o gado... eu ia ajudar... pra buscar a comprar um gado... sempre a genti estava disponive... antes tu tinha disponibiladadi di tempo! Porque era um trabalho qui era nosso, nosso trabalho, né! di... tu tinha disponibiladadi di tempo!...i hoje...nem sempre eu tenho disponibiladade de tempo...”*  
(Janete)

*[...] Eu vou menos no galpão porque assim que nem agora . . . tá sendo mais direto assim turismo . . . então daí não tem como eu i lá tira leite, eu tenho que servi café, tem que fazer mistura, bolo de manhã né, que eu tenho os biscoitinho pronto mas que nem um bolinho um pastel... é tudo de manha e eu faço tudo em casa... desde a massa do pastel tudo. . . (Luciana)*

O depoimento da dona Luciana nos remete ao maior envolvimento das mulheres em atividades que antes eram realizadas somente para a família, como produção de pães, bolachas, doces, mas que hoje é realizada em grande escala e pelas mesmas pessoas, para atender a demanda do consumo e venda na pousada. Além desses produtos, elas passaram a elaborar licores, bebida típica da região servida aos hóspedes. A produção de licores é uma atividade nova ao mesmo tempo que antiga. Nova como produto a ser comercializado e antiga na fabricação. Os homens também demonstraram mudança com relação a este tipo de beneficiamento. Antes do turismo nenhum dos homens fazia esse tipo de trabalho, hoje parcela deles faz. Uma das explicações pode ser devido ao fato do licor ser uma bebida quente, consumida, sobretudo pelos homens, estando assim, mais uma vez a fabricação relacionada com o consumo, com o gênero. Outro fato interessante relacionado à produção do

licor, assim como no queijo, é que os homens que investem nesse tipo de produto buscam qualificação para aprimorar a produção, enquanto as mulheres continuam fabricando de forma tradicional, o que é ideal para o turismo, pois tem como um dos seus atrativos os modos de vida tradicionais das comunidades rurais.

Em síntese, as evidências empíricas permitem constatar que houve uma redefinição no trabalho agrícola depois do desenvolvimento do turismo, tanto para os homens como para as mulheres. Para os homens, há uma mudança na reorganização de algumas tarefas e o abandono ou substituição por outras. Além disso, ele passa a ser ajudante da mulher no turismo, o que faz com que ele divida seu tempo entre a pecuária e o turismo, aumentando seu tempo produtivo. Para a mulher, houve o abandono do seu trabalho de ajuda na pecuária e o aumento das suas atividades domésticas com a inserção do turismo, fato justificado pela proximidade das tarefas realizadas em uma ou em outra atividade. Assim, àquelas atividades que são consideradas dos processos de socialização de homens e mulheres são valorizadas diferentemente na perspectiva de geração de valor e simbólica

#### **4.5.4 Trabalho doméstico: *coisa de mulher?***

O trabalho doméstico é considerado neste estudo como as atividades desenvolvidas no ambiente interno da casa e no seu entorno, como limpeza e organização da casa e seus arredores, alimentação, educação dos filhos e trato de pequenos animais. Para Boni (2005, p. 59) uma das características do trabalho doméstico “é produzir bens e serviços não destinados à venda, mas ao consumo familiar (autoconsumo), realiza-se no interior da família, não é assalariado. Seu objetivo é a obtenção de recursos para a reprodução da força de trabalho”. Intimamente relacionado a isso está seu caráter quase que exclusivamente feminino. O turismo, como já evidenciado, tem nas tarefas tidas como domésticas seu principal fundamento. As tarefas necessárias são as mesmas que as tarefas de manutenção da reprodução da família. Quando nessa discussão entra o valor econômico, o discurso passa a ser diferenciado. Vejamos esta fala através dos depoimentos dos entrevistados:

*[...] ele não ajudava... Agora ele faz com frequência... Agora se precisa ele tem que pegar no batente também, né” (Luciana)*

*[...] Ajudava... Mas hoje ajudo mais... Quando tô por lá ajudo a descascar uma batata ou servir uma mesa, alguma coisa que eu posso, sempre que eu posso eu ajudo, a secar a louça... Quando ela precisa, agora quando apura é bem mais (Alexandre)*

*[...] faz mais hoje! Porque... foi uma coisa que houve um aumento di serviço né! E houve uma obrigatoriedadã di estar... tudo em ordem! antes tu tinha tempo... Tu deixava... não tava nem aí! Se preocupando.... di estar organizado! Então...(Janete)*

*[...] Mudou muito, as atividades, coisas que antes eu não fazia, hoje passo a enceradeira, limpo a mesa, lavo a louça... eu gosto de fazer, se tivesse outra pessoa pra me substituir lá fora eu queria ta aqui dentro ajudando ela, né, limpeza do pátio, ajuda na alimentação, limpeza da casa, tratar os animais (João)*

Apesar do envolvimento maior dos homens, as mulheres são as responsáveis pelas atividades domésticas e isso gera para elas o ônus do aumento de horas de trabalho, pois o turismo exige praticamente a realização das mesmas atividades. Se antes elas faziam o almoço em uma hora, hoje, com turistas, elas envolvem-se cerca de três horas. Isso decorre do fato de que o alimento é um dos principais produtos turísticos oferecidos pelas pousadas, logo, tem que ser mais bem elaborado, exigindo maior dedicação, segundo o depoimento dos entrevistados:

*[...] sim, aumentou, dentro de casa era menos trabalho né, aqui hoje aumenta um pouquinho mais, tem mais pessoas, mais turistas né... Mas tenho mais prazer em fazer. (Nara)*

*[...] eu acho que mudou tudo né, toda a rotina, muda toda a rotina, porque antes eu cozinhava só pra nós, eu fazia a bolacha, pães só pra nós, hoje a gente tem que fazer pra todos, e é mais compromisso, tem que ser tudo bem feito né... O trabalho tem mais responsabilidade agora né[...]. (Fernanda)*

Os depoimentos demonstram que, além do aumento do volume de trabalho, aumentou também a responsabilidade das mulheres. Com o turista, elas precisam fazer *as coisas bem feitas*, como elas mesmas relatam. Para exemplificar, o dia em que a pesquisadora encontrava-se em uma determinada pousada, enquanto estava entrevistando, a mulher ia preparando um bolo, receita nova. Ela disse: *vou testar essa receita porque é para você e ainda é cedo, caso algo dê errado, ainda tenho tempo*. Fez o bolo. A pesquisadora recolheu-se antes do resultado final. O bolo não ficou bom e ela foi fazer outro, ficando até as duas horas da manhã preparando o bolo. No outro dia, no café da manhã ela relatou o acontecido. Esse fato evidencia claramente a preocupação dela em *fazer bem feito*, mesmo que para isso fosse preciso ficar até a madrugada envolvida com a atividade. A qualidade deve estar presente em tudo, como se pode verificar no depoimento da entrevistada a seguir:

*[...] eu vejo assim: como a genti abre a casa da genti pra... receber o povo... Qualquer coisa qui... Ahn... por exemplo assim... põe em riscos o trabalho da genti... do bolo... o bolo não deu certo! Di ter aquela preocupação di colocar uma coisa boa... um detalhe super simples... mas tu fica preocupada se tu não consegue... A genti quer dar o melhor! Di melhor... pro turista! A satisfação do clienti é a primeira*

*coisa qui conta... independenti do fator financeiro, por exemplo... Tu tá ganhando... mas o dinheiro é secundário[...]* (Janete)

Neste depoimento está evidenciada uma das descobertas importantes desta tese a valorização social do turismo rural. A atividade turística, mesmo que tenha sido desenvolvida com o intuito de aumentar a receita da família, também se tornou um instrumento importante de sociabilidade destas famílias, especialmente das mulheres. Hoje, diante da realidade que está expressa nas famílias pesquisadas, o fator financeiro aliou-se ao social e cultural e tem nestes suas principais razões de permanência nesta atividade.

A alimentação é a primeira preocupação das mulheres, tendo esta um duplo significado para elas: através da elaboração do alimento, elas podem demonstrar seus saberes e práticas adquiridos durante toda a vida, e é especialmente pelo alimento que os turistas sairão satisfeitos ou não. Assim, o alimento se constitui como um meio de valorização do trabalho, sendo somente elas as responsáveis pela sua preparação. Com o turismo há uma revalorização da tarefa tradicional da alimentação o que resulta para a mulher em maior prazer na sua execução. Os homens em momentos determinados ficam responsáveis pela elaboração de algum tipo de alimento, como por exemplo, o churrasco. O churrasco, se feito na churrasqueira, é comida de homem, se feito no forno é de mulher. O churrasco é a comida dos finais de semana, o que representa que seu preparo é esporádico e também considerado como uma prática de lazer. Assim, este é realizado pelo homem. O fato de ser realizado aos domingos remetia, antes do turismo, a uma prática de lazer e não de ajuda para as mulheres. Hoje, ele já é considerado como ajuda, pois está relacionado à receita obtida dele. Assim, ele passa de lazer para ajuda, dependendo do contexto da sua realização: [...] *era como lazer não como ajuda... Aí ela tá precisando de alguma coisa, aí eu to ajudando ali ela, né* (João). Ainda sobre o preparo dos alimentos, existem outras atividades relacionadas a ele como: carregar a lenha, fazer o fogo, trazer verduras e legumes, descascar algum legume, etc. Para estas atividades é permitida a ajuda masculina, pois estas não influenciarão no preparo, no sabor e odor dos alimentos, como demonstra o relato do Sr. Marcio: [...] *na alimentação não! Tudo com ela... Na limpeza da casa eu ajudo. Hoje eu me envolvo mais, né, mas eu sempre gostei...* (Marcio).

Sendo o preparo do alimento e o resultado dele parte do produto turístico oferecido nas pousadas, ele tem valor maior do que atividades como a limpeza. A alimentação é tida pelas mulheres nas pousadas como sendo sua tarefa exclusiva, não permitindo que outra pessoa faça, nem mesmo as ajudantes. Isso é justificado pelo sabor do alimento: o turista vem e come sempre a mesma comida, caseira, com o mesmo tempero. Isso representa a divisão que elas

fazem entre a cozinha e a sala. A cozinha é de domínio das mulheres da casa, enquanto a sala pode ser o ambiente compartilhado entre homens e mulheres. Durante a semana, esta tarefa é realizada pela mulher da casa. Já nos finais de semana, quando há fluxo maior de turistas, a responsável é a mulher contratada como diarista. Essa atividade foi, sem dúvida, a que mais apresentou mudança de comportamento dos homens. É de comum acordo, entre homens e mulheres, que houve uma mudança na realização das tarefas domésticas, passando eles a ajudarem mais as mulheres. Porém, esta ajuda é dada quando não há ninguém para suprir tal necessidade, como a diarista, e quando elas realmente necessitam, quando estão *apuradas*. As tarefas realizadas pelos homens são: varrer a casa, arrumar as camas e lustrar a casa. Salvo em uma das famílias, a atividade de lavar a louça não foi citada nem pelos homens nem pelas mulheres. Quando questionados sobre essa tarefa, ambos tiveram reação de surpresa, o que nos faz pensar que esta geralmente não é uma tarefa com forte envolvimento dos homens, pois se caracteriza como uma tarefa feminina.

*[...] é hoje coisa que eu não tinha feito, eu fazia pra mulher com um pano de lustrar, eu lustrava a casa pra ela, hoje e passo a enceradeira, né, eu limpo as mesa eu ajudo ela... Enxuga a louça né era difícil... Hoje eu enxugo louça e ajudo a servi a mesa, eu asso churrasco pro turista, então vai mudando a coisa, né (João).*

*[...] só por causa do turismo, foi a necessidade que me obrigou a fazer, eu era aquele filho machista, que saiu da barra da saia da mãe e depois foi pra barra da saia da mulher... Ela fazia tudo, lavava, passava, cozinhava... Hoje eu já não deixo a mulher fazer o serviço, onde tem forma engraxada eu já vou metendo a mão, que é pra mim que vai sobrar, ariar panela é eu, bah, mudou minha vida assim, eu acredito que mudou minha vida 100%. A pousada me trouxe isso, que eu acho ótimo, eu se tivesse hoje filho homem eu ia fazer meu filho homem trabalhar e fazer o que eu faço dentro de uma cozinha, porque eu acho o maior erro falar que o homem não pode fazer isso, eu acho uma barbaridade, o homem tem que fazer igual, nós temos as mulheres que têm os mesmos direitos também, e nós também temos que ter, cozinhar, lavar, passar, tudo, eu lavo roupa até da minha mulher, bota ali, seco, faço tudo, não tem, até de hóspede, se pedir pra fazer eu faço... Mudou porque eu comecei ver o sofrimento da mulher, a dificuldade da mulher, me sinto na obrigação de ter que fazer pra compensar uma coisa ou outra” (Alex).*

O relato do Sr. Alex apresenta uma mudança de comportamento. Porém, é importante destacar que essa pousada é a única que não serve pensão completa, ou seja, almoço e janta, e também é a única em que a mulher não está presente durante toda a semana. Isso, aliado ao fato de o Sr. Alex ser uma pessoa com grande abertura cultural, que pode ser um indício explicativo do comportamento dele, que não é unânime entre as famílias e, portanto, não conclusivo. Outro fator importante a destacar é que a necessidade fez com que o Sr. Alex se envolvesse com estas atividades. Nos depoimentos das famílias somente agrícolas, esse envolvimento não é comentado pelos entrevistados, pois afirmam que “isso é coisa da

mulher”, sendo que não há participação alguma, nem como ajuda esporádica. A partir disso, sim, é possível concluirmos que houve uma pequena mudança no comportamento dos homens quanto às atividades domésticas, mesmo que esse seja justificado pela necessidade da ajuda. O turismo aumentou a carga de trabalho das mulheres e, com isso, os homens se envolvem mais com as tarefas domésticas.

Outra atividade considerada como doméstica ao mesmo tempo em que agrícola é o cuidado com a horta. A responsabilidade pelo cuidado com a horta é das mulheres, porém, estas recebem a ajuda dos homens. Essa ajuda ocorre quando não há nenhuma atividade na pecuária a ser realizada. Dentre as atividades domésticas, os trabalhos relacionados com a horta são os que mais recebem a ajuda dos homens. Essa participação aumentou depois do turismo, fato decorrente da falta de tempo das mulheres com o envolvimento em outras atividades domésticas. Outra mudança relacionada à horta é a contratação do trabalho de diaristas. Os diaristas, homens, fazem serviços como *virar* ou preparar canteiros, que são consideradas atividades pesadas para as mulheres. Porém, o plantio e o cuidado posterior continuam sob a sua responsabilidade, pois isso está relacionado com a alimentação, que é de responsabilidade da mulher, conforme pode ser evidenciado no depoimento das entrevistadas:

*[..] A horta é eu e ela... nós dois juntos; antes ela se envolvia mais também porque ela podia, tinha mais tempo, né? Às vezes agora ela tem vontade de ir mais assim... falta de tempo” (João)*

*[..] Ah é ela, é ela que gosta de lidar na lavoura dela, que gosta de experimentar as coisas que ela precisa (Charles)*

*[...] eu também ajudo a plantar, regar que a gente é da área né, mas assim, o grosso tem que pegar uma pessoa diarista (Eliane)*

*[..] ...a horta esse ano... tá meio divagar... Mas quem é responsável pela horta... é eu e o Chico... i a genti tem uma pessoa... qui vem auxiliar... mas quem tem tempo vai ali daí...” (Janete)*

A limpeza do pátio e o trato dos animais também são consideradas tarefas domésticas, porém, realizadas na maioria das vezes pelos homens. Isso se justifica pelo fato delas não terem mais tempo para tal atividade, devido ao aumento das tarefas e o tempo dedicado para a casa, e também por serem atividades realizadas no ambiente externo à casa.

*[...] o pátio a senhora limpava antes? Sim, agora é eles...(Fernanda)*

*[..] Também, mas agora ainda quando sobra tempo eu ainda faço porque eu gosto de plantar minhas flor (Luciana)*

*[..] daí... é... ele qui roça aqui... i tem uma pessoas aqui qui contrata daí... pra fazer também!” (Janete)*

As mulheres, antes do turismo, em sua totalidade, eram as responsáveis pelas atividades relacionadas ao preparo do alimento, limpeza da casa, do pátio e cuidados com as crianças, sendo estas, por vezes as responsáveis pelo trato dos animais. Com o turismo, elas consideram estas atividades como sendo sua maior responsabilidade, ficando a limpeza do pátio e o trato dos animais como atividade de “ajuda”. Os homens destacam a participação das mulheres em atividades como o preparo dos alimentos, limpeza da casa e cuidados com a horta, sendo que esta participação não teve influência do desenvolvimento da atividade turística na propriedade. Contudo, há que se destacar que, apesar das mudanças evidenciadas nos itens anteriores e neste, o turismo trouxe para estas famílias novos significados como a valorização econômica e social do trabalho de homens e mulheres, como demonstrado no item que segue.

#### **4.5.5 Os “significados” do trabalho no turismo rural**

O propósito deste item é tratarmos dos significados que assume o trabalho no turismo para homens e mulheres rurais. Estudamos uma realidade específica de turismo rural e é com base nisso que procuramos traçar algumas considerações sobre o que representa essa nova atividade para homens e mulheres que nela estão envolvidos. A palavra que traduz os significados do trabalho no turismo é “valorização”. Esta valorização dá-se por meio dos seguintes aspectos: valor econômico, valor social, valor do trabalho, seja ele doméstico ou agrícola. Tentaremos refletir sobre estas diferentes formas de valorização, no entendimento de homens e mulheres.

Em primeiro lugar, o trabalho no turismo representa, tanto para homens como para mulheres valor econômico e é por isso que eles decidiram investir na atividade, fato também identificado nas pesquisas de Nogueira (2004) e Garcia Ramón, Cànoves e Valdovinos (1995). A crise do sistema produtivo atual permitiu que estas famílias investissem em uma nova atividade a partir da década de 1990, como no turismo rural e no reflorestamento (a plantação de pinus), como demonstram os depoimentos a seguir:

*[...] foi por causa da receita... Com certeza, nossa vida ansim, claro que final de expediente, final de feriadão ou mesmo cada dia de férias tu sente, tu cansa, mais a gente ansim sente que é um trabalho prazeroso pra quem gosta, né, de fazer isso, e eu indiretamente gosto e é uma paixão que a gente tem já de gostar, então é uma coisa que a gente vai se divertindo no trabalho que a gente fazia antes, que era na roça, que era colher batata, que era tirar pinhão nos matos, que era trabalhar com*

*os primos do meu pai nas fazendas, assim mais mexendo com a agricultura porque é um trabalho mais pesado, mais braçal, né (João)*

*[...] porque daí a gente acha assim que só a pecuária tava sendo muito pouco né pra nós, né, porque daí os filhos foram crescendo e a necessidade de uma receita a mais também, né, porque é a nossa região aqui é uma região muito fria também, e chove muito também, então a gente achou de investir no turismo, porque no plantio de pinos ilhote nós ia ta matando a natureza né, pra investir numa lavoura ia o gasto é muito alto, então daí nós pensamos assim, melhoramos a casa, se não dá certo a gente fica com a casa melhor e se dá certo a gente vai continuando, né, e daí graças a Deus até hoje temo uma aceitação muito boa, né (Pedro).*

A receita auferida por esta atividade representa, hoje, para a maioria das famílias, a principal fonte de recursos financeiros. Os ganhos oriundos do turismo rural ultrapassam os ganhos obtidos pela produção do queijo, segunda atividade econômica de maior importância antes do turismo rural, e da pecuária, tornando-se em muitas das famílias pesquisadas a fonte de receita que possibilita a manutenção da pecuária.

*[...] quero te dizer uma coisa que hoje agropecuária ta sendo muito importante pra nós, que nós tamo investindo ainda em cima, sabe... Futuramente vai ser muito bacana, bah... Ele mesmo já ta caminhando com as próprias pernas, a partir de agropecuária, nós demos uma forcinha, depois já ta conseguindo (Charles)*

*[...] eu acho que o turismo ele tá tomando conta, né, ta tomando conta, ele tá dando mais lucro pra nós que já da própria pecuária. 70%, 80% da receita tá vindo do turismo (Pedro)*

*[...] o dinheiro qui entra... diariamenti... é o do turismo né! 25% da pecuária e 75% do turismo... vamos colocar assim! Porque... eu digo 25% porque... aqui a genti si basea... nisso aqui oh! Se esse aqui dá uma baixa, a genti acrescenta com pecuária... i como tá bem, Graças a Deus... normalmenti a genti... só mexe nesse daí para fazer um investimento maior né? Um complementa o outro na realidade... né (Janete)*

Assim, a importância do turismo rural como atividade econômica é destacada e evidenciada por homens e mulheres. Porém, para as mulheres, o turismo representa mais que fonte de receita, representa a valorização do seu trabalho doméstico, mesmo que este tenha aumentado. Antes do turismo, o trabalho realizado por elas não tinha valor econômico para a família, era invisível. Hoje, essa valorização mudou devido, sobretudo, à sua importância econômica e social para a família.

Para Rivera (2000) quando o turismo passa a ser uma atividade econômica significativa para a propriedade, ele deixa de ser tratado como uma extensão do trabalho doméstico e passa a ser considerado como profissão que tem na participação masculina um aumento significativo. Esse fato, quando relacionado com as mudanças nas relações de gênero no meio rural, torna-se interessante. Como a mulher, que antes não era considerada como

provedora de receita, agora tem sob seu controle uma das principais atividade e de fonte de receita da propriedade? Para elas, essa receita não é obtida apenas pelo seu trabalho, e sim, pelo trabalho da família, mesmo que o seu seja indispensável. Definir quem é ou quem são os responsáveis por esta atividade não é a sua maior preocupação. O importante para elas é que com o turismo rural a receita da família aumentou e, conseqüentemente, a qualidade de vida delas e de sua família também. Para as mulheres, o turismo representa um conjunto de atividades, sincronizadas, que precisam tanto do homem quanto da mulher. Se o homem não estivesse presente, atividades como os passeios e as cavalgadas não seriam possíveis, e estas são atividades consideradas muito importantes por todos, já que elas estão relacionadas com a natureza, com o clima e com os *canyons*, componente fundamental do produto turístico na região.

Para o homem, essa valorização do trabalho não é a mesma. O homem sempre teve seu trabalho valorizado dentro da propriedade, pois sempre foi ele o responsável por manter economicamente a propriedade através da atividade agrícola. Com o turismo, o seu trabalho passou por mudanças significativas, contudo, estas estão relacionadas ao tipo de tarefa desempenhada. Tarefas que antes não eram realizadas por ele, como ajuda nas atividades domésticas, passam, agora a ser realizadas. Antes, a prioridade era a pecuária e a dedicação era total a esta atividade. Hoje, a prioridade é o turismo rural, passando as atividades relacionadas com a pecuária por rearranjos. Contudo, mesmo com essa mudança, o fato de precisarem se dedicar a duas atividades não influenciou na valorização do seu trabalho, nem para menos, com o envolvimento nas atividades domésticas e nem para mais, como demonstrado nos depoimentos:

*[...] não, pode ta quem tiver, se eu tiver que ajudar ali eu ajudo porque isso tudo assim, eu no meu modo de pensar não é feio pra ninguém, porque se a pessoa ta fazendo aquilo ali, depois tem o porquê de fazer, né, e eu faço porque eu gosto (Alexandre)*

*[...]até inclusive se eu pudesse, se tivesse outra pessoa pra me substituir lá fora eu queria ta aqui dentro ajudando ela, né... Aí ajudo mais aqui dentro... mais é que as vezes no caso eu não tenho outra pessoa lá fora pra me substituir (Pedro)*

Outro fato evidenciado nos depoimentos dos entrevistados é sobre a valorização do trabalho das mulheres pelos homens. Com o turismo rural, o trabalho da mulher teve significativo aumento, ocasionando uma visibilidade maior de suas tarefas. Essa evidência fez com que os homens valorizassem mais a função exercida pela mulher dentro da propriedade, fato que em nenhum momento esteve relacionado com o recurso financeiro, ou seja, os

homens não valorizam mais o trabalho das mulheres porque está gerando receita para a família, e sim, pela visibilidade que o trabalho feminino teve com o turismo e sua importância para o funcionamento da atividade. Tanto homens quanto mulheres deixam claro em seus relatos que o turismo rural só está trazendo benefícios, porque toda a família está envolvida, não é uma atividade de homens ou de mulheres, mas sim da família, com uma proporção de dedicação diferenciada para homens e mulheres. Contudo, não se pode afirmar veementemente que o turismo é uma atividade mais ou menos feminina ou masculina e caracterizá-la como tal. O que se pode evidenciar empiricamente é que existe uma proximidade maior da mulher com a atividade, por esta ser realizada dentro de casa e por ser uma extensão do seu trabalho doméstico.

*[...] o qui mudou... é qui antes não pagavam... i agora pagam! Mas o que eu digo... assim... de proporção... não houve muita... Ahn... porque a genti sempre teve a casa cheia... então a genti sempre trabalhou muito... O qui houve... qui hoje a diferença é remunerado, antes não! Antes tu fazia... porque era pra fazer! Coisa assim... foi a qui mudou mais foi a remuneração mesmo! Além di prazeroso... é uma fonti di receita... qui ta entrando sempre! Sem se discapitaliza né! Porque na pecuária, tu ta vendendo pra... e aqui não! Aqui tu ta... yendendo o trabalho da genti... Então... como a valorização pessoal... tu ta conseguindo fazer um trabalho qui tem uma rentabilidadi... Sem tu sair di casa! Então... i as pessoas... valorizando o trabalho qui a genti faz aqui. Então é... o meu trabalho é bem valorizado! Porque... a genti vê assim as pessoas... agradecendo...” (Janete)*

O relato da entrevistada demonstra essa valorização do trabalho, não só econômica, mas no sentido de estar valorizando um trabalho que até pouco tempo era considerado apenas como necessário para a reprodução do grupo familiar e para o autoconsumo. Essa mudança é uma das principais encontradas pelas mulheres. Perez e Valiente (2000) também encontraram esse resultado nas suas pesquisas. Para elas, a “[...] alta valorização do trabalho no turismo se deve também a que é uma forma de demonstrar aos demais e a si mesmas que sabem fazer outra coisa que não seja ir para a horta, ocupação exclusiva da mulher, no espaço doméstico e, portanto sem valor social” (PEREZ; VALIENTE, 2000, p. 191). Essa mudança, porém, não é relatada pelos homens. Os homens, sim, passaram a valorizar mais o trabalho da mulher, devido ao seu envolvimento em atividades que até então eram desempenhadas apenas por elas.

Além do valor econômico, o turismo traz implícitos valores sociais e culturais, que significam mudanças positivas e negativas. Nesse sentido, há uma forte valorização social destacada pelas mulheres, a partir do convívio com os turistas, como se pode verificar no depoimento da entrevistada:

*[...] qui o nosso trabalho aqui é maravilhoso... Eu vejo assim, que além da parti financeira... conta, mas não é tudo! O conhecimento qui tu tem... O conhecimento qui eu digo, não é só o cultural, das pessoas... Ahn... quanta coisa assim, qui aconteceu assim, no decorrer desses 14 anos... qui a genti teve... como o porto seguro, o turismo! Tanto na questão médica, quanto no passeio... qualquer coisa! (Janete)*

Hoje, o turismo é visto, especialmente pelas mulheres, não só como uma fonte de recurso econômico para a família, mas também como uma fonte de conhecimento cultural, de redução do isolamento e de envolvimento social (socialização). Contudo, essa visão não é destacada pelos homens. Para eles, o turismo rural proporcionou isso tudo para as mulheres, porém, não viram isso como uma mudança para as suas vidas. Para as mulheres, o que antes de ingressarem na atividade do turismo era uma preocupação econômica, hoje é uma realização pessoal e social. Num primeiro momento, a busca era para aumentar a receita, agora são as relações sociais e culturais que a atividade proporciona a grande motivação. Isso também se constata nos resultados dos trabalhos de Rivera (2000), Garcia Ramón e Ferré (2000), os quais destacam a sociabilidade das mulheres como uma das principais mudanças ocorridas com o desenvolvimento do turismo rural. Perez e Valiente (2000) também identificaram mudanças nas regiões estudadas. Para elas, o turismo rural representa para as mulheres da Galícia uma possibilidade de manter relações com outras pessoas, ver outros modos de vida, ter com quem conversar, ter a mente mais aberta, integrar-se ao mundo exterior.

Em síntese, as informações até aqui apresentadas demonstraram que houve mudanças nas estruturas das relações de trabalho de homens e mulheres a partir do turismo rural que culminaram na reorganização das atividades produtivas e reprodutivas das famílias pesquisadas. No entanto, estas pequenas mudanças não foram capazes de transformar a divisão sexual do trabalho tradicional e a posição subsidiária do trabalho da mulher, visto que o turismo rural é uma atividade que tem como base o trabalho doméstico, considerado como complementar e inferior hierarquicamente. As mudanças que ocorreram devem-se ao fato de agora, as atividades domésticas serem pagas e públicas e representarem parte da receita das famílias, gerando assim, uma nova configuração simbólica sobre suas vidas e as relações sociais e familiares. Contudo, essas mudanças não foram capazes de transformar a hierarquia e o *status* do trabalho de homens e, especialmente das mulheres nestas famílias. Para Nogueira (2004), o agroturismo apresenta-se como um *locus* no qual se reproduzem as relações de gênero presentes em toda a sociedade, ou seja, estamos diante de uma permanência dentro da mudança, parafraseando Bourdieu (2002).

Para Perez e Valiente (2000), pouco pode se esperar do turismo rural como um motivador de mudança nas relações de gênero, visto que o turismo é uma atividade nova, que está se mantendo com base no trabalho da mulher rural, e que tem nele a extensão do trabalho doméstico. Efetivamente, a estacionalidade desta ocupação, a simultaneidade com o trabalho reprodutivo, a utilização do espaço doméstico, e o fato de não precisar de uma formação específica são elementos que impedem que esta atividade seja valorizada, sendo esta considerada como “baixo-emprego”, portanto, pouco útil como fator de mudança. Corroborando as autoras e os resultados de nossa pesquisa, Nogueira (2004) também aponta para uma divisão sexual do trabalho e desigual valoração do trabalho realizado por homens e mulheres. A autora demonstra em seu estudo que o agroturismo reproduz, de forma (re)significada, uma tradicional divisão sexual do trabalho, onde homens são os responsáveis pelas atividades agrícolas e mulheres pelas tarefas domésticas. Atrelado a isto está a dificuldade de contabilizar o trabalho da mulher rural, tanto o doméstico quanto o produtivo, e também, agora o do turismo. Para Garcia Ramón (1990), o trabalho da mulher na produção é difícil de classificar e valorar, pois é descontínuo, fracionado e irregular, pois ela está disponível ao que convém para a unidade familiar, tanto na produção como na reprodução e, geralmente, é um trabalho de apoio.

Mesmo o trabalho realizado no turismo rural aparece subordinado às responsabilidades familiares da mulher, pois esse somente é realizado porque houve o entendimento da família de que era possível desenvolvê-lo sem prejudicar os cuidados dela com a família. Esse fato pode ser a justificativa para, na grande maioria das pousadas, não possuírem filhos pequenos, que exigem mais cuidados. Mas talvez seja essa a grande descoberta, que o turismo rural pode ser conciliado com as responsabilidades domésticas e ainda gerar emprego e rendimento para as mulheres rurais, mesmo estando atrelado às atividades domésticas, pois ele permite que estas mulheres invistam nesta atividade, como gestoras e administradoras, como empreendedoras, mesmo que a mulher esteja “inserida na unidade familiar e fortemente condicionada por tal inserção e não isolada ou como sujeito individual” (BONI, 2005, p. 58).

Os dados nos informam que o turismo rural (re)apresenta a divisão sexual do trabalho tradicional nas famílias rurais pesquisadas, sobretudo no que diz respeito ao trabalho feminino, sendo que as desigualdades de gênero não estão somente na divisão sexual do trabalho, mas também nos valores atribuídos socialmente a estes trabalhos. O trabalho no turismo rural, por muitas vezes, é remetido aos atributos físicos necessários para desenvolvê-lo, estes que são na maioria atributos femininos. O leitor poderia perguntar: como, mesmo com essas mudanças, com o fato de ser uma atividade não agrícola, desenvolvida com base

especialmente no trabalho feminino, que representa o trabalho feminino, e sendo a principal atividade financeira nas propriedades, este trabalho, ainda assim, representa uma divisão sexual do trabalho baseada na dominação masculina? A resposta para esse questionamento nos parece muito simples, já foi referenciada neste estudo e resume-se em duas palavras: identidade profissional<sup>44</sup>. No meio rural, a identidade produtiva ainda está baseada no trabalho agrícola que tem no masculino a sua representação.

Outro ponto fundamental da nossa discussão é a complementaridade que existe entre atividade turística, atividade agrícola e atividade doméstica. Mesmo que essas atividades apresentem claramente a divisão sexual do trabalho no meio rural, onde cada membro tem seu papel, elas estão associadas e se complementam. O turismo rural, hoje, é considerado como atividade econômica principal das famílias, sendo que este tem no trabalho doméstico seu principal fundamento, e no trabalho agrícola seu principal investimento. Cada atividade, seja ela produtiva ou reprodutiva, representa uma peça do todo e funciona como uma engrenagem, onde cada um apresenta-se de forma diferenciada e tem uma expressividade maior ou menor, mas que no final são complementares e necessárias para o andamento econômico e social da propriedade e da família. Assim, o trabalho no turismo rural monetariza a qualificação natural das mulheres e atribui valor econômico a este. Contudo, é um trabalho que provoca a flexibilização da hierarquização tornando-o um trabalho independente e complementar ao mesmo tempo.

#### 4.6 PARTICIPAÇÃO E DECISÃO NO TURISMO RURAL: *TUDO COMBINADO*

Esta seção apresenta e discute as questões da participação e decisão em relação a aspectos relativos à participação e decisão nas relações econômicas, sociais e familiares, políticas e de trabalho de homens e mulheres dentro da família. Destaca como se constitui essa participação e se isso mudou com a inserção do turismo rural. Analisam-se as informações oriundas tanto das famílias que trabalham com o turismo rural como das que exercem somente a atividade agrícola, evidenciando elementos que consideramos essenciais para o entendimento das relações de poder nas circunstâncias analisadas na pesquisa.

---

<sup>44</sup> Este conceito foi apresentado no capítulo I, item 2.4.

#### 4.6.1 Participação e decisão nas relações econômicas

A receita tem sido um dos principais meios de empoderamento para homens e mulheres rurais, e está diretamente relacionada com o trabalho executado por cada membro. Trataremos em específico destas relações, que envolvem homens e mulheres nas famílias agrícolas e nas famílias pluriativas, não com o objetivo de comparação, mas sim, de aproximações e distanciamentos entre um e outro. Procuramos evidenciar aqui que, assim como nos trabalhos de Garcia Ramón, Canoves e Valdovinos (1995) e de Nogueira (2004), a economia, no primeiro momento, é o principal motivador de investimentos em novas atividades e também uma das principais mudanças que ocorre nestas famílias. No segundo momento, a economia torna-se aliada às questões sociais. Exploramos neste sub-item a análise através do ponto de vista da obtenção e uso das receitas agrícola e não-agrícola.

##### 4.6.1.1 A Receita agrícola

A receita agrícola nas famílias pluriativas pesquisadas representa a fonte de receita “segura”, a poupança das famílias. Esta é inferior à receita obtida com o turismo, porém, continua sendo fundamental para a economia familiar e também para os investimentos na atividade turística. A receita agrícola tem dois momentos para estas famílias: um antes e outro depois do turismo. Antes do turismo, ela era a principal fonte econômica das famílias e sua base estava na criação de bovino de corte, sendo complementada com o beneficiamento de produtos, sobretudo do leite na fabricação do queijo. A partir do final da década de 1980 e início de 1990, a produção pecuária nesta região passou por uma crise, o que a tornou instável. Essa situação foi fundamental na decisão de investir em uma atividade não agrícola. As famílias investiram os poucos recursos que tinham disponíveis, sejam eles sob a forma de dinheiro ou sob a forma de cabeças de gado na nova atividade. Além disso, parte das propriedades vendeu terras para aplicar o recurso no turismo, deixando assim uma parcela menor para a criação do gado e, conseqüentemente, diminuindo a produção pecuária.

A receita agrícola é gerada, sobretudo, pelo trabalho masculino, que tem no feminino a “ajuda”. Sendo uma atividade predominantemente masculina, os recursos gerados e gastos nesta atividade são de domínio do homem. É ele quem administra as receitas e despesas geradas pela agropecuária. Isso é explicado também por Brumer (2004), que identificou a partir de suas pesquisas que são os homens os responsáveis pela produção, logo, são eles que investem em aprendizados de novas tecnologias, mantêm contato com os técnicos, fazem as

vendas e as transações com os bancos. São eles também que participam de Sindicatos e Associações relacionados à atividade agrícola e administram todo o recurso oriundo da atividade agropecuária. Segundo Brumer (2004, p. 213),

[...] mesmo que as mulheres participem juntamente com os maridos na tomada de algumas decisões, são eles que conduzem o processo decisório quando se trata de investimentos referentes à produção ou à reposição dos meios de produção necessários para a safra seguinte, sendo significativa a participação da mulher, ou eventualmente de todos os membros da família, apenas nas despesas destinadas ao consumo doméstico ou nas despesas referentes ao atendimento de necessidades individuais de consumo. Se existem recursos excedentes – as ‘sobras’ – após o pagamento dos gastos de produção e atendidas as necessidades básicas de consumo, os homens é que os administram.

Nas propriedades estudadas aqui não é diferente. O depoimento dos entrevistados, cujas informações estão disponíveis na tabela 4, traz a relação de investimentos agrícolas, tanto das famílias pluriativas como das agrícolas, e quem decide sobre eles, evidenciando, assim como encontrou Brumer (2004), que é o homem quem tem maior participação e domínio sobre a receita oriunda da atividade agropecuária.

**Tabela 4 - Tipos de investimento e quem decide sobre receita agrícola segundo os tipos de famílias pesquisadas**

Tipos de investimentos	Famílias pluriativas			Famílias agrícolas		
	H	M	Os dois	H	M	Os dois
Poupança	-	-	-	-	1	-
Pagar contar domésticas (água, luz, telefone)	1	-	-	4	-	-
Educação filho	-	-	-	2	-	-
Compra de equipamentos agrícolas	5	-	1	4	-	-
Insumos agrícolas	5	-	-	5	-	-
No Turismo rural	4	-	2	-	-	-
Consumo pessoal	1	-	-	5	-	-
Lazer	-	-	-	2	-	-
Aquisição de bens móveis e imóveis	5	-	-	5	-	-
Arreçamento de terra	1	-	-	-	-	-
Comprar gado	1	-	-	-	-	-

**Fonte:** pesquisa de campo

**Nota:** \* uma propriedade não possui receita agrícola.

A receita agrícola das famílias pluriativas é investida na compra de equipamentos agrícolas, de insumos, no turismo rural e na aquisição de bens móveis e imóveis, ou seja, em coisas que são consideradas pela família como *grandes*, de investimento alto e que não são gastos diários, ou seja, para a manutenção da família e da propriedade. Logo, se são grandes, são de responsabilidade do homem, e é do trabalho dele que esse recurso é angariado e por ele investido em itens que são considerados, também, de domínio masculino. Os dados mostram que o único dos investimentos resultantes da aplicação da receita agrícola sobre o qual mulher

tem maior participação nas decisões é o do turismo rural. Apesar desta proporção ainda ser baixa, percebe-se que há uma mudança de comportamento, tanto dos homens quanto das mulheres, e que isso pode estar relacionado com a proporção de trabalho dispendida por elas na execução de atividades relacionadas ao turismo. Isso resulta em uma maior valorização do trabalho de ambos, mas, sobretudo, do reconhecimento do trabalho da mulher pelo homem e esse reconhecimento é transferido para a atividade. Nesse sentido, Gasson e Winter (1992, p. 397) destacam que:

A divisão de gênero nos processos de trabalho rural envolve não somente a alocação de tarefas, mas também, as diferentes relações em que homens e mulheres exercem poder e controle sobre os meios de produção e produtos do trabalho familiar. Agricultores do sexo masculino exercem maior influência na tomada de decisão na agricultura, enquanto a mulher desempenha atividades de apoio ou mesmo papéis subordinados. Uma desigual divisão do trabalho na esfera da produção agrícola é compensada à mulher na esfera doméstica, onde tem maior responsabilidade. A atribuição da mulher às tarefas de reprodução das famílias de agricultores reflete a maneira desigual em que papéis de gênero são construídos.

A desigualdade entre as atividades agrícolas e domésticas apontada por Gasson também é identificada nesta pesquisa, no momento em que a separação das atividades é constituída pela tradicional divisão sexual do trabalho. Às mulheres são relacionadas as atividades de manutenção do grupo familiar e aos homens a manutenção da produção. Logo, os recursos oriundos e destinados a cada estrutura estão relacionados a essa divisão. Assim, as mulheres são as responsáveis pelos gastos ligados ao consumo familiar de energia, de alimentação, de lazer, de saúde e educação, pagos pela receita complementar e não pela receita agrícola. Antes da inserção do turismo, essa receita era obtida através da venda do queijo. Isso se deve ao fato deste consumo estar atrelado à manutenção da família, que é de responsabilidade feminina, logo, é da receita do trabalho feminino que estes gastos deverão ser retirados, como evidenciam os depoimentos das entrevistadas:

*[...] A pecuária era com ele... quando eu vendia bolacha era tudo comigo também... Bolacha, queijo... Essas coisa vendia... Galinha... aí ficava mais comigo... Mas era tudo junto né, era tudo junto. O dinheiro do queijo é pra família, né, porque daí tinha que fazer... rancho, porque nem toda a vida que tu ia fazer rancho, tu tinha que vender uma vaca, daí não dava né... Fazia aí duns trinta e cinco, quarenta vaca, daí dava um monti di queijo, daí tu vendia até pra fazer rancho... É! Sempre foi assim, eu pego, eu vendo, mas depois quando vai lá na praça é ele que vai lá fazer compra, paga... Até porque eu não sei dirigi, daí fica difícil daí já toca dele me levar, né, e eu ficando eu fico fazendo o serviço [...]* (Luciana)

*[...] o queijo que cobria uma boa parte das despesas, por exemplo, plantio de batata que a gente plantava batata, consumo não era muito, e colhia pinhão e trabalhava como diarista também nas fazendas, mas tudo isso a gente se mantinha também, a parte de alimentação, a parte de vestimenta, de roupas, né, festas, viagens... a*

*pecuária a gente utiliza assim pra custiar umas despesas da fazenda, diretamente da pecuária, tem sal, tem medicamentos, né. [...] (João)*

Nas famílias agrícolas, essa relação entre receita e despesa não é diferente, como se pode verificar através dos dados da tabela 4. Assim como nas famílias pluriativas, os recursos oriundos da pecuária são para custear gastos maiores como a compra de maquinário e insumos agrícolas e de responsabilidade masculina. Os gastos diários são pagos com a receita do queijo, que em todas as famílias agrícolas tem significativa importância não só econômica, mas também cultural e social, pois mantém viva uma prática de saber-fazer típico da serra, passada de geração a geração e que tem como resultado o típico “queijo serrano”. Mesmo nas famílias que possuem receita de benefícios sociais e/ou previdenciários, a produção do queijo ainda permanece. Assim como nas famílias que desenvolvem o turismo rural, a fabricação do queijo é de responsabilidade da mulher. Contudo, faz parte da produção do queijo a ordenha, que conta, na maioria das vezes, com a ajuda do homem. Nas famílias agrícolas, a produção do queijo é a única tarefa que é considerada tarefa em conjunto, sem ser considerada como “ajuda”. Nesta atividade, ambos se ajudam e se complementam. Nas famílias pluriativas é o turismo que proporciona isso. Mesmo que seja considerada uma atividade que tem maior participação da mulher e que tenha a “ajuda” do homem, ela é considerada por todos como uma atividade que depende dos esforços de ambos e que, por isso, ambos estão envolvidos financeiramente com essa atividade.

Assim como em nossa pesquisa, Brumer (2004) também identificou que a receita referente à produção agrícola é de responsabilidade do homem e não da mulher. No entanto, nossa pesquisa evidenciou o desejo de algumas mulheres agricultoras de saber e se envolver mais nesse processo, como apresenta o relato a seguir: *[...] eu sei pelos recibos, ele não me fala muito sobre as coisa, mas eu gostaria de saber mais, que ele me falasse sobre as coisas dele [...] (Ângela)*. A falta de informação sobre os meios de produção agrícola acaba afastando a mulher do processo de tomada de decisão, diminuindo assim a sua participação dentro do grupo familiar. Isso é resultado do caráter de ajuda dado pela produção do queijo. A receita do queijo é complementar à da pecuária, portanto, a participação da mulher nas decisões familiares tem menor representatividade do que a do homem.

Mesmo que a participação feminina como ajuda seja significativa, ela não será a responsável pela atividade, logo não terá sob seu domínio a administração dos recursos. Nas famílias pluriativas, como veremos na seção seguinte, isso não muda. Mesmo depois da inserção do turismo rural, elas continuam sendo as principais ajudantes na pecuária, porém, esse envolvimento não lhes oferece a oportunidade de participar das decisões, da mesma

forma que não dá o direito de participação dos homens nas atividades domésticas. Essa constatação nos faz refletir sobre se as relações de gênero são ou não naturalizadas. Para essas mulheres e homens, sim, essa divisão é naturalizada.

Em resumo, os dados trazidos aqui mostram que houve uma mudança muito pequena no comportamento de homens e mulheres sobre participação e decisão da receita agrícola, não sendo estas suficientes e conclusivas para o entendimento de mudanças nas relações de gênero. A receita agrícola das famílias agrícolas é totalmente decidida pelos homens, mesmo que os gastos sejam destinados à manutenção da família. Fato que não ocorre nas famílias com atividade turística, nas quais as mulheres têm uma participação maior. Porém, o fato de participarem das decisões nas atividades agrícolas não representa maior poder de decisão sobre estas. Assim, evidencia-se que há uma participação maior na receita das mulheres nas famílias pluriativas, todavia, essa participação não resulta em mudanças de comportamento quanto ao poder de decisão sobre esses recursos.

#### 4.6.1.2 A Receita não agrícola

O investimento em uma nova atividade partiu da necessidade de complementar a receita da atividade agrícola, e é considerado pela maior parte das famílias como sendo fundamental para a permanência destas no campo. Os dados revelam que o turismo rural representa maior importância na receita familiar do que a receita agrícola. A maioria das famílias pluriativas destaca que a maior parte da receita familiar é oriunda do turismo, representando mais de 60%, passando em pouco tempo de receita complementar para principal, como pode-se verificar na tabela 5. A receita agrícola representa a segunda maior receita, sendo esta complementada pelos benefícios sociais.

Nas famílias pluriativas, apenas uma possui benefício social. Nas famílias agrícolas, esse número é maior, sendo o homem o maior beneficiário.

**Tabela 5 - Composição da receita familiar das famílias pluriativas (turismo)**

<b>Turismo</b>		<b>Agricultura</b>		<b>Aposentadoria</b>		<b>Outras atividades</b>	
(%)	Frequência	(%)	Frequência	(%)	Frequência	(%)	Frequência
0 -20	0	0 -20	3	0 -20	-	0 -20	2
21-40	1	21-40	2	21-40	-	21-40	-
41-60	1	41-60	1	41-60	-	41-60	-
61 - 80	4	61 - 80	-	61 - 80	1	61 - 80	-
81-100	1	81-100	-	81-100	-	81-100	-

Fonte: pesquisa de campo.

Se comparados com os dados das famílias somente agrícolas (contidas na tabela 6), podemos evidenciar a importância do turismo na receita familiar. O queijo, que para estas famílias representa a segunda receita, é maior que a receita obtida da pecuária em apenas uma das famílias. A combinação entre receita agrícola e de benefícios previdenciários, especialmente a aposentadoria, representa uma parcela significativa da receita familiar para a maioria das famílias agrícolas pesquisadas. Apenas duas famílias destacaram o queijo como receita, mesmo sendo ele fundamental para a economia familiar, já que é ele quem paga parte das despesas com o autoconsumo. Isso pode estar relacionado à desvalorização desta atividade enquanto atividade produtiva, e também por esta ser desenvolvida por mulheres, já que em todas as famílias pesquisadas a produção do queijo é atividade feminina: [...] *no queijo o que eu fizer tá bem feito, ele não se mete, ele é no gado, daí sim é ele e eu não me envolvo né [...]* (Joana). Ao queijo também está relacionado o cuidado com as vacas. As vacas são de responsabilidade da mulher, é ela quem decide sobre a venda e compra de mais animais, sendo o homem o interlocutor do negócio. Ou seja, quando a negociação é interna à família, é ela quem decide; quando o assunto assume o caráter público, da negociação externa, o homem assume seu lugar. Sendo assim, a receita diária da produção do queijo é gerenciada pela mulher, pois dele saem os gastos diários para a manutenção da família: [...] *dele vem o gasto diário, né, comprar uma coisinha ali outra aqui, coisa pequena, pro nosso gasto [...]* (Joana). Quando esse recurso é misturado com o do gado, ele passa a ser gerido pelo homem, sem a participação da mulher, pois se ele entra no *bolo* é porque os gastos são maiores.

**Tabela 6 - Composição da receita familiar das famílias agrícolas**

<b>Agroindústria (Queijo)</b>		<b>Agricultura</b>		<b>Aposentadoria</b>		<b>Outras atividades</b>	
(%)	Frequência	(%)	Frequência	(%)	Frequência	(%)	Frequência
0 -20	-	0 -20	1	0 -20	-	0 -20	1
21-40	1	21-40	2	21-40	1	21-40	-
41-60	-	41-60	-	41-60	-	41-60	-
61 - 80	1	61 - 80	1	61 - 80	1	61 - 80	-
81-100	-	81-100	1	81-100	1	81-100	-

Fonte: pesquisa de campo.

Diferentemente da pecuária e do queijo, que são atividades produtivas passadas de geração para geração, o turismo rural necessitou de significativos investimentos no início da atividade. Esses investimentos foram realizados, sobretudo, na infraestrutura da casa e foram oriundos da pecuária, da venda de terras ou de financiamento, conforme o depoimento do entrevistado:

*[...] então a gente tem feito assim, por exemplo, o investimento desse restaurante, na época a gente investiu 80 mil reais aqui, a gente não tinha esse dinheiro do turismo, mas a gente tinha gado na fazenda disponível. Então a gente, a gente teve o planejamento seis meses pra fazer essa obra, se o turismo não render, a gente tem o gado como segurança, se a gente precisou vender o gado, depois a gente conseguiu repor, depois de um ano e meio, com o próprio investimento depois do turismo [...]*  
(João)

O depoimento demonstra a insegurança financeira das famílias, especialmente no início da atividade, uma vez que o investimento inicial foi exclusivamente privado. O turismo rural para estas famílias apresenta-se em dois momentos, que podem ser destacados como despesas e receitas, que representam os investimentos e a manutenção da atividade. Como já destacado anteriormente, o turismo rural necessitou de investimentos de infraestrutura em todas as propriedades. A decisão sobre investir ou não no turismo partiu na maioria dos casos do casal, foi *combinada*. No entanto, essa combinação é tratada, tanto por homens como por mulheres, como sendo de responsabilidade masculina, já que é ele quem tem o domínio sobre as receitas e despesas da receita agrícola, e foi retirada desta receita a maior parte dos recursos investidos no turismo. Como as mulheres são as ajudantes, e suas atividades são consideradas como complementares, elas não têm o mesmo poder de decisão que eles. Mesmo que a *combinação* esteja presente na maior parte dos discursos, na prática ela apresenta suas limitações. Estas limitações estão relacionadas à ordem “natural” das coisas. Tanto para homens como para mulheres, o que é considerado como natural não é questionável e tampouco passível de discussão. Se o homem é o responsável pela propriedade, é *natural* e lógico para esta estrutura familiar que seja ele o detentor de maior poder dentro da família. Esta estrutura não está em jogo e, portanto, ela não é questionável, nem por homens nem por mulheres, e isso acaba refletindo na divisão entre as receitas, conforme podemos evidenciar.

Separar o que é de um e o que é do outro é difícil para estas famílias, e isso reflete na nossa análise, visto que não temos domínio sobre o valor real que é obtido e gasto em cada uma das atividades produtivas: *[...] é, a gente nunca separou o dinheiro, o dinheiro sempre trabalha junto né [...]* (Fernanda). O que conseguimos identificar é que os gastos com as despesas diárias da família, como energia, telefone, alimentação, lazer, consumo pessoal (roupas, cosméticos, remédios, etc.) são retirados, na maioria das vezes, da receita do turismo rural, e que os gastos maiores, como investimentos na produção pecuária, no turismo e em bens móveis e imóveis, são retirados da combinação entre pecuária e turismo rural, como nos apresenta o relato do Sr. João e os dados contidos na tabela 7. Por essa divisão foi possível evidenciar por que a receita do turismo é semanal e os gastos diários de manutenção da atividade e da família também: *conforme entra o dinheiro, ele sai*. Já os gastos maiores são

passíveis de discussão e planejamento, já que estes, na maioria das vezes, são realizados na safra do gado: [...] *compras di equipamentos agrícolas... algum tipo di equipamento... trator, alguma coisa... O dinheiro é da pecuária e quem compra é ele, né[...]* (Janete). Porém, cabe destacar que a importância de quantificar a receita é vista por nós, não por eles. Para eles, tanto homens como mulheres, separar não é necessário, o importante é que o *bolo* exista, pois ele significa a receita familiar e não de cada indivíduo:

*[...] é feito reinvestimentos da parte do turismo mesmo, por exemplo, eu tinha chuveiro elétrico, a gente decidiu e trocou tudo por chuveiro a gás que dá uma qualidade melhor no banho no inverno, a gente teve que investir, investiu 18 mil reais, dinheiro próprio do turismo que a gente pagou, sempre tem que tá melhorando uma coisa ou outra né [...]* (João)

*[...] o turismo entra dia-a-dia... E a pecuária é safra! Dele se tira um pra labore para todos... então às vezes tu si programa... coisas maior, pra fazer na safra... Si é uma coisa qui não necessita di tanto... qui tu podia fazer mensalmente... tu faz com o dinheiro do turismo, né... pecuária entra dinheiro uma vez por ano! Porque tu não vai... se tu começa a vender... se desfazer se discapitaliza... então o turismo agrega valor... no trab... no nosso trabalho! Sem contar... qui hoje tu não tem dinheiro... amanhã tu já tem! Então isso vai... dinamizar a economia! [...]* (Janete)

Entretanto, interessa-nos analisar a participação de homens e mulheres na decisão sobre esses investimentos. Os dados coletados mostram que houve uma mudança de comportamento com relação à participação feminina na decisão sobre os investimentos no turismo rural. Se compararmos com a atividade pecuária, na qual a mulher tinha muito pouco poder de decisão, com o turismo essa participação aumentou. Porém, há que se ter cuidado nessa análise. A partir do turismo, as mulheres, conforme a 7, aumentaram a sua participação nas decisões no que diz respeito aos gastos relacionados diretamente à manutenção da casa, com o turismo e com a família, que tradicionalmente são e sempre foram de domínio feminino. Se observarmos os dados, veremos que elas ainda opinam pouco sobre os gastos relacionados com a atividade agrícola, tanto em investimento quanto na manutenção da produção. Isso nos faz refletir sobre as reais mudanças que estão ocorrendo neste processo a partir da inserção do turismo. Ao que tudo indica, estes dados estão  *mascarados*  por um discurso que não é o nosso, e sim, dos entrevistados.

**Tabela 7 - Tipo de investimento dos recurso proveniente do Turismo rural e decisão dos usos por parte do casal**

Tipos de investimentos	Quem investe	
	Homem	Mulher
Poupança	1	1
Pagar contar domésticas (água, luz, telefone)	4	5
Educação filho	1	2
Compra de equipamentos agrícolas	3	2
Insumos agrícolas	2	2
No Turismo rural	6	4
Consumo pessoal	4	4
Lazer	3	3
Aquisição de bens móveis e imóveis	3	3
Combustível	2	2

**Fonte:** pesquisa de campo.

Quando não se separa o que é proveniente da atividade agrícola da não agrícola, isso dificulta a nossa análise. Existe uma divisão clara de trabalho, porém, essa divisão não é transposta para a receita obtida dela. A receita do queijo, por exemplo, era utilizada na manutenção da casa e nos gastos pessoais, tanto de homens como de mulheres, o que permanece com o turismo rural, ou seja, tudo muda ao mesmo tempo em que nada muda. Muda a forma de produção, porém, os resultados dela ainda permanecem nas estruturas econômica, social e de trabalho tradicionais. O aumento do fluxo de receita, o envolvimento maior das mulheres nesta nova atividade, que é sobretudo feminina, e a visibilidade do seu trabalho não são suficientes para mudar sua situação de vulnerabilidade econômica. A proporção de independência financeira das mulheres quando estas obtinham receita do queijo é proporcional a de agora, senão maior. Isso foi evidenciado através das entrevistas com as mulheres das famílias agrícolas, onde a receita não agrícola, derivada da produção do queijo, é da mulher, visto que esta atividade é considerada *coisa de mulher*. Porém, cabe salientar que isso não é tido por elas como um ponto negativo, mas como natural, conforme expresso nos depoimentos das entrevistadas.

*[...] do turismo... e daí a gente investe junto! [...]* (Janete)

*[...] os dois tanto da pousada quanto da pecuária e investe naquilo que está sendo preciso... nós compramos um microtrator, daí a gente usou o dinheiro da pousada e da pecuária pra... [...]* (Pedro)

*[...] no fim a gente junta tudo, tem que pagar alguma coisa é tudo assim misturado [...]* (Carla)

*[...] ontem eu queria ir na cidade, daí eu não misturei o meu dinheiro, não, não vou misturar porque eu tenho as minhas coisas também, hahahha... eu disse pro filho, desde o dia 15 de dezembro vocês já viram que o meu dinheiro tá misturado com o de vocês, eu nem sei mais nem quanto eu tenho, aí domingo o pessoal quis pão, doce*

*de leite queijo, eu vendi um monte de queijo pra eles, aí eu só disse assim pra eles, oh, agora já vou tirar o meu aqui antes de ir pro bolo, o filho disse, ah mas fica tudo junto... E eu disse não, senhor, no bolo, não, porque depois fica tudo aqui e eu não tenho meu dinheiro pra comprar o que eu quero... o queijo e os outros itens é meu [...]* (Beatriz)

Esta última declaração evidencia a importância que as mulheres atribuem ao seu próprio dinheiro, de poder gastar onde quiserem sem dar satisfação a ninguém. O *bolo* não permite isso, porque o *bolo* fica sob a responsabilidade do marido, tendo ele o controle sobre o que entra e o que sai da propriedade e onde é investido esse recurso. Esse relato reafirma a constatação de que há um desencontro de informações quando eles afirmam que são os dois que compõem a receita da família. Porém, as respostas sobre o questionamento de onde é investido o recurso e quem investe, trazem resultados descontraídos. Isso pode estar relacionado ao que já evidenciamos acima, *mascarar* as informações ou entender que esse é um processo natural, e que mesmo que tenham ocorrido mudanças, estas não foram suficientes para transformar essa realidade:

*[...] eu qui controlo... Mas a gente combina né [...]* (Marcio);

*[...] pra investir a gente combina... nós dois, ninguém faz nada sem combinar [...]* (Alexandre);

*[...] é ele tira o dele... É, eu uso a fazer assim: eu por exemplo, eu faço o controle da contabilidade, entre o bruto... e tirando o meu trabalho, o trabalho dele, e o trabalho do filho. Digamos que chegou o final da semana, com esse final de semana deu dois mil, são cem reais pra cada um, como se fosse um diarista trabalhando... não! Não devia... Eu disse, disse, que eu estou sendo muito explorada! É! A gente sempre conversa e decidi entre os três... [...]* (Beatriz)

*[...] tudo é ele, ainda hoje ele foi lá e levou o dinheiro, ele que sabe o que tem que pagar, eu sei também o que tem que pagar, só que quem paga é ele, eu sei quanto eu posso gastar esse mês, quanto eu ainda posso gastar, só que quem paga é ele [...]* (Fernanda)

*[...] é com ela, eu não boto a mão, hoje um turista sai ali vinha ainda veio me paga digo olha não sei quanto tu.....não quero me envolver tanto, daí já elegi ela pra isso, acho que até tô até pisando por cima dela né... É uma questão de respeito, é ela que sabe tudo é ela que sabe tudo, né, porque daí ela faz a conta a hora que o turista chega a hora que o turista sai quantas diárias deu... daí ela que negocia [...]* (Pedro)

Os depoimentos dos entrevistados demonstram que, na maioria dos casos, mesmo combinando, é o homem quem decide, também pelo recurso financeiro do turismo rural. A mulher permanece participando e decidindo sobre os mesmos aspectos. O que muda com a inserção do turismo é que a combinação agora é mais frequente, e esse fenômeno pode estar relacionado à efetiva participação feminina na execução das atividades, como já destacamos.

Estarem mais envolvidas com as tarefas do turismo dá a elas o direito de participarem da tomada de decisões em maior nível, o que não quer dizer que são elas que decidem. Como já destacado, elas permanecem decidindo sobre as atividades que estão relacionadas às suas tarefas domésticas, e isso se reflete no poder de decisão sobre os recursos financeiros, como veremos no subitem que se segue.

Assim, mesmo quando a atividade não agrícola seja da mulher, o recurso é administrado pelo casal, principalmente quando esta atividade se refere à atividade turística. A mulher limita-se à gerência interna do recurso não agrícola, quando este ainda está dentro da casa: [...] *enquanto o dinheiro está em casa sou eu, depois é ele, mas na pecuária é sempre com ele, eu fico com o dinheiro do queijo, bolacha, galinha, turismo [...]* (Luciana). Quando este recurso “sai” ele é de responsabilidade do homem.

Diante do exposto até aqui, colocamos em evidência uma das hipóteses deste trabalho, que é a de que o turismo rural mudaria esse comportamento e que o envolvimento da mulher nas decisões aumentaria. De fato, esse comportamento passou por mudanças, mesmo que pequenas, contudo, estas mudanças não são suficientes para que ocorra uma transformação significativa nas relações de gênero. Hoje, a mulher tem envolvimento maior na atividade não agrícola, porém, sua participação na atividade agrícola permanece a mesma e em muitos casos menor ainda, pois agora ela dedica menos tempo à pecuária, devido ao seu envolvimento com o turismo rural, e ter ou não poder de decisão sobre a receita depende, sobretudo, do tempo de trabalho dispendido para tal atividade. O que acontece é que com o turismo todos os membros da família passam a ficar mais evidentes dentro da propriedade, e a ter seu trabalho mais valorizado, referindo-se ao trabalho não agrícola. A mulher aumenta sua carga de trabalho e tem contato maior com os turistas, pois é ela quem prepara a alimentação e arruma a casa. O homem agora se dedica a duas atividades produtivas, a pecuária e ao turismo. A família no todo se torna mais visível e, conseqüentemente, os membros dela também, por esta ser uma atividade considerada mais pública que a pecuária. Logo, isso reflete na participação e decisão dos membros da família. Agora se tem mais assuntos, mais discussões e mais recurso financeiro gerado, o que necessita de uma *combinação* maior. No entanto, isso não resulta em maior participação da mulher. Evidencia, de fato, que a família está em outra dinâmica de vida e de organização de trabalho. Contudo, é importante destacar que mesmo que as mudanças para as famílias pluriativas sejam pequenas, as famílias agrícolas não passam por estas mudanças. A receita não agrícola destas famílias, que é a obtida pelo queijo, não permite qualquer tipo de mudança no comportamento de homens e mulheres, visto que esta é uma atividade tradicional, passada de geração a geração, ou seja, naturalizada dentro do sistema de

gênero. Contudo, para elas, há uma pequena mudança, que é imaginária, no acesso a estes recursos, mas que não resultam em maiores níveis de empoderamento.

#### *4.6.1.3 Liberdade financeira*

Outra questão que consideramos importante destacar diz respeito à liberdade associada à questão financeira de homens e mulheres rurais. É inegável a relação que este estudo e outros (GARCIA RAMÓN; CANOVES; VALDOVINOS, 1995; RIVERA, 2000, NOGUEIRA, 2004) faz entre as finanças familiares e o gênero, pois o recurso financeiro é uma das principais formas de possível empoderamento, sobretudo de mulheres. O homem, pela ordem natural, já é empoderado pelo sexo, a mulher tem de conquistar empoderamento por meio de diferentes ativos (DEERE; ALVARADO; TWYMAN, 2010), sejam eles econômicos, sociais, culturais e políticos. Quando esta conquista é no meio rural, a problemática se torna ainda maior. Os recursos financeiros são escassos no meio rural, e as famílias têm de aderir a novas formas de receita, como o turismo rural, para se capitalizarem e sobreviverem. Estudos realizados por autoras como Brumer (2004) sustentam nossa afirmação quando alegam que nem mulheres, nem os jovens possuem receita própria, a não ser que esta seja da venda de seu trabalho a terceiros ou pelo beneficiamento de produtos. Contudo, quando este recurso entra no conjunto da receita familiar, ele é gasto de diferentes formas. As mulheres, por exemplo, preocupam-se com gastos relacionados à família, enquanto os homens preocupam-se com gastos individuais. “Enquanto eles privilegiam o consumo individual (bebida, lazer), elas favorecem as despesas com a casa e com o bem-estar dos membros da família.” (BRUMER, 2004, p. 213). Porém, no que isso reflete a liberdade econômica deles? Consideramos que essa liberdade, assim como o empoderamento, é imaginário e não real. Imaginário especialmente para as mulheres, pois o aumento de volume de recurso financeiro gerado na propriedade remeteria ao aumento da liberdade em gastá-lo, o que não ocorre. As mulheres continuam gastando as mesmas quantidades nos mesmos itens de consumo, da mesma forma que os homens. O fato de as mulheres pluriativas gerarem boa parte da receita, senão a maior fatia do “bolo” desse recurso, não dá garantias a elas de terem maior acesso ao mesmo. No momento em que todo o recurso é misturado, perde-se o controle sobre ele, ficando difícil contabilizar o que é derivado do trabalho feminino e do masculino. Isso resulta em um domínio masculino maior do recurso, já que sempre foi ele o detentor da receita agrícola, e isso não é necessário mudar. Mesmo que seja a mulher quem recebe o dinheiro do turista, ela repassa para o homem e ele mistura com o conjunto arrecadado, no *bolo*, que fica

sob a gerência dele. Precisando ela terá que pedir a ele, o que não significa que ela não terá acesso a este recurso, contudo, é preciso pedir e isso é o limitante muitas vezes de se alcançar a liberdade financeira.

O recurso do turismo rural é diferente do recurso oriundo dos produtos beneficiados, como o queijo, as bolachas e os doces, tanto para as mulheres das famílias pluriativas como para as das famílias agrícolas. Estes recursos são delas e estes geram sua independência financeira, pois ficam sob seu domínio e elas podem gastar em suas *coisinhas*: [...] *as coisas dela é com ela* [...] (José). Já os recursos originados pelo turismo, como são maiores em significado e em volume, são repassados para o homem. Ou seja, o recurso maior fica sobre a gerência do homem e o menor da mulher. Contudo, é preciso destacar que mesmo que as mulheres não tenham domínio total sobre a receita gerada pelo turismo, a forma como mulheres e homens tratam o mesmo passou por mudanças. Todas as mulheres consideraram que houve maior liberdade financeira com a chegada do turismo rural, porém, essa liberdade está relacionada ao acesso da família ao recurso, por esta ter mais dinheiro e não dela poder gerir e utilizar esse recurso individualmente – fato não identificado pelas mulheres das famílias agrícolas. Situação diferente é vista em relação aos homens: são os homens que acessam, gerem e utilizam o recurso, evidenciando assim, o domínio da utilização do recurso financeiro masculino na família, como destaca a entrevistada: [...] *é ele quem fica com o dinheiro, né, cada um tem a sua parte né, a sua responsabilidade* [...] (Joana). Contudo, há que se destacar, mais uma vez, que a liberdade econômica para as mulheres tem representação diferente que para os homens. O recurso não é gasto individualmente pela mulher, ele é transferido para a família, para o bem-estar e qualidade de vida, sendo seu uso de forma coletiva, enquanto que os homens gastam o recurso em atividades e bens pessoais, individuais, demonstrando assim que a cultura de gênero patriarcal ainda persiste nas famílias pesquisadas.

Assim, entende-se que com a inserção do turismo rural houve maior acesso das mulheres a recursos financeiros. Porém, esse acesso não foi suficiente para o aumento da participação e decisão acerca do uso desse recurso. Mulheres e homens pluriativos permanecem decidindo sobre os mesmos gastos que anteriormente ao turismo, e o destino destes recursos permanece o mesmo que aquele oriundo da receita agrícola. Já para homens e mulheres das famílias agrícolas, a liberdade econômica continua a mesma, elas acessando recurso por meio da produção do queijo, e eles pela produção pecuária.

#### *4.6.1.4 Propriedade da terra e da empresa*

Não poderíamos deixar de analisar um dos aspectos que mais se relacionam ao poder de decisão familiar: a propriedade. Trataremos aqui de dois tipos de propriedade: a propriedade da terra e da empresa. A propriedade da terra é, na maioria dos homens, são eles que herdaram por legitimidade a posse da terra, tanto nas famílias agrícolas como nas pluriativas. As mulheres que herdaram foram devido ao fato de serem filhas únicas ou por herdarem da mãe, ou seja, em situação familiar distinta do instituído socialmente. A baixa sucessão hereditária pelas mulheres é explicada por autoras como Nogueira (2004) e Garcia Ramón, Canoves e Valdovinos (1995) como resultado do êxodo rural feminino, pois são elas que preferem ir para a cidade trabalhar em atividades não agrícolas, sejam elas na prestação de serviços ou no trabalho doméstico e pelo casamento, já que na maioria das vezes são elas que deixam a casa do pai, deixando também a herança.

De uma forma ou de outra, mesmo que seja a mulher que tenha herdado a terra, quando questionados sobre quem é o responsável pela propriedade, as respostas foram unânimes: são eles, os homens. Em algumas situações, essa responsabilidade é dividida com as mulheres, sobretudo nas famílias pluriativas. Porém, essa responsabilidade conjunta não representa predomínio da mulher na propriedade da terra e sim do homem, visto que é ele quem produz nela. Assim, os homens são considerados, sempre, como sendo os responsáveis pela terra, nunca elas. “Se a terra é herdada pelo homem, muitas vezes ele é considerado como dono e de tudo aquilo que se encontra nela, mas se a terra é herdada pelas mulheres, por vezes, acaba sendo considerada como propriedade conjunta de parceiro.” (DEERE, 2011, p. 51). O desenvolvimento da atividade produtiva não agrícola não muda essa posição de responsabilidades.

Os depoimentos obtidos demonstram que os homens tomam mais a responsabilidade da propriedade do que as mulheres. Em nenhuma das entrevistas com as mulheres das famílias pluriativas foi afirmado que ela é a responsável pela propriedade, em duas delas elas responderam que era o casal, e no restante os homens foram citados como responsáveis. Houve depoimentos descontraídos entre homens e mulheres, pois encontraram-se casos em que a mulher afirmou que era o casal, e o homem considerou que era somente ele. Isso demonstra que essa relação ainda não está bem definida dentro da família, e que isso pode estar relacionado ao poder atribuído aos de homens e mulheres, que reflete a visão tradicional da organização familiar rural. Os dois casais que tiveram a mesma opinião sobre a responsabilidade da propriedade são oriundos do meio rural, porém, com fortes laços com o

meio urbano, fato que também pode ter influenciado no entendimento. Um casal morou a maior parte da vida na cidade e retornou ao meio rural depois de aposentado, ou seja, vieram para o rural, mas tiveram passagem pelo meio urbano. O outro casal sempre teve contato com o urbano e sua criação foi diferenciada dos demais, pois especialmente a mulher obteve maior acesso a recursos como a educação. Isso nos faz perceber também a relação existente entre educação e cultura, e como isso pode influenciar nas percepções de vida de cada indivíduo. Nas propriedades agrícolas, apenas uma mulher herdou a propriedade, nas demais famílias foi o homem. Assim como nos depoimentos das famílias pluriativas, nas famílias agrícolas a propriedade da terra e a responsabilidade sobre ela é dada ao homem. Diferentemente das famílias pluriativas, nenhuma família agrícola citou a propriedade conjunta. Ao homem é dada total responsabilidade, sendo ele herdeiro ou não, pois é ele o responsável pela atividade que mantém a propriedade e a família no campo, a pecuária.

De uma forma ou de outra, essa conjuntura está relacionada à prática rural destas famílias, à cultura e à organização familiar tradicional. O homem é quem trabalha a terra, não a mulher, logo, é ele o detentor da propriedade, mesmo que ela também tenha direito adquirido através do casamento. A propriedade nunca foi tratada como “minha”, mas como “nossa”, porém, sob a responsabilidade do homem, pois é dela que vem o sustento da família. Aí está uma questão interessante. Mesmo sendo o turismo rural a atividade de maior representatividade financeira para a família, e na execução, de responsabilidade maior da mulher, o discurso de que é o homem o responsável pela propriedade ainda permanece. Isso nos faz pensar na força cultural que o trabalho na terra representa para essas famílias, da atividade tradicional que é a pecuária e não o turismo rural. Isso deve ser levado em conta no momento da análise a partir do gênero. Segundo Rivera (2000), a exploração agrária é uma atividade que tem passado de geração a geração e significa muito mais que um meio de vida, significa um estilo de vida permeado de valores, e esses valores devem ser levados em consideração juntamente com características como meios de produção, tipo de produção tamanho da propriedade e organização do trabalho, etc. Nesse sentido, a relação turismo rural e atividade pecuária constituem parte do produto turístico.

Com relação à propriedade da empresa turística, as mulheres que se sentem responsáveis e que dizem *sou eu a responsável pelo turismo* são apenas três. Essa responsabilidade é justificada por elas por fatores como: estar sempre em casa, ser a responsável pela alimentação, logo, essa tarefa lhes foi direcionada naturalmente, e ainda por terem mais tempo de participar de atividades relacionadas ao turismo como, por exemplo, das reuniões da associação. Estes fatores estão atrelados à característica da mulher rural e da

proximidade das atividades com o trabalho doméstico. Outras três mulheres disseram que são os homens os responsáveis pelo turismo, e apenas uma disse ser o casal. Mesmo que o homem não esteja presente, e não seja ele quem administre a atividade, é dada a ele a incumbência de ser o responsável pela atividade, o que pode ser resultado do caráter público da atividade e da relação com a propriedade da terra. Para os homens, as mulheres também administram em três dos casos. Em uma das famílias, o homem é considerado como o responsável da atividade turística, em outras três, são os dois, contrariando, assim, a percepção das mulheres. O homem, mais que a mulher, atribui à mulher a responsabilidade pela atividade turística. Ele não se exime da responsabilidade, mas traz a mulher para assumir junto, o que foi pouco percebido nos depoimentos delas. Isso poderia estar sinalizando para uma baixa autoestima e de capacidade das mulheres em aceitarem o seu papel e as suas responsabilidades dentro da propriedade, o que muitas vezes é dado pelo homem.

Quando se trata da representação jurídica da empresa, a maioria dos entrevistados afirmou ser o casal o responsável. Apenas uma das entrevistadas afirmou ser a mulher, nas restantes, é o casal que é sócio com partes iguais, mesmo que no discurso a execução do turismo rural seja de responsabilidade da mulher. Ela é a responsável pela execução da atividade, logo, a responsabilidade “não formal” da atividade é dela, como revelam os depoimentos:

*[...] não, eu me envolvo assim, acho que é meio a meio, porque eu sei que tenho a minha parte, é fazer reserva e controlar tudo as questões de gastos, as despesas, mas eu sei que eu fazendo a minha parte tem alguém fazendo a outra parte, ou seja a parte da gastronomia, que eu sei que é uma das partes fundamental aqui na fazenda, então eu acho que isso ela faz muito bem [...]* (João)

*[...] eu não sei, porque eu sou responsável pela alimentação, e pelas cavalgadas é ele, então eu acho que os dois são responsável, e se eu fizer a minha parte e ele fizer a parte dele mal, daí não da certo, nós temos que fazer as coisas bem feitos e unidos né... Mas eu acho que sou eu a mais responsável pelo turismo [...]* (Fernanda)

*[...] responsável pelo turismo... Ah, é a mulher né? Todos eles são responsáveis, mas a mulher... nós quando nós abrimos a pousada cada um foi eleito pra uma coisa né, e cada um teve que assumir seu cargo. Hoje se tu pergunta pra ela quem é o melhor guia ela vai te dizer que é eu, e eu quem é o melhor administrador, vou dizer que é ela, né, então a gente procurou assim a delegar pra cada um uma obrigação né, porque tem aquele ditado que diz: panela que se muito se mexe o tempero não sai bom, né, então tu tem que ter, cada um tem que ter seu setor né... Mas ela que se envolve mais, mais assim ela se entrega completamente né pro turismo né [...]* (Pedro)

*[...] ele me ajuda na parte do turismo... Mas eu ajudo ele também na parte da pecuária, mas... é mais quando tem turista aqui... Tem qui olhar o campo todo dia... tem qui fazer as coisas... Então muitas vezes... ele vai... i eu fico coordenando aqui né... Quem controla mais sou eu... a parti do turismo [...]* (Janete)

*[...] Ah, é ela, né... Porque ela qui tá mais envolvida... porque ela qui... sabe fazer tudo né? Eu não! [...]* (Marcio)

A transcrição dos depoimentos evidencia a relação que existe entre o turismo e as atividades domésticas. Como é ela quem fica mais em casa, e a maior parte das atividades está relacionada aos serviços domésticos, ela pode então ser a responsável pelo turismo. Mas o que isso realmente quer dizer: pode ser que exista realmente o empoderamento, mas este está relacionado com sua participação ou não nas atividades domésticas. Isso estaria sendo um empoderamento real ou imaginário por parte delas? No nosso ponto de vista, é imaginário. No entanto, no ponto de vista delas, é real. Imaginário porque esse trabalho não reflete ou reverte em poder de participação e decisão dentro do grupo familiar, seja nas atividades não agrícolas, seja nas agrícolas. O trabalho no turismo só é destinado às mulheres porque são elas as detentoras dos saberes necessários para desenvolver a atividade de “bem receber”. Saberes esses adquiridos de geração para geração, ou seja, um conhecimento tradicional que tem na cultura seu principal fundamento.

Contudo, esse conhecimento também é utilizado para atender a família, e aí a partir daí que ele se desvaloriza, pelo seu caráter tradicional de atividade não geradora de riqueza econômica. Logo, se ele não gera recursos financeiros, ele não é valorizado socialmente. Essa não-valorização é transposta para o turismo, quando a maioria das tarefas relacionadas a ele está também relacionada aos afazeres domésticos. Essas tarefas não remetem ao empoderamento das mulheres, ou seja, vem apenas reforçar atividades tradicionais, baseadas na hierarquização e valorização do sistema de gênero. Seu envolvimento com o turismo não mudou seu posicionamento em relação à participação e decisão dentro da família, sobretudo a questões que eram e são, tradicionalmente, masculinas, como a pecuária. No entanto, elas consideram seu empoderamento real, mesmo que pouco, e isso está relacionado, sobretudo, ao acesso a recursos financeiros, culturais e sociais. Ou seja, ocorre uma mudança, mas essa mudança não influencia de forma importante no sistema de gênero instituído.

Em resumo, podemos concluir, a partir da análise dos dados empíricos, que o fato de desenvolverem uma atividade não agrícola na propriedade não mudou a posição de homens e mulheres frente à propriedade da terra, e a responsabilidade pela sua manutenção. O responsável pela propriedade está diretamente relacionado à propriedade da terra e os meios que estes possuem para a sua manutenção. Mesmo que o turismo represente hoje, para as famílias pluriativas, a maior fonte de receita familiar, ele não é considerado como o meio de produção que permite a manutenção da terra. A agricultura/pecuária é a atividade que permite essa manutenção da terra, e está é de responsabilidade do homem. Ou seja, a propriedade da terra e a responsabilidade dela está relacionado ao fim que lhe é dado tradicionalmente, a

atividade primária. Contudo, há a necessidade de mais investimento em pesquisas que abordem essa relação.

#### 4.6.2 Participação e decisão nas relações de trabalho

A participação nas decisões sobre as atividades agrícolas está relacionada, pelo que podemos observar pelos dados empíricos, a outras duas situações: à propriedade da terra e, conseqüentemente, à responsabilidade sobre ela. A propriedade da terra, como já vimos, mesmo que herdada pela mulher, é de responsabilidade do homem, pois é ele quem detém o conhecimento para a sua manutenção. A outra situação está relacionada ao trabalho. O trabalho agrícola é tradicionalmente de responsabilidade do homem, é ele que detém os conhecimentos de produção, logo, as atribuições são direcionadas a ele. Já o trabalho doméstico é da mulher.

##### 4.6.2.1 Participação e decisão nas atividades agrícolas

Esta divisão está clara nas famílias estudadas, tanto nas pluriativas como nas agrícolas, onde o que é de responsabilidade de homens e o que é responsabilidade de mulheres está relacionado às condições físicas e ao conhecimento que cada indivíduo detém, logo, ao tipo de trabalho que cada um executa dentro da propriedade. Isso reflete nas decisões e nas relações de poder dentro da família, sendo que o que está relacionado à atividade agrícola é do homem, e o que diz respeito ao doméstico é da mulher. Fato interessante nas famílias pluriativas é que todas as respostas, sejam de homens ou de mulheres, estão atreladas à palavra *combinado*, *a gente combina*, *é tudo combinado*. Mas o que significa esta palavra? Segundo Ferreira (2004), combinar é sinônimo de estar de acordo, condizer e isso é realmente o que acontece. Eles combinam. Homens e mulheres estão de acordo com uma ou outra situação, porém, isso não implica que homens e mulheres tenham o mesmo poder de decisão. O combinar, para os entrevistados, significa estar de acordo com uma determinada situação, não decidir sobre ela. Então, quando a mulher diz que *combina* com o marido sobre as atividades na pecuária, isso quer dizer que, na maioria das vezes, eles conversam sobre, porém, quem tem a palavra final é o homem, conforme se apresenta nos depoimentos transcritos:

*[...] nós aqui sempre fomos muito di combina... sempre foi uma decisão conjunta com... a família toda. Eles me participam... vão lá, "Oh, tá acontecendo isso, isso, isso..." A genti dá opinião... mas a decisão mesmo é deles! A decisão é deles... i a mesma coisa aqui... a não ser que, claro, um investimento, uma coisa assim... qui*

*daí... qui é... grandí! Mas as coisas pequenas a genti... não é assim... Combinamos... mas quem bati o martelo... como diz o outro! Mas daí... É eu no turismo...i ele na pecuária ...[...]* (Janete)

*[...] é ela sabe tudo, ela sabe tudo, né, se eu vou compra alguma coisa eu pergunto pra ela até inclusive esse gado Devon quando fumo compra a gente levo ela junto pra olha, perguntamo pra ela se quer, que ela achava se dava pra compra ou não né? Mas é eu é que decido Porque é mais comigo! Mas a gente sempre conversa antes... tudo qui vamos fazer, um negócio... uma coisa... a genti conversa antes! Sabe, a genti combina tudo... aqui não tem... **é tudo aberto! quem decide ou não... é comigo...** mas eu digo: vou vender tal... ou vou comprar tal... a genti combina [...]* (Pedro)

*[..] quem decide é ele na pecuária, o que vai comprar o que vai vender, ele me comunica, mas é ele que decide né [...]* (Fernanda)

Este último depoimento evidencia claramente a participação da mulher nas decisões sobre a atividade agrícola. A elas é repassado um relato dos acontecimentos, por vezes são consultadas, mas no final quem decide é o homem. No turismo rural a situação é parecida, porém, com participação um pouco maior da mulher, mesmo que seja combinação, visto que é ela a “responsável” pela maior parte das tarefas. Cabe ressaltar que, tanto para homens quanto para mulheres, o fato de relatar ou consultar o cônjuge sobre determinado assunto é considerado como participação. No entanto, o fato de ter o conhecimento sobre o que acontece não justifica participação maior nas decisões. Isso é bem claro para elas, como se pode observar nos depoimentos transcritos. Os discursos aqui apresentados nos remetem ao entendimento de que não há uma compreensão homogênea sobre o que é participação e decisão para eles, fato que implicaria em uma análise mais detalhada desse processo.

As mulheres têm uma baixa participação nas decisões referentes às atividades agrícolas, resultado do caráter de ajuda, complementar, deste tipo de atividade. Isso para elas está relacionado ao conhecimento que diz respeito às práticas destas atividades. Não são as mulheres que vão ao campo buscar o gado, banhar, preparar a pastagem; são os homens. Portanto, nada mais justo que sejam eles os responsáveis pela atividade e também aqueles que têm o poder de decisão sobre ela. Os depoimentos evidenciam que esse entendimento é naturalizado pelos membros da família, e que não há necessidade disso ser diferente. Isso pode ser visto no fato de três das mulheres entrevistadas terem recebido terra e gado de herança da sua família, mas quem cuida é o marido, pois é ele quem detém o conhecimento necessário para tal. Esse dado sugere que, mesmo quando é a mulher quem herda, principalmente a terra, o principal meio de subsistência destas famílias, ainda assim o homem é considerado responsável pela exploração e manutenção deste bem. Contudo, há que se destacar que não é unânime este posicionamento em todas as famílias, pois cada família

possui uma característica, cada mulher e cada homem são diferentes uns dos outros, portanto, exigem detalhamentos específicos na atividade agrícola.

Com o turismo rural, a participação da mulher no trabalho agrícola, que já era pequena, ficou ainda menor, pois agora sua participação como ajuda é praticamente insignificante. Se antes seu trabalho era considerado como ajuda, agora ele é quase nada: *[...] aí é quando sobra tempo né, às vezes a gente tem que deixar a agricultura um pouco de lado pra dar mais atenção pro turismo [...]*(Fernanda). Em geral, a maioria das mulheres se envolvem pouco na pecuária, ficam sabendo das negociações, do que está sendo feito nas propriedades, porém, elas não consideram essa uma atividade sua, de responsabilidade e domínio seu, o que reflete no seu comprometimento com as tarefas necessárias para a sua realização. Elas consideram sua participação como sendo de apoio, de consulta, logo, sem poder de decisão, diferentemente, por exemplo, das atividades domésticas e da produção do queijo. As mulheres passam a se dedicar a produção pecuária quando suas tarefas domésticas e de produção do queijo foram concluídas. Portanto, a sua participação está atrelada a outras atividades dentro da propriedade, o que resulta no seu caráter complementar, de ajuda.

Fato semelhante foi encontrado nas propriedades somente agrícolas. A relação trabalho/responsabilidade é a mesma, e a combinação está presente também no vocabulário destas famílias, como demonstra o depoimento: *[...] a gente conversa sobre a propriedade, mas quem decide sou eu. No queijo é ela quem manda [...]*(José). Às mulheres é dada a responsabilidade pelas atividades domésticas e da produção do queijo. Neste ambiente, elas têm domínio e decisão. As atividades agrícolas são de responsabilidade do homem, nas quais elas participam como ajudantes quando necessário. Porém, essa ajuda não se reflete na participação e decisão sobre ela: *[...] é ele né, sempre foi, é ele que sabe como lidar né, conversamos, mas quem decide é ele né[...]* (Lurdes). O que podemos destacar de diferente entre as famílias é em relação ao entendimento diferenciado do que é participação. As mulheres envolvidas com o turismo rural desenvolvem uma atividade que é mais pública que a pecuária e que envolve muitas pessoas. Bem ou mal, elas estão presentes nas decisões familiares, pois esta atividade ocorre dentro da casa, seu domínio. Nas famílias agrícolas, o queijo, que é a segunda fonte de receita, não tem a proporção social e econômica que o turismo tem, logo, a presença da mulher torna-se restrita às atividades domésticas e agrícolas, isto é, ao ambiente interno da casa. O fato do turismo rural ser uma atividade pública permite às mulheres maior acesso aos recursos e, conseqüentemente, ao aumento na participação e decisão familiar, que está relacionada ao caráter feminino da atividade turística. Em suma, a participação e decisão de homens e mulheres está relacionada ao envolvimento que ambos

têm nas funções executadas dentro da propriedade. Ambas as famílias, agrícolas e pluriativas, participam e decidem nas mesmas questões, ou seja, os homens na agricultura, as mulheres no queijo, o casal no turismo rural e as mulheres nas atividades domésticas, como veremos no subitem que segue.

#### 4.6.2.2 *Participação e decisão nas atividades domésticas*

O trabalho dos homens nos afazeres domésticos foi uma das principais mudanças encontradas nas famílias pesquisadas depois do desenvolvimento do turismo rural. Antes do turismo, apenas dois homens ajudavam em atividades domésticas, e esta ajuda era limitada a auxiliar na alimentação, como fazer o fogo e colher e descascar legumes e verduras. Depois do turismo, cinco ajudam e dois continuam a não ajudar. Sua participação continua como caráter de ajuda, porém, ela foi expandida para outras atividades, como a limpeza da casa (lustrar e varrer), conforme evidenciamos nas tabelas 8 e 9.

A justificativa para esse envolvimento é o aumento do trabalho das mulheres com a inserção do turismo rural. Antes do turismo, as mulheres tinham mais tempo, não precisavam dessa ajuda. Hoje, principalmente nos dias em que a pousada está ocupada totalmente por turistas, a ajuda do homem tem sido solicitada com mais frequência. No entanto, o trabalho doméstico do homem é entendido por eles e pelas mulheres como secundário, porém, necessário. Assim como na participação e decisão das atividades agrícolas pelas mulheres, o maior envolvimento dos homens nas atividades domésticas não resultou em maior participação nas decisões deles sobre estas tarefas. Quem tem o poder de decisão das atividades domésticas são as mulheres: [... ] *Ah, é ela, né... Sempre foi, né... porque ela fica direto aqui, no meu modo de pensar é isso, não tem nem como sair por causa do telefone também, né, então já fica mais ligada aqui [...]* (Alexandre). Nessa esfera (a casa), segundo Brumer (2004, p. 212),

São as mulheres que têm autonomia e poder, tomando decisões relativas ao preparo dos alimentos, cuidado da casa e da roupa, orientação e educação dos filhos, assim como ao uso de recursos destinados ao consumo doméstico. No entanto, não se deve superestimar a importância de sua autonomia e poder nesse domínio, tendo em vista, por um lado, que as vendas feitas por elas geralmente são eventuais e de pequeno valor e, por outro, que as atividades domésticas são consideradas como secundárias pelos próprios membros da família, em relação às atividades produtivas.

**Tabela 8 – Participação relatada pelas mulheres dos demais membros da família nas atividades domésticas antes do turismo**

ATIVIDADE	MARIDO					PAI					MÃE					FILHA					FILHO				
	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
Alimentação	-	1	-	1	3	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	-	-	-	-	-
Limpeza da casa	-	-	-	2	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	-	-	-	-	1
Lavar louça	-	-	-	2	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1	-	-	-	-	-
Tratar os pequenos animais	4	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1	1	-	1	-	-
Cuidado da horta	3	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1	-	-	1	-
Limpeza e cuidado com o pátio	4	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1	-	2	-	-
Cuidado com as crianças	2	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Cuidado com os idosos	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-

Fonte: pesquisa de campo.

Nota: Legenda: 1: sempre; 2: geralmente; 3: às vezes; 4: raramente; 5: nunca

**Tabela 9 – Participação relatada pelas mulheres dos demais membros da família nas atividades domésticas depois do turismo**

ATIVIDADE	MARIDO					PAI					MÃE					FILHA					FILHO				
	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
Alimentação	1	1	1	-	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	-	-	-	-	-	-	-	-	1
Limpeza da casa	-	2	1	1	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1	-	-	-	1	-	1	-	2
Lavar louça	-	1	3	1	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	-	-	-	-	-	-	-	1	1
Tratar os pequenos animais	5	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1	3	-	-	-	-
Cuidado da horta	2	-	2	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1	2	-	-	1	-
Limpeza e cuidado com o pátio	5	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1	3	-	-	-	-
Cuidado com as crianças	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Cuidado com os idosos	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-

Fonte: pesquisa de campo.

Nota: Legenda: 1: sempre; 2: geralmente; 3: às vezes; 4: raramente; 5: nunca

Participar ou não das decisões domésticas não é o principal objetivo dos homens com o seu trabalho. O que eles procuram é auxiliar as mulheres em uma atividade não agrícola que está, na maioria das famílias, sendo a principal fonte de receita mensal. Um resultado positivo considerado pelos homens do seu envolvimento neste tipo de trabalho é que, a partir do envolvimento deles nas tarefas domésticas, eles puderam valorizar o trabalho doméstico da mulher, que até então era considerado como ajuda na manutenção da família. No momento em que este passa a auferir receita, ele passa a ser visto de outra forma pelos membros da família, como essencial para a manutenção financeira, como se pode verificar nos depoimentos transcritos a seguir:

*[...] porque se eu to apurada aqui, ele vem me ajudar... passa a enceradeira... varre o chão... seca a louça... É só eu tá apurada... Ele já me ajuda! Antes ele não fazia porque não precisava também[...]* (Luciana)

*[...] antes eles me ajudavam, mas não tanto quanto hoje, né? Era sempre aquela coisa di... fazer um fogo no fogão... Às vezes dar uma varrida na cozinha, esse tipo di coisa só. Lá di vez em quando...[...]* (Beatriz).

*[...]quando tô por lá, ajudo a descascar uma batata ou servir uma mesa ,alguma coisa que eu posso, sempre que eu posso eu ajudo se precisar ajudo, ajudo mais é a secar, heheheh... quando ela precisa... quando apura é bem mais... Mas eu gosto de fazer... gosto de ajudar... pode ta quem tiver, se eu tiver que ajudar ali eu ajudo porque isso tudo assim, eu no meu modo de pensar não é feio pra ninguém, porque se a pessoa tá fazendo aquilo ali, depois tem o porquê de fazer, né, e eu faço porque eu gosto [...]*(Alexandre)

Nas entrevistas das famílias agrícolas, os depoimentos são de que os homens poucas vezes ou raramente ajudam as mulheres em tarefas domésticas. As tarefas domésticas realizadas por eles têm caráter de ajuda e estão relacionados com a limpeza do pátio, o trabalho na horta, principalmente no preparo dos canteiros e no trato dos pequenos animais, este último com maior participação dos homens nas pousadas. Essa constatação reforça nosso entendimento de que o turismo rural mudou o comportamento dos homens em relação às tarefas domésticas, possibilitando maior envolvimento deles na execução destas atividades. Porém, isso não resulta em uma maior participação deles nas decisões sobre estas atividades, permanecendo estas sob a responsabilidade das mulheres da família.

Para as mulheres, não houve grandes mudanças, apenas o aumento das horas trabalhadas, fato justificado pela relação existente entre a atividade doméstica e o turismo rural. Seu poder de decisão continua o mesmo, pois esse é o seu domínio, assim como o campo é de domínio do homem, naturalizado pelas estruturas tradicionais de trabalho e gênero. Assim como nas atividades agrícolas, onde os homens são os detentores dos saberes, as mulheres são as detentoras dos saberes domésticos, portanto, é justo que o poder de decisão seja dado a elas dentro da casa.

Então, podemos concluir, no que se refere às atividades domésticas, que houve mudanças pouco significativas nas relações de participação e decisão a partir do turismo rural. As mudanças que ocorreram foram em relação à jornada de trabalho, pois houve aumento das horas trabalhadas pelas mulheres se comparado com a situação anterior à introdução do turismo rural, e com as mulheres das famílias agrícolas. Houve também aumento na participação dos homens na execução das tarefas domésticas, fato justificado pela ampliação do trabalho doméstico e não observado nas famílias agrícolas. Isso resultou em maior valorização do trabalho da mulher pelos homens e por elas mesmas, pois agora seu trabalho

passou a ter valor produtivo e a ser visível dentro e fora da propriedade. Contudo, o caráter de ajuda ainda permanece, porém, agora ele é masculino. Os homens passaram a ser os ajudantes das mulheres, mas somente quando realmente é necessário, como se verifica no depoimento transcrito: [...] *eu ajudo, a responsável é ela, é tudo ela... porque não seria do conhecimento da gente, ela tem que dizer tudo, é uma coisa assim que a gente dá valor pra ela [...]* (Charles).

#### 4.6.2.3 Participação e decisão no Turismo Rural

O turismo rural nesta região é um fenômeno ainda recente, com cerca de uma década, pouco tempo para proporcionar mudanças significativas nas relações de gênero. Porém, os dados permitem-nos refletir sobre alguns aspectos, como principalmente as relações de trabalho e sociais. Em primeiro lugar, cabe analisar o turismo rural como uma atividade não-agrícola na qual o trabalho feminino é fundamental para a sua realização. O envolvimento da mulher está relacionado à proximidade deste tipo de trabalho com o trabalho doméstico e familiar. As diferenças entre um e outro é que o primeiro é remunerado e público, enquanto o segundo, não. Essa diferenciação é o ponto central na análise do trabalho feminino, pois é dele que derivam as pequenas mudanças nas relações de gênero.

O trabalho da mulher dá-se basicamente na reprodução doméstica e na ajuda dada à atividade agrícola, ou seja, funções que não são remuneradas, conseqüentemente, sem valor produtivo. Porém, com a inserção de atividades não-agrícolas, como o turismo rural, esse cenário passa por mudanças. As tarefas realizadas no turismo são as mesmas que as necessárias para a reprodução da família, porém, com uma diferença, no turismo as mulheres são remuneradas financeiramente para executar estas atividades, transformando este trabalho doméstico em produtivo. No entanto, Nogueira (2004) salienta que essa aproximação com o doméstico torna o turismo uma atividade não profissionalizada, refletindo assim no pouco reconhecimento do trabalho feminino. Para a autora, mesmo que seja a mulher a principal responsável pelo trabalho no turismo, isso não garante a ela maior valorização dentro da família, visto que o que ela faz no turismo são as mesmas atividades que desempenha na manutenção da família.

Contudo, na região pesquisada, constatou-se que o envolvimento das mulheres com o turismo rural proporcionou a elas algumas mudanças, sendo que estas foram identificadas tanto pelos homens quanto pelas mulheres: a principal foi o envolvimento da mulher com o público externo, o que resultou em facilidades de comunicação, tornando-as mais desinibidas

e proporcionando uma maior valorização do seu próprio trabalho. A valorização do trabalho foi considerada principalmente a partir da visão masculina como uma das principais mudanças ocorridas para as mulheres. Porém, essa valorização transformou-se pouco em empoderamento das mulheres. As mulheres não se sentem, na mesma proporção que os homens, valorizadas pelo seu trabalho, o que reflete no seu empoderamento. Daí se questiona: até que ponto a valorização do trabalho feminino é transformada em maiores níveis de empoderamento, levando-se em conta que o empoderamento parte das relações de trabalho mais equitativas e menos desiguais? O trabalho, como visto nos estudos de Rivera (2000), proporcionou às mulheres envolvidas com a atividade turística o acesso a recursos, sobretudo econômicos e sociais, em algumas situações a recursos políticos, porém, estes em menor número. Contudo, o acesso a apenas estes recursos não é o suficiente para se atingir níveis maiores de empoderamento, destacados por Deere e León (2002), Ojeda, Muñoz e Michel (2002), e Cordeiro (2010). Alcançar os níveis propostos por estes autores exige tempo – que o turismo, na região pesquisada, ainda não tem.

Além do recurso financeiro obtido através do turismo rural, ele permite maior visibilidade do trabalho doméstico, dentro e fora da propriedade. Isso é considerado por todos como um fator positivo, mesmo que isso reflita no aumento de horas trabalhadas diariamente. Porém, esse envolvimento da mulher não resulta em maior empoderamento destas diante de seus maridos e da família. As mulheres que possuem maior domínio sobre a receita, por exemplo, sempre o tiveram, mesmo antes do turismo. Isso pode estar relacionado à estrutura familiar de cada grupo, podendo assim variar de família para família e de tempos em tempos, pois as relações de gênero são mutáveis e dinâmicas. Esse fato demonstra que, se por um lado o turismo rural acrescenta receita ao trabalho feminino tradicional, por outro, as estruturas de poder e dominação tradicionais ainda persistem. Rivera (2000) também constatou isso nas suas pesquisas. A autora identificou que, apesar do aumento de trabalho das mulheres, e de este ser indispensável para o desenvolvimento do turismo, não se observa um aumento paralelo na sua participação na tomada de decisão da unidade familiar, ou ao menos na esfera em que trabalham. Ao contrário, é o homem que segue articulando a tomada de decisão em todas as esferas, incluída a da atividade turística. Sobre esta última constatação, observa-se que o que ocorre nas propriedades pesquisadas é uma *combinação* de responsabilidades. Na agricultura, o homem combina com a mulher, mas é ele quem decide. No trabalho doméstico, a mulher pouco combina com o homem, é ela quem decide. No turismo rural a *combinação* é feita em dois níveis: o primeiro é o nível interno, da casa. Neste ambiente eles *combinam*, mas é a mulher quem decide, afinal são suas tarefas que estão em jogo. O segundo nível é o

externo, o fora da casa. Neste, eles *combinam*, mas quem decide é o homem. Quando questionados sobre quem é o responsável pela atividade turística, duas respostas se destacaram: em algumas propriedades é a mulher, tanto na visão feminina, quanto na visão masculina, e em outras é o casal, principalmente para os homens.

Então se pergunta: que mudanças houve nestas famílias? Essas mudanças são realmente almeçadas por homens e mulheres? Até que ponto essa permanência não é aceita pelas mulheres e, por que não, também pelos homens? Entende-se que cabe primeiramente analisar, sob o ponto de vista de mulheres e homens rurais, o que é e o que não é importante para eles. O fato de não precisarem pedir dinheiro ao marido para comprar um batom ou ter a liberdade de decidir sobre as atividades domésticas realizadas no turismo rural já é uma mudança em vista de elas não terem acesso ao banco, por exemplo. Poucas mulheres afirmaram terem acesso a banco, conta corrente ou poupança, ou à realização de transações com o banco. Porém, para elas, isso não é necessário e tampouco importante. Os dados apresentados na tabela 10 trazem o entendimento das mulheres sobre a sua participação nas atividades relacionadas com o turismo rural.

**Tabela 10 - Participação feminina em atividades relacionadas com o turismo rural na perspectiva das mulheres**

<b>ATIVIDADE</b>	<b>Ruim</b>	<b>Regular</b>	<b>Bom</b>	<b>Muito bom</b>	<b>Excelente</b>
Planejamento do turismo rural	-	-	5	1	1
Contas do turismo rural	1	1	2	1	2
Receitas do turismo rural	1	1	2	1	2
Gestão e administração do turismo rural	-	1	4	-	2
Comercialização	1	1	-	3	1
Execução	-	-	1	4	3
Participação em reuniões sobre a atividade	1	1	1	3	1

**Fonte:** pesquisa de campo.

Podemos identificar que as mulheres consideram a sua participação no planejamento do turismo rural como boa, muito boa ou excelente. Nenhuma das mulheres considerou esse fato como ruim ou regular, o que pode indicar que existe participação efetiva, bem como, no quesito participação na administração e gestão da atividade, que foi considerada como boa ou excelente. Neste quesito, apenas uma das mulheres considerou como regular, porém, isso é reflexo do seu afastamento semanal da pousada, ficando esta sob responsabilidade do marido. Cabe aqui destacar que as mulheres diferenciam o que é planejamento e o que é administração e gestão do turismo rural. O planejamento, para elas, compreende uma etapa conjunta, de pensar compartilhadamente sobre o futuro da atividade. A administração é o dia-a-dia da propriedade e da pousada. O ponto de destaque da análise sobre a participação feminina no

turismo rural foi quanto à execução da atividade, tida por elas como sendo muito boa ou excelente. Isso pode estar relacionado à proximidade das tarefas necessárias para o turismo rural com o trabalho doméstico, por excelência de contornos das mulheres. Além disso, pontos como a comercialização e a participação em reuniões relacionadas à atividade foram citadas com destaque pelas mulheres. Sua participação na comercialização, diferentemente do que acontece na produção agrícola, pode ser considerada como um dos principais pontos de mudanças em relação a questões de gênero atreladas às mulheres rurais. Ligada a isso está a participação nas reuniões, mesmo que esta não seja efetivamente considerada como ativa, mas como passiva ou ouvinte. A questão aqui está na participação, no ato de ir a uma reunião, não de ter voz efetivamente, que seria o resultado do empoderamento destas. Assim, pode-se perguntar, onde está, então, a mudança? Podemos considerar que existe uma pequena mudança e esta está na mobilidade destas mulheres.

Continuando a análise sob o ponto de vista feminino, buscou-se identificar a participação dos demais membros da família. Quanto a esta questão, a tabela 11 apresenta os principais resultados obtidos na pesquisa.

**Tabela 11 - Nível de participação dos membros da família na tomada de decisão sobre turismo rural na visão feminina**

Atividade	Ruim			Regular			Bom			Muito bom			Excelente		
	H	FM	FH	H	FM	FH	H	FM	FH	H	FM	FH	H	FM	FH
Recepção	-	-	-	-	1	1	3	-	1	4	1	2	-	-	-
Planejamento do turismo rural	-	-	-	-	-	-	3	1	2	4	1	2	-	-	-
Contas do turismo rural	-	-	-	-	-	-	3	1	2	4	1	2	-	-	-
Administração	-	-	-	-	-	-	2	1	1	4	1	2	-	-	-
Receita do turismo rural	-	-	-	-	-	-	3	1	2	4	1	2	-	-	-
Comercialização	2	-	-	-	1	1	4	1	3	-	-	-	-	-	-
Profissionalização	1	-	-	2	1	1	3	1	1	-	-	2	-	-	-

**Fonte:** pesquisa de campo.

**Nota:** Legenda: H: homem; FM: filha mulher; FH: filho homem.

A grande maioria das mulheres considera a participação dos homens boa e/ou muito boa, com destaque para a participação no planejamento, na administração, nas receitas, despesas e na recepção do turismo. Fato importante a destacar é que no quesito profissionalização os homens não têm a mesma participação que as mulheres. As mulheres são consideradas, por ambos, como as “mais propensas” a profissionalizar-se e isto se deve a dois fatores, que estão relacionados à sua participação na família: o tempo disponível e o tipo de curso oferecido. O primeiro diz respeito ao tempo de que as mulheres dispõem,

considerado maior que o dos homens para dedicarem-se a uma atividade extra, já que eles estão envolvidos também com a atividade pecuária. O segundo está relacionado aos cursos que têm como foco as formas de preparo da alimentação. Importante ainda destacar que as mulheres não consideraram, em nenhum quesito, a participação do homem como excelente, como ela os fizeram na sua autoanálise. Contudo, é de comum acordo que tanto homens quanto mulheres são importantes para o desenvolvimento do turismo rural nesta região, e que cada um desempenha um tipo de papel na divisão sexual do trabalho: então, o que mudou? O que mudou, no nosso ponto de vista, foi a valorização do trabalho, especialmente da mulher pelo turismo, não a distribuição das tarefas. Ou seja, a divisão sexual do trabalho permanece na sua estrutura tradicional, porém, o valor socioeconômico que é dado a este trabalho é que passou por mudanças, e estas podem ser consideradas positivas. A participação dos filhos, tanto do sexo masculino quanto do feminino, foi considerada pela mulheres como sendo boa ou muito boa, e esse envolvimento dá-se nas mesmas atividades para as mulheres e para os homens, ou seja, as filhas mulheres ajudam as mães, e os filhos homens, os pais. Essa transmissão de responsabilidade nas tarefas evidencia, novamente, que o sistema de divisão sexual do trabalho persiste ancorado no sistema sexo/gênero.

Corroborando com a análise feminina, os homens, na sua autoanálise não consideraram sua participação como excelente, como se apresenta na tabela 12.

**Tabela 12 - Participação masculina em atividades relacionadas com o turismo rural na perspectiva das mulheres**

ATIVIDADE	Ruim	Regular	Bom	Muito bom
Planejamento do turismo rural	-	-	6	-
Contas do turismo rural	-	-	5	1
Receitas do turismo rural	-	-	5	1
Gestão e administração do turismo rural	-	-	6	-
Comercialização no turismo rural	-	3	3	1
Atividades de execução	-	-	6	-
Participação em reuniões sobre o turismo rural	3	2	1	-

**Fonte:** pesquisa de campo.

Os homens fizeram uma autocrítica mais positiva que as mulheres fizeram deles. A grande maioria considerou-se bom nas atividades delegadas a eles. Porém, não houve participação adequada na comercialização e na participação em reuniões. A primeira foi justificada devido ao fato de ser a mulher quem está mais presente em casa. Assim, é ela que atende ao telefone na maioria das vezes e vende o produto. Cabe aqui destacar que a principal forma de comunicação para a venda existente nas propriedades é o chamado “boca-a-boca”. A mulher tem o contato direto com o turista, fato que ocorre com menor frequência durante o

dia com o homem, pois este está envolvido nas atividades da pecuária. Já a segunda explicação está relacionada ao fato de ser a mulher que manuseia os equipamentos eletrônicos, como por exemplo, o computador.

Quanto à participação em reuniões, a mesma se relaciona ao tempo disponível dos homens em participar, já que as reuniões, na maioria das vezes, são realizadas durante o dia. O envolvimento dos homens com a pecuária não permite que os mesmos participem mais efetivamente, o que não significa que não desejem e que não almejem tal participação.

Quanto à participação dos demais membros da família (tabela 13), o entendimento dos homens não difere do já exposto, tanto por eles quanto por elas.

**Tabela 13 - Participação dos membros da família na tomada de decisão sobre turismo rural na perspectiva masculina**

Atividade	Ruim			Regular			Bom			Muito bom			Excelente		
	FH	M	FM	H	M	F	H	M	FH	H	M	F	H	M	F
Recepção	-	-	1	-	1	1	-	2	-	1	3	1	-	1	-
Planejamento	-	-	-	1	-	-	-	5	2	-	2	1	-	-	-
Contas	-	-	-	-	1	-	-	4	2	-	1	1	-	1	-
Administração	-	-	-	-	-	-	-	5	2	-	2	1	-	-	-
Receita	-	-	-	-	1	-	-	4	2	-	1	1	-	1	-
Comercialização	-	1	1	-	-	2	-	4	-	-	2	-	-	-	-
Profissionalização	-	-	-	-	-	-	-	3	1	-	4	2	-	-	-

**Fonte:** pesquisa de campo.

**Nota:** Legenda: H: homem; FM: filha mulher; FH: filho homem.

Os dados demonstram que a maioria dos homens considera, sobretudo, a participação das mulheres como fundamental no desenvolvimento do turismo rural, oportunizando a elas o reconhecimento do seu trabalho. A maioria considera que a participação da mulher é boa no planejamento e administração da atividade. Os homens reconhecem mais o envolvimento das mulheres do que elas mesmas, porém, são mais comedidos nas suas respostas, não delegando excelência nem a eles, nem a elas. Quando a discussão tem como proposta a análise a partir das relações de gênero, esse reconhecimento toma uma amplitude maior. O fato de o sexo masculino reconhecer o sexo feminino como fundamental no desenvolvimento de uma atividade produtiva é um grande avanço. Essa “quebra” de barreiras de considerar o outro como importante é uma das principais considerações deste trabalho, sobretudo porque o que está em jogo são mulheres e homens rurais, em estruturas sociais e econômicas tradicionais, diferenciadas da estrutura urbana, e baseadas em sistema de gênero. Reconhecer o outro como importante e fundamental e é um dos caminhos para transformação nas relações de gênero no meio rural.

### 4.6.3 Participação e decisão nas relações institucionais e políticas

O turismo rural tem nas Instituições<sup>45</sup> uma das bases para seu desenvolvimento. Consideramos aqui como instituições as entidades públicas e privadas e organizações. A análise se realiza a partir do envolvimento das famílias de turismo rural antes e depois de iniciarem na atividade turística, bem como das famílias somente agrícolas. Objetivamos com isso analisar as mudanças que ocorreram antes e depois do investimento no turismo rural e as semelhanças e diferenças com as famílias agrícolas.

#### 4.6.3.1 Nas relações com instituições

A tabela 14 apresenta as instituições e organizações que tiveram participação na produção agrícola antes do turismo rural. A instituição que mais esteve presente foi a Emater, entidade local de assistência técnica. Os dados demonstram que, mesmo sendo município pequeno, as instituições como a Prefeitura Municipal, via Secretaria Municipal de Agricultura, são destacadas como as que menos têm participação na atividade agrícola, seguida pela associação de agricultores. Ou seja, as principais entidades relacionadas com o meio rural e com os agricultores são pouco ativas nesse cenário. As atividades que estas entidades realizam são cursos, projetos de financiamento da atividade agrícola/não agrícola, como o Pronaf e assessoria técnica.

**Tabela 14 - Relação das famílias turísticas com as Instituições antes da implantação do turismo rural**

Instituição/organização	1	2	3	4	Relação com cada uma delas
SENAR	-	-	1	-	Cursos
EMATER	3	1	1	2	Projetos financiamento, consulta
Secretaria da Agricultura do RS	5	-	-	1	Vacinação
ONGs	2	-	-	-	Assistência técnica
Associações	2	-	-	1	Organizando a certificação
Outros	-	-	-	1	Estradas

**Fonte:** coleta de dados

**Nota:** Legenda: 1: nenhuma; 2: muito pouca; 3: pouca; 4: muita

Nas famílias agrícolas (tabela 15) essa situação não é diferente, os relatos dos entrevistados são praticamente os mesmos e convergem para o baixo envolvimento das instituições com os agricultores, sobretudo as públicas e locais. No entanto, essa realidade passa a ser diferenciada quando as famílias investem no turismo rural.

<sup>45</sup> Utilizamos a definição de instituições de Douglas North (1994), que considera que as “Instituições são as restrições humanamente inventadas que estruturam interação humana. Eles são compostos de restrições formais (por exemplo, regras, leis, constituições), restrições informais (por exemplo, normas de comportamento, convenções, autoimpostas, códigos de conduta), e suas características de execução.

**Tabela 15 - Relação das famílias agrícolas com as instituições**

Instituição	1	2	3	5	Observações relação
Assistência técnica paga	-	-	-	2	Acompanhamento lavoura
empresa integradora	-	-	-	-	-
SENAR	-	-	-	-	-
EMATER	2	3	-	1	Cursos , plantas, certificação queijo
Secretaria da Agricultura do RS	3	1	-	2	Veterinário, frete, queijo e pecuária
ONGs	-	-	-	-	-
vizinhos ou parentes	-	-	-	3	No que precisar, vende produtos
associações	-	1	1	-	Empresta equipamento, associação do queijo está em implantação
Secretaria de obras do município	-	2	-	-	Estradas

**Fonte:** pesquisa de campo.

**Notas:** Legenda: 1: nenhuma participação; 2 muito pouca participação; 3 pouca participação; 4 muita participação.

Os dados da tabela 16 apresentam informações sobre a participação das entidades públicas e privadas depois da implantação do turismo rural, confirmando a presença efetiva de agências de consultoria como o SEBRAE. Essa participação justifica-se pelo turismo ter sido um projeto desenvolvido pela Prefeitura Municipal, via Secretaria Municipal de Turismo, que buscou consultoria junto ao SEBRAE.

**Tabela 16 - Relação das famílias turísticas com as instituições depois da implantação do turismo rural**

Instituição/organização	1	2	3	4	Relação com cada uma delas
Cooperativa	6	-	-	-	Comercialização
SEBRAE	-	-	2	4	Cursos, consultoria
SENAR	4	-	2	1	Cursos
EMATER	1	1	3	2	Fossa ecológica, cursos. Pronaf
Secretaria da Agricultura do RS	5	1	1	-	Assistência técnica, infraestrutura, custeio
ONGs	6	-	-	-	-
Vizinhos ou parentes	1	-	-	7	Interação compra produtos
Associações	1	1	1	4	Reuniões
SETUR	-	1	2	4	Projetos, atendimento ao turista, estrutura da pousada

**Fonte:** pesquisa de campo.

**Nota:** Legenda: 1: nenhuma participação; 2 muito pouca participação; 3 pouca participação; 4 muita participação.

Além disso, foram citadas como importantes para o desenvolvimento do turismo rural a Associação das Pousadas Rurais e Urbanas de Ausentes (APRUA) e a Secretaria Municipal de Turismo. Ambas as entidades foram fundamentais no desenvolvimento do projeto e na qualificação profissional dos empreendedores. Cabe ainda destacar a importância, citada por todos os entrevistados, da participação dos vizinhos e parentes, principais fontes de mão de obra e de matéria-prima local.

No que diz respeito à participação em entidades sociais<sup>46</sup> e instituições, a igreja foi a mais citada. Todos participam, tanto das famílias pluriativas como das agrícolas, de atividades na Igreja, principalmente de missas, e isso não mudou depois de investirem no turismo, sendo esta a única atividade social que não perdeu importância com o desenvolvimento do turismo. A APRUA é outra instituição que merece ser destacada pela sua importância como ambiente de socialização, sobretudo das mulheres. A participação das mulheres nas reuniões é maior que a dos homens, sendo que quatro das sete famílias é representada pelas mulheres, conforme exposto nos depoimentos:

*[...] sou eu quem participo, ele não gosta, só me deixa lá, às vezes ele não concorda com as ideias de muitos, daí ele prefere não participar, ele não sabe ficar quieto que nem eu... Mas acho importante pelo menos um de nós participar, pra ficar sabendo das coisas, né... Porque assim, oh, se tu tá participando, tu tá sempre ativa do que tá acontecendo né, e se tu deixa de participar, tu fica por fora, né, tu não sabe o que tá se passando, quem tá vindo, quem tá voltando, e ali tu fica sabendo, né... e ali a gente conversa sobre as pousadas, que nem agora, a gente vai ter reunião só em fevereiro, que agora é época de movimento, daí todo mundo conversa como é que foi o natal, bota tudo em dia [...]* (Fernanda)

*[...] procura a se interar... né? de tar por dentro... do turismo[...]* (Fabrício)

Antes do turismo, apenas uma mulher participava de associações, depois do turismo cinco delas vieram a participar, sendo isso considerado um fator de mudança, sobretudo para elas. Contudo, em duas famílias pluriativas pesquisadas, nem os homens nem as mulheres participam mais. Este fato foi relatado por eles como negativo, porém, necessário, visto que a APRUA, na visão deles, não atende ao interesse de todos os seus associados. Cabe ainda destacar que houve mudanças na participação em atividades de lazer, como ir à casa de parentes, visitar os vizinhos e ir ao rodeio. Porém, isso é tido por eles não somente como ponto negativo, mas também como positivo, pois além de estarem trabalhando em atividade menos rigorosa que a pecuária, eles ainda estão em contato com pessoas de diferentes lugares, o que permite aumento dos níveis de conhecimento e de cultura da família, conforme depoimento do Sr. Fabrício:

*[...] eu acho qui mudou... Porque o lazer a gente podia fazer no fim de semana, né? Fazia... i agora não! No final de semana tem qui deixar um pouco de lado ou próprio para o turista... ou... i a gente tinha marcado... então o lazer tem qui tirar no meio da semana... fazer[...]* (Fabrício)

Já no que diz respeito à participação política partidária, especificamente à filiação em

---

<sup>46</sup> Consideramos como entidades sociais os clubes e a Igreja.

partido político, observamos que o fato de terem investido no turismo rural não influenciou na decisão de participar ou não. Todos já estavam filiados a algum partido político, não tendo mudanças com o turismo. Esse fato é instigante, pois um dos principais recursos para maiores níveis de empoderamento é a participação política e, por vezes, também a mais reivindicada. Porém, nas famílias pesquisadas, não observamos esse fato, e sim, que eles, na sua grande maioria, preferem manter-se longe de questões que envolvem política partidária.

*[...] sempre, desde os 16 anos... hoje tenho um cargo de presidente do partido daqui, partido PPS [...]* (Alex)

*[...] ele é filiado, faz muito tempo eu não [...]* (Beatriz)

*[...] eu sou... Sempre fui, sempre tive minha opção, eu gosto mais das coisas mais democráticas sabe, não com o radicalismo, então eu optei por esse partido que é uma coisa mais [...]* (Charles)

*[...] somos filiados sim, os dois... Mas não nos envolvemos muito, não... Eu sempre gostei [...]* (Alexandre)

*[...] o marido é, né, então eu me filiei também... Meu cunhado veio aqui filia a genti que ele que era presidenti... Só eu não sou política assim né, mas eu gosto di PMDB... Sei que já vem dos pai da gente, né [...]* (Luciana)

No que diz respeito à participação em entidades, consideramos que houve uma mudança no envolvimento das famílias em associações, sobretudo as relacionadas ao turismo rural. Isso se deve, em parte, ao processo de organização do turismo na região, que se deu a partir do envolvimento do poder público com uma agência de consultoria. O entendimento de que o turismo é uma atividade que necessita de associativismo possibilitou que fosse organizada a Rota Turística Campos de Cima da Serra e que fosse instituída a APRUA, envolvendo assim, pelo menos inicialmente, a maioria das pousadas. Quanto à participação em sindicatos, dos três homens que são associados, um não era associado antes da implantação do turismo. A oportunidade de participar em ações da APRUA e o contato com as administrações públicas foram pontos positivos na participação política das mulheres, destacados também por Rivera (2000). Contudo, consideramos a participação, sobretudo em entidades como sindicatos, pequena, e não temos uma explicação sobre isso, apenas que *não vale a pena*. A baixa sindicalização não é um fato isolado do local da pesquisa, e sim, uma realidade nacional, como apresentam os dados da PNAD (2009), anexo D.

Nas famílias somente agrícolas, a participação na política e em entidades associativas é ainda menor, conforme as informações já apresentadas na tabela 15. Das famílias entrevistadas, três dos seis homens e apenas uma mulher são filiados em partidos políticos.

Em associação, apenas um casal é associado, e em sindicatos, cinco homens e três mulheres são filiados. As informações são um pouco distintas das famílias pluriativas, entre as quais há uma participação maior em partidos políticos e em associações, e uma participação menor em sindicatos. Isso pode ser reflexo da forma como o turismo foi organizado na região, em que parte do associativismo e do envolvimento, sobretudo, com os setores públicos, permitindo que estes tenham maior acesso às políticas do município e região e às formas de organização social.

Quanto ao acesso a políticas públicas, a mais importante e destacada pelas famílias turísticas é o acesso ao crédito. Todas as famílias pesquisadas tiveram acesso ao crédito com o turismo, sendo que antes apenas três tinham obtido o mesmo. Esse dado reforça que o turismo gerou investimentos significativos em infraestrutura nas propriedades, já que todos acessaram a linha de crédito e investimentos e fizeram reforma ou aquisição de equipamento para o turismo, como se pode atestar a partir dos depoimentos.

*[...] pra pecuária sim... é um PRONAF investimento... pra compra de matrizes pra propriedade... Quem decidiu e tirou foi meu mano. Pro turismo também, um PRONAF investimento foi pra montar os alicerces da casa... Foi no nome do meu pai... a luz também da propriedade a gente conseguiu um Pró luz, através do Banco Banrisul, Pró luz, porque a gente tinha ideia do turismo, mas a gente não tinha luz na propriedade [...]* (João)

*[...] o PRONAF investimento pro turismo, pras cabanas, pra pecuária não... Pras cabanas fui eu, no nome da pousada, a pousada tá no meu nome [...]* (Fernanda)

*[...] Já! Retiramos o PRONAF pra fazer... investimento no turismo... para fazer a parti dos quartos com banheiro... foi retirado no nome do Chico... mas hoje a gente não tem mais necessidade [...]* (Janete)

No entanto, apesar do aumento da participação em relação ao acesso ao crédito, continua sendo o homem quem decide e retira o crédito. O homem consulta a mulher na maioria das famílias, porém, é ele quem decide e utiliza o investimento no banco, visto que é ele quem possui conta bancária, e o bloco de produtor está em seu nome<sup>47</sup>. A mulher somente assina a documentação, já que são casados perante a lei, e é necessário o consentimento de

<sup>47</sup> Brumer e Spavanello (2011) identificaram que o acesso ao crédito pelas mulheres agricultoras possibilitou-as envolvimento maior em questões referentes à documentação pessoal e ao acesso ao banco, aumentando assim sua autoestima, pois agora elas 'ajudam' de alguma forma. Antes do acesso ao PRONAF Mulher, poucas tinham tido acesso a bancos, quando o faziam era para retirada de valores referentes a pagamentos oriundos do leite ou pagamentos de contas. Contudo, a pesquisa mostra também que os recursos retirados pelo PRONAF Mulher são investidos em atividades como: educação dos filhos, compra de utensílios domésticos e roupas, ampliação ou investimento em atividades produtivas já existentes, compra de equipamentos agrícolas para uso masculino, e pagamento de dívidas geradas pelos maridos. A gestão desse recurso é dada pela proximidade de cada membro com cada atividade. Por exemplo: os homens gerem os recursos que serão investidos nas atividades produtivas, especialmente as agrícolas. As mulheres gerem o recurso que será destinado às atividades relacionadas à reprodução familiar, esta que é essencialmente feminina.

ambos. Quanto a outros programas do governo, nenhuma outra família participa. O fato de não ter acesso ao banco, na maioria das vezes, é explicado por não acharem necessário. Contudo, esse posicionamento limita a participação da mulher em um dos recursos que pode levá-la ao empoderamento, que é o financeiro. A falta do bloco de produtora, que a legitima como agricultora, inibe-a de acessar esse recurso. Contudo, pesquisa do DIEESE (2007) demonstrou que houve crescimento considerável do acesso das mulheres ao crédito PRONAF entre os anos de 2002 e 2007 (ANEXO F).

Nas famílias agrícolas, a procura pelo crédito também é alta. Das seis famílias entrevistadas, apenas uma não tem acesso ao crédito. Nestas famílias, há acesso mais diversificado de crédito, variando entre o PRONAF, o Mais Alimento e o PROJER, ambos para aquisição de implementos agrícolas e animais. Nestas famílias, diferentemente das famílias pluriativas, a mulher não é consultada. São os homens que decidem e retiram o investimento. A mulher tem conhecimento do processo no momento em que ela fica sabendo que o crédito ou será ou já foi retirado. Esse dado nos faz pensar que houve uma pequena mudança de pensamento, mesmo que no discurso, já que nas propriedades de turismo rural as mulheres são “ao menos” consultadas, e nas agrícolas, não. Isso pode estar relacionado também ao acesso a educação destas mulheres e ao conhecimento que estas possuem de transações, como financiamentos. As mulheres das famílias agrícolas têm menor acesso a educação do que as mulheres das famílias pluriativas e também possuem menor acesso à informação, decorrente do seu interesse e do convívio social. A falta de informações, como demonstraram Hernandez (2009) e Brumer e Spavanello (2011), é um dos principais entraves para o acesso e uso do crédito rural por parte das mulheres, e isso fica também evidenciado em nossa pesquisa, quando elas afirmam que “isso é com ele”, o que remete ao entendimento de que elas não precisam ter informação sobre tal processo.

Em suma, o turismo rural proporcionou que as mulheres das famílias pluriativas tivessem maior acesso a recursos financeiros por meio do crédito. Contudo, esse acesso não aumentou a participação e decisão delas sobre isso, permanecendo estas na mesma situação que das mulheres das famílias agrícolas, ou seja, sem poder de decisão. O diferencial entre as famílias pesquisadas diz respeito à consulta. Nas famílias pluriativas, as mulheres são consultadas, afinal, o uso do crédito será na atividade não-agrícola, que é de “responsabilidade” dela e realizado dentro da casa. Já nas famílias agrícolas, os recursos são investidos em atividades agrícolas, ou seja, de domínio do homem, e isso justifica, para eles, o pouco envolvimento feminino na participação e decisão sobre o acesso e uso deste recurso.

#### 4.6.4 Participação e decisão nas relações sociais e familiares

As mudanças nas relações sociais foram um dos principais efeitos destacados pelas famílias que investiram no turismo rural e isso se justifica a partir de dois pontos: o primeiro deles se refere à perda de momentos de lazer e interação social fora da propriedade, e o segundo é o oposto, o aumento do contato com pessoas de fora da família, porém, dentro da própria casa. O primeiro fator está relacionado ao tempo e aos espaços, sobretudo de lazer destas famílias, o que denominaremos aqui de “mobilidade social”<sup>48</sup>. O turismo rural é uma atividade desenvolvida principalmente nos finais de semana e feriados, o que acaba influenciando e refletindo nos momentos destinados ao lazer destas famílias. Antes, eles iam à missa, à casa de vizinhos e/ou de parentes. Hoje esse deslocamento decorre da existência ou não da atividade turística, e isso acaba refletindo nas relações intra e extrafamiliares, como destaca Rivera (2000), que considera que os impactos sociais do turismo incidem no comportamento e nas relações sociais das comunidades rurais, bem como nas relações internas da família.

Os informantes destacaram que o turismo rural influenciou nas relações sociais da família, porém, isso não foi fator determinante para transformações nas relações familiares. As mudanças que aconteceram foram no sentido de terem aumentado os momentos de convívio familiar, o que a atividade agrícola não proporcionava. Hoje eles trabalham a maior parte do tempo juntos, aumentando o convívio familiar a longo prazo, o que é considerado pela maioria dos entrevistados como positivo, sobretudo para os homens, que eram os que mais ficavam longe da propriedade durante o dia, como se pode verificar através dos depoimentos selecionados:

*[...] não, eu acho assim, que até melhorou porque daí cada um tem sua participação, a voz ativa de cada um né. A gente faz tudo junto, né, não faz nada sozinho, né, e antes era mais eu só, inclusive eu acho até melhor... E daí eles participam, né... E se erra, nós erramos nós três, se acerta, acertamos nós três [...]* (Pedro)

*[...] é, com certeza, e exige mais que a gente converse mais né... É que eu tinha meu trabalho, né, então vinha só na hora das refeições, e na parte da noite... E agora a gente tá mais por casa, né, mas a minha relação com ela e com o filho não mudou, não, sempre agimos da mesma maneira [...]* (Charles)

*[...] a gente começou a unir ainda mais a nossa família através do negócio, eu acho que o negócio só cresceu em função da família tá junto, então a gente assim graças a Deus soube e tem as rédeas na mão de dividir um pouquinho com cada um... Divide as tarefas, divide a receita, um ganha um pouquinho, o outro ganha outro pouquinho, mais contenta todo mundo, bronca ansim, decisões sempre tem, não é*

<sup>48</sup> Mobilidade social está se referindo, nesta tese, à participação social e seus espaços e tempos de realização.

*bronca, mas uma coisa ansim bem decisiva, que tomar decisões bem mais tranquilamente [...]. (João)*

*[...]Não, eu acho assim, que nós sempre fomos di conversar... muito... di dialogar... Até um determinado tempo...houve um... é... Como é qui eu vou dizer? É por falta di tempo... houve assim... como é qui eu vou ti dizer? Não é que a falta di diálogo... não é isso! Aquela coisa assim... qui nem sempre tu conseguia contar... pro outro qui tava acontecendo, sabe?Às vezes quando tu ia falar... passava... de repenti... Mas não! Mas isso aconteceu tal dia... Então houve uma... Até hoje às vezes acontece isso... porque eles tão... lá nos afazeres deles... I eu to aqui... Ahn... eles tão lá no trabalho deles de faculdadi... E às vezes muitas coisas se perdi... Nem sempre a genti consegue fazer... assim... com que todos saibam. Mesmo um saber... e vários... horas depois, momentos depois... Diferente... sabe? É! Por falta di tempo... todos trabalham no turismo! Então isso faz com qui aumenti esse vínculo[...] (Janete)*

Importante destacar que os homens consideram que melhoraram as relações familiares, enquanto as mulheres acham que continua a mesma coisa, que não houve nenhuma mudança, nem para melhor nem para pior. Esse fato pode estar relacionado ao tempo que os homens passam em casa. A mulher sempre permaneceu por mais tempo nas dependências ou nas proximidades da casa, já o homem, não. Hoje, a partir do turismo, esse convívio foi possível. Assim, consideramos que os homens foram os que mais tiveram de se adaptar a atividade turística, cabendo a eles um novo espaço e tempo. O turismo exige conversas, tratativas sobre as atividades a serem realizadas, fato que não ocorria com a pecuária, pois nesta era apenas o homem que decidia. Essa proximidade é explicada pelo fato de estarem desenvolvendo a mesma atividade produtiva, homens e mulheres.

Contudo, todas são unânimes em destacar que a relação conjugal e com os filhos não passou por mudanças.

*[...] Não, a questão é que às vez, que nem diz o outro, nós dois por exemplo não tiramo um tempo pra nois né... Antes tinha... porque agora se envolve com a pousada, se envolve com a pecuária, se envolve mais, sempre temo junto, né mais às vez falta esse tempo. Mais não é por causa da pousada, é por causa, sei lá, é por causa da gente mesmo, se a gente quisesse, nós tirava esse tempo pra nós, né... Agora ela se tornou uma mulher mais feliz e mais aberta né... Mais aberta, mais flexível, né, mais assim, ela aprendeu muito tanto eu como ela... aprendeu muito com o turismo [...]. (Pedro)*

*[...]Ah, mudou, eu digo que ela mudou bastante... Ela mudou de entender o que o turista quer, o que o turista deseja, o atendimento, entender a vida turística, ela mudou porque ela não tinha esse conhecimento, ela tinha de prestar serviço na profissão dela, e aí o momento que ela tem que fazer isso pra agradar um turista, e ela ao mesmo tempo pode ser uma turista, então fez ela se valorizar mais, eu vejo que quando nós saímos ela vê onde está os furos no atendimento de alguns estabelecimentos, que nós com nosso estilo campeiro às vezes a gente proporciona um atendimento até melhor... Então eu acho que influenciou, sim... de forma assim de sentir e conhecer mais [...]. (Alex)*

A família, apesar das mudanças ocorridas na sua constituição no decorrer dos tempos, ainda é a instituição mais valorizada pelas famílias pesquisadas. Todos os entrevistados foram enfáticos nas respostas sobre as mudanças nas relações familiares: *pouco mudou*. Mesmo com o turismo, que é uma atividade produtiva não-agrícola e “moderna”<sup>49</sup>, a família ainda é mantida na mesma estrutura social, tendo a mulher a sua frente, como responsável pela manutenção e cuidados com esta. À mulher é dada essa responsabilidade, e isso é considerado como parte de suas tarefas domésticas. Contudo, as estratégias de reprodução familiar são discutidas em nível da família, a negociação ocorre no nível familiar, pelo menos no discurso, assim como os resultados desse processo devem recair sobre a família, especialmente sobre seu bem-estar. Com o turismo, uma das principais mudanças sentidas foi em relação à organização e dinâmica familiar, sobretudo na função da mulher dentro dessa instituição. A mulher insere-se em uma atividade produtiva que tem no trabalho doméstico, de reprodução familiar, sua base. Consequentemente, é este trabalho que passa por remodelações e rearranjos, especialmente com a introdução do trabalho doméstico masculino. No entanto, cabe aqui destacar que a família como instituição permanece nos mesmos padrões do sistema de gênero, que tem na divisão sexual do trabalho uma de seus alicerces.

Outra questão levantada foi em relação ao relacionamento conjugal, entre marido e mulher, e se esse passou por alguma mudança com a inserção do turismo. As respostas de homens e mulheres não convergiram: os homens consideram que houve mudança no comportamento das mulheres, já as mulheres não têm essa visão, nem do seu comportamento, nem do comportamento do marido. Esta mudança está relacionada ao contato com o público externo. A partir do turismo, elas passaram a conversar mais, a adquirir mais conhecimento, mais cultura, fato identificado em menor escala pelos homens, pois eles sempre tiveram esse contato com a vida externa, diferentemente das mulheres. Esse envolvimento possibilitou que a mulher fosse mais comunicativa.

É perceptível o fato de que elas só se envolvem com o turismo rural se este trabalho não afetar a reprodução do grupo familiar. Isso pode ter relação com duas questões que consideramos chave neste estudo: a organização familiar, sendo esta constituída por famílias que não possuem filhos pequenos, o que exime a mulher de boa parte das obrigações domésticas, como a educação; e a conciliação do trabalho doméstico com o trabalho produtivo. No momento em que o turismo rural é realizado dentro da casa e sob domínio da mulher, ela tem uma tripla jornada de trabalho, desenvolvendo múltiplas atividades

---

<sup>49</sup> Usou-se a palavra moderna exatamente como transcrita pelos entrevistados. Aqui a palavra se refere à oposição de tradicional, e não ao atrasado, e desenvolvida na contemporaneidade.

reprodutivas e produtivas. O turismo é viável enquanto a estrutura tradicional e os papéis femininos e masculinos não é rompida e se transformem completamente.

Em resumo, assim como nas demais pesquisas apontadas nesta tese, especialmente aquelas sob a orientação de Brumer (2004, 2009, 2011), as posições de gênero no meio rural não mudam completamente com um novo sistema produtivo. As desigualdades de gênero persistem no que denominamos aqui de sistema de gênero, mesmo após a inserção de atividades não agrícolas. A divisão do trabalho permanece ancorada pela divisão sexual clássica ou tradicional, ou seja, pelas características físicas e culturais atribuídas a homens e mulheres, assim como o poder de participação e de decisão também continua o mesmo. Contudo, elementos como: maior diversificação produtiva, o acesso e uso do crédito rural, sobretudo pela mulher, mudanças nas políticas públicas e na legislação e uma organização mais igualitária das atividades produtivas e domésticas, podem ser motivadores de mudanças neste cenário, diminuindo as desigualdades socioeconômicas entre homens e mulheres.

## 5 CONCLUSÃO

O objetivo central desta tese foi compreender a organização do trabalho em empreendimentos de turismo rural e seus reflexos sobre as relações de gênero em famílias rurais gaúchas. Para responder a este objetivo, retomamos nossos objetivos específicos e nossas hipóteses iniciais, sem esgotá-los, como já dito, mas buscando apontar para novas pesquisas. Para dar conta do objetivo central, esta tese privilegiou os seguintes objetivos específicos:

- a) descrever a trajetória do processo de implementação do turismo rural nas propriedades, identificando a participação de mulheres e homens;
- b) identificar a nova divisão sexual do trabalho decorrente do envolvimento em atividades não-agrícolas;
- c) verificar os fatores internos (situação econômica e social da família, demografia, tipos de produção, sistema de valores, etc.) e externos (contexto econômico, político e social, instituições, demanda, etc.) que atuam nas relações de gênero a partir do trabalho no turismo rural e;
- d) descrever as mudanças nas posições sociais ocorridas na família e nos indivíduos (homens e mulheres) a partir do trabalho no turismo rural.

Quanto às hipóteses, a hipótese central é de que o trabalho no turismo pode permitir mudanças nas relações de gênero no meio rural. Essas mudanças estariam relacionadas a três conjuntos de elementos: a fatores internos à família, como situação econômica e social, demografia, divisão sexual do trabalho e tipos de produção; aliados a estes, encontram-se os fatores externos à família, como as instituições, o contexto econômico (mercado) e a demanda por novas atividades. Esses fatores têm se tornado condicionantes importantes na alteração das relações de gênero, pois eles inserem agentes, como as mulheres, em um novo cenário do mercado de trabalho, o trabalho remunerado (produtivo); o terceiro conjunto está relacionado ao contato com os turistas, às relações construídas por meio das redes (roteiros e rotas), ao envolvimento com diferentes tipos de instituições e organizações. Essa atitude resulta em mudanças de comportamento das famílias, permitindo repensar as relações de gênero no meio rural. Buscamos, no decorrer de nossas análises, responder a estes questionamentos. Buscamos assim, tecer algumas considerações resultantes do nosso aprendizado a campo, registrar algumas sugestões, que não são generalizações, e sim, de uma realidade específica, e indicar caminhos futuros para inspirar novos debates acerca do tripé gênero/turismo/desenvolvimento rural.

Os estudos de gênero têm por muito tempo focado suas análises nas diferenças relacionadas ao trabalho, seja ele urbano ou rural. Trazem em seu debate dois conceitos que consideramos imprescindíveis para a nossa discussão, que é a separação e a hierarquização. Separação no sentido de que há trabalhos de homens e de mulheres, e hierarquização no sentido da valorização destes trabalhos. Esta divisão ficou evidente a partir da análise dos nossos dados, onde mesmo com o turismo as práticas masculinas e femininas continuam praticamente inalteradas. A divisão sexual do trabalho tem foco central nesta tese, e é a partir dela que buscamos identificar as eventuais mudanças e rever posicionamentos nas relações de gênero familiares.

A *separação* das atividades realizadas no turismo, na atividade agrícola e no ambiente doméstico, não difere da compreensão da divisão sexual do trabalho tradicional, baseada no sistema de gênero. Atividades de caráter masculino continuam sendo de responsabilidade de homens, enquanto atividades de caráter feminino continuam predominantemente sendo de responsabilidade de mulheres. As mulheres são as responsáveis pelas atividades que estão relacionadas à manutenção reprodutiva da família, ou seja, as de caráter doméstico, como os cuidados da casa e da família. A execução destas atividades muda pouco com a inserção do turismo. O que ocorre é que há reformulações nas configurações deste trabalho, como o aumento de horas trabalhadas, de tarefas e de responsabilidades, pois agora, além dos cuidados com a família, a mulher precisa dedicar-se a outra atividade. Algumas tarefas novas têm sido incorporadas com o turismo, como por exemplo, a administração de recursos humanos e econômicos, o contato com o público externo, o que exige que elas sejam mais educadas, perceptivas e também mais cuidadosas na aparência física. Os homens, mesmo no turismo, são os responsáveis por atividades identificadas como sendo masculinas. Aos homens coube a organização externa da casa, como a limpeza do pátio, o trato dos animais, especialmente os cavalos utilizados nas cavalgadas, o acompanhamento das trilhas ecológicas, etc. O fato novo que ocorre é que os homens passam a se inserir mais nas atividades tidas como domésticas, e essa é a mudança sentida na organização do trabalho, pois isso sempre foi visto como uma das barreiras na divisão sexual do trabalho a ser transposta.

Contudo, há que se destacar que este estudo apontou para uma dificuldade na aceitação das tarefas femininas pelos homens, pois a justificativa para seu envolvimento é a necessidade de mão de obra, visto que é um empreendimento familiar, sendo este atrelado ao rendimento econômico gerado pelo turismo. Como o turismo passou a se constituir, na maioria das famílias pesquisadas, na principal atividade econômica, as atividades relacionadas ao seu desenvolvimento passam a ter prioridade sobre as outras. Então, se a mulher está

sobrecarregada de trabalho (*apurada*) e necessita de ajuda, o homem a auxilia, especialmente durante a semana, já que nos finais de semana elas contratam mão de obra terceirizada. Além disso, os homens tiveram de reorganizar o trabalho na pecuária para poder conciliá-lo com suas atividades no turismo, que, assim como as tarefas das mulheres, é de significativa importância para o desenvolvimento da atividade turística atualmente.

Esta *conciliação e/ou a negociação* é de ambos os lados, ou seja, as mulheres tiveram que conciliar suas atividades domésticas com as do turismo, e os homens tiveram que conciliar as tarefas na pecuária com as do turismo. Porém, são as mulheres que desempenham maior parte das tarefas no turismo, visto que ele é considerado como uma extensão do seu trabalho doméstico. No entanto, não é possível afirmar veementemente que o turismo rural é uma atividade mais ou menos feminina ou masculina e caracterizá-la como tal. Existe uma proximidade maior da mulher com a atividade, por esta ser realizada dentro no espaço habitual, a casa, e por ser uma extensão do seu trabalho doméstico, o que acaba por caracterizá-lo como trabalho feminino. No entanto, a atividade apenas se desenvolve se não trazer prejuízos para o trabalho familiar, tanto para o doméstico como para o da pecuária, podendo ser conciliado com estes, já que nenhum é passível de abandono pelas famílias. O trabalho produtivo da mulher está relacionado estritamente ao tipo de atividade realizada e ao espaço onde é realizado, existindo uma estreita relação entre rural e família, e entre produtivo e reprodutivo/doméstico. Talvez seja essa a grande revelação do turismo nestas propriedades, ou seja, que ele pode ser conciliado com as demais atividades, produtivas e reprodutivas, e ainda inserir membros da família que não estavam ocupados produtivamente.

A complementariedade que existe entre as atividades turística, agrícola e doméstica é notória, pois uma se constitui como o desdobramento da outra, por vezes, assumindo funções semelhantes. A articulação entre elas é um dos principais pontos encontrados na tese. Cada membro e cada atividade tem sua função, sejam eles produtivo ou reprodutivos, e representa uma peça do todo, que funciona como uma engrenagem, onde cada um apresenta-se de forma diferenciada e tem uma expressividade maior ou menor, mas que, no final, são complementares e necessárias para as famílias.

A *hierarquização* é resultado (ou causa?) dos processos anteriores e é caracterizada como “ajuda” e complementar. Assim como a mulher ajuda o homem na atividade agrícola, o homem ajuda a mulher na atividade turística, já que esta é considerada pela maioria como sendo de sua titularidade, visto que são elas que mais procuram desenvolver o turismo, e como resultado são elas que assumem posições centrais. Porém, o caráter de ajuda do trabalho da mulher na pecuária perde espaço para a valorização dada ao seu trabalho no turismo.

A “ajuda” pode ser entendida de diferentes formas: a ajuda do homem membro da família, a ajuda da mulher diarista e a ajuda do homem diarista. A ajuda do homem, membro da família, é fornecida especialmente para as atividades domésticas complementares, e em menor número do que a da mulher. Porém, antes do turismo e nas famílias agrícolas, essa ajuda não foi identificada, o que sinaliza para uma pequena mudança de comportamento masculino; a ajuda da mulher contratada, que, na maior parte dos casos, tem algum tipo de relação de parentesco, passa pelo mesmo processo de separação e hierarquização que os homens, porém, em outro nível, que é a casa. A elas são destinadas tarefas complementares, como preparar saladas, limpar a casa, especialmente os ambientes que os turistas utilizam de forma coletiva, e também atividades mais pesadas e que exigem maior tempo gasto, como limpar os vidros e encerar a casa. No entanto, há que se destacar que, sem o turismo estas mulheres estariam sem opções de ocupação e, conseqüentemente, sem gerar receita para a família. Assim, uma constatação referente ao trabalho contratado é que o turismo gera mais ocupação do que a atividade agrícola, sobretudo para as mulheres, inserindo-as assim no trabalho local, mesmo que esporádico e informal; e a outra ajuda é do homem contratado. Este realiza as mesmas atividades que o homem da família, e ainda ajuda na pecuária. Porém, é contratado em menor número comparativamente às mulheres. O que podemos destacar aqui é que mesmo no caráter “ajuda e complementar” as tarefas são hierarquizadas, levando em consideração os critérios apontados pelo sistema de divisão sexual do trabalho tradicional. Então, as mudanças existem, mas são quase imperceptíveis, ou seja, as estruturas são as mesmas num ambiente socioeconômico que é diferenciado.

Vinculada à hierarquização está a valorização do trabalho. Esta valorização dá-se por meio dos seguintes aspectos: valor econômico, social e do trabalho. O turismo foi desenvolvido nestas propriedades, assim como na maior parte dos estudos já realizados sobre a temática, como uma alternativa complementar à receita da atividade agrícola. Num primeiro momento, ele supriu essa necessidade e passou, num segundo momento, a ser mais valorizado, agora como meio de socialização, sobretudo pelas mulheres rurais. Para elas, o turismo rural representa mais que uma fonte de receita, representa a valorização do seu trabalho doméstico, que é transferido para a valorização social destas. Além da valorização fora da família, há também a valorização da mulher por parte dos membros da família, sobretudo do homem. O turismo rural leva implícitos valores sociais e culturais, que significam mudanças nestes âmbitos, onde há uma forte valorização social destacada pelas mulheres, a partir do convívio com os turistas. Além disso, o turismo rural permitiu uma maior inserção das mulheres no mundo do trabalho produtivo e, conseqüentemente, maior

valorização do trabalho feminino, ocasionando melhoria da autoestima e da qualidade de vida, maior autonomia financeira, ampliação do ambiente de socialização, etc.

As mudanças importantes a serem destacadas são atribuídas por homens e mulheres às atividades domésticas, ao contato com o público externo, às formas de negociação e de conciliação das tarefas domésticas com as produtivas, à visibilidade do trabalho da mulher, porque agora esse trabalho, que antes era somente doméstico, é remunerado. O fato das atividades domésticas serem pagas e representarem parte da receita das famílias gera uma nova configuração simbólica sobre suas vidas e sobre as relações sociais e familiares. No entanto, essas mudanças não foram capazes de alterar a hierarquia e o *status* do trabalho de homens e mulheres nestas propriedades, porque estas permanecem ancoradas pela divisão sexual do trabalho tradicional, pela qual cada um tem uma função a ser desempenhada no sistema de gênero, visto que as tarefas continuam sendo separadas e hierarquizadas.

Assim, compreende-se que estas mudanças não foram capazes de alterar substancialmente a divisão sexual do trabalho e a posição subsidiária do trabalho da mulher, visto que o turismo rural é uma atividade que tem como base o trabalho doméstico, considerado como complementar e inferior hierarquicamente. Isso pode estar relacionado a fatores como: o caráter doméstico (tarefas e espaço) do turismo. A mulher continua administrando o que é de seu domínio, dentro do seu espaço físico habitual (a casa) e realizando as tarefas domésticas e reprodutivas, mesmo que este tenha tido efeitos significativos para as mulheres, como a valorização do seu trabalho e maior independência financeira. A mulher não está mais inserida na administração da propriedade do que antes; a não-profissionalização da atividade turística reflete na sua categorização como “baixo emprego”, não produzindo mudanças; e pelo espaço rural estar caracterizado pela identidade profissional masculina. No meio rural, a identidade profissional ainda está baseada no trabalho agrícola, que tem no masculino a sua representação. Mesmo que a mulher tenha adquirido o status de “empresária do turismo rural”, ela ainda permanece como mulher de agricultor, e isso não faz com que ela mude de status e acabe por refletir na sua participação dentro da família; e devido ao fato de ainda existir muita dificuldade em avaliar o trabalho da mulher rural, visto que elas desenvolvem muitas atividades, muitas destas atividades são reprodutivas ao mesmo tempo que produtivas. O fato do trabalho doméstico não ser contabilizado leva as mulheres à condição de ajudantes e não ativas economicamente. Estes fatores, conjugados com outros não explorados por esta tese, levam o turismo rural a apresentar o caráter subsidiário na propriedade, mesmo que ele seja economicamente viável.

Assim, podemos concluir que o turismo rural provocou uma ressignificação e reprodução da forma tradicional da divisão sexual do trabalho nas famílias rurais pesquisadas, sobretudo no que diz respeito ao trabalho feminino. O que ocorre agora é uma reorganização simultânea do trabalho no campo assalariado e no campo doméstico depois do desenvolvimento do turismo, afetando tanto homens quanto mulheres, em virtude de que surge uma nova divisão do trabalho familiar, seja ele doméstico ou agrícola, mesmo que ainda permaneçam as estruturas da forma tradicional da divisão sexual do trabalho. Contudo, há que se destacar que houve avanços e que se deve levar isso em consideração.

No que se refere à participação e decisão, esta perpassa três conceitos que consideramos fundamentais: participação, decisão e empoderamento. Estes conceitos resultariam em maior equidade de gênero e, assim, em novos modelos para pensar o desenvolvimento rural.

Os conceitos *participação* e *decisão* foram centrais na nossa pesquisa, visto que seria a partir destes níveis que poderíamos chegar a conclusões de maiores níveis de empoderamento, tanto de homens como de mulheres. Para isso, identificamos a participação e decisão nas seguintes esferas: nas relações de trabalho, nas relações econômicas, institucionais, políticas e familiares. A partir disso, foi possível detectar de alguma forma se as dimensões de empoderamento foram atingidas, total ou parcialmente.

Nas relações econômicas, o ponto central é a separação, como já salientamos. Porém, essa separação, quando questionada a partir do entendimento do poder, é vista como uma *combinação* feita entre os membros da família, mantendo a divisão tradicional do trabalho. Ou seja, essa *combinação* passa pelas características das atividades e dos indivíduos, levando em consideração o sexo, onde “o que é de homem é de homem, e o que é de mulher” e isso permanece com o turismo. Esse fato acaba refletindo nos espaços de discussão e nos níveis de decisão que cada um possui. As mulheres continuam exercendo maior poder de decisão nas atividades relacionadas à casa, e os homens nas atividades relacionadas ao campo. As mudanças operadas com a presença do turismo se traduzem no aumento na participação e discussão das atividades, sejam elas relacionadas ao turismo, ou à atividade agrícola. Esse fenômeno está atrelado ao contato, sobretudo das mulheres, com o público externo, os turistas. Porém, esse aumento de participação e discussão não reflete em maiores níveis de participação nas decisões, visto que participar não é decidir. No final, seja na atividade agrícola, seja no turismo, quem decide são os homens, provando, mais uma vez, que os sistemas de gênero patriarcais persistem, contudo, mascarados ou rearranjados. Assim, as mulheres permanecem decidindo na esfera das atividades domésticas, em atividades de

turismo que não envolvam grande montante de recursos financeiros, ou em tarefas e com pouca possibilidade de decisão na pecuária. Ou seja, são poucas as mudanças com a introdução do turismo. Ocorre um certo aumento da participação das mulheres e, assim, elas passam a ter mais espaço nas discussões, reflexo da visibilidade e valorização do seu trabalho no turismo. Esse fato nos levaria ao entendimento de que a relação existente entre trabalho e poder é muito presente nestas famílias, pois um está submetido ao outro. Contudo, esse envolvimento não oferece maior autonomia para as mulheres em relação à receita, tanto oriunda do turismo quanto da pecuária. A única receita que elas têm total liberdade de gastar é aquela oriunda da produção e venda do queijo, fato destacado nas famílias agrícolas. Assim, o maior acesso das mulheres a maiores volumes de recursos, mesmo que resultantes do seu trabalho, não confere a elas maior nível de empoderamento financeiro, pois *é tudo combinado*, mas a combinação na maioria das vezes favorece os homens.

No entanto, há que se destacar que pequenas mudanças ocorreram, mesmo que estas não tenham resultado em empoderamento significativos. Estas mudanças estão relacionadas às dimensões econômica, institucional e política, social e familiar, pessoal e coletiva. No que se refere à *dimensão econômica*, as famílias, após investirem no turismo, tiveram fluxo de caixa maior nos empreendimentos. As mulheres passaram a ter mais acesso aos recursos financeiros, porém, estes sempre terminam no conjunto da receita familiar, ou seja, esta receita representa a economia familiar, seja ela oriunda do turismo ou da pecuária. Os homens, geralmente, são os que controlam e administram o “bolo”, por vezes “combinado” com a mulher, mas essa combinação é sustentada sobre as mesmas bases. Antes do turismo, as mulheres estavam envolvidas com outra atividade, a produção do queijo serrano. O recurso dessa produção não entrava na composição da receita familiar porque era uma receita (*dinheirinho*) utilizada pela mulher, para adquirir seus produtos pessoais. O que na verdade “não acontecia”, pois era o recurso utilizado para a compra de bens e utensílios para toda a família, tanto de homens como de mulheres. Com o turismo, estas mulheres deixaram de produzir o queijo, sobretudo pelo tempo dispendido para a sua realização, e pela viabilidade econômica desta atividade. Com a atividade turística, os recursos financeiros são maiores e, com isso, o dinheiro é transferido para o conjunto da receita familiar, mesmo que seja a mulher a responsável pela execução da maior parte das atividades. Isso demonstra que, quando o recurso é elevado, na maioria das famílias, ele é maior que a própria atividade agrícola, ele é remetido para o conjunto da receita familiar, fato que diminui as possibilidades de empoderamento econômico das mulheres pesquisadas.

O aumento do fluxo de receita, o envolvimento maior das mulheres nesta nova

atividade, que é sobretudo feminina, e a visibilidade do seu trabalho, não é suficiente para mudar a situação de vulnerabilidade financeira delas. As mulheres têm maior controle quando o dinheiro está ainda dentro da casa; quando ele sai e vai para o banco ou para o mercado externo, ela perde o controle sobre o dinheiro. Estes fatores evidenciam mais uma vez que a mulher ainda permanece submetida à estrutura familiar patriarcal, na qual o acesso a determinados meios (como os financeiros) é limitado. As mulheres que possuem maior acesso a esses recursos, sempre o tiveram mesmo antes do turismo, confirmando que esta atividade não muda o comportamento quanto ao uso e controle dos recursos financeiros. Contudo, é preciso destacar que, mesmo que as mulheres não tenham domínio total sobre a receita gerada pelo turismo, a forma como mulheres e homens tratam com isso passou por mudanças importantes, e é nessa esfera que a mudança ocorre no comportamento pessoal.

Identificamos ainda que as relações de poder nestas famílias estão vinculadas à posse da propriedade da terra e sua relação com o trabalho é inegável. Mesmo que a mulher tenha herdado a terra, quem é o responsável por ela e denominado como proprietário é o homem, pois é ele que possui os conhecimentos necessários para cultivá-la, seu objetivo principal. De uma forma ou de outra, essa situação está relacionada à prática rural destas famílias, à cultura e a organização familiar tradicional. O homem é quem trabalha a terra, não a mulher, logo, é ele o detentor da propriedade, mesmo que tenha sido a mulher a sua herdeira.

Outra dimensão observada foi a *institucional e política*. Esta dimensão foi a que consideramos que menos passou por mudanças. Os membros da família que participavam de algum tipo de instituição ou entidade pública ou privada já o faziam antes, da mesma forma que seu acesso à política partidária. O que impressiona é a pequena quantidade de pessoas que participam nestas esferas. O número não é maior porque o turismo na região foi desenvolvido com forte apoio de instituições como a Prefeitura Municipal e o SEBRAE, e disso resultou a criação de instituições como a APRUA e a necessidade de interação com alguns agentes públicos. Antes do turismo, a participação era ainda menor. Porém, esse dado não é suficiente para afirmarmos que ocorre ou não um aumento na participação dos homens e mulheres em instituições e na política antes e depois do turismo. O turismo trouxe uma realidade organizativa que antes a região não vivia, e isso fez com que as pessoas se envolvessem, não por acreditarem na proposta consorciada, mas pela necessidade de participação como membros do grupo da APRUA e por usufruir de seus futuros benefícios. Ficou claro nos depoimentos dos entrevistados a falta de credibilidade das instituições locais e segmentos voltados para o desenvolvimento rural, bem como a falta de apoio de muitos órgãos locais. Quando esse acesso existe, ele é feito, sobretudo, pelos homens, especialmente quando estes

possuem filiação partidária e sindical. As mulheres participam mais da associação do turismo (APRUA), o que não significa que elas sejam ativas. Outrossim, é importante destacar que com o turismo essas famílias tiveram maior acesso ao crédito, especialmente o PRONAF investimento. No entanto, esse fato também foi constatado nas entrevistas junto às famílias agrícolas, o que nos leva a crer que o agricultor dessa região, de forma geral, está tendo maior acesso aos recursos. Esses recursos são decididos e acessados na maioria das vezes pelos homens. As mulheres são consultadas, mas quem define é o homem, *mas é tudo combinado*.

Na dimensão *social e familiar*, as relações sociais foram as que mais passaram por mudanças, especialmente para as mulheres. O acesso a recursos como meios de comunicação e o contato com pessoas externas ao seu convívio familiar e social foram destacados como os pontos mais importantes advindos do turismo para elas. Ter o contato com outras pessoas sem sair de casa é considerado por elas como um grande avanço. Ao mesmo tempo, a falta de disponibilidade de tempo para a família para realizarem atividades de lazer também foi destacada. A (re) organização do trabalho foi sem dúvida uma das principais mudanças que ocorreu nestas famílias, e com isso também mudanças nas relações familiares. A família foi considerada por todos como muito importante, pois sem ela não existiria o turismo, e tudo é organizado em torno da estrutura e manutenção dela. Um dos aspectos importantes que o turismo trouxe, destacado pelos homens, é que as mulheres estão mais ativas socialmente e mais comunicativas com a família. Isso reflete o seu envolvimento com uma atividade que tem nas relações sociais seu fundamento. O turismo exige comunicação, disponibilidade, presteza, hospitalidade e, sendo caracterizado como feminino, é a mulher que deve desenvolver estas habilidades. Assim, constatamos que a família não alterou sua estrutura, o que mudou foram as estratégias de convívio entre o grupo familiar e o turista.

No que diz respeito à dimensão *peçoal e coletiva*, homens e mulheres têm uma compreensão diferenciada do que é pessoal e do que é coletivo. Para eles, as mudanças são pessoais, para elas, coletivas. Eles pensam individualmente, enquanto elas pensam coletivamente. No entanto, podemos identificar algumas mudanças que ambos consideram terem sido as mais significativas com o desenvolvimento do turismo. Para elas a autoestima trazida com a valorização do trabalho feminino (doméstico) foi a principal. O aumento da autoestima foi tanto delas quanto deles. Os homens passaram a valorizar mais o trabalho doméstico das mulheres. Atrelado a isso está o reconhecimento social conferido pelo turismo. Agora são vistos socialmente como agricultores empreendedores do turismo rural. As mulheres perceberam mudanças no coletivo, na alimentação, na saúde, no lazer, no acesso a recursos móveis e imóveis, enquanto os homens perceberam mudanças individualmente. Os

homens, em aspectos pontuais como por exemplo, a compra de bens móveis e imóveis ou de lazer, em que são eles os principais beneficiados. Pensar na família “é coisa de mulher”, relaciona-se principalmente a ela, pois a responsabilidade da reprodução familiar é feminina.

Assim, as mudanças ocorridas na família (cultura, valores, relações entre os sexos, etc.) e nas formas de trabalho dos indivíduos que as compõem (atividades não-agrícolas) não levaram a uma mudança nas estruturas tradicionais de gênero que se expressam em alterações nas relações de poder/hierarquia no grupo doméstico e de maior autonomia social, não confirmando nossa hipótese inicial. Isso porque o empoderamento ocorre quando há uma mudança na tradicional dominação da mulher pelo homem, sejam com relação ao controle de suas opções de vida e seus bens. Os processos de empoderamento são, para as mulheres, um desafio ao sistema patriarcal, que tem como objetivo transformar as estruturas que reforçam a discriminação do gênero e a identidade social, superando as desigualdades de gênero. O que acontece é que o trabalho no turismo rural traz visibilidade para os membros da família, o que provocou que estes ficassem mais evidentes dentro da propriedade. Porém, não significa que estes membros tenham se empoderado, nem homens, nem mulheres. Isso evidencia apenas que a família está em outra dinâmica de vida, de produção e de organização, de reestruturação do trabalho, porém, os resultados disso ainda permanecem nas estruturas econômicas e sociais do trabalho tradicional.

Este trabalho teve como objetivo central evidenciar a organização do trabalho em empreendimentos de turismo rural e seus reflexos sobre as relações de gênero em famílias rurais gaúchas. Explicar essa relação perpassa a compreensão de como são construídas novas ruralidades, a partir de um novo modelo de desenvolvimento rural (PLOEG, 2000, 2011; MARSDEN, 2003; ELLIS 2001, 2000). Este modelo compreende novos usos para o espaço rural e investimento em novos mercados (aninhados), contemplando os atores locais e o desenvolvimento de estratégias endógenas. Um dos resultados dessa reestruturação é a necessidade de criar emprego *in situ* através do desenvolvimento de atividades não-agrícolas como o turismo. O turismo rural é citado por diversos autores, como os já mencionados, como sendo uma das estratégias possíveis para alcançar esse modelo, que prevê uma reestruturação do meio rural, onde entendemos que a mulher é “peça-chave” nesse processo. Isso nos incentivou, aliado a outros motivos, a pesquisar a temática proposta e vermos como o conceito de gênero foi, é, e pode ser tratado a partir dessa nova perspectiva de desenvolvimento rural.

Para que a mudança ocorra neste nível, é necessário pensarmos em uma reestruturação do meio rural que contemple a perspectiva de gênero. Para isso, é necessário levar-se em

consideração os seguintes fatores de mudança:

- a) no Estado e nas políticas públicas: é urgente uma política de desenvolvimento rural que contemple a perspectiva de gênero e que o Estado assuma de forma unilateral o compromisso com a equidade de gênero em todas as suas instâncias, proporcionando às populações maior acesso e informação sobre os programas de investimentos e estimular o empreendedorismo dentro do que Ploeg (2011) chama de mercados aninhados;
- b) na sociedade civil: há uma necessidade urgente de mudança de comportamento de homens e mulheres urbanos e rurais sobre as relações de gênero e equidade social. O exemplo trazido nesta tese aponta um dos caminhos que é através do investimento em atividades não agrícolas. Porém, esse investimento não deve mascarar o sistema de sexo/gênero por tanto tempo vivenciado. Acreditamos que as mudanças percorrem o caminho da autonomia e da construção de novos contextos rurais a partir dos atores locais. Essa visão deve levar consigo a noção de pertencimento rural e de identidade.
- c) na produção: ao que tudo indica, e o trabalho aqui apresentado confirma, as atividades não-agrícolas são as que mais estão envolvendo mulheres no mercado de trabalho local, e isso pode resultar em mudanças de comportamento em relação à sua posição econômica e social, pois estas atividades estão menos relacionadas à identidade masculina do que a agricultura. Diversificar a produção através do investimento em novos produtos para novos mercados (agroindústrias, agroecológicos, biocombustível, prestação de serviços), em produtos e serviços que consumam o espaço e a cultura, como os de entretenimento (turismo rural) tem sido uma das principais estratégias encontradas por agricultores de diversos países. Uma organização familiar que era uma empresa de produção primária passa para uma empresa de prestação de serviços. A essa nova realidade está aliada a situação econômica das famílias, que pode ser fator motivador ou limitante a estes investimentos e à prestação de serviços, especialmente no que diz respeito às mulheres, como o acesso a creches e escolas, que vem inibir a participação destas no mercado de trabalho;
- d) na reorganização interna e externa da propriedade e da família: esta reorganização está vinculada a novas percepções e entendimentos que se referem ao acesso a meios de produção e reprodução, à participação e as

decisões. Isto prevê mudanças de comportamento relacionado ao gênero e ao empoderamento, sobretudo das mulheres rurais. A organização ou a conciliação do trabalho profissional com o doméstico é um dos pontos-chave nesta discussão.

Acreditamos que o turismo rural possa ser um dos caminhos que acarretem mudanças nas relações de gênero e poder no meio rural. Através da criação de novos produtos e mercados por meio do turismo, pode-se pensar em desafiar os discursos de gênero dominantes na agricultura e contribuir para a sobrevivência da família e para a renovação produtiva no meio rural, permitindo, assim, abrir novos discursos no intuito de transgredir fronteiras convencionais de relações de gênero. É importante destacar que o turismo não vem excluir a pecuária do sistema produtivo destas famílias. Pelo contrário, ele vem reforçar essa atividade. Por isso, é importante pensar o turismo e a pecuária como aliados dentro de uma política de desenvolvimento com maior equidade de gênero.

Iniciamos esta tese com três hipóteses a serem confirmadas ou rejeitadas. No decorrer da pesquisa, outras inquietações foram surgindo e novas hipóteses foram sendo configuradas, porém, não exploradas, e que servirão de propostas para estudos posteriores.

Chegamos ao final com dados suficientes para respondermos às hipóteses iniciais. Em primeiro lugar não podemos falar em transformação, mas em pequenas mudanças que podem ser vistas como sementes a se germinar. O turismo rural não foi capaz de romper com as barreiras do sistema patriarcal de gênero. E isso, para nós, está relacionado principalmente à proximidade do trabalho no turismo com as atividades domésticas. O trabalho no turismo está enraizado nas tarefas domésticas e isso parece não ser possível de mudar. As práticas femininas permanecem da forma como sempre foram, realizadas no mesmo tempo e espaço, e o turismo não consegue transpor essa barreira, visto que até quando o trabalho é contratado, a separação e a hierarquização permanece. Assim, o trabalho doméstico se constitui em um dos principais enfrentamentos e dificuldades para as mulheres atingirem suas liberdades. Enquanto o binômio separação e hierarquização permanece, a divisão sexual do trabalho tradicional permanecerá. O que ocorre com o turismo é que elementos novos são incorporados a esta estrutura tradicional, porém, sem uma ruptura nesse sistema.

A segunda hipótese é a de que o turismo rural tem permitido às famílias buscarem novas opções de receitas e reprodução social para seus membros, bem como a reorganização do trabalho familiar. O turismo foi apresentado por todos os entrevistados como uma possibilidade de mudar a realidade econômica e social de todos os membros e isso provocou (re) arranjos da divisão das tarefas do grupo familiar. Nesse sentido, a principal mudança foi a

inserção do homem, mesmo que parcialmente, nas atividades domésticas, a possibilidade de obtenção de maior volume de receita e a socialização da mulher com o turismo rural.

A terceira hipótese é que essa reorganização no sistema produtivo e socioeconômico das famílias tem resultado em mudanças de comportamento destas famílias, permitindo, muitas vezes, repensar as relações de gênero no meio rural. Essa hipótese também foi confirmada por nós. A partir do envolvimento com o turismo, tanto homens como mulheres mudaram seu comportamento de alguma forma. Contudo, essa mudança não é passível de rupturas ainda, mas é uma sinalização de que alguma coisa está por vir e que o turismo pode ser o caminho para uma transformação no comportamento destas pessoas.

Assim, podemos considerar que importantes mudanças nas relações de gênero ocorrem influenciadas pela prática do turismo. Podemos observar, sobretudo para as mulheres, um aumento da sua socialização e de valorização do seu trabalho doméstico, o que resultou em aumento da autoestima delas. O contato com o turista fez com que elas percebessem que também podem ser importantes economicamente para a permanência da família no campo, e que sem seu trabalho o turismo não é possível. No entanto, observamos também que, da forma como estão organizadas as práticas do turismo nestas propriedades, ele pode funcionar como uma forma de manter a divisão sexual do trabalho tradicional. Ou seja, dependendo da forma como essas relações são manifestadas, elas podem estar reforçando a posição de subordinação da mulher e de dominação dos homens, mascarando, assim, as relações de gênero.

As evidências trazidas nesta tese não diferem das teses de outros autores já mencionados, que mostram que não é só a independência econômica, financeira que trará emancipação para essas famílias, sobretudo para as mulheres. As práticas do turismo, por mais que abalem algumas estruturas, são ainda insuficientes para interferirem na principal delas, que é a organização do trabalho familiar e, conseqüentemente, na posição dos membros dentro do grupo familiar. Por isso, pensamos que ainda é prematuro afirmarmos que o turismo poderá mudar a posição de homens e mulheres dentro do grupo familiar e proporcionar um reordenamento nas relações de gênero. O caminho é mais longo do que se imaginava e muito ainda há para se descobrir. Muitas perguntas ficaram sem respostas, muitas dúvidas ainda persistem e muitas informações precisam ser averiguadas cientificamente. Por isso, concluímos nosso trabalho com algumas sugestões para pesquisas futuras. São elas:

- a) uma discussão mais aprofundada sobre as questões relacionadas com o envolvimento de homens e mulheres em instituições públicas e privadas, e como isso pode resultar em mudanças nas relações de gênero;

- b) uma agenda de discussão sobre a participação de homens e mulheres nas políticas públicas de desenvolvimento rural mais equitativas;
- c) a relação entre juventude rural e relações de gênero;
- d) a relação entre cultura e patrimônio com o turismo e as relações de gênero.

## REFERÊNCIAS

- BARBIERI; Carla; MSHENGA, Patience M. The Role of the Firm and Owner Characteristics on the Performance of Agritourism Farms. *Sociologia Ruralis*, Assen, v. 48, n. 2, p. 166-183, Apr. 2008.
- BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Editora 70, 2009.
- BLOS, Wladimir. *Turismo rural e desenvolvimento local*: Lages, SC. Santa Maria: FACOS, 2005. (Dissertações em Turismo Rural, n. 8).
- BOCK, Bettina; HAAN, Henk de. Rural gender studies in the netherlands. In: GOVERDE, Henri; HAAN, Henk de; BAYLINA, Mireia. *Power and gender in european rural development*. England: Ashgate, 2004. p. 106-126.
- BONI, Valdete. *Produtivo ou Reprodutivo: O trabalho das mulheres nas agroindústrias familiares - um estudo na região oeste de Santa Catarina*. 2005. 99f. Dissertação (Mestrado em Sociologia Política) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.
- BOSERUP, Ester. *Woman's role in economic development*. New York: Martins Press, 1970.
- BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- BRANDTH, Berit. Gender Identity in European Family Farming: A Literature Review. *Sociologia Ruralis*, Assen, v. 42, n. 3, p. 181-200, Jul. 2002.
- \_\_\_\_\_. Tourism in a rural setting: new directions and challenges. *The Open Social Science Journal*, v. 3, p. 10-14, 2010.
- BRANDTH, Berit; HAUGEN, Marit S. Gendered Work in Family Farm Tourism. *Journal of Comparative Family Studies*, Calgary, v. 35, n. 2, p. 379-393, 2010a.
- \_\_\_\_\_. Doing Farm Tourism: The Intertwining Practices of Gender and Work. *Journal of Women in Culture and Society*, Chicago, v. 35, n. 2, p. 425-446, 2010b.
- BRASIL. Presidência da República. Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres. *II Plano Nacional de Políticas para as Mulheres*. Brasília, 2008.
- BRUMER, Anita. Qual a “vocação” produtiva da agricultura familiar? Globaliza o, produ o familiar e trabalho na agricultura gaúcha. In: TEDESCO, J. C. (Org.). *Agricultura Familiar: realidades e perspectivas*. 3. ed. Passo Fundo: Ed. da UPF, 2001. p. 223-254.
- BRUMER, Anita; PAULILO, Maria Ignez. As agricultoras no sul do Brasil. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 1, n. 12, p.171-174, 2004.

BRUMER, Anita; SPAVANELLO, Rosani Marisa. Entre o sonho e a realidade: O crédito rural para mulheres da agricultura familiar na Região Sul do Brasil. In: BUTTO, Andrea; DANTAS, Isolda. *Autonomia e cidadania: políticas de organização produtiva para as mulheres no meio rural*. Brasília: MDA, 2011. p.113-142.

CARNEIRO, Maria José . Ruralidade: novas identidades em construção. *Estudos Sociedade e Agricultura*, Rio de Janeiro, n.11, p. 53-75, out. 1998.

CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade*. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

CORDEIRO, Rosineide. Empoderamento e mudanças das relações de gênero: as lutas das trabalhadoras rurais no sertão central de Pernambuco. In: SCOTT, Parry; CORDEIRO, Rosineide (Org.). *Agricultura Familiar e gênero: práticas, movimentos e políticas públicas*. 2.ed. Recife: Ed. da UFPE, 2010. p. 145-172.

DE CASTILHOS, Carolina Braz; SCHNEIDER, Sergio. Gênero, trabalho rural e pluriatividade. In: SCOTT, Parry; CORDEIRO, Rosineide; MENEZES, Marilda. (Org.). *Gênero e geração em contextos rurais*. Florianópolis: Mulheres, 2010. p. 183-207.

DEERE, Carmen Diana. ¿la feminización de la agricultura? asalariadas, campesinas y reestructuración económica en la América Latina rural. *ALASRU Nueva Época: análisis latinoamericano del medio rural*, México, n. 4, p. 77-136, nov. 2006.

\_\_\_\_\_. Tierra y autonomía económica de la mujer rural: avances y desafíos para la investigación. In: DEERE, Carmen Diana; LASTARRIA-CORNHIEL, Susana; RANABOLDO, Claudia. *Reflexiones sobre el acceso de las mujeres rurales a La tierra en América Latina*. Bolívia: Fundación Tierra, 2011. p. 41-72.

DEERE, Carmen Diana; LEÓN, Magdalena de Leal. A proletarização e o trabalho agrícola na economia parcelária: estudo da divisão do trabalho por sexo em duas regiões colombianas. In: AGUIAR, Neuma. *Mulheres na força de trabalho na América Latina: análises qualitativas*. Petrópolis: Vozes, 1984. p. 123-161.

\_\_\_\_\_. *O empoderamento da mulher: direitos à terra e direitos de propriedade na América Latina*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2002.

DEERE, Carmen Diana; ALVARADO, Gina E.; TWYMAN, Jennifer. Propiedad de Activos y Desigualdad de Género en América Latina: Insumos para el Estudio de la Pobreza. Conferencia Magistral. In: CONGRESSO LATINOAMERICANO DE SOCIOLOGÍA RURAL, 8., 2010. Porto de Galinhas. *Anais...* Porto de Galinhas: ALASRU, 2010.

ELESBÃO, Ivo. *Turismo rural em São Martinho (SC): uma abordagem do desenvolvimento em nível municipal*. Santa Maria: FACOS, 2005 (Dissertações em Turismo Rural, n. 1).

ELLIS, Frank; BIGGS, Stephen. Envolving Themes in rural development 1950s-2000s. *Development Policy Review*, London, v. 4, n. 19, p. 437-448, Dec. 2001.

ELLIS, Frank. *Rural livelihoods and diversity in developing countries*. Oxford: Oxford University Press, 2000.

\_\_\_\_\_. Household strategies and rural livelihood diversification. *The Journal of Development Studies*, London, v. 35, n. 1, p 1-38, Oct. 1998.

FERREIRA, Aurélio B. de Hollanda. *Mini Aurélio: o Dicionário da Língua Portuguesa*. 6. ed. Curitiba: Positivo, 2004.

FONTES, Ângela Maria Mesquita; MARCONDES, Lourdes Maria Antonioli. *Plano Nacional de Políticas para as Mulheres*. Brasília: Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, 2005.

FUCK, Patricia Marasca. *Turismo, agricultura e patrimônio: São Lourenço do Sul (RS)*. Santa Maria: FACOS, 2005 (Dissertações em Turismo Rural, n. 5).

FRONZA DA SILVA, Maurem. *Turismo rural, agricultura familiar e comunidade: Bento Gonçalves (RS)*. Santa Maria: FACOS, 2005. (Dissertações em Turismo Rural, n. 3).

FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA - FEE . *Mapas FEE*. 2009. Disponível em: <<http://www.fee.tche.br>>. Acesso em: 09 mar. 2009.

GARCIA RAMÓN, Maria Dolors. La division sexual del trabajo y el enfoque del género en el estudio de la agricultura de los países desarrollados . *Agricultura y Sociedad*, Madrid, n. 55, p. 251-277, abr./jun. 1990.

GARCIA RAMÓN, Maria Dolors; FERRÉ, Mireia Baylina. *El nuevo papel de las mujeres en el desarrollo rural*. Barcelona: Oikos-tau, 2000.

GARCIA RAMÓN, Maria Dolors; CANOVES, Gemma; VALDOVINOS, Nuria. Farm tourism, gender and the environment in Spain. *Annals of Tourism Research*, New York, v. 22, n.2, p. 267-282, 1995.

GASSON, Ruth; WINTER, Michael. Gender relations and farm household pluriactivity. *Journal of Rural Studies*, New York, v. 8, n. 4, p. 387-397, 1992.

GIDARAKOU, Isabella; KAZAKOPOULOS, Leonidas; KOUTSOURIS, Alex. Tracking empowerment and participation of young women farmers in Greece. In: MORELL, Ildikó Asztalos; BOCK, Bettina B. *Gender regimes, citizen participation and rural restructuring*. Amsterdam: Elsevier, 2008. p. 143-166.

GOVERDE, Henri; HAAN, Henk de; BAYLINA, Mireia. Conclusion: Power, gender and the significance of place. In: \_\_\_\_\_. *Power and gender in european rural development*. England: Ashgate, 2004. p. 173-182.

GRAZIANO DA SILVA, J. *O novo rural brasileiro*. Campinas:UNICAMP/IE, 1999. (Coleção Pesquisas, n. 1).

GUIZZO, Bianca; OLIVEIRA, Dora Lúcia de; KRZIMINSKI, Clarissa. O software QSR Nvivo 2.0 na análise qualitativa de dados: ferramentas para a pesquisa em ciências humanas e da saúde. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, Porto Alegre, v. 1, p. 53-60, 2003.

HARDING, Sandra. *Feminism and methodology: social science issues*. Bloomington and Indianapolis: Indiana University Press. 1987.

HASHIMOTO, Atsuko; TEFLER, David. Female empowerment through agriturism in rural Japan. In: TORRES, Rebecca Maria; MOMSEN, Janet Henshall. *Tourism and agriculture: new geographies of consumption, production and rural restructuring*. London: Routledge, 2011.

HERNANDEZ, Carmem Osório. *Política de crédito rural com perspectiva de gênero: um meio de “empoderamento” para as mulheres rurais?*. 2009. 248f. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Rural) – Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

HIRATA, Helena; KERGOAT, Daniele. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. *Cadernos de Pesquisa*, Rio de Janeiro, v. 37, n. 132, p. 595-609, set./dez. 2007.

HOGGART, Keith; PANIAGUA, Angel. The restructuring of rural Spain? *Journal of Rural Studies*, New York, n.17, p. 63-80, 2001.

HYYRYLÄINEN, Torsti. Innovation formation and the practice of new rural partnerships in Finland. In: GOVERDE, Henri; HAAN, Henk de; BAYLINA, Mireia. *Power and gender in european rural development*. England: Ashgate, 2004. p. 44-57.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio. *Síntese de indicadores sociais*. 2009. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home>>. Acesso em: 20 maio 2011.

\_\_\_\_\_. *Síntese de indicadores sociais*. 2010. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home>>. Acesso em: 20 maio 2011.

KAGEYAMA, Angela. *Desenvolvimento rural: conceitos e aplicações ao caso brasileiro*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2008.

KARAM, Karen Follador. A mulher na agricultura orgânica e em novas ruralidades. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 12, n.1, p. 303-320, 2004.

LASCHEWSKI, Lutz; SIEBERT, Rosemarie. Social capital formation in rural East Germany. In: GOVERDE, Henri; HAAN DE, Henk; BAYLINA, Mireia. *Power and gender in european rural development*. England: Ashgate, 2004. p. 20-31.

LEADER. 2011. Disponível em: <[www.leader.pt](http://www.leader.pt)>. Acesso em: 28 jul. 2011.

LEÓN, Magdalena. *Empoderamiento: relaciones de las mujeres con el poder*. Bogotá: Tercer Mundo, 1997.

LERNER, Gerda. *La creación del patriarcado*. Barcelona: Crítica, 1990.

LISBOA, Teresa Kleba; LUSA, Mailiz Garibotti. Desenvolvimento sustentável com perspectiva de gênero: Brasil, México e Cuba: mulheres protagonistas no meio rural. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v.16, n. 3, p. 871- 887, set./dez. 2010.

LUNARDI, Raquel. *Turismo rural: A contribuição da mulher*. Santa Maria: FACOS, 2007. (Dissertações em turismo rural, n. 13).

MARSDEN, Terry. *The condition of rural sustainability*. Assen: Van Gorcun, 2003.

MARSDEN, Terry; MURDOCH, Jonathan. *Between the global and the local: confronting complexity in the contemporary agri-food sector*. Amsterdam: Elsevier, 2006. (*Rural Sociology and Development*, v. 12).

MARSDEN Terri et al. The road towards Sustainable Rural Development: Issues of theory, policy and research practice. *Journal of Environmental Policy and Planning*, London, v. 3, n.2, p.75-85. 2001.

MARTINEZ, Ana Sabaté; MUÑOZ, María de los Ángeles Díaz. Mujeres y desarrollo rural: la conciliación de tiempos de vida y de trabajo. *Serie Geográfica*, Madrid, n. 11, p. 141-162, 2003.

MAULEÓN, José Ramón. Family strategies and farming changes: the case of family farming in the basque country. In: GOVERDE, Henri; HAAN, Henk de; BAYLINA, Mireia. *Power and gender in european rural development*. England: Ashgate, 2004. p. 32-43.

MELO, Hildete Pereira de; DI SABATO, Alberto. Gênero e trabalho rural 1993-2006. In: BUTTO, Andrea. *Estatísticas rurais e a economia feminista: um olhar sobre o trabalho das mulheres*. Brasília : MDA, 2009. P. 31-117.

MENASCHE, Renata; TORRENS, João Carlos. *Gênero e agricultura familiar: cotidiano de vida e trabalho na produção de leite*. Curitiba: DESER/CEMTR, 1996.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. *O desafio do conhecimento*. 12.ed. São Paulo: Hucitec, 2010.

MORELL, Ildikó Asztalos; BOCK, Bettina B. Rural gender regimes: the development of rural gender research and desing of a comparative Approach. In: \_\_\_\_\_. *Gender regimes, citizen participation and rural restructuring*. Amsterdam: Elsevier, 2008. p. 03-32.

MORELL, Ildikó Asztalos; BRANDTH, Bent. Gendered Work in Family Farm Tourism. *Journal of Comparative Family Studies*, Calgary, v. 38, n. 3, p. 371-377, Jun. 2007.

NASSER, Elia Pérez. El proceso de empoderamiento de mujeres indígenas organizadas desde una perspectiva de género. *Estudios Agrarios*, Mexico, n. 17, p.125-169, 2001.

NICHOLSON, Linda. Interpretando o gênero. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 8, n. 2, p. 10-41, 2000.

- NOGUEIRA, Verena Sevá. A “*Venda Nova das Imigrantes*”: relações de gênero e práticas sociais no agroturismo. 2004. 258. Dissertação (mestrado em sociologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.
- NORONHA, O. M. *De camponesa a madame: trabalho feminino e relações de saber no meio rural*. São Paulo: Loyola, 1986. (Coleção Educação popular).
- NORTH, Douglas. Economic performance through time. *The American Economic Review*, Nashville, v. 84, n. 3, p. 359-368, Jun. 1994.
- OJEDA, Alejandro Meza et. al. *Progresos y el empoderamiento de las mujeres: estudio de caso em Vista Hermosa, Chiapas*. Toluca: México. Univesidad Autónoma, 2002.
- OLDRUP, Helene. Women Working of the Farm: Reconstructing Gender Identity in Danish Agriculture. *Sociologia Ruralis*, Assen, v. 39, n. 3, p. 343-358, Jul. 1999.
- OLIVEIRA, Maria de Lourdes Souza Oliveira. *Mulheres na liderança, relações de gênero e empoderamento em assentamentos de reforma agrária: o caso do saco do Rio Preto em Minas Gerais*. 2006. 132f. Tese (Doutorado em Ciências) – Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.
- PAULILO, Maria Inês. Trabalho familiar: uma categoria esquecida de análise. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 1, n. 12, p. 229-252, abr. 2004.
- PÉREZ, Montserrat Villarino; VALIENTE, Gemma Cànoves. Turismo rural em Galicia: sin mujeres imposible. In: GARCIA RAMÓN, Maria Dolors; FERRÉ, Mireia Baylina. *El nuevo papel de las mujeres em el desarrollo rural*. Barcelona: Oikos-tau, 2000. p. 171-198.
- PLOEG, Jan Douwe Van Der et al. Rural development: form practices and policies towards theory. *Sociologia Ruralis*, Assen, v. 4, n. 40, p.391-407, Oct. 2000.
- PLOEG, Jan Douwe Van Der. Trajetórias do desenvolvimento rural: pesquisa comparativa internacional. *Sociologias*, Porto Alegre, v. 13, n. 27, p. 114-140, maio/ago. 2011.
- RICHARDSON, Roberto Jarry. *Pesquisa social: métodos e técnicas*. 3.ed. São Paulo: Atlas, 1999.
- RIVERA, Alba Caballé. Implicaciones de gênero em el desarrollo de la oferta de agroturismo em Navarra y Astúrias. In: GARCIA RAMÓN, Maria Dolors; BAYLINA, Ferré Mireia. *El nuevo papel de las mujeres em el desarrollo rural*. Barcelona: Oikos-tau, 2000. p. 153-169.
- ROTA CAMPOS DE CIMA DA SERRA (Brasil). Disponível em: <<http://www.rotacamposdecimadaserra.com.br>>. Acesso em: 25 maio 2009.
- SAFFIOTI, Heleieth I. B. *A mulher na sociedade de classes: mito e realidade*. Petrópolis: Vozes, 1976.
- \_\_\_\_\_. *Ontogênese e filogênese do gênero: ordem patriarcal de gênero e a violência masculina contra mulheres*. Rio de Janeiro: FASCLLO Brasil, 2009. p. 1-43. (Série Estudos e Ensaio). Disponível em: <[http://www.flacso.org.br/portal/pdf/serie\\_estudos\\_ensaios/](http://www.flacso.org.br/portal/pdf/serie_estudos_ensaios/)>

Heleieth\_Saffioti.pdf2009>. Acesso em: 25 out. 2009.

SANDER, Martin. *Aparados da Serra: na trilha do padre Rambo*. São Leopoldo: Ed. da Unisinos, 2007.

SCOTT, Joana. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 2, n. 20, p.71-99, 1995.

SCHNEIDER, Sergio. A pluriatividade como estratégia de reprodução social da agricultura familiar no Sul do Brasil. *Estudos Sociedade e Agricultura*, Rio de Janeiro, v. 16, p. 164-184, 2001.

SCHNEIDER, Sergio. et. al. A pluriatividade e as condições de vida dos agricultores familiares do Rio Grande do Sul. In: SCHNEIDER, Sergio. *A diversidade da agricultura Familiar*. Porto Alegre: UFRGS, 2006.

SEN, Amartya. *Desenvolvimento como Liberdade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

RIO GRANDE DO SUL. Secretaria do Turismo. *Regiões turísticas*. 2010. Disponível em: <<http://www.turismo.rs.gov.br>>. Acesso em: 10 jan. 2010.

SHORTALL, Sally. Gendered Agricultural and Rural Restructuring: A Case Study of Northern Ireland. *Sociologia Ruralis*, Assen, v. 42, n. 2, p. 160-175, Apr. 2002.

SILIPRANDI, Emma. *Mulheres e agroecologia: a construção de novos sujeitos políticos na agricultura familiar*. 2009. 291f. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Sustentável) – Centro de Desenvolvimento Sustentável, Universidade de Brasília, Brasília-DF, 2009.

SIRENI, Maarit. Agrarian femininity in a state of flux: multiple roles of finnish farm women. 2008. In: MORELL, Ildikó Asztalos; BOCK, Bettina B (Ed.). *Gender regimes, citizen participation and rural restructuring*. Amsterdam: Elsevier, 2008. p. 33-56.

SPARRER, Marion. Gênero y turismo rural: el ejemplo de la Costa Coruñesa. *Cuadernos de Turismo*, La Coruña, n. 11, p.181-197, ene./jun. 2003.

SPANEVELLO, Rosani Marisa; DE AZEVEDO, Letícia Fátima; MATTE, Alessandra. A percepção de jovens rurais sobre o processo de masculinização. In: CONGRESSO LATINOAMERICANO DE SOCIOLOGÍA RURAL, 8., 2010. Porto de Galinhas. *Anais...* Porto de Galinhas: ALASRU, 2010.

SWAIN, Margaret Byrne. Gender in Tourism. *Annals of Tourism Research*, New York, v. 22, n. 2, p. 247-266, 1995.

TUTIK, Olga. *Turismo rural*. São Paulo: Aleph, 2003. (Coleção ABC do Turismo).

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL – UFRGS. Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação. Núcleo de Fotografia. *Povo e Paisagem de São Jose dos Ausentes*. Disponível em: <[www.ufrgs/fotografia.br](http://www.ufrgs/fotografia.br)>. Acesso em: 23 abr. 2011.

VEIGA, José Eli da et al. *O Brasil rural precisa de uma estratégia de desenvolvimento*. Brasília: Convênio FIPE – IICA (MDA/CNDRS/NEAD), 2001.

VEIGA, José Eli da. Nascimento de outra ruralidade. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 20, n. 57, p. 333-353, maio/ago. 2006.

VENTURA, Flavinia et.al. Agritourism in Umbria: building Linkages and synergies in local economies. In: PLOEG, Jan Dauwe Van Der; LONG, Ann; BANKS, Jo. *Living Countrysides*. Doetinchem: Elsevier. 2002.

WILKINSON, Wilkinson; PRATIWI, Wiwik. Gender and tourism in Indonesian Village. *Annals of Tourism Research*, New York, v. 22, n. 2, p. 283-299, 1995.

WOODWARD, Rachel. Discourses on gender and rural restructuring in the united kingdom. In: GOVERDE, Henri; HAAN, Henk de; BAYLINA, Mireia. *Power and gender in european rural development*. England: Ashgate, 2004. p. 99-105.

## APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTA SOBRE A CARACTERIZAÇÃO DA PROPRIEDADES PLURIATIVAS

NOME DO ENTREVISTADO: \_\_\_\_\_  
 EMPREENDIMENTO: \_\_\_\_\_  
 MUNICÍPIO: \_\_\_\_\_  
 LOCALIDADE: \_\_\_\_\_  
 CONTATO: \_\_\_\_\_  
 PESQUISADOR: \_\_\_\_\_ DATA DA PESQUISA: \_\_/\_\_/\_\_.

### 1 INFORMAÇÕES SOBRE O ENTREVISTADO E SUA FAMÍLIA

	Nome	Titular ou grau de parentesco	Sexo	Estado Civil	Idade	Nível Escolar.	Atividade produtiva	
							agrícola	TR
01								
02								

H – homem ; M – mulher; FM – filha mulher; FH – filho homem; P: pai; M-mãe; IM- irmã; IH- irmão

### 2 CARACTERIZAÇÃO DA PROPRIEDADE

#### 2.1 De que forma a família teve acesso à propriedade?

( ) herança: quem herdou? \_\_\_\_\_  
 ( ) doação ( ) compra da família ( ) compra de terceiros

#### 2.2 Quantos hectares possui a propriedade?

( ) menos de 10 ( ) 11 a 20 ( ) 21 a 50 ( ) 51 a 100 ( ) 101 a 200 ( ) 201 a 500  
 ( ) mais de 501

### 3 INFORMAÇÕES DA PRODUÇÃO AGRÍCOLA

#### 3.1 Tipo de produção agrícola

##### a. Produção vegetal - RESPONDER SIM OU NÃO

Tipo de produção	Superfície e plantada (ha)	Destino da produção			Importância na receita %	Respons.	
		Consumo familiar	Consumo no TR	Venda excedente		H	M
Pecuária							
Batata							
Milho							
Feijão							

H- homem M- mulher

**b. Produção animal - RESPONDER SIM OU NÃO**

Tipo de criação	Quantidade	Destino da criação			Importância na receita %	Respons.	
		Consumo familiar	Consumo no TR	Venda excedente		H	M
Bovinos							
Equinos							
Suínos							
Caprinos							
Aves							

**c. Derivados animal e vegetal - RESPONDER SIM OU NÃO**

Tipo	Comercialização			Importância na receita %	Respons.	
	Consumo familiar	Consumo no TR	Venda excedente		H	M
Leite						
Ovos						
Carne						
Peixe						

**3.2 Produtos beneficiados/processados na propriedade**

Tipo	Comercialização			Importância na receita %	Respons.	
	Consumo familiar	Consumo no TR	Venda		H	M
Artesanato						
Doces/compostas						
Pães e massas						
Salame e embutidos						
Queijo e derivados						
Vinagre						
Sucos						

**3.3 Tipo de produção não-agrícola além do TR**

Tipo de atividade	Dentro da propriedade	Fora da propriedade	Quem desempenha a função	Há quanto tempo exerce a função	Valor recebido R\$	Importância na receita %

**4 INFORMAÇÕES SOBRE A RECEITA**

**Do total da receita familiar, qual percentual provém:**

De atividades agrícolas: \_\_\_\_\_%

Do Turismo: \_\_\_\_\_%

Da aposentadoria: \_\_\_\_\_%

De outras atividades: \_\_\_\_\_%



H – homem ; M – mulher; FM – filha mulher; FH – filho homem; P: pai; M-mãe; IM- irmã; IH- irmão

## 5.2 Possui empregados para desempenhar as atividades agrícolas:

( ) sim ( ) não

Se sim, responder o quadro abaixo.

### O trabalho contratado na produção agrícola

Atividade	Empregado permanente		Empregado temporário		Horas trabalhadas	
	H	M	H	M	H	M
Preparo do solo						
Roçada						
Plantio						
Colheita						
Ordenha						
Alimentação dos animais domésticos						
Conserto de maquinário						
Horta						
Comercialização						
Beneficiamento dos produtos						
Transações financeiras						
Participação em feiras e reuniões						
Atividades domésticas (alimentação, cuidado com a casa, etc.)						

H – homem ; M – mulher; FM – filha mulher; FH – filho homem; P: pai; M-mãe; IM- irmã; IH- irmão

## 6 RELAÇÃO COM ESTADO E INSTITUIÇÕES

### 6.1 Bancos

Descrever sobre a relação com os bancos:

Tipo	Procedência (ex. Pronaf)	Finalidade	Quem decide pelo acesso		Quem acessa		Valor financiado (SE QUISE FALAR)
			H	M	H	M	
Custeio							
Investimento							
Comercialização							

1 Bancos; 2 Cooperativas; 3 Empresa integradora; 4 Vizinhos; 5 Parentes; 6 Associação; 7 Pronaf ; 8 RS-Rural  
9. Outros

**6.2 Das pessoas e organizações abaixo, quem teve maior influência em relação às técnicas produtivas agrícolas utilizadas na UP?**

	1 Nenhuma	2 Muito pouca	3 Pouca	5 Muita	Observações Descrever a relação com cada uma delas
Cooperativa					
Empresa integradora					
SENAR					
EMATER					
Secretaria da Agricultura					
ONG					
Vizinhos ou parentes					
Associação					
Outros. Quem					

**6.3 Se não tivesse tido esse apoio, teria investido nesta atividade?**

( ) sim ( ) não

**7 DO TURISMO RURAL**

**7.1 TRAJETÓRIA**

**7.1.1 Quando, como e quem iniciou a experiência de turismo rural na propriedade?**

---

**7.1.2 Como a família ficou conhecendo o turismo rural?**

---

**7.1.3 Por que decidiram investir no turismo rural? Quais os fatores que contribuíram para esse investimento?**

---

**7.1.4 Tinham algum tipo de experiência em turismo?**

( ) sim ( ) não

Quem tinha a experiência: ( ) H ( ) M

Em que setor? \_\_\_\_\_

Participou de cursos de profissionalização para iniciar as atividades?

( ) Sim : quais:

( ) Não: Por quê?

( ) Quem participou: ( ) H ( ) M

E depois, especializou-se? Quem? Que cursos?

**7.1.5 Teve dificuldades quando iniciou no turismo rural? Cite-as pelo grau de importância.**

---



Conserto de equipamentos e utensílios									
Administração da atividade									
Compras									
Comercialização									
Participação em feiras e reuniões									
Transações financeiras									
Contabilidade									
Participação em rotas, associações e sindicatos									

H – homem ; M – mulher; FM – filha mulher; FH – filho homem; P: pai; M-mãe; IM- irmã; IH- irmão

### 9.1.2 Possui empregados para desempenhar as atividades no TR:

sim  não

Se sim, responder o quadro abaixo.

Atividade	Empregado permanente		Empregado temporário		Horas trabalhadas
	H	M	H	M	
Recepção/atendimento					
Alimentação					
Camareira					
Passeios turísticos					
Cuidados com o quintal					
Conserto de equipamentos e utensílios					
Administração da atividade					
Contabilidade					
Compras					
Comercialização					
Participação em feiras e reuniões					

H – homem ; M – mulher; FM – filha mulher; FH – filho homem; P: pai; M-mãe; IM- irmã; IH- irmão

## 9.2 Receita

### 9.2.1 Os investimentos realizados na atividade foram oriundos de onde?

recurso próprio – poupança. A poupança está em nome:  H  M  
 empréstimo/financiamento

Tipo	Procedência (ex. Pronaf)	Quem decide pelo acesso		Quem acessa		Valor financiado (SE QUISER FALAR)
		H	M	H	M	
Custeio						
Investimento						
Comercialização						

### 9.2.2 Comente sobre a relação com os bancos:

---

9.2.3 O valor investido trouxe retorno? Já foi pago?  Sim  não

#### 9.2.4 Qual o destino dos recursos provenientes do Turismo rural

Tipo de investimento	Quem investe		Valor % ou R\$ Investido (SE QUISE FALAR)
	H	M	
Poupança			
Pagar contas domésticas (água, luz, telefone)			
Educação filho			
Compra de equipamentos agrícolas			
Insumos agrícolas			
No Turismo rural			
Consumo pessoal			
Lazer			
Aquisição de bens móveis e imóveis			

#### 10 Para finalizar, qual é a visão da sua família diante do futuro do TR?

---

## APÊNDICE B - ENTREVISTA SOBRE A CARACTERIZAÇÃO DA PROPRIEDADES AGRÍCOLAS

NOME DO ENTREVISTADO: \_\_\_\_\_  
 MUNICÍPIO: \_\_\_\_\_  
 LOCALIDADE: \_\_\_\_\_  
 CONTATO: \_\_\_\_\_  
 PESQUISADOR: \_\_\_\_\_ DATA DA PESQUISA: \_\_/\_\_/\_\_.

### 1 INFORMAÇÕES SOBRE O ENTREVISTADO E SUA FAMÍLIA

	Nome	Titular ou grau de parentesco	Sexo	Estado Civil	Idade	Nível Escolar.
01						
02						

H – homem ; M – mulher; FM – filha mulher; FH – filho homem; P: pai; M-mãe; IM- irmã; IH- irmão

### 2 CARACTERIZAÇÃO DA PROPRIEDADE

#### 2.1 de que forma a família teve acesso à propriedade?

( ) herança: quem herdou? \_\_\_\_\_  
 ( ) doação ( ) compra da família ( ) compra de terceiros

#### 2.2 Quantos hectares possui a propriedade?

( ) menos de 10 ( ) 11 a 20 ( ) 21 a 50 ( ) 51 a 100 ( ) 101 a 200 ( ) 201 a 500  
 ( ) mais de 501

### 3 INFORMAÇÕES DA PRODUÇÃO

#### 3.1 Tipo de produção agrícola

##### a. Produção vegetal - RESPONDER SIM OU NÃO

Tipo de produção	Superfície plantada (ha)	Destino da produção		Importância na receita %	Respons.	
		Consumo familiar	Venda excedente		H	M
Pecuária						
Soja						
Milho						
Feijão						
Batata						

H- homem M- mulher



### 4.3 Qual o destino dos recursos provenientes da produção agrícola?

Tipo de investimento	Quem investe		Valor % ou R\$ Investido (SE QUISER)
	H	M	
Poupança			
Pagar contar domésticas (água, luz, telefone)			
Educação filho			
Compra de equipamentos agrícolas			
Insumos agrícolas			
No Turismo rural			
Consumo pessoal			
Lazer			
Aquisição de bens móveis e imóveis			

## 5 INFORMAÇÕES SOBRE A ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO

### 5.1 O trabalho familiar na produção agrícola

Atividade	Empregado permanente		Empregado temporário		Horas trabalhadas	
	H	M	H	M	H	M
Preparo do solo						
Roçada						
Plantio						
Colheita						
Ordenha						
Alimentação dos animais domésticos						
Conserto de maquinário						
Horta						
Comercialização						
Beneficiamento dos produtos						
Transações financeiras						
Participação em feiras e reuniões						
Atividades domésticas (alimentação, cuidado com a casa, etc.)						

H – homem ; M – mulher; FM – filha mulher; FH – filho homem; P: pai; M-mãe; IM- irmã; IH- irmão

### 5.2 Possui empregados para desempenhar as atividades agrícolas:

( ) sim ( ) não

Se sim, responder o quadro abaixo.

**O trabalho contratado na produção agrícola**

Atividade	Empregado permanente		Empregado temporário		Horas trabalhadas	
	H	M	H	M	H	M
Preparo do solo						
Roçada						
Plantio						
Colheita						
Ordenha						
Alimentação dos animais domésticos						
Conserto de maquinário						
Horta						
Comercialização						
Beneficiamento dos produtos						
Transações financeiras						
Participação em feiras e reuniões						
Atividades domésticas (alimentação, cuidado com a casa, etc.)						

H – homem ; M – mulher; FM – filha mulher; FH – filho homem; P: pai; M-mãe; IM- irmã; IH- irmão

**6 RELAÇÃO COM ESTADO E INSTITUIÇÕES****6.1 Bancos**

Descrever sobre a relação com os bancos:

Tipo	Procedência (ex. Pronaf)	Finalidade	Quem decide pelo acesso		Quem acessa		Valor financiado (SE QUISER FALAR)
			H	M	H	M	
Custeio							
Investimento							
Comercialização							

1 Bancos; 2 Cooperativas; 3 Empresa integradora; 4 Vizinhos; 5 Parentes; 6 Associação; 7 Pronaf ; 8 RS-Rural; 9 Outros

**6.2 Das pessoas e organizações abaixo, quem teve maior influência em relação às técnicas produtivas agrícolas utilizadas na UP?**

	1 Nenhuma	2 Muito pouca	3 Pouca	5 Muita	Observações Descrever a relação com cada uma delas
Cooperativa					
Empresa integradora					
SENAR					
EMATER					

Secretaria da Agricultura					
ONG					
Vizinhos ou parentes					
Associação					
Outros. Quem					

### 6.3 Se não tivesse tido esse apoio, teria investido nesta atividade?

( ) sim ( ) não

## 7 TRAJETÓRIA DA PRODUÇÃO AGRÍCOLA

7.1 Quando, como e quem iniciou a atividade na propriedade?

---

7.2 Com iniciou o cultivo, de que forma foi concebido/planejado? Teve ajuda de instituições de fomento? Quais? De que forma colaboraram?

---

7.3 Quem da família participou/acompanhou esse processo? Por quê?

---

7.4 Teve o incentivo de alguma política pública ou programa/projeto governamental para o desenvolvimento da cultura agrícola? Qual? De que forma contribui?

---

7.5 Quem teve acesso à política pública? Por quê?

---

7.6 Os investimentos realizados na atividade foram oriundos de onde?

( ) recurso próprio – poupança. A poupança está em nome: ( ) H ( ) M

( ) empréstimo/financiamento

Tipo	Procedência (ex. Pronaf)	Quem decide pelo acesso		Quem acessa		Valor financiado (SE QUISER FALAR)
		H	M	H	M	
Custeio						
Investimento						
Comercialização						

7.7 O valor investido trouxe retorno? Já foi pago? \_\_\_\_\_

7.8 Teve dificuldades no início da atividade? Cite-as pelo grau de importância.

---

7.9 Como a família enfrentou essas dificuldades:

---

7.10 Estas dificuldades ainda permanecem? ( ) sim ( ) não

Quais:

7.11 Para finalizar, qual é a visão da sua família diante do futuro do TR?

---

## APÊNDICE C - ENTREVISTA COM HOMENS E MULHERES PLURIATIVOS

DATA \_\_\_\_\_ LOCALIDADE \_\_\_\_\_ MUNICÍPIO \_\_\_\_\_

### 1 DADOS GERAIS

- 1.1 Nome \_\_\_\_\_
- 1.2 Tem filhos/filhas ( ) sim ( ) não Quantos: \_\_\_\_\_
- 1.3 Quem é o responsável pela propriedade? \_\_\_\_\_
- 1.4 Fale um pouco da sua trajetória de vida: \_\_\_\_\_

### 2 RELAÇÕES DE TRABALHO E ECONÔMICAS

#### 2.1 Descreva sobre a situação econômica da família e sua antes e depois do turismo:

Família antes do turismo : \_\_\_\_\_

Sua: \_\_\_\_\_

Família depois do turismo : \_\_\_\_\_

Sua: \_\_\_\_\_

#### 2.2 O que fazia antes de trabalhar no TR: PODE LISTAR MAIS DE UMA

- ( ) trabalhava na agricultura
- ( ) em atividade agrícola na propriedade. Qual: \_\_\_\_\_

( ) em atividade agrícola fora da propriedade : \_\_\_\_\_

- ( ) em atividades domésticas
- ( ) atividades eventuais (“bico”)
- ( ) não trabalhava

#### 2.3 Tinha retorno financeiro da atividade referida acima? ( ) sim ( ) não

#### 2.4 Quanto aproximadamente?

- ( ) ½ salário ( ) 1 salário ( ) 2 salários ( ) 3 salários ( ) mais de 3 salários

#### 2.5 Onde investia esse recurso?

- ( ) na alimentação ( ) gastos pessoais ( ) educação dos filhos ( ) compra de equipamentos e materiais para a atividade agrícola ( ) compra de equipamentos e materiais para o TR ( ) repassa ao marido/esposa
- ( ) pagar pequenas contas domésticas (água, luz, telefone) ( ) lazer ( ) compra de bens móveis e imóveis

#### 2.6 Quem tomava a decisão sobre o investimento deste recurso? ( ) você ( ) marido/esposa

( ) outra pessoa Por quê? \_\_\_\_\_

#### 2.7 Quais as atividade que desempenha na agricultura.

Atividade	Antes do turismo Horas trabalhadas	Depois do turismo Horas trabalhadas
Preparo do solo		
Roçada		
Plantio		
Colheita		
Ordenha		
Conserto de maquinário		
Comercialização		
Beneficiamento dos produtos		

Transações financeiras		
Participação em feiras e reuniões		

**2.8 Como você avalia o seu trabalho na agricultura/pecuária (mudou depois do TR):**

---

**2.9 Quais são as atividades domésticas que desempenha:**

Atividade	Antes do turismo Horas trabalhadas	Depois do turismo Horas trabalhadas
Preparo da alimentação		
Limpeza da casa		
Limpeza do pátio		
Cuidados com os pequenos animais		
Cuidados com as crianças		
Cuidados com idosos		

**Como você avalia o seu trabalho doméstico (mudou depois do TR):**

---

**2.10 Quais as atividades que desempenha no TR.**

Atividade	Horas trabalhadas
Recepção/atendimento	
Alimentação	
Camareira	
Passeios turísticos	
Cuidados com o quintal	
Conserto de equipamentos e utensílios	
Administração da atividade	
Contabilidade	
Compras	
Comercialização	
Participação em feiras e reuniões	

**Como você avalia o seu trabalho no TR**

---

**2.11 Onde investe o recurso oriundo do TR?**

( ) na alimentação ( ) gastos pessoais ( ) educação dos filhos ( ) compra de equipamentos e materiais para a atividade agrícola ( ) compra de equipamentos e materiais para o TR ( ) compra de bens móveis e imóveis ( ) repassa ao marido ( ) paga pequenas contas domésticas (água, luz, telefone) ( ) lazer

**Quem decide pela retirada e pelo investimento deste recurso? Por quê?**

---

### 3 PROCESSO DE GERENCIAMENTO E PARTICIPAÇÃO NA PROPRIEDADE

#### 3.1 Na Atividade Agrícola

3.2 Quem é o responsável pela atividade agrícola? Por quê? Sempre foi assim?

3.3 Como é sua participação na produção e alocação dos recursos oriundos da atividade agrícola? Sempre foi assim? O que mudou?

3.4 Como considera a participação dos homens, mulheres e dos filhos na tomada de decisão sobre a produção agrícola?

	01 Ruim			02 Regular			03 Boa			04 Muito boa			05 Excelente		
	H	M	F	H	M	F	H	M	F	H	M	F	H	M	F
Preparo da terra															
Plantio															
Contas da propriedade															
Administração															
Receita da atividade															
Comercialização															
Planejamento do que produzir															

H – homem ; M – mulher; FM – filha mulher; FH – filho homem; P: pai; M-mãe; IM- irmã; IH- irmão

#### 3.2 Nas atividades domésticas

3.2.1 Quanto às atividades domésticas, quem é o responsável por estas? Por quê?

( ) você ( ) marido ( ) outra pessoa

Por quê? \_\_\_\_\_

**3.2.2 Qual a participação dos demais membros da família nas atividades domésticas, antes do turismo?**

ATIVIDADE	MARIDO					PAI					MÃE					FILHA					FILHO					OUTRO				
	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
Alimentação																														
Limpeza da casa																														
Lavar louça																														
Tratar os pequenos animais																														
Cuidar da horta																														
Limpeza e cuidado com o pátio																														
Cuidado com as crianças																														
Cuidado com os idosos																														

1: sempre; 2: geralmente; 3: às vezes; 4: raramente; 5: nunca

**3.2.3 E depois do turismo;**

ATIVIDADE	MARIDO					PAI					MÃE					FILHA					FILHO					OUTRO				
	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
Alimentação																														
Limpeza da casa																														
Lavar louça																														
Tratar os pequenos animais																														
Cuidar da horta																														
Limpeza e cuidado com o pátio																														
Cuidado com as crianças																														
Cuidado com os idosos																														

1: sempre; 2: geralmente; 3: às vezes; 4: raramente; 5: nunca



**3.3.6 Você acha que mudou a sua participação nas decisões familiares, especialmente nas atividades da propriedade, quando ingressou na atividade turística? Tem alguma explicação para isto?**

( ) sim ( ) não

PERGUNTA SÓ PARA MULHERES

**3.3.7 E dos demais membros familiares (homens, mulheres e filhos), como avalia a participação destes nos itens abaixo, depois do TR?**

	01 Piorou			02 Não mudou			03 Melhou um pouco			04 Melhorou			05 Melhorou muito		
	H	M	F	H	M	F	H	M	F	H	M	F	H	M	F
Utilização da receita familiar															
Decisão no planejamento da produção agrícola															
Decisão no planejamento do TR															
Decisões na venda															
Uso da receita da atividade															
Decisões de investimento															

**3.3.8 Como você se sente desde que teve a oportunidade de iniciar no turismo rural (mais segura/o, tem mais coragem de falar em público, falar em reuniões, mais valorizada, reconhecida? PERGUNTA SÓ PARA MULHERES**

#### 4 RELAÇÕES FAMILIARES

**4.1 Descreva sobre as relações familiares antes e depois do turismo:**

antes do turismo : \_\_\_\_\_

depois do turismo : \_\_\_\_\_

**4.2 Como foi a reação de seu marido/esposa e de seus filhos com a decisão de investir no TR? Por quê?**

**4.3 Teve algum tipo de conflito com familiares (marido, pai, mãe, irmãos ou filhos/as) para trabalhar no turismo? ( ) sim ( ) não**

Se sim, qual e com quem: \_\_\_\_\_

**4.4 Sua relação com seu cônjuge mudou depois de investir no TR?**

( ) sim ( ) não

**O que mudou:** \_\_\_\_\_

**4.5 E com seus filhos? mudou? O que mudou?** \_\_\_\_\_

**4.6 Como é sua relação com os turistas?** \_\_\_\_\_

**4.7 Como você avalia a participação do seu cônjuge na atividade agrícola e turística?**

**Agrícola:** \_\_\_\_\_

**Turística:** \_\_\_\_\_

## 5 PARTICIPAÇÃO SOCIAL E POLÍTICA

**5.1 O fato de ter iniciado a atividade turística lhe permitiu estabelecer novas relações sociais (conhecer pessoas, estabelecer vínculos de amizade, vizinhança, outras)?** ( ) sim ( ) não

Como isto se deu? Quais são esses grupos ou os novos amigos ou amigas?

### 5.2 Participação em associações, grupos e nas atividades da comunidade

Tipo	Membro da família que participa		Horas por mês que participa	Cargo/função	Antes do TR	Depois do TR
	H	M				
Associação relacionada à produção agrícola						
Cooperativas						
Igreja						
Grupos - especificar quais						
Partido político						
ONGs						
Sindicatos						
Órgãos governamentais						
Outros						

H – homem ; M – mulher; M – filha mulher; FH – filho homem; P: pai; M-mãe; IM- irmã; IH- irmão

**5.3 Tem acesso a alguma política pública:** ( ) sim ( ) não

Por quê: \_\_\_\_\_

**5.4 Tem participado ou ido a encontros profissionais (município, região, estado) desde que teve oportunidade de iniciar na atividade turística rural?**

( ) sim ( ) não

**5.5 Quando participa de um desses encontros, você vai acompanhado/a:**

( ) sim ( ) não

Com quem e por quê? \_\_\_\_\_

**5.6 Acha importante participar:** ( ) sim ( ) não

Por quê? \_\_\_\_\_

**5.7 Após sua entrada na atividade turística você começou a se preocupar com a vida política?**

( ) sim ( ) não De que forma: \_\_\_\_\_

**5.8 Sobre as atividades de lazer da família e suas, antes e depois do turismo.**

Família antes do turismo : \_\_\_\_\_

Sua: \_\_\_\_\_

Família depois do turismo : \_\_\_\_\_

Sua: \_\_\_\_\_

## 6 O QUE MUDOU COM O TURISMO RURAL – pode marcar mais de uma

- ( ) acesso à informação \_\_\_\_\_
- ( ) comunicação com os membros da família \_\_\_\_\_
- ( ) relação com instituições locais \_\_\_\_\_
- ( ) relações conjugais – valorização por parte do companheiro \_\_\_\_\_
- ( ) Tomada de decisões no uso dos recursos da receita familiar \_\_\_\_\_
- ( ) aumento da autoestima \_\_\_\_\_
- ( ) percepção e reconhecimento pessoal do desenvolvimento das capacidades ou sentimentos de ter a capacidades agir e decidir \_\_\_\_\_
- ( ) na alimentação \_\_\_\_\_
- ( ) na saúde \_\_\_\_\_
- ( ) formação e capacitação \_\_\_\_\_
- ( ) nas tarefas domésticas \_\_\_\_\_
- ( ) participação com diversos grupos (associações, movimentos sociais ou sindicato) \_\_\_\_\_
- ( ) Capacidade de estabelecer redes de apoio (vínculos formais e informais) \_\_\_\_\_
- ( ) Capacidade de negociação com outros setores da sociedade civil e o setor público \_\_\_\_\_
- ( ) Acesso, uso e controle dos recursos econômicos \_\_\_\_\_
- ( ) liberdade social \_\_\_\_\_
- ( ) independência econômica \_\_\_\_\_
- ( ) outras: \_\_\_\_\_

## 7 O QUE CONSIDERA QUE MELHOROU E PIOROU DEPOIS DO TR

	Melhorou	Piorou
Conflitos familiares e sociais		
Vínculos familiares		
Assistência técnica		
Redistribuição de recursos		
Redistribuição de atividades produtivas		
Jornada de trabalho		
Saúde sua e da família		
Qualificação/educação sua e da família		
Alimentação		
Aquisição de bens móveis		
Acesso a automóvel		
Aquisição de equipamentos e utensílios domésticos		
Lazer		
Uso dos recursos (água e energia)		
Reconhecimento social		

## 8 O que a senhora/senhor pensa sobre ser mulher/homem no meio rural?

---

## 9 E de ser mulher/homem trabalhando no TR?

---

**APÊNDICE D - ENTREVISTA COM HOMENS E MULHER DAS FAMÍLIAS  
AGRÍCOLAS**

DATA \_\_\_\_\_ LOCALIDADE \_\_\_\_\_ MUNICÍPIO \_\_\_\_\_

**1 DADOS GERAIS**

1.1 Nome \_\_\_\_\_

1.2 Tem filhos/filhas ( ) sim ( ) não Quantos: \_\_\_\_\_

1.3 Fale um pouco da sua trajetória de vida:

\_\_\_\_\_

**2 RELAÇÕES DE TRABALHO E ECONÔMICAS**

2.1 Descreva a situação econômica sua e de sua família:

Da família: \_\_\_\_\_

Sua: \_\_\_\_\_

Sempre trabalhou na agricultura ( ) sim ( ) não. Se não,

( ) em atividade agrícola na propriedade: qual: \_\_\_\_\_

( ) em atividade agrícola fora da propriedade : \_\_\_\_\_

( ) em atividades domésticas

( ) atividades eventuais (“bico”)

( ) não trabalhava

2.2 Tinha retorno financeiro da **atividade referida acima**? ( ) sim ( ) não

2.3 Quanto aproximadamente?

( ) ½ salário ( ) 1 salário ( ) 2 salários ( ) 3 salários ( ) mais de 3 salários

2.4 Onde investia esse recurso?

( ) na alimentação ( ) gastos pessoais ( ) educação dos filhos ( ) compra de equipamentos e materiais para a atividade agrícola ( ) compra de equipamentos e materiais para o TR ( ) repassa ao marido/esposa ( ) pagar pequenas contas domésticas (água, luz, telefone) ( ) lazer ( ) compra de bens móveis e imóveis

2.5 Quem tomava a decisão sobre o investimento deste recurso? ( ) você ( ) marido

( ) outra pessoa Por quê? \_\_\_\_\_

2.6 Quais as atividades que desempenha na UPA.

<b>Atividade</b>	<b>Horas trabalhadas</b>
Alimentação	
Limpeza da casa	
Lavar louça	
Cuidar da horta	
Limpeza e cuidado com o pátio	
Cuidado com as crianças	
Cuidado com os idosos	
Preparo do solo	
Roçada	
Plantio	
Colheita	
Ordenha	

Alimentação dos animais domésticos	
Conserto de maquinário	
Comercialização	
Beneficiamento dos produtos	
Transações financeiras	
Participação em feiras e reuniões	
Atividades domésticas (alimentação, cuidado com a casa, etc.)	

2.7 E os recursos da agricultura onde são investidos?

na alimentação  gastos pessoais  educação dos filhos  compra de equipamentos e materiais para a atividade agrícola  compra de equipamentos e materiais para o TR  repassa ao marido/esposa  pagar pequenas contas domésticas (água, luz, telefone)  lazer  compra de bens móveis e imóveis

2.8 Quem decide sobre a retirada e o investimento deste recurso?

você  marido

outra pessoa Por quê? \_\_\_\_\_

### 3 PROCESSO DE GERENCIAMENTO E PARTICIPAÇÃO NA PROPRIEDADE

3.1 Quem é o responsável pela atividade agrícola? Por quê? Sempre foi assim?

\_\_\_\_\_

3.2 Como é sua participação na gestão da atividade agrícola (produção, comercialização, financeiro)? Sempre foi assim? O que mudou?

\_\_\_\_\_

Preencher o quadro abaixo:

	Ruim 1	Regular 2	Bom 3	Muito bom 4	Excelente 5
Preparo da terra					
Plantio					
Contas da propriedade					
Administração					
Receita da atividade					
Comercialização					
Planejamento do que produzir					
Atividades domésticas					

3.2 Como considera a participação dos homens, mulheres e dos filhos na tomada de decisão sobre a produção agrícola?

	01 Ruim			02 Regular			03 Bom			04 Muito boa			05 excelente		
	H	M	F	H	M	F	H	M	F	H	M	F	H	M	F
Preparo da terra															
Plantio															
Contas da propriedade															
Administração															
Receita da atividade															
Comercialização															
Planejamento do que produzir															

H – homem ; M – mulher; FM – filha mulher; FH – filho homem; P: pai; M-mãe; IM- irmã; IH-irmão

3.3 Quanto às atividades domésticas, quem é o responsável por estas? Por quê?

( ) você ( ) marido ( ) outra pessoa \_\_\_\_\_

**3.4 Qual a participação dos demais membros da família nas atividades domésticas, antes do turismo?**

ATIVIDADE	MARIDO					PAI					MÃE					FILHA					FILHO					OUTRO				
	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
Alimentação																														
Limpeza da casa																														
Lavar louça																														
Tratar os pequenos animais																														
Cuidar da horta																														
Limpeza e cuidado com o pátio																														
Cuidado com as crianças																														
Cuidado com os idosos																														

1: sempre; 2: geralmente; 3: às vezes; 4: raramente; 5: nunca

#### 4 RELAÇÕES FAMILIARES, SOCIAIS E POLÍTICAS

4.1 Descreva sobre as relações familiares:

com o cônjuge: \_\_\_\_\_

com os filhos: \_\_\_\_\_

4.2 Como você avalia a participação do seu cônjuge na atividade agrícola?

4.3 participação em associações, grupos e nas atividades da comunidade

Tipo	Membro da família que participa			Horas por mês que participa	Cargo/função
	H	M	idade		
Associação relacionada à produção agrícola					
Cooperativas					
Igreja					
Grupos- especificar quais					
Partido político					
ONGs					
Sindicatos					
Órgão governamentais					
Outros					

4.4 Como você avalia a sua participação nestas atividades? É importante para você participar? Por quê?

4.5 Tem participado ou ido a encontros profissionais (município, região, estado)?

( ) sim ( ) não

4.6 Quando participa de um desses encontros, você vai acompanhado/a:

( ) sim ( ) não

Com quem e por quê: \_\_\_\_\_

4.7 Acha importante participar: ( ) sim ( ) não

Por quê? \_\_\_\_\_

4.8 Preocupa-se com a vida política?

( ) sim ( ) não

De que forma: \_\_\_\_\_

4.9 Tem acesso a alguma política pública: ( ) sim ( ) não

Por quê: \_\_\_\_\_

4.10 Como são as atividades de lazer sua e de sua família:

Suas: \_\_\_\_\_

Família: \_\_\_\_\_

**4.11 Para finalizar, como avalia**

	<b>Ruim 1</b>	<b>Regular 2</b>	<b>Bom 3</b>	<b>Muito bom 4</b>	<b>Excelente 5</b>
Seu acesso à informação					
Sua comunicação com os membros da família					
Sua relação com instituições locais					
Sua relações conjugais – valorização por parte do companheiro					
Sua tomada de decisões no uso dos recursos da receita familiar					
Sua Participação com diversos grupos (associações, movimentos sociais ou sindicato)					
Sua capacidade de estabelecer redes de apoio (vínculos formais e informais)					
Sua capacidade de negociação com outros setores da sociedade civil e o setor público					
Seu acesso, uso e controle dos recursos econômicos					
Sua independência econômica					
Sua liberdade social					
Seus momentos de lazer					
Jornada de trabalho					
Acesso às políticas públicas					
Acesso ao crédito					

**4.12 O que a senhora/senhor pensa sobre ser mulher/homem no meio rural?****4.13 E de ser mulher/homem trabalhando no TR?**

## APÊNDICE E - POUSADA XAXIM

**Figura 4 - Pousada Xaxim**



**Fonte:** Elaboração própria (2011)

## APÊNDICE F – Pousada das Bromélias

**Figura 5 - Pousada das Bromélias**



**Fonte:** Elaboração própria (2011)

## APÊNDICE G – Pousada das Rosas

Figura 6 - Pousada das Rosas



Fonte: Elaboração própria (2011)

## APÊNDICE H – Pousada Girassol

**Figura 7 - Pousada Girassol**



**Fonte:** Elaboração própria (2011)

## APÊNDICE I – POUSADA CRAVOS

Figura 8 - Pousada Cravos



Fonte: Elaboração própria (2011)

## APÊNDICE J – POUSADA DAS GÉRBERAS

Figura 9 - Pousada das Gérberas



Fonte: Elaboração própria (2011)

## APÊNDICE K – Pousada das Margaridas

Figura 10 - Pousada das Margaridas



Fonte: Elaboração própria (2011)

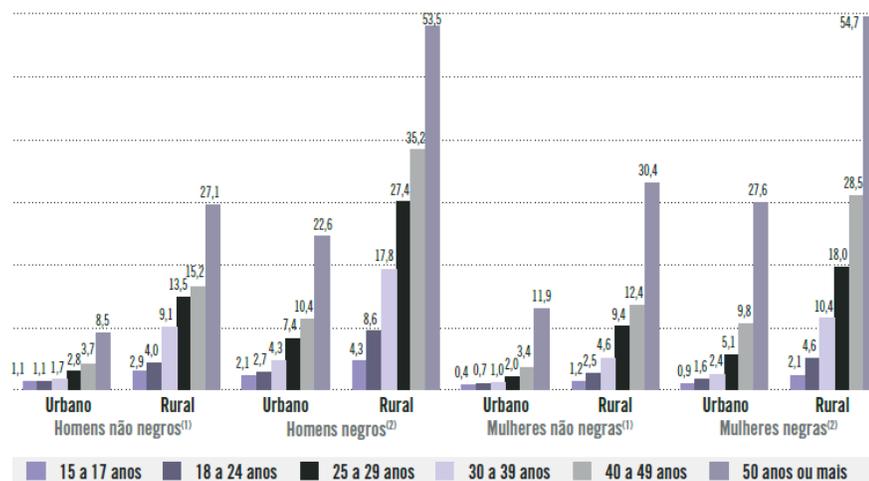
**ANEXO A - DISTRIBUIÇÃO DAS PESSOAS POR ESCOLARIDADE,  
SEGUNDO O SEXO E LOCALIZAÇÃO DO DOMICÍLIO - BRASIL 2009 (EM  
%)**

**Distribuição das pessoas por escolaridade, segundo sexo e localização do domicílio**  
Brasil 2009 (em %)

Escolaridade	Região Metropolitana		Região Não Metropolitana		Urbana		Rural	
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
Sem instrução	4,9	5,9	11,9	11,3	7,3	8,0	21,5	18,9
Fundamental incompleto	35,5	33,7	45,6	41,3	39,7	36,5	56,3	53,3
Fundamental completo	10,7	9,8	8,7	8,6	9,8	9,3	6,8	7,3
Médio incompleto	7,8	7,4	6,9	7,1	7,7	7,4	4,8	6,0
Médio completo	24,9	25,9	17,9	19,6	22,5	23,5	8,0	10,4
Superior incompleto	6,1	6,1	3,6	4,7	5,0	5,7	1,3	1,9
Superior completo	10,0	10,9	5,1	6,8	7,8	9,2	1,1	1,8
Não determinada	0,2	0,3	0,3	0,4	0,3	0,4	0,2	0,4
<b>TOTAL</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>

● Fonte: IBGE. Pnad  
Elaboração: DIEESE  
Obs.: Pessoas de 10 anos ou mais

**ANEXO B - TAXA DE ANALFABETISMO POR SEXO, COR/RAÇA, FAIXA ETÁRIA E LOCALIZAÇÃO DE DOMICÍLIO, BRASIL 2009 (EM %)**



Fonte: IBGE. Pnad

Elaboração: DIEESE

Nota: (1) Brancos e amarelos; (2) Pretos e pardos

**ANEXO C - RELAÇÃO ESCOLARIDADE E RENDIMENTO DE HOMENS X  
MULHERES NO ANO DE 2009**

<b>Grupos de anos de estudos</b>	<b>Classes de rendimento mensal de todos os trabalhos</b>	<b>Homens</b>	<b>Mulheres</b>
Sem instrução e menos de 1 ano	Até 1/2 salário mínimo	1.052	629
	Mais de 1/2 a 1 salário mínimo	1.435	505
	Mais de 1 a 2 salários mínimos	1.119	263
	Mais de 2 a 3 salários mínimos	220	30
	Mais de 3 a 5 salários mínimos	106	14
	Mais de 5 a 10 salários mínimos	35	5
	Mais de 10 a 20 salários mínimos	10	1
	Mais de 20 salários mínimos	1	-
	Sem rendimento	649	1.002
	Sem declaração	80	17
1 a 3 anos	Até 1/2 salário mínimo	853	729
	Mais de 1/2 a 1 salário mínimo	1.519	758
	Mais de 1 a 2 salários mínimos	1.699	479
	Mais de 2 a 3 salários mínimos	403	42
	Mais de 3 a 5 salários mínimos	186	17
	Mais de 5 a 10 salários mínimos	76	4
	Mais de 10 a 20 salários mínimos	18	1
	Mais de 20 salários mínimos	3	1
	Sem rendimento	659	892
	Sem declaração	98	24
4 a 7 anos	Até 1/2 salário mínimo	1.235	1.708
	Mais de 1/2 a 1 salário mínimo	2.959	2.315
	Mais de 1 a 2 salários mínimos	4.889	2.126
	Mais de 2 a 3 salários mínimos	1.535	230
	Mais de 3 a 5 salários mínimos	937	109
	Mais de 5 a 10 salários mínimos	311	33
	Mais de 10 a 20 salários mínimos	65	4
	Mais de 20 salários mínimos	15	1
	Sem rendimento	1.158	1.605
	Sem declaração	222	87
8 a 10 anos	Até 1/2 salário mínimo	549	1.018
	Mais de 1/2 a 1 salário mínimo	1.750	1.832
	Mais de 1 a 2 salários mínimos	3.653	2.099
	Mais de 2 a 3 salários mínimos	1.283	299
	Mais de 3 a 5 salários mínimos	855	140
	Mais de 5 a 10 salários mínimos	315	50
	Mais de 10 a 20 salários mínimos	70	10
	Mais de 20 salários mínimos	23	2
	Sem rendimento	549	589
	Sem declaração	153	83
11 a 14 anos	Até 1/2 salário mínimo	251	866
	Mais de 1/2 a 1 salário mínimo	1.699	3.104
	Mais de 1 a 2 salários mínimos	5.615	6.185
	Mais de 2 a 3 salários mínimos	2.915	1.573
	Mais de 3 a 5 salários mínimos	2.704	1.163

	Mais de 5 a 10 salários mínimos	1.450	430
	Mais de 10 a 20 salários mínimos	373	87
	Mais de 20 salários mínimos	101	16
	Sem rendimento	328	582
	Sem declaração	423	288
15 anos ou mais	Até 1/2 salário mínimo	15	39
	Mais de 1/2 a 1 salário mínimo	91	242
	Mais de 1 a 2 salários mínimos	388	935
	Mais de 2 a 3 salários mínimos	473	883
	Mais de 3 a 5 salários mínimos	941	1.332
	Mais de 5 a 10 salários mínimos	1.119	1.075
	Mais de 10 a 20 salários mínimos	850	437
	Mais de 20 salários mínimos	361	102
	Sem rendimento	30	95
	Sem declaração	245	219

**Nota:**

1 - Até 2003, exclusive a população da área rural de Rondônia, Acre, Amazonas, Roraima, Pará e Amapá.

2 - A categoria **Sem rendimento** inclui as pessoas que receberam somente em benefícios.

3 - A partir de 2007: a categoria **Sem declaração** não foi investigada.

4 - Os dados desta tabela foram reponderados pelo peso definido pela Contagem da População de 2007.

**Fonte: IBGE - Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2009**

**ANEXO D - TAXA DE SINDICALIZAÇÃO DAS/OS EMPREGADOS/AS POR  
SEXO, BRASIL 2006-2009 (EM %)**



● Fonte: IBGE, Pnad

Elaboração: DIEESE

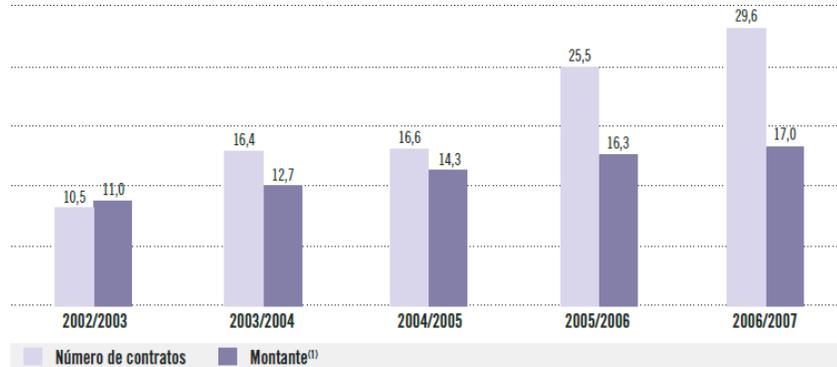
Nota: (1) Inclui empregadas/os com e sem carteira, trabalhadoras/es domésticas/os com e sem carteira e funcionárias/os públicas/os estatutárias/os

Obs.: Período de referência de 365 dias

**ANEXO E - EVOLUÇÃO DA PARTICIPAÇÃO DAS MULHERES NO NÚMERO  
DE CONTRATOS E NO MONTANTE DE CRÉDITO DO PRONAF, BRASIL  
2002-2007 (EM %)**

GRÁFICO 22

**Evolução da participação das mulheres no número de contratos e no montante de crédito do Pronaf Brasil 2002-2007 (em %)**



● Fonte: MDA, PPIGRE  
 Elaboração: DIEESE  
 Nota: (1) Estimativa do montante de operações  
 Obs.: Safras 2002/2003, 2003/2004, 2004/2005, 2005/2006 e 2006/2007